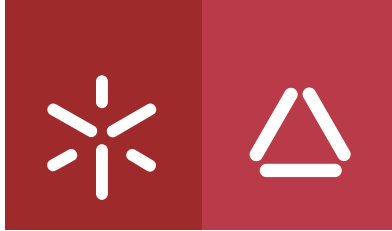




**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Luzia de Oliveira Pinheiro

## ***Cyberbullying e Cyberstalking***



**Universidade do Minho**  
Instituto de Ciências Sociais

Luzia de Oliveira Pinheiro

## ***Cyberbullying e Cyberstalking***

Tese de doutoramento em Ciências da Comunicação

Trabalho realizado sob a orientação do  
**Professor Doutor Moisés de Lemos Martins**  
e do  
**Professor Doutor José Pinheiro Neves**

## **DECLARAÇÃO**

**Nome:** Luzia de Oliveira Pinheiro

**Endereço de correio eletrónico:** luzia.o.pinheiro@gmail.com

**Título da tese:** *Cyberbullying e Cyberstalking*

**Orientador(es):**

**Professor Doutor Moisés de Lemos Martins**

**Professor Doutor José Pinheiro Neves**

**Ano de conclusão:** 2016

**Doutoramento em Ciências da Comunicação**

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 10 de maio de 2016

Assinatura:



## **DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE**

Declaro ter atuado com integridade na elaboração da presente tese. Confirmando que em todo o trabalho conducente à sua elaboração não recorri à prática de plágio ou a qualquer forma de falsificação de resultados.

Mais declaro que tomei conhecimento integral do Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, 10 de maio de 2016

Nome completo: Luzia de Oliveira Pinheiro

Assinatura:

A handwritten signature in blue ink, consisting of stylized initials 'LP' followed by a period.



À minha mãe e ao meu pai.

À Esmeralda Tauber.

Ao Luís Freire de Andrade.

Ao Albertino Gonçalves.

À memória das vítimas.



## **AGRADECIMENTOS**

Aos meus pais: os meus pilares.

Aos meus amigos de todas as horas, de presença e disponibilidade constante, Esmeralda Cristina Tauber e Luís Freire de Andrade: por serem como são.

Ao Professor Doutor Albertino Gonçalves: eterno professor e amigo.

Ao Elmano Madaíl: pela positividade.

À Alexandra Dias: pela disponibilidade.

Aos meus orientadores, Professor Doutor Moisés de Lemos Martins e Professor Doutor José Pinheiro Neves, o meu sincero reconhecimento.

À Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT), à Universidade do Minho (UM), à Universidade da Beira Interior (UBI), a todos os estudantes que participaram no inquérito *online*, a todos os que me enviaram mensagens partilhando o seu caso e pedindo conselhos, o meu sincero agradecimento.



O projeto de doutoramento de Luzia Pinheiro, intitulado “*Cyberbullying e Cyberstalking*” (SFRH/BD/62013/2009) é financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia no âmbito do QREN – POPH, participado pelo Fundo Social Europeu e por fundos nacionais do MEC.

**FCT** Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA CIÊNCIA, TECNOLOGIA E ENSINO SUPERIOR



## ***Cyberbullying e Cyberstalking***

### **RESUMO**

A presente tese de doutoramento versa sobre os fenómenos do *cyberbullying* e do *cyberstalking*, a violência e a comunicação na cibercultura.

Tendo-se centrado a investigação no estudo do comportamento dos indivíduos face aos objetos de estudo (*cyberbullying* e *cyberstalking*), e visando orientar os trabalhos empíricos, formulou-se a seguinte pergunta de partida: “*Como se comportam os indivíduos perante o cyberbullying e o cyberstalking?*”. Seguiram-se-lhe as questões orientadoras “QD1 – *Serão o cyberbullying e o cyberstalking a mesma realidade?*” e “QD2 – *Como se comportam os estudantes universitários relativamente ao cyberbullying?*”.

Estruturada ao longo de nove capítulos, esta tese de doutoramento deslinda casos reais de *cyberbullying* e *cyberstalking*, traz à luz o *crowdbullying*, o *soft cyberbullying* e o *cyberbullying illusion effect*. Os capítulos são: “*Metodologia*”, “*O homem, um animal pulsional*”, “*Comunicação e cibercultura: do sonho ao terror*”, “*Cyberstalking*”, “*Cyberbullying*”, “*Crowdbullying*”, “*Análise de dados*”, “*O cyberbullying numa perspetiva Batesoniana*”, “*Reputação, cyberbullying e cyberstalking*”.



# **Cyberbullying e Cyberstalking**

## **ABSTRACT**

*This doctoral thesis deals with the phenomena of cyberbullying and cyberstalking, violence and communication in cyberculture.*

*Centering the research on individuals behavior face to the study objects (cyberbullying and cyberstalking), and in order to guide empirical work, the formulated start question is: “How individuals behave face to cyberbullying and cyberstalking?”. Followed by the guiding questions “QD1 - Will cyberbullying and cyberstalking be the same reality?” and “QD2 - How university students behave in relation to cyberbullying?” in order to guide empirical work.*

*Structured over nine chapters, this doctoral thesis unravels actual cases of cyberbullying and cyberstalking, brings light to the crowdbullying, soft cyberbullying and cyberbullying illusion effect realities. The chapters are: “Methodology”, “Man, an instinctual animal”, “Communication and cyberculture: from the dream to the terror”, “Cyberstalking”, “Cyberbullying”, “Crowdbullying”, “Data Analysis”, “Cyberbullying in a Batesonian perspective”, “Reputation, cyberbullying and cyberstalking”.*



# ÍNDICE

<b>RESUMO.....</b>	<b>IX</b>
<b>ABSTRACT .....</b>	<b>XI</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1: METODOLOGIA.....</b>	<b>29</b>
1.1. INTRODUÇÃO	29
1.2. O FASCÍNIO DA REDE	31
1.3. ETNOGRAFIA DIGITAL	37
1.4. O INQUÉRITO <i>ONLINE</i>	39
1.5. PERGUNTA DE PARTIDA E ORDEM DE TRABALHOS	43
1.5.1. <i>Pergunta de partida</i>	43
1.5.2. <i>Questões diretoras</i>	45
1.5.3. <i>Ordem de trabalhos</i>	46
1.5.4. <i>Processo</i>	48
<b>CAPÍTULO 2: O HOMEM, UM ANIMAL PULSIONAL.....</b>	<b>53</b>
2.1. VIDA EM SOCIEDADE	53
2.2. INSTINTOS E PULSÕES	56
2.3. CONTROLOS	63
2.4. CONTROLO E DESCONTROLO	68
<b>CAPÍTULO 3: COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA: DO SONHO AO TERROR.....</b>	<b>73</b>
3.1. A INTERNET	73
3.2. CIBERCULTURA	75
3.3. VOZES INSURGENTES E VOZES CONVERGENTES	79
3.4. SONHO OU PESADELO?	82
<b>CAPÍTULO 4: CYBERSTALKING.....</b>	<b>87</b>
4.1. O CONCEITO	87
4.2. COMO SE ORQUESTRA	89
4.3. IDENTIFICAR UM CASO DE <i>CYBERSTALKING</i>	93

4.4. QUANDO SE DEVE PROCURAR AJUDA	95
4.5. <i>CYBERSTALKING</i> OU <i>CYBERBULLYING</i> ?	97
<b>CAPÍTULO 5: <i>CYBERBULLYING</i>.....</b>	<b>101</b>
5.1. O CONCEITO	101
5.2. ORIGEM	102
5.3. SOBRE O ESTADO DA ARTE	106
5.4. IDENTIFICANDO O <i>CYBERBULLYING</i>	111
5.5. COMO OPERA?	113
5.6. FORMAS DE <i>CYBERBULLYING</i>	115
5.7. A GÉNESE DA SUA EFICÁCIA	119
5.8. COM QUE TIPO DE PESSOAS SE LIDA?	131
<b>CAPÍTULO 6: <i>CROWDBULLYING</i> .....</b>	<b>137</b>
6.1. MOVIMENTOS DE MULTIDÃO	137
6.1.1. <i>O caso de Boston</i>	138
6.1.2. <i>Os acontecimentos</i>	139
6.2. <i>CROWDSOURCING</i>	142
6.3. O <i>CROWD</i>	145
6.4. A REDE, UM ESPAÇO DE VISIBILIDADE PÚBLICA	150
6.5. O EFEITO BOLA DE NEVE	153
<b>CAPÍTULO 7: ANÁLISE DE DADOS .....</b>	<b>155</b>
7.1. INTRODUÇÃO	155
7.2. INQUÉRITO <i>ONLINE</i>	157
7.2.1. <i>Análise de dados do inquérito online</i>	159
7.2.2. <i>Casos de cyberbullying descritos pelos estudantes universitários</i>	190
7.3. ETNOGRAFIA DIGITAL	193
7.4. PERORAÇÃO	212
<b>CAPÍTULO 8: O <i>CYBERBULLYING</i> NUMA PERSPETIVA BATESONIANA.....</b>	<b>215</b>
8.1. UM NOVO TIPO DE <i>CYBERBULLYING</i> ?	215
8.2. GREGORY BATESON	217

8.3. O PROCESSO COMUNICATIVO	218
8.4. DUPLO CONSTRANGIMENTO	223
8.5. <i>SOFT CYBERBULLYING</i>	225
8.6. <i>CYBERBULLYING ILLUSION EFFECT</i>	229
8.7. PERORAÇÃO	233
<b>CAPÍTULO 9: REPUTAÇÃO, CYBERBULLYING E CYBERSTALKING .....</b>	<b>235</b>
9.1. A REPUTAÇÃO, O VEÍCULO SOCIAL	235
9.2. NOS EMBALOS DA IDENTIDADE	238
9.3. CONSTRUÇÃO DA REPUTAÇÃO	241
9.4. REPUTAÇÃO E INTERNET	246
9.5 PERORAÇÃO	250
<b>PERORAÇÃO .....</b>	<b>253</b>
<b>BIBLIOGRAFIA.....</b>	<b>267</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>279</b>
ANEXO 1: MATRIZ DO INQUÉRITO <i>ONLINE</i>	279



## LISTA DE IMAGENS

IMAGEM 1: ORDEM DE TRABALHOS	48
IMAGEM 2: CIBERCULTURA	75
IMAGEM 3: GÊNESE DO <i>CYBERBULLYING</i>	104
IMAGEM 4: A JOVEM COLOCA UMA FOTOGRAFIA DELA NO MURAL DA ESCOLA.	119
IMAGEM 5: JOVENS VEEM A IMAGEM E GUARDAM-NA PARA SI.	120
IMAGEM 6: JOVENS QUE RECOLHERAM A IMAGEM DISTRIBUEM-NA PELOS SEUS AMIGOS.	120
IMAGEM 7: JOVENS (RE)PARTILHAM A FOTOGRAFIA.	121
IMAGEM 8: JOVEM ELIMINA A FOTOGRAFIA DO SEU MURAL.	121
IMAGEM 9: JOVEM PERCEBE QUE A IMAGEM CONTINUA ONLINE.	122
IMAGEM 10: JOVEM ENTRA EM DESESPERO POR NÃO CONSEGUI ELIMINAR A IMAGEM.	122
IMAGEM 11: JOVEM COLOCA FOTOGRAFIA SUA NO MURAL DA ESCOLA.	123
IMAGEM 12: IMAGEM DA JOVEM <i>ONLINE</i> .	123
IMAGEM 13: JOVEM VÊ E GUARDA PARA SI A IMAGEM.	124
IMAGEM 14: OUTRO JOVEM VÊ E GUARDA PARA SI A IMAGEM.	124
IMAGEM 15: APÓS GUARDAR PARA SI A IMAGEM, A MESMA CONTINUA DISPONÍVEL <i>ONLINE</i> .	125
IMAGEM 16: JOVENS DISTRIBUEM ENTRE SI A IMAGEM.	125
IMAGEM 17: MAIS JOVENS (RE)PARTILHAM A FOTOGRAFIA.	126
IMAGEM 18: MAIS PESSOAS VEEM A FOTOGRAFIA E GUARDAM-NA.	126
IMAGEM 19: A JOVEM ELIMINA A SUA FOTOGRAFIA DO MURAL.	127
IMAGEM 20: A IMAGEM CONTINUA <i>ONLINE</i> .	127
IMAGEM 21: A JOVEM NÃO SABE O QUE FAZER AO PERCEBER QUE NÃO TEM COMO VOLTAR ATRÁS.	128
IMAGEM 22: QUALQUER UM PODE VER A IMAGEM E FICAR COM ELA.	128
IMAGEM 23: EXEMPLO DA TENTATIVA DE IDENTIFICAÇÃO DOS BOMBISTAS DE BOSTON	146
IMAGEM 24: GRÁFICO DE GOOLSBY — EFEITOS DA COMUNICAÇÃO DIGITAL NAS MASSAS	148
IMAGEM 25: <i>UNFRIENDED I</i>	199
IMAGEM 26: <i>UNFRIENDED II</i>	199
IMAGEM 27: <i>UNFRIENDED III</i>	200
IMAGEM 28: <i>UNFRIENDED IV</i>	200
IMAGEM 29: <i>UNFRIENDED V</i>	201

IMAGEM 30: O SUICÍDIO, I	201
IMAGEM 31: O SUICÍDIO, II	202
IMAGEM 32: O SUICÍDIO, III	202
IMAGEM 33: TEORIA CLÁSSICA DA COMUNICAÇÃO	218
IMAGEM 34: TEORIA DA COMUNICAÇÃO SEGUNDO BATESON	222
IMAGEM 35: COMO FUNCIONA O <i>CYBERBULLYING ILLUSION EFFECT</i> ?	228
IMAGEM 36: A COMUNICAÇÃO VISTA POR TERCEIROS NO CONTEXTO DO <i>SOFT CYBERBULLYING</i>	230
IMAGEM 37: REPUTAÇÃO INDIVIDUAL	242

## LISTA DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1: IDADE DAS PESSOAS QUE INTEGRAM A PÁGINA DO PROJETO NO FACEBOOK	52
GRÁFICO 2: INQUÉRITOS APLICADOS AOS ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS	157
GRÁFICO 3: DISTRIBUIÇÃO DOS INQUIRIDOS POR SEXO	160
GRÁFICO 4: INTERVALO DE IDADES DOS ESTUDANTES	161
GRÁFICO 5: NACIONALIDADE DOS INQUIRIDOS	161
GRÁFICO 6: UNIVERSIDADE QUE OS INQUIRIDOS FREQUENTAM	162
GRÁFICO 7: GRAU DE ACADÉMICO QUE OS ESTUDANTES FREQUENTAM	163
GRÁFICO 8: EXPRESSÕES ASSOCIADAS AO <i>CYBERBULLYING</i> - I	164
GRÁFICO 9: EXPRESSÕES ASSOCIADAS AO <i>CYBERBULLYING</i> - II	164
GRÁFICO 10: EXPRESSÕES ASSOCIADAS AO <i>CYBERBULLYING</i> - III	165
GRÁFICO 11: EXPRESSÕES ASSOCIADAS AO <i>CYBERBULLYING</i> - IV	165
GRÁFICO 12: EXPRESSÕES ASSOCIADAS AO <i>CYBERBULLYING</i> - V	166
GRÁFICO 13: EXPRESSÕES ASSOCIADAS AO <i>CYBERBULLYING</i> - VI	166
GRÁFICO 14: JÁ FOI VÍTIMA DE <i>CYBERBULLYING</i> ?	168
GRÁFICO 15: SER VÍTIMA AFETARIA O SEU COMPORTAMENTO ATUAL?	169
GRÁFICO 16: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - I	170
GRÁFICO 17: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - II	170
GRÁFICO 18: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - III	171
GRÁFICO 19: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - IV	172
GRÁFICO 20: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - V	172
GRÁFICO 21: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - VI	173
GRÁFICO 22: O QUE SENTIRIAM SE FOSSEM VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - VII	173
GRÁFICO 23: EM QUE VERTENTES DA VIDA O <i>CYBERBULLYING</i> TERIA MAIS IMPACTO?	174
GRÁFICO 24: IMPACTO DO <i>CYBERBULLYING</i> - I	175
GRÁFICO 25: IMPACTO DO <i>CYBERBULLYING</i> - II	176
GRÁFICO 26: O QUE MOTIVA AS PESSOAS A PRATICAR <i>CYBERBULLYING</i> - I	177
GRÁFICO 27: O QUE MOTIVA AS PESSOAS A PRATICAR <i>CYBERBULLYING</i> - II	177
GRÁFICO 28: O QUE MOTIVA AS PESSOAS A PRATICAR <i>CYBERBULLYING</i> - III	178
GRÁFICO 29: O QUE MOTIVA AS PESSOAS A PRATICAR <i>CYBERBULLYING</i> - IV	178

GRÁFICO 30: O QUE MOTIVA AS PESSOAS A PRATICAR <i>CYBERBULLYING</i> - V	180
GRÁFICO 31: O QUE MOTIVA AS PESSOAS A PRATICAR <i>CYBERBULLYING</i> - VI	181
GRÁFICO 32: CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - I	182
GRÁFICO 33: CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - II	182
GRÁFICO 34: CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - III	183
GRÁFICO 35: CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - IV	183
GRÁFICO 36: CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - V	184
GRÁFICO 37: CONSIDERAÇÕES DOS ESTUDANTES SOBRE AS VÍTIMAS DE <i>CYBERBULLYING</i> - VI	184
GRÁFICO 38: CONHECE CASOS DE <i>CYBERBULLYING</i> ?	185
GRÁFICO 39: OPINIÃO SOBRE O QUE FAZER EM CASO DE <i>CYBERBULLYING</i> - I	188
GRÁFICO 40: OPINIÃO SOBRE O QUE FAZER EM CASO DE <i>CYBERBULLYING</i> - II	188
GRÁFICO 41: OPINIÃO SOBRE O QUE FAZER EM CASO DE <i>CYBERBULLYING</i> - III	189
GRÁFICO 42: OPINIÃO SOBRE O QUE FAZER EM CASO DE <i>CYBERBULLYING</i> - IV	189
GRÁFICO 43: OPINIÃO SOBRE O QUE FAZER EM CASO DE <i>CYBERBULLYING</i> - V	190
GRÁFICO 44: OPINIÃO SOBRE AS VÍTIMAS	207
GRÁFICO 45: OPINIÃO SOBRE OS AGRESSORES	208
GRÁFICO 46: O QUE FAZEM AS TESTEMUNHAS PERANTE UM CASO DE <i>CYBERBULLYING</i>	210



## INTRODUÇÃO

Fluiu o ano de 2007 quando a investigação principiou com a dissertação de licenciatura em Sociologia “*Bullying: o perfil da vítima*”<sup>1</sup>. Trabalhando-se o *bullying*<sup>2</sup> enquanto objeto de estudo, centrou-se a investigação nas características das vítimas do fenómeno. Posteriormente no mestrado<sup>3</sup> enveredou-se pelos caminhos do *cyberbullying* adotando-se na investigação uma postura de descoberta e deslindamento em relação ao tema. A tese “*Cyberbullying em Portugal: uma perspetiva sociológica*”<sup>4</sup> publicada em 2009<sup>5</sup> foi o seu corolário.

Fenómeno complexo e em desenvolvimento constante o *cyberbullying* caracteriza-se pela adaptabilidade às possibilidades de utilização que as novas tecnologias permitem. Estudos internacionais recentes sobre esta emergência (*cyberbullying*) passaram a utilizar o termo *cyberstalking* para se referir ao fenómeno. A controvérsia acentuou-se. Seria algo de novo ou uma bifurcação do *cyberbullying*? A aprovação do projeto de doutoramento pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia (FCT) permitiu continuar a investigar estes fenómenos.

O *cyberbullying* e o *cyberstalking* revelaram-se objetos de estudos complexos e dinâmicos. Fenómenos emergentes no contexto da cibercultura que aliam a vontade do homem às possibilidades de utilização que as tecnologias de comunicação e informação, com especial relevo para a Internet, possibilitam. A rede permitiu a supressão de vários confinamentos do ser humano fazendo-o deslumbrar-se com essa utopia: os limites físicos que o sujeito tenha ou possa vir a ter, as imposições de ordem geográfica, financeira, linguística e horária desaparecem possibilitando ainda a hipótese de ter uma plateia incalculável a observar.

Compatíveis com o sonho do fordismo (Womack, 1992; Maia, 2002) quando incrementou o sistema de produção em massa, o *cyberbullying* e o *cyberstalking* assentam neste mesmo princípio: explorar as possibilidades abertas com a máquina ligada em rede, conduzida por instruções ministradas pelo homem no seu papel de utilizador. Aquilo que intermedeia a ação do homem e o que aparece na Internet é uma

---

<sup>1</sup> Orientada pela Professora Doutora Ana Brandão, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

<sup>2</sup> Uma das bases do *cyberbullying*.

<sup>3</sup> Mestrado em Sociologia do Desenvolvimento e Políticas Sociais, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais.

<sup>4</sup> Orientada pelo Professor Doutor José Pinheiro Neves, Universidade do Minho, Instituto de Ciências Sociais, coorientador da presente tese de doutoramento em Ciências da Comunicação.

<sup>5</sup> <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf>, acedido em setembro de 2015.

máquina, e as limitações de ação e conteúdo que a rede possa apresentar são apenas as do momento (o que não é possível fazer hoje pode se tornar banal amanhã). O homem utiliza a máquina de acordo com as suas pretensões porque a máquina não julga: funciona ou avaria. Quem julga é o homem. Quem age é o homem. Quem tem intenção é o homem. Quem castra e recrimina é o homem. Quem incentiva e procura é o homem. O homem é quem mais ordena. A tecnologia responde à utilização que o indivíduo faz dela. Tal como defende Moisés Martins (2009), os ecrãs não têm vida própria, eles projetam e espelham o comportamento do ser humano. A Internet proporciona ao sujeito um meio de satisfazer as suas demandas com um mínimo de risco na medida em que escuda a sua identidade atrás de um ecrã.

O indivíduo que pratica *cyberbullying* e *cyberstalking* visa a satisfação de uma necessidade de qualquer ordem<sup>6</sup>, o que pode fazer com que se converta numa prática reiterada implicando o risco do vício. Tal como um urso que prova mel e depois não mais consegue parar de lutar por obtê-lo a pessoa que cria uma obsessão com o *cyberbullying* e o *cyberstalking* age de modo idêntico, não se contendo nem no número de vítimas nem nos recursos que mobiliza para consumir o seu objetivo, como sejam tempo, técnicas ou tecnologias.

Imprimindo uma pegada digital um caso de *cyberbullying* ou de *cyberstalking* permanece *online* por tempo indeterminado. A vítima vê o seu nome e imagem serem associados aos conteúdos expostos durante o episódio, o que acaba por prolongar o *cyberbullying* (ou o *cyberstalking*) no tempo: para um tempo em que as memórias persistem. Além da Internet associar automaticamente os termos utilizados acerca de um determinado indivíduo (porque cria pegadas digitais), as outras pessoas (o público, as testemunhas) raramente questionam o que encontram na rede porque tendem a assumir o conteúdo e as informações que visualizam como verdadeiras, ou com algum fundo de verdade. Veja-se o caso dos boatos sobre a morte de pessoas famosas (cantores, atores) que circulam freneticamente na rede e se mantêm mesmo após a pessoa que se dizia morta vir a público desmentir.

Como refere Olievenstein (1992: 43), “*das coisas mais insignificantes às de maior significado, tudo integra o medo*” e o *cyberbullying* e o *cyberstalking* são disso exemplo na medida em que são acontecimentos que implicam “*a humilhação real ou sentida, sobretudo repetitiva, relacionada com um sentimento de fracasso, (...) um jogo*

---

<sup>6</sup> Recorde-se que foi visando a satisfação das suas necessidades (principalmente de comunicação) que o ser humano criou tecnologias e as desenvolveu e continua a fazê-las evoluir.

de espelhos deformantes, (...) indícios de uma conspiração” (Olievenstein, 1992: 97), e que abalam a “*segurança mental*” (Olievenstein, 1992: 97) do indivíduo.

É precisamente no que o autor (Olievenstein, 1992: 97), diretor de investigação em etnopsiquiatria e antropologia médica na Universidade de Lyon<sup>7</sup>, designa por segurança mental que o *cyberbullying* e o *cyberstalking* atingem refinadamente, quebrando a etérea proteção da vítima proporcionada pela Internet.

Esta premissa mental, sustentada pela ideia de que “*esta hibridez de humano e inumano, que a experiência tecnológica das redes*” (Martins, 2010: 9) propicia posiciona o homem “*fora da possibilidade táctil, embora não possa existir fora do regime do sensível*” (Martins, 2010: 9). A Internet ao privar o ser humano do contacto corporal aliena a “*possibilidade táctil*” (Martins, 2010: 9) nas trocas comunicacionais, porém esta ausência material do corpo incrementa a impressão de segurança mental. Segurança que é ténue e instável. Já o sensível é persistente. Este facto baseia-se no princípio de que se “*premissas falsas desencadeiam um raciocínio correcto (...) então, se, de uma forma repetitiva, os atos que lhe dizem respeito forem (...) interpretados como verificações*” (Olievenstein, 1992: 43) uma pessoa convence-se de que está segura e atua em conformidade com essa certeza.

Usualmente as experiências na Internet são positivas sendo os outros utilizadores considerados simpáticos e amigos por dizerem “*olá, como estás?*” num *chat*, por fazerem *like* numa fotografia, simplesmente por enviarem presentes em jogos *online* ou partilharem um *link*. Porém, do nada o *cyberbullying* ou o *cyberstalking* acontecem. Afinal, “*human beings are, by nature, a moderately aggressive species*”<sup>8</sup> (McAdams, 2002: 111) e perante a possibilidade de poder explorar este seu lado porque podem, encetam estes caminhos de violência, mais ainda quando têm espectadores.

Em “*A visão do homem*” o psicanalista, filósofo e sociólogo alemão Eric Fromm (1992) defende que o homem inatamente não possui nem boas nem más qualidades, mas antes uma agressividade instintiva fruto da necessidade de sobrevivência. Segundo este autor é a aculturação à sociedade de pertença que imprime a tendência para o bem ou para o mal, sendo a consciência dos limites que garante a humanidade do homem. Porém este nem sempre é cónscio de tal. Discorrendo sobre as representações que o indivíduo tem do mundo Jean Baudrillard (1985), sociólogo e filósofo francês, alerta para a hiper-realidade tentacular experienciada nestes tempos hodiernos de existências

---

<sup>7</sup> Até ao seu falecimento em 2008.

<sup>8</sup> “Os seres humanos são, por natureza, uma espécie moderadamente agressiva” [tradução da minha responsabilidade].



transparentes vividas à velocidade da instantaneidade do querer mostrar e desejar ver. Afinal há muito tempo que se ambicionava poder comunicar sem barreiras (ou com o mínimo possível delas).

O homem tem necessidade de se exprimir, de criar situações que o permitam fazer. Tem desejo de protagonismo, de se mostrar, de manifestar a sua existência. Comunicando massivamente resguardados pelo conforto de um ecrã os homens e as mulheres escreveram e partilharam conteúdos. Passaram para a rede aquilo que queriam ser ou mostrar ser. As suas fantasias, os seus medos, as suas paixões, as suas opiniões, a sua vida. Mas igualmente as suas demências e agressividade. Da contenção vivida no face-a-face passou-se para o extremo oposto: o da exposição. Analisando os perfis no *Facebook* e no *LinkedIn*, os vídeos do *Youtube* ou as atualizações no *Twitter*, juntamente com os *blogs*, os fóruns e os *chats* percebe-se que as pessoas tendem a relatar, partilhar, expor, divulgar e comentar a vida privada tanto a dos outros como a sua. A exposição e a comunicação excessivas levaram ao incremento da importância daquilo que os indivíduos imprimem nos conteúdos da rede, assim como à reputação que possam ter ou vir a ter, o que lhes aumentou a vulnerabilidade. A experiência que vivem encerra-os numa ilusão: primeiro que o seu perfil do *Facebook* (por exemplo) será lido apenas pelos familiares e amigos mais próximos, não havendo riscos de escrever ou partilhar conteúdos privados; segundo, que apenas um número limitado de utilizadores tem acesso ao que está no seu perfil (o que nem sempre é verdade).

A privacidade na Internet é um mito. As redes são imersivas, tal como elucida Massimo Di Felice (2009), sociólogo italiano, o que faculta a integração do indivíduo no espetáculo da Internet. O privado torna-se público e o público é constante, o que causa, segundo Walter Benjamin (1987; 1992 [1936-1939]), ensaísta, crítico literário, tradutor, sociólogo e filósofo alemão, um sintoma de desorientação que leva os indivíduos à exposição excessiva da vida íntima, o que facilitará um caso de *cyberbullying* ou de *cyberstalking*.

A cibercultura funciona num modelo todos-todos em que as pessoas recebem e publicam conteúdos ao mesmo tempo. Assente numa perspetiva de circularidade (Lemos, 2003: 73) a rede é, até agora, o expoente máximo em termos comunicativos. É precisamente neste ponto que o *cyberbullying* e o *cyberstalking* adquirem condições que lhes permitem tecer um impacto significativo tanto no sujeito quanto na reputação deste,

pelo facto de todos poderem ter acesso aos conteúdos que envolvem a prática desses fenómenos.

Existem alguns pormenores que conferem ao *cyberbullying* e ao *cyberstalking* a sua singularidade em questões de violência psicológica: primeiro na Internet tudo se passa mais rápido, a velocidade é de ponta; e segundo porque os boatos na Internet são transmitidos pelas massas. Estes factos potencializam a credibilidade da informação ou dos conteúdos partilhados pelo que desmentir algo que centenas ou milhares de pessoas afirmam é quimérico. O *cyberbullying* e o *cyberstalking* pressupõem isso: converter boatos e histórias inventadas (ou não) em realidades consolidadas. Ser vítima de *cyberbullying* ou de *cyberstalking* pode significar um choque capaz de abalar os arquétipos do indivíduo e de destruir algo que é importante nesta sociedade de máscaras de bom comportamento: a reputação.

A liberdade de comunicar é uma experiência intensa que pode dar azo à perda da noção das consequências da ação individual e até mesmo à irracionalidade, ao agir comunicacional por impulso (Habermas, 2002: 49), por estímulo, pouco reflexivo ou por espelhamento. Tal como salienta o sociólogo italiano Mauro Wolf (1987: 20), funcionando como um rebanho, “*a massa é a jurisdição dos incompetentes*” até porque “*é tudo o que não se avalia a si próprio (...) mas que se sente ‘como toda a gente’ e todavia não se aflige por isso, antes se sente à vontade ao reconhecer-se idêntico aos outros*” (Ortega y Gasset, 1930: 8). Tal como defende o sociólogo alemão Simmel (1917: 68) a massa “*não se baseia na personalidade dos seus membros mas apenas naquelas partes que põem um membro em comum com os outros todos*”. O que é que ocorre quando um indivíduo destoa de entre a massa por estar a ser vítima de *cyberbullying* ou de *cyberstalking*? Como se comportam as pessoas perante estes fenómenos?

Coordenando a parte empírica com a teórica, o trabalho doutoral adentrou-se por estratégias que viabilizassem a flexibilidade necessária à exploração do *cyberbullying* e do *cyberstalking*. Tal fez-se ao longo de nove capítulos em que a enunciação teórica e a exploração dos dados provenientes da parte prática adquiriram um carácter simbiótico, o que foi possível através da elucidação da metodologia adotada desde o primeiro momento.

O primeiro capítulo da presente tese, intitulado “*Metodologia*”, explora precisamente a estratégia metodológica adotada apresentando-se o *cyberbullying* e o

*cyberstalking* enquanto objetos de estudo assim como a pergunta de partida “*Como se comportam os indivíduos perante o cyberbullying e o cyberstalking?*”. Retrata-se ainda neste capítulo o público-alvo e expõem-se as questões diretoras, assim como as ferramentas de divulgação da investigação.

No capítulo dois, “*O homem, um animal pulsional*”, explora-se o indivíduo enquanto ser comunicacional e social, regido por pulsões e instintos ao mesmo tempo que é moldado pelas convenções e estruturações do sistema. Da tentativa secular de domesticação do homem até à emergência da cibercultura.

O terceiro capítulo, “*Comunicação e cibercultura: do sonho ao terror*”, versa sobre o desenvolvimento da Internet enquanto rede mundial de comunicação e tecnologia que visa servir o ser humano. Aborda-se o advento da cibercultura, prós e contras, destacando-se o *cyberbullying* e o *cyberstalking* como resultantes das possibilidades conjunturais deste tempo de utopias e distopias.

Adensando a investigação, no capítulo quatro, “*Cyberstalking*”, penetra-se no conceito e fenómeno do *cyberstalking*, clarificando as suas origens, os seus envolvimentos, as suas consistências, as suas consequências e as suas dicotomias, sustentados em casos verídicos recolhidos através da etnografia digital. Explora-se a primeira questão diretora e encaminha-se a investigação para o patamar seguinte, o do *cyberbullying*.

No quinto capítulo, “*Cyberbullying*”, clarifica-se teórica e empiricamente o fenómeno do *cyberbullying*, auxiliando a exploração com casos recolhidos através da etnografia digital. Dissertando sobre a sua gênese, passa-se pelo estado da arte e de como se pode identificar um caso. Versa-se sobre as formas como o *cyberbullying* se pode praticar e o que envolve, o seu impacto e a maneira que solidifica a sua eficácia, sem esquecer de salientar os tipos de agressores que se podem encontrar, assim como as vítimas e a ação das testemunhas.

O sexto capítulo, “*Crowdbullying*”, analisa a emergência de uma forma de *cyberbullying* massiva, o *crowdbullying*, baseado em dois episódios mediáticos: o incidente na Maratona de Boston em 2013 e os factos que envolveram o linchamento da brasileira Fabiane Maria de Jesus em 2014. Com base nesses casos esclarece-se o conceito, a prática, o desenvolvimento e os corolários que do *crowdbullying* podem advir.

O capítulo sete, “*Análise de dados*”, procede-se à exploração crítica e aprofundada dos resultados obtidos por meio do inquérito *online* e da etnografia digital, respondendo tanto à segunda questão diretora quanto à pergunta de partida. Discutem-se os dados obtidos e reforça-se a premissa de que o *cyberbullying* não possui nem barreiras etárias nem sociais ou de género.

O capítulo oito, “*O cyberbullying numa perspectiva Batesoniana*”, verte sobre o *cyberbullying* à luz do pensamento de Gregory Bateson, salientando-se os entraves que dificultam a identificação do fenómeno. Versa sobre o processo comunicativo aprofundando-se o *soft cyberbullying* e o *cyberbullying illusion effect*.

No capítulo nove, “*Reputação, emoção, cyberbullying e cyberstalking*”, abordam-se os efeitos que os fenómenos centrais da investigação, o *cyberbullying* e o *cyberstalking*, imprimem no jogo reputacional dos indivíduos, no conceito e na percepção da identidade, assim como na influência e condicionamento que terceiros denotam no processo.

Epiloga-se a investigação desse modo: desmascarando a exacerbação do social à escala global, a mitificação da privacidade na rede, a exaltação da sociedade do espetáculo, a ilusão de segurança que a rede permite, a erupção da violência humana e a constatação de que a Internet é uma tecnologia que responde às intenções do utilizador.



## CAPÍTULO 1: METODOLOGIA

Explora-se no presente capítulo a estratégia metodológica adotada apresentando-se o *cyberbullying* e o *cyberstalking* enquanto objetos de estudo. Apresenta-se a pergunta de partida, o público-alvo, as questões diretoras assim como as ferramentas de divulgação da investigação.

### 1.1. INTRODUÇÃO

As opções metodológicas fundamentam-se no contexto dos fenómenos que se pretendem estudar na medida em que permitem perceber a metodologia usada (Aguiar, 2007; Quivy e Campenhoudt, 1998). Com o objetivo de gerar, melhorar e confirmar conhecimentos que possibilitem lidar e teorizar sobre o objeto de estudo, a escolha metodológica visa a compreensão do fenómeno através da ligação entre a teoria e a prática (Fortin, 2003; Soro, 2006). Processo metódico e sistemático que permite analisar, obter respostas e adquirir novos conhecimentos, as opções metodológicas sustentam-se com base nos objetivos e no objeto de estudo de modo a obter os dados necessários à formulação de conhecimento que motivou a investigação (Fortin, 2003).

Se por um lado se desejar validar hipóteses, generalizar a informação, antecipar e controlar o desenrolar da investigação, as técnicas quantitativas serão a opção metodológica mais adequada (Gonçalves, 2004; Fortin, 2003). Porém, se o objetivo passar pela compreensão do objeto de estudo de modo a aprofundar o conhecimento do mesmo através da descrição e interpretação do fenómeno tal como ocorre, sem o condicionar<sup>9</sup>, as metodologias de carácter qualitativo apresentam-se como as mais indicadas (Fortin, 2003; Myers, 1997; Creswell, 1994; Fidel, 1992). No entanto, se para o desenvolvimento epistemológico do objeto de estudo se necessitar tanto de validação teórica quanto de compreensão da forma como se manifesta (Morin, 1986; Morrow e Brown, 1994; Gunter, 2000; Fiske, 2004), como é o caso dos fenómenos emergentes do *cyberbullying* e do *cyberstalking*, a escolha metodológica deverá ser adequada a essa demanda e combinar a aplicação de técnicas quantitativas com técnicas qualitativas

---

<sup>9</sup> Ou, quando não for possível de outra forma, minimizando o condicionamento do desenrolar dos acontecimentos.

(Strydom, 2001; Fiske, 2004). Poder-se-á assim compreender, no final deste capítulo, a importância de uma epistemologia atenta às características emergentes destes fenómenos que permanecem pouco claras.

## 1.2. O FASCÍNIO DA REDE

Na sua emergência e “fascínio”, os “objetos” empíricos constituídos pela “experiência” da rede transformam o sujeito. Veja-se o que tem de tão “fascinante” essa experiência.

O primeiro fascínio surge com a experiência de “navegação” na rede. O uso da palavra “navegar” parece dar conta da sensação de nomadismo. Pode-se viajar no instante que a vontade individual almejar para praticamente todo o mundo.

Num mundo fortemente influenciado pela cultura ecrânica que, parafraseando Pedro Costa, “*permite, na sua multiplicidade, uma espécie de espelho-reflexo para a alma, para o social, para a história, para a cultura*” (Costa, 2014: 180) em que a sensação de aceleração se espalha, refletindo a dimensão dromológica<sup>10</sup> da Internet, como diria Paul Virilio (1977, 2002), vive-se uma era de superfluidade comunicacional<sup>11</sup> que se manifesta pela massificação da Internet e popularização do uso das redes sociais como é o caso do *Bebo*, *Blip.fm*, *Colnect*, *Couch Surfing*, *Cyworld*, *Friendica*, *Facebook*, *Hi5*, *Movi*, *Netlog*, *Orkut* e *Twitter* onde a subjetividade se sobrepõe à objetividade (Costa, 2014: 178-181).

O fascínio pode manifestar-se sob a forma de utopias. Por exemplo, a transumana de Huxley (1957), biólogo inglês, fala de uma nova espécie humana melhorada na medida em que se liberta das limitações do corpo permitindo a eternização ao alojar a informação e as competências humanas num computador que poderá transferir esses dados para outros computadores repetidamente e de forma a que os mesmos não se percam, permitindo ainda trabalhar no sentido de melhorar as condições de vida do homem.

Essa utopia teleológica atravessa o imaginário da rede e a Internet pode ser uma das maiores utopias do ser humano. Viabilizando a satisfação das necessidades informacionais e comunicacionais a um nível quimérico, a recente evolução para a *Web 3.0*<sup>12</sup>, parece dar razão a essa utopia transumana. Afinal os princípios da rede são a onnipresença e a onisciência. Foram precisamente estas características que possibilitaram à Internet converter-se na maior biblioteca do mundo e, outrossim, no maior guia turístico em tempo real de sempre. Permitindo viajar e conhecer tanto locais

---

<sup>10</sup> Viciado em velocidade. Derivado do grego *dromos*, utilizado para designar o ato e o local onde as pessoas corriam.

<sup>11</sup> Comunica-se além do necessário, excessiva e superfluamente.

<sup>12</sup> A *Web 3.0* visa estruturar o conteúdo da rede visando a sua utilização de forma inteligente baseado na semântica.



acessíveis hodiernamente quanto aqueles que já não existem mas cujas memórias e imagens estão presentes na Internet, ela constitui também a maior base de dados conhecida do mundo. A rede possibilita tal-qualmente comunicar sem barreiras físicas, linguísticas, horárias e hierárquicas com qualquer utilizador da rede. Além de dar igualmente oportunidade para trabalhar, investigar e desenvolver projetos, pesquisas, ciências, erudições, filosofias e tecnologias *online*, com a ajuda de empregados, de dirigentes, de colaboradores, de académicos, de cientistas, de ativistas, de *freelancers* e de voluntários. De facto, Pierre Lévy (2007) parece ter razão: há uma nova inteligência em rede que, se bem autorregulada, poderá melhorar o acesso de todos ao conhecimento. O fim das barreiras adquire nesta utopia um lado menos transumano, menos virado para o maquinal, ao enaltecer a importância da cooperação individualizada para a sobrevivência do coletivo. Não negando as orientações do homem para a competição, o mérito consiste em conduzir essas tendências de afirmação pessoal, essa idiosincrasia vital e singular de forma positiva, cooperando com o coletivo (a *Wikipédia* é disso exemplo).

Apesar das melhorias que a Internet trouxe à vida do homem, não se pode olvidar que todas as utopias implicam distopias. Representando a antítese da utopia, a distopia abre portas para o outro lado da realidade, conseguido, neste caso, através da flexibilidade das estruturas criadas visando servir o bem-comum. Apesar de associada à criatividade e possibilitando ir além dos limites, a flexibilidade serve igualmente o lado positivo, a utopia, e o lado negativo, a distopia. O carácter distópico da Internet comunga características com o lado utópico da mesma, já que ambos visam ultrapassar convenções em prol da satisfação de interesses comuns aos utilizadores. Enquanto por um lado a utopia patrocina a inteligência coletiva (Lévy, 2007), fruto do esforço das pessoas no sentido de superar as limitações individuais através do trabalho em grupo, invocando o crescimento e a harmonia, por outro lado resvala para a distopia, exaltando a “*idiotice coletiva*” (Lévy, 2000: 31) que projeta decisões e condutas contrárias ao sentido evolutivo e de superação, em que a boçalidade e a violência se destacam. O *cyberbullying* e o *cyberstalking*, objetos de estudo sobre os quais assenta a presente tese, são fenómenos nascidos no lado distópico da Internet.

Tal como defende o filósofo Paul Virilio (1977, 2002), estes tempos de superfluidade comunicacional patrocinam a aceleração da reação e, consequentemente, a alienação. Centrando-se na velocidade que a Internet imprime nas trocas

comunicacionais e informacionais quotidianas, o filósofo salienta que tal questiona a forma como as pessoas percebem a realidade. Indo mais além Virilio explica que esta aceleração transporta o ser humano para uma realidade projetiva que patrocina a inclusão daquilo que pertence à esfera privada na esfera pública, o que altera a própria noção de realidade dos indivíduos ao se distorcer a ideia de tempo e de espaço dos mesmos. Dromológicos é como Virilio (1977) se refere a estes tempos de velocidade inebriante característica da Internet. Velocidade que potencializa a ligeireza da ação e, segundo o autor, diminui a reflexão ao pressupor uma reação no momento, o que intensifica a superficialidade da comunicação e da informação transmitida, aumentando a subjetividade dos conteúdos na Internet (Costa, 2014: 178-181). É então nesta velocidade que circula a imensidão de informação, ligações e partilhas que povoam a rede (Martins, 2011; Virilio, 1977, 2002; Cordeiro, 1996) que Virilio considerou territorialmente desterritorializada por não conter espaço físico, mas ser um espaço em si. Propiciando a generalização da comunicação dromológica<sup>13</sup> (Vattimo, 1991: 12; Virilio, 1977, 2002) tendencialmente fugaz e nímia, na Internet dá-se, citando Moisés Martins, uma “*retracção das ideias e uma exacerbação dos sentimentos*” (2011: 19) por se intensificar a importância dada ao tempo, por este ser o do momento, assim como por se valorizar a opinião pessoal que é partilhada no instante, o que responde à premissa da velocidade de ponta a que circulam os conteúdos na Internet acerca da qual Virilio dissertava no seu livro “*Vitesse et Politique, An essay on Dromologie*” (1977).

Cada vez mais ligados em rede, os seres humanos conheceram um mundo que transitou de uma utilização elitista da Internet para um uso generalizado (Pinheiro, 2009, 2010; Castells *et alii*, 2009), passível de comprovar pela proliferação de *hotspots*<sup>14</sup>. A massificação implica uniformização e excesso, usualmente traduzidos no decréscimo do nível da qualidade em prol da quantidade, o que se visualiza na questão levantada anteriormente acerca da diminuição da “*objectividade*” (Costa, 2014: 178-181) por meio da “*retracção das ideias*” (Martins, 2011: 19) dada a “*exacerbação dos sentimentos*” (Martins, 2011: 19) e da “*subjectividade*” (Costa, 2014: 178-181) promovida pelas alterações na noção de tempo e espaço derivadas da característica dromológica da Internet (Virilio, 1977). No caso concreto da Internet encontra-se o exemplo do excesso de informação cuja credibilidade pode ser questionada

---

<sup>13</sup> Da ideia da cultura de comunicação generalizada em Vattimo (1991:12) com a teoria da dromologia de Virilio (1977) surge a comunicação dromológica como expressão que traduz o fenómeno típico da Internet, em que se pressiona no sentido da comunicação quase instantânea em detrimento do momento reflexivo.

<sup>14</sup> Pontos de ligação à Internet.

comparativamente à proveniente de fontes reconhecidas, como é o caso de trabalhos acadêmicos ou de fontes oficiais, assim como da uniformização dos modelos de *site* social, como o *Facebook*, padrão comum assente no peso do número, comparativamente a *sites* temáticos que valorizam a opinião, a partilha e a contribuição e que, frequentemente, não reúnem tantos utilizadores quanto os outros.

No entanto, apesar da facilidade de acesso e utilização da Internet, em termos metodológicos erigem-se alguns obstáculos (Pinheiro, Neves e Martins, 2013), como:

- A necessidade de filtrar e validar a informação;
- Analisar as procedências das situações e casos que se propagam na rede;
- As vítimas de *cyberbullying* que reagem com desconfiança;
- As pessoas que inventam histórias ou personagens;
- A dispersão de informação.

Desafios constantes que apelam ao potencial criativo e à sensibilidade do investigador que se atreva por este mar controverso. Caracterizando-se a presente tese de doutoramento pela peculiaridade de tratar de fenómenos<sup>15</sup> que emergiram com as novas tecnologias, fica assente que, em outro qualquer determinado contexto, os mesmos não seriam brindados de condições para a jubilosa subsistência que auferem na atualidade. Os fenómenos em causa, *cyberbullying* e o *cyberstalking*, caracterizando-se como emergentes (Pinheiro, 2009; Neves e Pinheiro, 2009, 2010; Tauber e Pinheiro, 2012, 2013; Pinheiro e Martins, 2013), constituem um desafio metodológico, principalmente dada a sua complexidade, quer enquanto objeto de estudo quer relativamente ao seu meio envolvente (a Internet).

Nesse sentido, as opções metodológicas adotadas na presente investigação, que resultou na redação desta tese, visam o estudo, o entendimento e a perceção que as pessoas têm do objeto, assim como o porquê da sua existência, com o cuidado de não influenciar quer o fenómeno em si, quer os resultados obtidos. Assim sendo, metodologicamente optou-se pelo recurso a técnicas qualitativas e quantitativas de entre as quais se destacam a etnografia digital e o inquérito *online*. Estas técnicas apresentam-se particularmente eficazes no estudo de fenómenos emergentes na Internet uma vez que se convenientemente exploradas resultam complementares entre si.

---

<sup>15</sup> Cyberbullying e cyberstalking.

Poder-se-ia à partida pensar que dada a acessibilidade e a facilidade com que se utiliza a Internet seria relativamente simples investigar estas emergências, sendo apenas necessário efetuar algumas adaptações nas metodologias já existentes (Pinheiro, Neves e Martins, 2013). No entanto, estudar estes fenómenos é um desafio semelhante ao de estudar uma tribo nativa em pleno início do século XX à semelhança do que fez Margaret Mead<sup>16</sup> quando deixou os Estados Unidos da América rumando à Samoa Americana e posteriormente à Nova Guiné com o objetivo de analisar os costumes dos povos locais, ou seja, indo ao encontro de e inserindo-se para perceber a cultura dos mesmos. Porém algo de mais relevante ocorreu neste processo. O plano, que consistia em observar os hábitos das tribos primitivas, alterou-se quando Mead se apercebeu que o objeto de observação estava a modificar o observador, ou seja, estava a mudá-la a ela. O que Margaret Mead, proveniente de uma sociedade patriarcal e conservadora, notou foi que em algumas tribos as sociedades eram matriarcais e havia uma clara inversão do papel masculino-feminino ao qual estava acostumada: as mulheres dedicavam-se às atividades de sustento e os homens às de manutenção do lar e da família. O que era inverso à sociedade patriarcal. Tal fenómeno fez com que o observado mudasse o observador (Pinheiro, Neves e Martins, 2013). Alterasse a sua perspetiva e postura. Era, pois, imprescindível aprender a observar o observado, tal-qualmente foi preciso para estudar o *cyberbullying*<sup>17</sup>.

Carecendo de perceber as formas como se processavam os rituais e a vida naquele contexto tão particular, era fundamental analisar como se outorgavam e sustentavam as relações sociais, a cultura própria e, principalmente, os processos comunicacionais. Afinal, Mead estava perante uma situação nova num contexto diferente daquele a que estava habituada, tal como acontece quando o enquadramento é a Internet. Era necessário por isso explorar, e deixar-se mudar de modo a abrir a mente para as novas realidades repletas de fluxos de atuação muito próprios. Neste processo, o observado mudava o observador ao fazer romper os padrões a que este estava acostumado. Do mesmo modo tem vindo a constatar-se o efeito semelhante que o *cyberbullying* e o *cyberstalking* têm infligido no investigador.

---

<sup>16</sup> Ver as suas obras “*Adolescência, sexo e cultura em Samoa*” publicado em 1928 e “*Sexo e temperamento em três sociedades primitivas*” resultado da sua investigação na Nova Guiné e que foi publicado em 1935. Ambas as obras ganharam destaque pelo conteúdo que rompia com os modelos conservadores e patriarcais da sociedade norte-americana do início do século XX.

<sup>17</sup> Foi preciso adotar diferentes abordagens metodológicas (qualitativa e quantitativa) de modo a adaptar-se ao enquadramento criado pela Internet.

O facto de as entranhas da Internet se constituírem como um emaranhado de teias dispostas ao longo de túneis, câmaras e antecâmaras, faz com que até o utilizador mais experiente possa desconhecer o conhecido e conhecer o desconhecido. Estando em constante mudança, a imersão na rede pode surpreender. Visualizar a *Web* com se fosse um *iceberg* permite entender melhor o seu funcionamento. Não se pode avançar com estratégias rígidas<sup>18</sup> lá onde impera a flexibilidade, a fluidez e a transmutação. As conjunturas que a Internet cria e recria mudam o observador, uma vez que, adotando a alegoria de um *iceberg*, se situam em diferentes níveis de profundidade dentro dos quais existem regras, comportamentos e linguagens específicos nos quais é imprescindível penetrar para aceder-lhes, ver como se processam e estudá-los, partindo à descoberta de um mundo dentro de outro mundo: de aprofundar além da superfície do *iceberg* passando da ilusão da “percepção óptica” inicial de modo a perceber a dimensão total do conjunto.

O que está visível e acessível a todos parece uma coisa (como uma vingança pessoal no caso do *cyberbullying* e do *cyberstalking*), mas quando se continua a indagar novos níveis surgem, emergindo as realidades que se escondiam abaixo da superfície como é o caso das pessoas que praticam *cyberbullying* e *cyberstalking* para satisfazer simplesmente a necessidade de agredir alguém; por sentirem prazer na prática contínua (de *cyberbullying* e *cyberstalking*) que lhes provoca adrenalina ou ainda para alimentar redes de pornografia especializada. O caso da Maratona de Boston, explorado no capítulo seis, é sintomático e revela a existência de enquadramentos que, por variadas razões, patrocina o descontrolo social e a emergência de um tipo de *cyberbullying* específico, o *crowdbullying*, capaz de colocar qualquer pessoa em perigo.

---

<sup>18</sup> Técnicas metodológicas fechadas, não adaptativas, estruturadas.

### 1.3. ETNOGRAFIA DIGITAL

A revisão das técnicas metodológicas utilizadas para investigar a vida em sociedade das tribos, levada a cabo por antropólogos e sociólogos, como Margaret Mead e Gregory Bateson<sup>19</sup>, permitiu abstrair uma das técnicas que, adaptada ao contexto digital, se revelou proveitosa, concretamente a pesquisa etnográfica. Segundo Rocha *et alii* (2005: 3):

*“A etnografia possui características básicas, tais como: ênfase na exploração da natureza de um fenómeno social particular; entrevistas em profundidade; observação participante; análise de discursos de informantes; investigação em detalhe; perspectiva microscópica; e interpretação de significados e práticas sociais, que assumem a forma de descrições verbais (...) sendo o conhecimento científico gerado a partir do ponto de vista do outro.”*

Nesse sentido pode-se concluir que, sucintamente, a técnica da etnografia pode ser usada para recolher os dados necessários para descrever e compreender um modo de vida ou uma cultura (Fuller, 2008: 2). Ela permite investigar *“por dentro da realidade de um grupo”* (Rocha *et alii*, 2005: 3). Existe aqui o risco da massificação de dados se o investigador aliar uma espécie de obsessão pelo objeto de estudo com a possibilidade de continuar a alargar a pesquisa e a recolher mais dados, demonstrando uma atitude despiciente para com o trabalho realizado por terceiros.

Explanado o conceito e a técnica da etnografia, afigura-se percetível a sua popularidade de aplicação no contexto da Internet: permite recolher dados, conhecer os enquadramentos e as ramificações dos fenómenos emergentes (Gutierrez, 2009; Efimova, 2005), como por exemplo o *cyberbullying* e o *cyberstalking*. Muitos são os investigadores cujos estudos se situam metodologicamente neste campo: Estalella, Ardèvol, Domínguez e Cruz (2006); Haraway, Kunzru e Tadeu (2009); Escobar (1994); Hine (2000); Bishop, Ignacio, Star, Neumann, Sandusky e Schatz (1995); Jones (1999); Amaral (2008, 2010), entre outros. Porém a terminologia “etnografia digital” não reúne consenso internacionalmente. Muitos dos investigadores acima citados optaram por

---

<sup>19</sup> Ver, para além das já referenciadas obras de Margaret Mead, a obra *“NAVEN”* de Gregory Bateson, publicada em 1936, também relativa às tribos da Nova Guiné.

utilizar outros termos (apesar de não se tratarem de técnicas diferentes), concretamente: *webnografia*, ciberantropologia, *netnografia*, etnografia virtual, ciberarqueologia. No fundo, todas estas técnicas são a mesma só que com nomes diferentes, possuindo como princípio a adaptação da técnica da pesquisa etnográfica à Internet.

Surgiu assim a etnografia digital, uma técnica que tem sido empregue visando investigar os fenómenos que despontam na rede, e que consiste na observação científica destes na sua conjuntura primordial através de conceitos, estratégias e posturas que seriam utilizados na pesquisa etnográfica tradicional. As regras são as mesmas, a diferença é que se processa num ambiente virtual em que os agentes não se encontram no mesmo espaço físico apesar de ligados em rede.

O observador tem algo de novo e inédito: o mundo digital em que as interações deixam de ser essencialmente face-a-face. A etnografia digital constitui, de alguma forma, uma tentativa de resposta a este problema. Comparando com a etnografia tradicional, que tem lugar num local passível de ser apontado no mapa *mundi*, a etnografia digital apresenta a vantagem de não possuir espaço terrestre nem hora fixa a constranger o investigador, o que implica flexibilidade investigativa, mas também um afastamento de toda a realidade do observado, não deixando por inerência desse afastamento de ter uma carga virtual. Corre-se o risco da abstração da pessoa enquanto ser de carne e osso dado o ambiente de investigação ser o digital onde há a ausência física do corpo, substituído por um *nickname*<sup>20</sup> ou um avatar<sup>21</sup>. É esta incorporeidade do corpo na Internet que torna igualmente os fenómenos emergentes nesse contexto destrutivos e de uma violência diferente da existente no face-a-face ao permitir que um público não controlado nem calculável possa ter acesso e participar no *cyberbullying* ou no *cyberstalking*.

---

<sup>20</sup> Nome de utilizador, pseudónimo usualmente escolhido pelo indivíduo ou, em alguns casos, atribuído pelo *site*.

<sup>21</sup> Representação (imagem) de si mesmo que o utilizador cria ou escolhe na Internet.

#### 1.4. O INQUÉRITO *ONLINE*

A par da etnografia digital, que permite um estudo de carácter mais qualitativo acerca de uma emergência e do seu contexto de ocorrência, uma outra técnica metodológica se adotou com sucesso no estudo dos fenómenos que afloram na Internet, concretamente o inquérito *online*.

Esta metodologia quantitativa visa, resumidamente, proceder em contexto digital à aplicação de inquéritos. Aliado à técnica da etnografia digital o inquérito *online* permite aprofundar aspetos, características e pormenores dos dados a trabalhar, o que no estudo dos fenómenos emergentes constitui um valor acrescentado. Tal facto prende-se com o *link* criado entre a aplicação inicial de uma metodologia qualitativa, como é o caso da etnografia digital, que permite obter um *background*<sup>22</sup> alargado do objeto (*cyberbullying* e *cyberstalking*), com uma metodologia quantitativa que permite aprofundar e testar aspetos concretos do fenómeno em estudo, como é o caso do inquérito *online*. Este entrelaçamento de técnicas baseia a sua eficácia na supressão das lacunas que a aplicação em separado de cada técnica patrocina pelo que, deste modo (junção de técnicas), as mesmas resultam complementares entre si, visto colmatarem as desvantagens uma da outra.

É importante assim, senão crucial, possuir um bom conhecimento geral do objeto de estudo, o que se consegue através da etnografia digital, para que se possa investigar uma particularidade do mesmo por meio do inquérito *online*, tirando assim partido da combinação dessas técnicas. Relativamente ao *cyberbullying* e ao *cyberstalking* é essencial conhecer como se processam, como podem ocorrer e que formas podem assumir, de modo a obter bases teóricas capitais do fenómeno em si e do contexto em que se processa (proporcionado pela exploração do “observado” recorrendo à etnografia digital), visando possibilitar que se aprofundem aspetos *a posteriori*, como por exemplo a reação das pessoas. Tal pode ser feito através da aplicação de um inquérito *online* bem trabalhado e direcionado a um público-alvo já identificado.

Autores como Sincero (2012), Couper e Miller (2009), Jasen, Corley e Jasen (2007) e Andrews, Nonnecke e Preece (2003) desenvolveram a técnica, salientando vantagens, problemas, como construir um bom inquérito *online*, como aplicá-lo, bem como erros a evitar. Testando ainda formas de aplicação, os investigadores são

---

<sup>22</sup> Contextualização.



unânimos quanto ao inquérito *online* permitir subir para o patamar da especificidade, sendo as suas principais vantagens (Pinheiro, Neves e Martins, 2013; Sincero, 2012; Jasen, Corley e Jasen, 2007): a velocidade e facilidade de obtenção de dados; a flexibilidade; a possibilidade de obter mais respostas, assim como a redução de custos de aplicação e de trabalho.

Fáceis de criar, alterar e aplicar, os resultados vão chegando à medida que os inquéritos são preenchidos. Se o inquérito for construído num *site* preparado para isso e divulgado o *link* através de *e-mail*, como aconselham os investigadores (Jasen, Corley e Jasen, 2007), na hora em que forem concluídos os resultados são apresentados numa folha de *Excel online*, que pode posteriormente ser transferida para o computador. Ou seja, além da velocidade e redução de custos, não necessitam de ser impressos, poupando despesas com deslocações e reduzindo também o tempo de trabalho ao dispensar a inserção manualmente dos dados uma vez que este processo é feito de forma automática pelo *site*. Resumidamente trata-se de criar o inquérito, divulgá-lo, esperar e trabalhar os resultados. No entanto, esta técnica apesar de ser fácil de aplicar, é mais complexa de controlar do que a sua versão em papel, sendo os seus principais problemas (Jasen, Corley e Jasen, 2007): a ausência do investigador aquando o preenchimento; não ser possível de aplicar a quem não utilize a Internet; não saber quem de facto preenche o inquérito; assim como a possibilidade de obter respostas inadequadas e falazes.

Nesse sentido, a fiabilidade dos resultados dos inquéritos *online* é muitas vezes posta em causa, sendo que a solução passa pela adoção de estratégias que possibilitem minimizar a incidência destes entraves. Exemplo disso é o estudo levado a cabo na Alemanha em 2007<sup>23</sup> por Riebel, Jager e Fischer (2009), “*Cyberbullying in Germany – and exploration of prevalence, overlapping with real life bullying and coping strategies*”, que aplicou com sucesso esta técnica:

- Objetivo: investigar como os estudantes reagem a um caso de *cyberbullying* (enquanto vítimas);
- Metodologia adotada: inquérito *online*;
- Como se procedeu: divulgação na Internet e numa revista alemã para pais, professores e alunos do *site* do inquérito (*online* entre fevereiro e agosto de 2007);

---

<sup>23</sup> Publicado em 2009.

- Desafio a enfrentar: saber quem preenche o inquérito *online*.

Perante tal panorama, os investigadores viam-se então com um dos problemas mais controversos e que melhor caracterizam esta metodologia: como tornear o obstáculo de não saber quem preenche o inquérito *online* de forma a garantir a fiabilidade dos resultados. Tal questão prende-se com a necessidade de criar critérios de seleção e rejeição dos inquéritos preenchidos e submetidos *online*. Nesse sentido, foram excluídos todos os inquéritos em que:

- Apenas a primeira folha havia sido preenchida (pois o inquérito tinha várias páginas, o que significava conteúdo insuficiente para formular conclusões);
- Que tinham sido terminados em menos de 150 segundos (era pouco tempo, o que revelava que o preenchimento tinha sido fraudulento);
- Com menos de seis itens preenchidos (sendo que menos de metade do inquérito significava conteúdo insuficiente para formular conclusões);
- Cujas respostas às perguntas abertas levantavam suspeitas (de fraude, de vício);
- Os que continham várias respostas ilógicas (viciar a resposta, fraude).

Analisando os critérios de exclusão elaborados, podemos perceber que este grupo de investigadores além de demonstrar experiência na utilização desta metodologia, o que poderia resultar tanto de estudos anteriores como da testagem da técnica de forma a perceber os desafios a enfrentar, revelaram também possuir sensibilidade suficiente, assim como imaginação para seleccionar os critérios de exclusão necessários: eles não iam controlar quem preenchia, mas quais os inquéritos cujos dados iriam utilizar (validar). Não deixando de ser um artefacto metodológico, a colocação de critérios de seleção de inquéritos permite minimizar os entraves característicos dos mesmos.

Tal como Andrews, Nonnecke e Preece (2003) salientam, convém ter especial atenção na redação do inquérito *online*, evitando cair nos seguintes cenários, pois condicionam as respostas:

- Várias perguntas numa só<sup>24</sup>;
- Erros ortográficos, gramaticais e de concordância;
- Pedido de dados sem sentido ou descontextualizados<sup>25</sup>;
- Escalas, tipos e espaços para resposta desadequados<sup>26</sup>;
- Instruções de preenchimento confusas ou ausência das mesmas;
- Vocabulário desajustado ao público-alvo;
- Tamanho da letra e *design* do inquérito inapropriados.

Uma vez terminada a construção do inquérito, este deve ser submetido a testagem, primeiro num grupo selecionado a que se segue a retificação de escalas, tipos e espaços para resposta. Após estes dois passos iniciais pode começar-se a testar o mesmo junto de uma amostra do público-alvo (e à sua retificação caso seja necessário), passando-se então à sua aplicação ao público-alvo (Andrews, Nonnecke e Preece, 2003; Jasen, Corley e Jasen, 2007).

Cabe ainda ressaltar que os inquéritos *online* são uma opção interessante para recolher dados sobre um aspeto específico do fenómeno em estudo. Porém o seu sucesso assenta principalmente na previsão de hipóteses de como garantir a fiabilidade dos resultados, assim como na elaboração e testagem do inquérito.

---

<sup>24</sup> Perguntas duplas ou triplas provocam confusão sobre o que se está a perguntar ou condicionar no sentido de resumir a resposta a uma das questões, ignorando a outra.

<sup>25</sup> Pode gerar desconfiança e levar o inquirido a uma atitude de reserva ou ao fechamento.

<sup>26</sup> As escalas disponibilizadas para resposta podem não se adequar ao respondente, tal como o tipo de resposta que o investigador prevê (fechada quando deveria ser aberta; sim ou não quando devia ser uma escala) ou até mesmo o espaço para respostas abertas, já que pode ser curto demais (forçando o respondente a resumir) ou excessivo (causando impressão de necessitar de “inventar”).

## 1.5. PERGUNTA DE PARTIDA E ORDEM DE TRABALHOS

Uma vez definida a estratégia metodológica, é tempo de identificar a pergunta de partida e as hipóteses, assim como delinear a ordem de trabalhos e definir o público-alvo.

### 1.5.1. Pergunta de partida

O *cyberbullying* e o *cyberstalking* são fenómenos emergentes na Internet, territorialmente desterritorializada (Virilio, 1977). Nesse sentido cabe questionar sobre como se comportam os indivíduos perante os fenómenos que se desenvolvem em tais condições. A pergunta de partida é, pois, a seguinte:

*Como se comportam os indivíduos perante o cyberbullying e o cyberstalking?*

Diziam Watzlawick, Beavin e Jackson (1998) que todo o comportamento é comunicação. Igualmente Bateson (1972) defendeu a mesma premissa ao longo dos seus estudos, com especial relevo para os efetuados durante a sua estadia na Escola de Palo Alto onde contribuiu para a reestruturação dos axiomas acerca dos quais a nova teoria da comunicação deveria assentar visando suportar os avanços investigativos sobre os impasses da comunicação humana. Sendo o *cyberbullying* e o *cyberstalking* fenómenos emergentes na sociedade cibercultural, em que se comunica em massa, e constituindo eles comportamentos, empreende-se nesse rumo a investigação. Afinal, entendendo-se o comportamento como a forma de proceder das pessoas perante os estímulos relativamente a um contexto, sendo a Internet altamente provocativa, como será que as pessoas se comportam em relação ao fenómeno?

A variedade de formas de comportamento existentes é diversa, segundo Graham (2015 [2000]), e divide-se em quatro tipos:

- Conscientes, sempre que têm lugar na sequência de um processo de raciocínio;
- Inconscientes, quando acontecem de forma quase automática em que o sujeito não dispensa o tempo necessário para refletir sobre a ação;
- Privados, se ocorrem em casa ou quando o indivíduo está sozinho;

- Públicos, caso sucedam na presença de terceiros ou em espaços públicos.

Na ótica da psicologia, entende-se por comportamento tudo aquilo que o ser humano faz no seu meio conjuntural (Graham, 2015 [2000]), desde as interações às comunicações e à ausência de ambas (no sentido de não interagir ou não comunicar, sendo que mesmo assim estes gestos são comportamentos).

Popularizando-se no início do Século XX enquanto conceito investigativo, o comportamento foi alvo de análise dos estudos empreendidos na França pelo psicólogo Henri Piéron, criador do Instituto Nacional de Orientação Profissional em 1928, e das investigações do igualmente psicólogo John Watson (fundador do *behaviorismo*) nos Estados Unidos da América, acerca dos comportamentos observáveis recorrendo à objetividade científica em detrimento do método da introspeção, tendo-se assentado a premissa de que todo o comportamento consistia na manifestação das posturas íntimas dos indivíduos (Graham, 2015 [2000]) face a um estímulo, pelo que existiam processamentos lúcidos no comportamento.

Aos estudos de Piéron e Watson associaram-se igualmente os trabalhos realizados na Rússia sobre o comportamento, quer por Vladimir Bekhterev, neurologista e psicólogo, considerado o autor da psicologia objetiva, como pelo seu eterno rival, o fisiólogo Ivan Pavlov, Nobel da Fisiologia ou Medicina em 1904, conhecido por desenvolver a teoria do reflexo condicionado através de experiências com cães (Graham, 2015 [2000]). Ambos os autores defendiam que os reflexos são aprendidos tendo em conta o retorno positivo ou negativo que o comportamento significa para a pessoa o que, com a repetição, permite modificar as reações face a um estímulo. A partir daqui edificou-se que o comportamento resultava da relação estímulo-resposta sendo influenciado pelos contextos (Graham, 2015 [2000]).

Estudado posteriormente por Skinner (1974), psicólogo natural dos Estados Unidos da América, que desenvolveu o chamado *behaviorismo* radical, progrediu-se concretizando-se que o comportamento compreende além das respostas, do meio envolvente e do contexto, as situações e os eventos que se seguem às respostas, constituindo-se o homem enquanto uma entidade ímpar e constante. O comportamento abarca, segundo Skinner (1974), três níveis, concretamente:

- Nível filogenético, que comporta os aspetos biológicos e de hereditariedade do indivíduo permitindo compreender a existência de determinadas propensões comportamentais inatas e justificar a resposta instintiva do sujeito às situações;
- Nível ontogenético, reportando à história de vida do sujeito por meio da qual se justifica parte da resposta pulsional do mesmo, assim como a sua percepção do caso (de *cyberbullying* ou de *cyberstalking*) e em parte como se irá comportar;
- Nível cultural, focando os contornos culturais que influenciam a conduta humana através da qual se abstraem as significâncias específicas do meio envolvente do sujeito que influenciam o seu comportamento e que, cruzadas com os níveis anteriores, permitem explicar e compreender o comportamento de determinado indivíduo numa situação, assim como o impacto que essa mesma situação representou no sujeito.

Presume-se dessa forma que quando se pratica ou se é vítima tanto de *cyberbullying* quanto de *cyberstalking*, a pessoa adotará um comportamento concordante com esses três níveis reivindicados por Skinner (1974). Por um lado, depreende-se que as pessoas, rececionando um estímulo ou apercebendo-se da possibilidade de emitir um (seja esse estímulo de que ordem for) comportam-se, reagindo e comunicando, de maneiras diferentes umas das outras. E no caso de indivíduos que comungam características? Será que, detendo um *background* semelhante, com pontos em comum, como por exemplo um percurso escolar universitário, os sujeitos demonstram pontos de concordância comportamental face aos fenómenos? É expectável que sim, que os comportamentos sigam uma vertente em comum, embora diferindo de acordo com as especificidades dos percursos individuais dos estudantes.

### 1.5.2. Questões diretoras

Após a formulação da pergunta de partida cabe formular questões diretoras que visem guiar a investigação no sentido de explorar pontos-chave que permitam, além de compreender e analisar a envergadura dos fenómenos, responder à questão principal. Foram formuladas nesse sentido, duas questões diretoras, concretamente:

QD1 – Serão o *cyberbullying* e o *cyberstalking* a mesma realidade?

QD2 – *Como se comportam os estudantes universitários relativamente ao cyberbullying?*

A primeira delas (QD1) prende-se com o esclarecimento da questão conceptual, concretamente sobre se os conceitos de *cyberbullying* e *cyberstalking* se referem a realidades diferentes, como a distinção de denominação sugere.

A segunda questão diretora (QD2) foca-se no comportamento dos estudantes universitários e visa responder à formulação deixada em aberto no ponto anterior, concretamente que pessoas com variáveis similares demonstrem comportamentos concordantes com essa característica. Sendo que a etnografia digital permite conhecer uma realidade por dentro, possibilitando trabalhar com um leque largo de pessoas oriundas dos mais diferentes pontos do mundo, meios sociais e escolaridade; o inquérito *online* permite estudar um aspeto específico de uma realidade. Tirando-se partido da complementaridade destas técnicas reúnem-se condições para, dentro do universo (neste caso a massa de utilizadores da Internet que se envolvam com a temática), traçar um público-alvo específico de modo a explorar dados e traçar comparações. Esse público-alvo são os estudantes universitários, por apresentarem entre si um ponto comum: estarem a frequentar o ensino superior.

### **1.5.3. Ordem de trabalhos**

Após a definição da pergunta de partida e das questões diretoras imperou o estabelecimento de metas que orquestrassem o desenrolar da investigação. Após refletir sobre os passos necessários para a conclusão do trabalho elaborou-se uma matriz de objetivos a cumprir, diretrizes que visassem conduzir esta investigação. Apostando na flexibilidade optou-se por suprimir condicionamentos temporais na conclusão das metas

de modo a acautelar eventuais mudanças que, com o passar do tempo, se viessem a fazer sentir, essencialmente com a hipótese da emergência de avanços no estado da arte ou mutações dos próprios fenómenos em estudo.

A presente investigação iniciou-se, pois, com a seguinte ordem de trabalhos (que se pode visualizar na imagem 1):

- Revisão da literatura existente onde se procedeu à elaboração do estado da arte<sup>27</sup>;
- Análise bibliográfica direcionada nas áreas das ciências da comunicação, sociologia, biologia, psicologia e filosofia<sup>28</sup>;
- Acompanhamento constante dos incrementos ao estado da arte a nível internacional;
- Etnografia digital;
- Redação e testagem de três inquéritos *online* piloto;
- Redação do inquérito *online* final<sup>29</sup> e sua aplicação;
- Análise dos dados empíricos;
- Redação da tese.

---

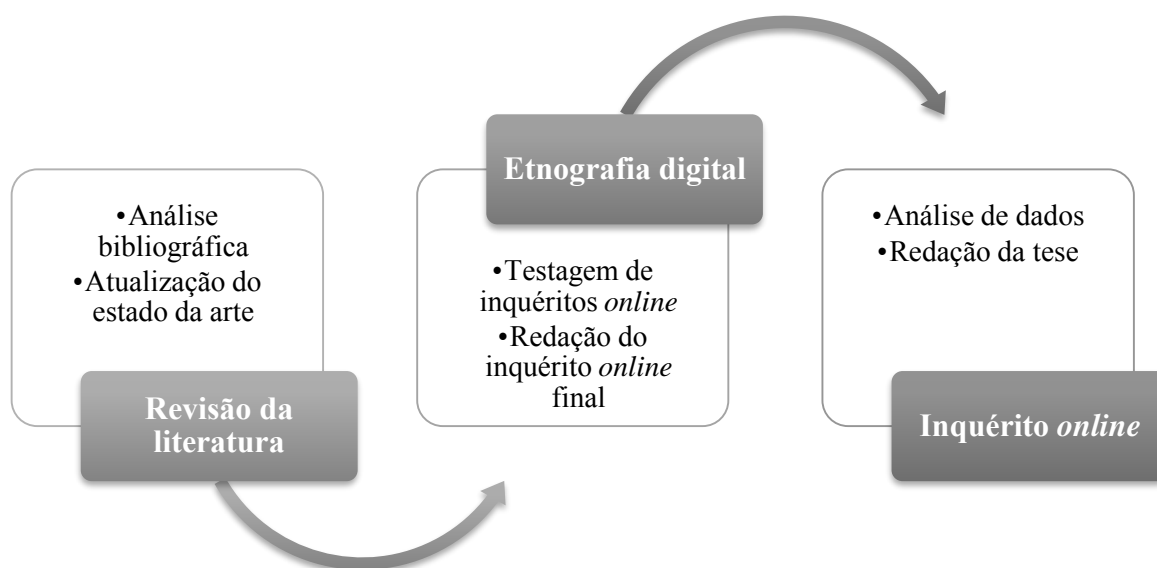
<sup>27</sup> O estado da arte consiste na recolha, análise e resumo das investigações realizadas por outros investigadores sobre uma temática até à data. Visa descobrir o que foi estudado, quais as abordagens, variáveis e técnicas metodológicas utilizadas, assim como os resultados obtidos. Responde à questão “o que existe sobre”, permite criar *background* e potencializar a inovação.

<sup>28</sup> Permitindo as ciências da comunicação analisar os processos de comunicação humana; a sociologia o comportamento, a vida em sociedade e os fenómenos sociais; a biologia o organismo dos seres vivos; a psicologia o comportamento e a mente humanas; e a filosofia os problemas ligados à existência, ao conhecimento, aos valores, à verdade, à moral, à estética e à linguagem.

<sup>29</sup> Ver anexos.



Imagem 1: Ordem de trabalhos



Créditos: Pinheiro, 2015

#### 1.5.4. Processo

A etnografia digital é uma técnica de possibilidades abrangentes, que permite estudar os casos de *cyberbullying* e de *cyberstalking* consoante vão emergindo, assim como analisar o comportamento dos envolvidos, proceder a entrevistas em profundidade a informantes privilegiados e à observação direta não participante. Perante tal optou-se por direcionar a etnografia digital a *sites* e *blogs* bastante utilizados no período temporal de setembro de 2010 a abril de 2014 sem público-alvo definido com o objetivo de obter margem de manobra no estudo dos fenómenos, principalmente no que respeita ao comportamento dos indivíduos e às estratégias de abordagem do problema.

Começando por pesquisar<sup>30</sup> os termos “*cyberbullying*”, “*cyberstalking*” e “*online harassment*” no *Google*, analisaram-se as primeiras dez páginas de cada. Recolhidos os primeiros dados, na sua maioria de natureza conceptual, aprofundou-se a pesquisa da seguinte forma: “*cyberbullying case*”, “*cyberbullying I’m a victim*”, “*someone is cyberbullying me*”, “*someone is cyberstalking me*”, “*cyberstalking I’m a victim*” e “*I’m a victim of online harassment*”. Para cada um dos termos de pesquisa analisaram-se as primeiras dez páginas. Por último pesquisou-se no *Google*: “*cyberbullying forum*”

<sup>30</sup> Procedimento investigativo traçado de acordo com a interpretação feita das indicações metodológicas presentes nos livros dos autores Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2008; Quivy e Campenhoudt, 1998; Fortin, 2003 e Bardin, 2004.

tendo-se observado novamente as primeiras dez páginas. Dentro destes termos de pesquisa localizaram-se diversos casos distribuídos por diferentes plataformas, e em alguns, referências a outras plataformas. Concretamente encontraram-se *sites* oficiais do governo (de vários países com especial destaque para o Canadá) com exemplos de *cyberbullying* e *cyberstalking*, informações sobre estes fenómenos, exemplos de como identificar os mesmos e um fórum interno para as pessoas escreverem, pedirem ajuda ou informação. Além destes sites oficiais, navegou-se por *blogs* e fóruns: alguns citados em *blogs* de indivíduos que expunham casos de *cyberbullying* e *cyberstalking*, outros encontrados durante a pesquisa inicial. As informações recolhidas foram vagas, incompletas, sentindo-se retração na exposição por parte de quem escrevia. Os dados insuficientes para traçar um caso foram descartados recolhendo-se apenas os mais concretos e completos. No meio da imensidão de resultados optou-se por analisar aprofundadamente os fóruns. Os fóruns mostraram-se ricos em testemunhos. De análise em análise procedeu-se a nova busca, desta vez: no *Google*, no *Youtube*, no *Facebook*, no *Twitter*, no *Yahoo*. Os termos utilizados foram: “*cyberbullying forum*” e “*cyberbullying I’m a victim*”, “*cyberstalking forum*” e “*cybersalking I’m a victim*”. Coligiram-se variadas informações úteis: grupos no *Facebook* (públicos e privados em que era preciso pedir autorização ao moderador para entrar), vídeos no *Youtube*, fóruns dedicados ao tema e perguntas sobre *cyberbullying* feitas no *Yahoo Answers*.

Do geral transitou-se para o particular<sup>31</sup> ao seleccionar-se um conjunto de fóruns para seguir com regularidade. O critério foi a seriedade dos participantes e o conteúdo. Os *blogs* foram sendo monitorizados duas a quatro vezes por ano na medida em que não apresentavam atividade considerável para mais. Vários *blogs*, páginas no *Youtube* e grupos no *Facebook* estavam abandonados. Tomou-se nota desses e semestralmente visitaram-se para verificação. Em relação aos grupos no *Facebook* e fóruns ativos a visita era diária, semanal ou quinzenal (consoante a atividade da plataforma). Desses recolheram-se os dados, analisando os casos de *cyberbullying* e *cyberstalking* relatados. Como já referido, consideraram-se apenas as histórias completas para relatar nesta tese. As incompletas analisaram-se para fins meramente informativos. Sobre as 150 pessoas analisadas procedeu-se da seguinte forma: foram selecionadas de entre os membros dos fóruns e dos grupos segundo o nome pelo qual se faziam identificar (a maioria das vezes

---

<sup>31</sup> Procedimento investigativo traçado de acordo com a interpretação feita das indicações metodológicas presentes nos livros dos autores Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2008; Quivy e Campenhoudt, 1998; Fortin, 2003 e Bardin, 2004.

um *alias* ou *nickname*), sinalizaram-se, compilaram-se os seus contributos e estudou-se o seu comportamento.

Esta opção pareceu especialmente útil para esclarecer questões levantadas durante a revisão de literatura, pejada de controvérsia relativamente ao *cyberbullying*, mas sobretudo, ao *cyberstalking*. Assim sendo, esta técnica visou ainda auferir dos esclarecimentos considerados necessários no sentido da superação da divergência de opiniões científicas acerca dos fenómenos em causa.

Por sua vez, no que respeita à opção do inquérito *online*, cuja versão final se encontra disponível nos anexos, foi entendida a sua aplicação intencional apenas a estudantes universitários. Tal deveu-se à conclusão de constituírem um público privilegiado pelos seguintes motivos:

- São estudantes do ensino superior,
- Possuem acesso à Internet e a computadores nos *campus* universitários,
- É expectável que sejam pessoas informadas e com maior nível de compreensão vocabular que os indivíduos com menor nível escolar.

Nesse sentido foram inicialmente redigidos três inquéritos *online* piloto, dois deles fechados e todos disponíveis em *sites* divulgados através de *link*. Porém a estratégia dos inquéritos fechados foi abandonada pois os resultados foram considerados insatisfatórios por dois motivos: primeiro porque os dados obtidos denunciavam que as pessoas escolhiam a resposta que identificavam como a mais adequada para o estudo; segundo, porque os resultados não permitiam aprofundar a investigação sobre o *cyberbullying* e o *cyberstalking* o suficiente para responder às questões diretoras.

Foi então redefinida esta orientação: os inquéritos passaram a ser de resposta aberta na medida em que, como referido, na testagem foi a modalidade que obteve resultados mais satisfatórios; foram alojados no *Google Drive* e distribuídos (o *link*) através do *e-mail* institucional ao público-alvo (estudantes universitários). Foram então contactadas todas as universidades portuguesas afim de obter autorização para a utilização do *e-mail* institucional para a distribuição do inquérito *online*. Apenas duas se mostraram colaborantes em tempo útil, concretamente a Universidade do Minho (17994 estudantes em 2013 dos quais 8720 pertenciam ao sexo masculino e 9274 ao

feminino<sup>32</sup>) e a Universidade da Beira Interior (6803 estudantes em 2013 dos quais 3335 pertenciam ao sexo masculino e 3468 ao feminino). Acerca do critério de aplicação:

- O *e-mail* universitário é de exclusiva utilização dos alunos;
- Nem todos os alunos acedem com frequência ao *e-mail* institucional;
- Dos que o fazem nem todos irão preencher o inquérito;
- Os que o completarem na íntegra (o inquérito) serão o público-alvo.

Foi então aplicada esta técnica aos estudantes da Universidade do Minho e da Universidade da Beira Interior entre os meses de janeiro e março de 2013, tendo obtido 201 respostas, 193 das quais validadas. Os critérios de validação dos inquéritos *online* foram o preenchimento completo do inquérito; a eliminação dos inquéritos com respostas repetitivas, iguais em todas as questões ou sem lógica; assim como a eliminação dos inquéritos preenchidos por pessoas que fossem ex-alunos mas que ainda recebessem *e-mail* institucional.

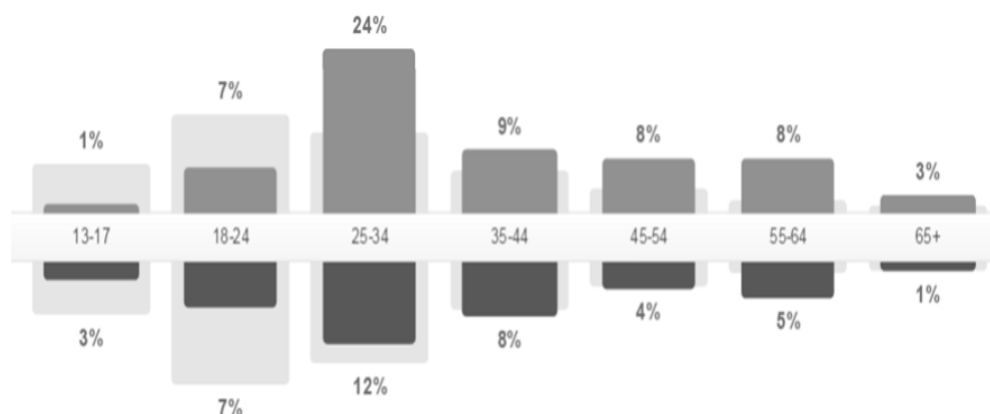
Foi ainda criado, de modo a divulgar os resultados da presente investigação, um *blog* e uma página no *Facebook* para o efeito, sendo também disponibilizado um *e-mail* que as pessoas interessadas pudessem utilizar, contribuindo com as suas experiências ou até mesmo com estudos em andamento. Tal aconteceu com maior frequência no *Facebook* e através do *e-mail*. A página no *Facebook* “*Cyberbullying e Cyberstalking*” foi criada a 28 de dezembro de 2010 e pode ser acesida aqui: <[www.facebook.com/cyberbullyingandcyberstalking](http://www.facebook.com/cyberbullyingandcyberstalking)>. Contando com um público diversificado cujo intervalo de idades contempla pessoas desde os 13 até aos 65 anos ou mais. Situando-se, segundo o próprio *Facebook*, a média de idades no intervalo dos 25-34 anos, como se pode ver no gráfico (1) seguinte<sup>33</sup>:

---

<sup>32</sup> Fonte: DGEEC-MEC. A informação integra o CET e os alunos em mobilidade internacional. Retirado de: <[www.crup.pt/pt/ensino-universitario/estatisticas](http://www.crup.pt/pt/ensino-universitario/estatisticas)>, acedido em abril de 2016.

<sup>33</sup> A barra acima da indicação da faixa etária no gráfico, a cinza médio, representa os indivíduos do sexo feminino e a barra abaixo da faixa etária, a cinza escuro, os indivíduos do sexo masculino.

**Gráfico 1: Idade das pessoas que integram a página do projeto no Facebook**



Créditos: Facebook, 2015<sup>34</sup>

Por sua vez o *blog*, alojado no *Sapo.pt* e intitulado “*Projecto Cyberbullying e Cyberstalking*” foi criado a 18 de maio de 2011 e pode ser acedido aqui: [http://projecto\\_cyberbullying.blogs.sapo.pt/](http://projecto_cyberbullying.blogs.sapo.pt/).

O *e-mail* divulgado para contacto, <[bullyingportugal@gmail.com](mailto:bullyingportugal@gmail.com)>, foi principalmente utilizado pelas pessoas para exporem casos e obter esclarecimentos sobre o *cyberbullying*.

Apresentada a estratégia metodológica explorar-se-á no capítulo seguinte o ser humano enquanto ser social e comunicacional, a vida em sociedade e as regras de conduta que influenciam o comportamento dos indivíduos.

<sup>34</sup> Acessível em: <https://www.facebook.com/cyberbullyingandcyberstalking/insights/?section=navPeople> (abril 2015).

## CAPÍTULO 2: O HOMEM, UM ANIMAL PULSIONAL

Neste capítulo explora-se o indivíduo enquanto ser comunicacional e social, regido por pulsões e instintos ao mesmo tempo que é moldado pelas convenções e estruturas do sistema. Da tentativa secular de domesticação do homem até à emergência da cibercultura.

### 2.1. VIDA EM SOCIEDADE

Dizer que o homem é, na sua essência, um ser comunicacional e social, tornou-se um truismo; também assim o descreveu Aristóteles na sua obra “*Política*” (1985). Defendendo que a cidade é um lugar onde várias pessoas vivem sob influência de determinados preceitos comuns<sup>35</sup> Aristóteles (1985) acredita que a cidade, local físico onde a sociedade se aglomera, se desenvolveu de modo a facilitar, por meio de ações individuais, o benefício de todos. Por outras palavras, permitia ao indivíduo alcançar a felicidade, propósito que o filósofo entendia como o objetivo íntimo do homem (Aristóteles, 1985).

Visando a felicidade, a pessoa deveria comportar-se virtuosamente o que, segundo Aristóteles, consistia no desenvolvimento da sabedoria (*sophia*), do conhecimento verdadeiro (*episteme*), do pensamento (*nous*), da sabedoria prática (*phronesis*) e da arte (*techne*), qualidades de um homem sábio (Aristóteles, 1985). Estas virtudes trariam felicidade ao ser humano, porém apenas quanto eram praticadas (Aristóteles, 1985). A política, que pretendia o bem dos indivíduos, aparecia como a ciência que deveria guiar os cidadãos para a prática de ações que assegurassem um viver em sociedade harmonioso. Aristóteles (1985) argumentava que um homem associal, desregrado ou devasso era inferior, uma vez que estes comportamentos iam contra o benefício de todos, sendo dignos aos olhos do filósofo de um ser apolítico. A política era, segundo Aristóteles (1985), o leme capaz de manter a cidade e a sociedade no caminho evolutivo, ou por outras palavras, o que garantia a ordem social.

---

<sup>35</sup> Como é o caso dos governantes e regras comunitárias, da cultura e da história desse local.

Seguindo a mesma linha de pensamento, o matemático, filósofo e teórico político Thomas Hobbes (1909 [1651]) assegurou que a humanidade tinha encontrado na vida em sociedade a alternativa à miséria e à barbárie. Para tal, o autor considerava fundamental a existência de regras e diretrizes reguladoras do comportamento das pessoas de modo a evitar a guerra (Hobbes, 1909 [1651]). Tais premissas assentavam-se na crença de que se fosse permitido ao indivíduo fazer tudo o que quisesse, ou caso ele entendesse que tal era viável de concretizar, se entraria em estado de *bellum omnium contra omnes* (“guerra de todos contra todos”<sup>36</sup>) em que a incerteza, a insegurança e a destruição reinariam (Hobbes, 1909 [1651]). A fim de evitar tal condição Hobbes acreditava que a solução passava por lavrar e impor um contrato social. O contrato social garantia, segundo o autor, a segurança e o acesso aos bens materiais e sociais necessários para se viver comodamente em troca da submissão às regras da comunidade que as autoridades deveriam regular (Hobbes, 1909 [1651]).

Hobbes (1909 [1651]) considerava o estado de natureza do homem como pobre, boçal e breve, sendo que para evoluir o ser humano deveria viver em sociedade. O contrato social operaria como que um atestado de abdicação do poder pessoal em benefício do governo/soberano que regularia o funcionamento da sociedade e a protegeria da destruição (Hobbes, 1909 [1651]). Usualmente caracterizado como pessimista o pensamento de Hobbes insere-se num período conturbado da História, concretamente a guerra dos 30 anos na Europa (1618-1648) e a guerra civil inglesa (1642-1651), o que explica a visão do autor na defesa da tendência natural do homem a se guerrear.

Este viver em sociedade no qual o ser humano estruturou a égide da sua sobrevivência e felicidade (Aristóteles, 1985; Hobbes, 1909 [1651]) comporta vantagens e condicionantes, regulamentos, leis e expectativas. Vantajoso para o indivíduo no que concerne à satisfação tanto das suas necessidades básicas<sup>37</sup> quanto das fúteis<sup>38</sup>, limita ao mesmo tempo o exercício da sua liberdade uma vez que fica sujeito às condicionantes de ordem estrutural que visam a preservação sistémica (leis, direitos e deveres, normas de conduta, usos e costumes), tal como se pode perceber nas obras destes dois filósofos (Aristóteles e Hobbes). Pensando sobre as potencialidades e os limites do ser humano, o filósofo grego (Aristóteles, 1985) esclareceu que para

---

<sup>36</sup> Tradução da minha responsabilidade.

<sup>37</sup> As biológicas.

<sup>38</sup> Como gravatas de todas as cores, por exemplo.

prosperar e evoluir os indivíduos devem especializar-se e cooperar trocando bens, serviços e conhecimentos. Este processo torna inevitável a comunicação e interação entre os sujeitos (Aristóteles, 1985; Hobbes, 1909 [1651]), garantindo ainda o deleite das precisões individuais e coletivas do ser humano.

A História confirma-o. Organizados em sociedades, os homens prosperaram, alcançaram êxitos e aprimoraram o já existente, quer por intermédio de inspirações inesperadas quer por meio de trabalho árduo, foram desenvolvendo. Exemplos disso são os avanços na medicina, nas fontes de energia, na tecnologia, na comunicação, entre outros, sem os quais o mundo como se conhece não teria hoje existência.

No entanto, tanto os benefícios obtidos com o viver em sociedade, quanto a satisfação das necessidades (de várias ordens) não impedem os indivíduos de entrar em estados tensionais que podem ser derivados de conflitos, de vontades de realização singulares ou de energia acumulada.

Animal racional influenciado por expetativas, estímulos e pulsões, o ser humano usufrui de uma racionalidade própria, como se explorará de seguida.



## 2.2. INSTINTOS E PULSÕES

O viver em sociedade proporcionou ao ser humano colmatar vulnerabilidades abrindo o caminho à prosperidade e ao progresso (Aristóteles, 1985; Hobbes, 1909 [1651]). Enquanto animal racional, o homem detém uma tendência fértil e edificante mas é tal-qualmente atravessado por uma força destruidora, uma espécie de inclinação passional ao *Thánatos* (deus da morte, ver *Teogonia* de Hesíodo, 1995) como salientaram autores como Hobbes (1909 [1651]), quando se referia à propensão humana para a guerra de todos contra todos caso não houvesse nada que o impedisse e, posteriormente, Freud (1996 [1920]; 2010 [1930-1936]), que resgatou das narrativas gregas a estória de *Thánatos* para elucidar alguns dos seus pontos de vista.

Com um coração de ferro e entranhas de bronze, *Thánatos*, nascido a 21 de agosto e conhecido como sendo a personificação da morte, era usualmente representado por um anjo, umas vezes cadavérico, velho e morto, vestido de preto e outras belo, jovem e vivo, com vestes brancas, cabelo e olhos prateados. A dualidade de *Thánatos* revezava-se no susto e no encantamento, no terror e na sedução com que brindava aqueles aos quais se mostrava. Uma coisa era, porém, constante: a força e a vontade inabaláveis com as quais conduzia as pessoas ao submundo.

Usualmente ocultando a sua face com um capuz, *Thánatos* (deus da morte) é o irmão gêmeo de *Hipnos* (deus do sono) e filho de *Érebo* (deus da escuridão) com *Nix* (deusa da noite)<sup>39</sup>. Como descrito por Hesíodo no seu livro *Teogonia* (1995), *Thánatos* encarregava-se de levar as almas a *Hades* (deus dos mortos e do submundo), indiferente às súplicas e aos gritos de desespero daqueles cujos dias estavam contados. Porém quando *Zeus* (rei dos deuses e deus do trovão) ordenou a *Thánatos* que matasse o rei Sísifo e o entregasse a *Hades*, este foi enganado e aprisionado. Estratégico, Sísifo não gritou nem implorou por sua vida, optando antes por elogiar *Thánatos*. Sob a premissa de enaltecer a beleza do deus, o rei Sísifo presenteou-o com um colar de diamantes que era na realidade uma coleira. Aprisionando *Thánatos*, o rei Sísifo tornou-se imortal já que não havia sido tocado pela morte. Pode ludibriar-se a pulsão, mas não se lhe pode resistir eternamente. Por esse motivo Sísifo, apesar de consciente dos riscos que corria (a fúria dos Deuses), tentou fugir à morte. Porém, assim como Sísifo, toda a humanidade se tornou imortal porque a morte estava aprisionada, o que provocou a fúria

---

<sup>39</sup> *Érebo* e *Nix* eram irmãos, filhos do deus grego primordial *Caos* que, por ser andrógino, gerou seus filhos por processo de mitose. Em algumas versões da teogonia grega *Thánatos* é identificado somente como filho de *Nix*, gerado por mitose.

de *Hades* que ocorreu a libertar *Thánatos*. Desta forma o rei Sísifo foi finalmente encaminhado para o mundo dos mortos.

Inspirado pelo simbolismo que envolve a mitologia de *Thánatos*, Freud desenvolveu os seus estudos explorando o conceito de *thánatos*, ligando-o ao impulso apresentado pelo homem para a destruição (Freud, 1996 [1920]; 2010 [1930-1936]). Segundo o autor (Freud, 1996 [1920]: 33), o *thánatos* constata-se quando se observa uma certa propensão compulsiva para a replicação daquilo que não produz prazer aos outros ou a um objeto que tal simbolize. Dessa forma o homem escorrega para um ciclo vicioso que se prende à replicação do ato, arrastando outras pessoas para o mesmo abismo (ao replicar o desprazer envolve mais alguém no mesmo desconforto, tal como *Sísifo* quando capturou *Thánatos* e fez todos ficarem impedidos de morrer<sup>40</sup>).

Atendendo aos seus comportamentos, visualiza-se que o lado racional e instintivo do ser humano, mas igualmente o seu carácter pulsional<sup>41</sup>, veja-se o exemplo de Sísifo quando aprisionou a morte para se livrar dela: se por um lado esta atitude demonstrou a formulação de pensamento no sentido de satisfazer uma demanda instintiva, que é garantir a vida, por outro lado mostrou a pulsão no sentido em que o comportamento de Sísifo demonstrou ser uma obsessão proveniente de um impulso não controlado como fica latente no momento em que o rei desce ao submundo e, mesmo consciente que tentar escapar só iria piorar a fúria dos deuses que já pairava sobre si, o faz. É precisamente sobre a vertente pulsional do ser humano que Freud, neurologista e psicanalista austríaco<sup>42</sup>, se debruçou ao longo dos seus estudos ao vislumbrar que, ao se libertarem as pulsões podem projetar o homem para estados de risco, de replicação de castrações e desprazeres, de explosão emocional, de histeria, de irracionalidade passional, de *thánatos* (Freud, 1996 [1920]; 2010 [1930-1936]). O autor acreditava que para evitar que estas acumulações (pulsões) degenerassem em manifestações descontroladas era necessário ir aliviando tensões cuja origem defendia estarem na experiência de vida individual e não tanto em respostas instintivas a situações.

Na visão dos neurologistas Donald Pfaff (neurobiologista da Universidade Rockefeller) e Jaak Panksepp (psicólogo, psicobiologista e neurocientista na Universidade Washington State e Professor Emérito na Universidade Bowling Green

---

<sup>40</sup> Certamente que não morrer pode parecer um benefício mas, se se pensar numa perspetiva de um doente terminal ou um ferido grave em agonia o facto de não morrer constitui um tormento.

<sup>41</sup> O ser humano é movido por pulsões, que são fortes impulsos interiores que direcionam o comportamento e se manifestam de forma inconsciente, como uma força crescente que projeta numa direção.

<sup>42</sup> Nascido em Freiberg in Mähren no período do Império Austríaco, atual Příbor, pertencente à República Checa.

State) o instinto humano é desencadeado por um estímulo<sup>43</sup> que iniciado se desenvolve de forma automática e cujo âmago seria a reação emocional do homem (Pfaff, 1982, Panksepp, 1998, 2010). Segundo estes autores o instinto é uma estrutura inata de comportamento, algo primário e próximo das origens (Pfaff, 1982, Panksepp, 1998). Do latim *instinctu*, Darwin (1859) sublinhava que este detinha uma base de ordem genética que imprimia no sujeito uma disposição intrínseca para a realização de sequências de ação concretas. Por sua vez Freud (1959 [1926]: 168) entende os instintos tanto numa base genética como defende Darwin (1859), quanto numa base de herança familiar, sendo capazes de desencadear pulsões (*trieb*).

Importa salientar que a expressão *trieb* foi erroneamente traduzida do alemão nas primeiras edições francesas dos livros de Freud assim como pelas traduções inglesas da Standard Edicion coordenada na altura por James Strachey, em que se lia *instinct* no lugar de *trieb*, tendo sido posteriormente corrigida para pulsão. Outros autores, como foi o caso do etólogo alemão Konrad Lorenz, recorreram a expressões alternativas para se referir ao comportamento instintivo, como por exemplo *erbkoordination* (“*coordenação herdada*”<sup>44</sup>) que se desenrolava de forma automática quando desencadeado após a receção de um estímulo, de modo a distinguir-lo do comportamento de apetência, direcionado no sentido de encontrar situações favoráveis à ação (Grabscheit, s/d.: 4).

Retomando o pensamento de Freud (1959 [1926]: 168), que recorre à palavra instinto para traduzir o conhecimento inato, como por exemplo quando a finalidade da prática sexual é a reprodução, o autor distingue-o de *trieb*, pulsão, considerando que esta deriva do adquirido através da experiência individual. Do francês *pulsion*, arcaísmo recuperado pela psicanálise, a pulsão é um “*conceito de fronteira entre o psíquico e o somático*” (Freud, 1982 [1915]: 85), oriundo do somático e alcançando o psíquico. Por outras palavras, é um impulso gerado de uma acumulação tensional. Conjuntura que se repercute psiquicamente com a finalidade de aliviar a tensão em excesso. Situado entre o cognitivo e o corporal, a pulsão é um ímpeto inconsciente que direciona o sujeito para a ação de modo a anular ou aliviar um estado de tensão conduzindo a um ato concreto visando relaxar, como por exemplo obter prazer através da prática sexual. Segundo os neurologistas Donald Pfaff (1982) e Juan Panksepp (1998), as pulsões são a forma que os instintos humanos adotam quando se desviam da sua trajetória considerada normal. Retomando o exemplo do ato sexual, a sua finalidade instintiva é a reprodução que visa

---

<sup>43</sup> Fator que provoca uma resposta fisiológica/comportamental num organismo (Homrich, 2013).

<sup>44</sup> Tradução da minha responsabilidade.

a continuação da espécie e a sua finalidade pulsional é a volúpia que objetiva um alívio de um estado tensional.

Regendo-se por instintos e pulsões, explorados pela sua capacidade de raciocínio, o ser humano opera no sentido do agrado das suas carências e vontades, sejam elas de que ordem forem. Muito mais do que um ser comunicacional, o homem é um animal pulsional. Um “bicho homem”, tal como Francisco Carvalho (2004) retrata no seu poema “*O bicho homem*”<sup>45</sup>:

Que bicho é o homem  
de onde ele veio  
para onde vai?  
Onde é que entra  
de onde é que sai?

Que raio lhe acende  
a chama da fúria?  
O que é que sobra  
da cesta básica  
de sua penúria?

Que bicho é o homem  
do que se enfeita?  
Que mão o ampara  
no chão de enigmas  
em que se deita?

Que bicho é o homem  
que mama no seio  
da reminiscência?  
E que embala a morte  
em seu devaneio?

Que bicho é esse  
que carrega o fardo  
de uma dor medonha?  
Que sucumbe ao charco  
mas ainda sonha?

Que bicho vagueia  
na treva hedionda?  
Que pantera esguia  
será mais veloz  
do que a própria sombra?

---

<sup>45</sup> Carvalho, F. (2004) “O bicho homem”, in *Memórias do espantinho*. Brasil: Fortaleza editora.

O homem que tece  
as malhas da lei.  
Que bicho é o homem  
que transforma em pêssegos  
as fezes do rei?

Que bicho é o homem  
que ama e desama  
que afaga e magoa?  
E que às vezes lembra  
um anjo em pessoa?

O homem que vai  
para a eternidade  
num saco de lixo.  
Que bicho é o homem  
de salário fixo?

Que bicho é o homem  
que trapaceia?  
Que às vezes pensa  
Que é mais brilhante  
do que a papa-ceia?

Que bicho é esse  
que escreve as vogais  
das cinzas do pai?  
— De onde ele veio  
e para onde vai?

Que bicho é o homem  
que se interroga?  
Léguas de volúpia  
sonhos e utopias  
tudo se evapora?

Que bicho é o homem  
de argila e colostro  
que lavra e semeia?  
Mas só colhe insônias  
em lavoura alheia?

Os rastros do homem  
no vento ou na água  
são rastros de fera.  
Mas que bicho é esse  
que se dilacera?

O homem suplica

os deuses concedem.  
Que bicho é o homem  
que sempre regressa  
às praias do Éden?

Que bicho é o homem  
que escreve poemas  
na aurora agônica  
e depois acende  
a fogueira atômica?

Que bicho te oferta  
um ramo de rimas  
e à sombra dos mortos  
semeia gemidos  
por sete Hiroximas?

Que bicho te espreita  
aos olhos dos becos  
onde os cães insones  
mastigam as sombras  
dos antigos donos?

Que bicho é o homem  
que rasteja e voa  
que se ergue e cai?  
— De onde ele veio  
e para onde vai?

Que bicho é o homem  
de onde ele veio  
e para onde vai?  
Onde é que entra  
de onde é que sai?

Poema de Francisco Carvalho (2004)

Este poema de Francisco Carvalho retrata a contradição humana que faz parte do homem, e dialeticamente o faz avançar num jogo de teses e antíteses. Regido por impulsos, o bicho homem demonstra-se capaz de cair no vício tanto da satisfação quanto no da manutenção do desprazer, assim como no da replicação da ação. O ser humano é difícil de domesticar e contentar pois varia entre um extremo e outro ao sabor do vento, das suas vontades, das suas futilidades, das suas pulsões interiores, das suas frustrações e do seu enquadramento sociocultural, mas também dos seus anseios, das suas utopias e das possibilidades de concretização que o fazem avançar.



### 2.3. CONTROLOS

Norbert Elias (1897-1990), sociólogo alemão que viveu durante um período histórico conturbado, a Alemanha nazi, esteve exilando-se em França e posteriormente no Reino Unido, por ser oriundo de uma família judaica. Elias passou a trabalhar na Universidade de Leicester em 1954, debruçando-se sobre temas como o poder, a emoção, o comportamento e a história. É autor de várias obras, de entre as quais se destaca *O processo civilizatório* (publicado em 1939) que permaneceu marginal até à sua tradução para a língua inglesa, e consequente republicação em 1969. Explorando as mudanças ocorridas nos costumes e na educação da Idade Média à Contemporânea, Elias baseou a sua pesquisa em livros de boas maneiras, literatura, documentos históricos e pinturas de três países: Alemanha, França e Reino Unido.

As transformações comportamentais e de educação registadas pelo sociólogo foram consideráveis. O sexo é um tema exemplar neste aspeto, o que se pode confirmar no excerto seguinte:

*“O sentimento de vergonha que cerca as relações sexuais humanas tem aumentado e mudado muito no processo de civilização. Isto se manifesta com especial clareza na dificuldade experimentada por adultos, nos estágios mais recentes de civilização, em falar com crianças sobre essas relações. Hoje, porém, esta dificuldade parece quase natural. Afigura-se (...) que é tarefa extremamente delicada e difícil esclarecer a meninas e meninos em crescimento o que está acontecendo com eles e o que acontece em volta. A extensão em que esta situação, muito longe de ser evidente por si mesma, constitui mais um resultado do processo civilizatório, só é entendida se observarmos o comportamento das pessoas em um estágio diferente de desenvolvimento”* (Elias, 1994: 169-170).

A manifesta repressão, inibição e modificação da conceção do sexo pelo indivíduo, visível nas palavras de N. Elias (1994: 169-170), reflete não só a mudança de perceção dos adultos como a sua repercussão na educação das crianças. É precisamente este o ponto central da preocupação de Elias: os infantes irão assimilar esta visão de



vergonha a respeito do sexo que os seus educadores lhes transmitem, e, uma vez crescidos e pais, replicarão esses mesmos ensinamentos aos seus filhos, modificando assim a concepção do sexo que deveria ser algo de natural para o ser humano.

De algo natural no homem as relações sexuais passaram a ser lidas como algo vergonhoso (Elias, 1994: 169-170). Pode-se ainda perceber que esta adulteração de mentalidades foi essencialmente orquestrada por meio da castração na comunicação. Se por um lado se preconizou uma inibição na abordagem do tema em sociedade, por outro lado criaram-se dificuldades na comunicação pais-filhos ou educadores-educandos relativamente à educação sexual dos jovens. Resultando em condicionamentos comportamentais, esta transformação foi, no pensamento de Elias (1994: 178), induzida como uma forma de controlo social e moral. Segundo o sociólogo, sentindo vergonha o ser humano castra-se: *“na sociedade aristocrática da corte, a vida sexual era por certo muito mais escondida do que na sociedade medieval (...) nada mais é do que essa orientação rumo à privacidade”* (Elias, 1994: 178). Social e psicologicamente construído, como é claro no excerto precedente, o sentimento de vergonha face à sexualidade humana conhece diferentes enquadramentos consoante o estrato social de pertença do indivíduo, atuando, porém, no mesmo propósito (Elias, 1994: 178-180). Essa orientação consiste na adaptação de tendências de comportamento estruturadas pela conjuntura criada entre os poderes vigentes e os acontecimentos do momento e que apenas podem ser compreendidas (as tendências) quando analisadas tendo em conta o contexto histórico em que ocorreram (Elias, 1994). Retomando o pensamento de Elias (1994), esse sentimento de vergonha incutido influencia o autocontrolo. Passando a ser sinónimo de educação e de civilidade, o comedimento simplificava a vida do homem em sociedade. Se este se comportasse de acordo com o esperado pela comunidade de pertença era considerado um indivíduo integrado, educado e civilizado (Elias, 1994). No entanto o ser humano tem necessidades, aspirações e vontades que deseja ver satisfeitas. Quando a realização do homem não colide com as regras da sociedade, obtém-se, segundo Elias (1994), um estado de equilíbrio e de civilização. No entanto, quando o ser humano não responde às demandas sociais, o oposto ocorre, e o conflito emerge.

O processo civilizador consiste no acatamento das regras sociais e atua em dois movimentos. Primeiro, por meio da coerção externa, com punições públicas, penalizações e criminalização de comportamentos considerados desajustados (Muchembled, 2014; Elias, 1994; Foucault, 1978 [1972]). Segundo, através da

estimulação da autocoerção, induzida pela educação e pela importância atribuída ao autodomínio (Muchembled, 2014; Elias, 1994; Foucault, 1978 [1972]). A replicação da repressão sistêmica induz a mudança comportamental (Muchembled, 2014; Elias, 1994; Foucault, 1978 [1972]), tarefa simplificada quando concretizada por meio da educação no momento em que o ser humano é ainda criança (Elias, 1994). Tendo como objetivo a padronização comportamental do homem estimula-se, além do comedimento, a identificação de desvios (Elias, 1994; Foucault, 1978 [1972]). Se, por um lado, este processo leva as pessoas cujos costumes são considerados conformes com os padrões sociais a sentir-se integradas, por outro lado gera correntes de segregação em relação aos que não se comportam consoante o esperado (Elias, 1994). Explicado de outra forma, o processo civilizacional visa controlar os instintos, aumentar a previsibilidade e a racionalização no homem através da inclusão de sentimentos e comportamentos que não eram naturais para si (Elias, 1994), como a repressão sexual e comunicacional para além do sentimento de vergonha, assim como por meio da replicação de regras de conduta até à sua interiorização, à sua aceitação ou a uma atitude conformista para com... No entanto, o processo civilizacional promove outrossim o acumular de energia, de carências, de pulsões (Elias, 1994) que, como se clarificou anteriormente, se formam quando os instintos não seguem o seu curso normal, mas igualmente quando existe um acumular tensional (Pfaff, 1982; Panksepp, 1998).

Tal como defende Rousseau (2002), ao longo do seu livro *Do contrato social*, o ser humano pode nascer livre, mas durante toda a sua vida encontra-se perante situações que lhe imprimem limitações. Questionando o porquê de uma vez sendo livre, o ser humano aceitar o condicionamento imposto pela sociedade, o filósofo suíço Jean-Jacques Rousseau, defendia que a ordem social havia sido estruturada por convénios, sendo o primeiro deles a necessidade de se viver em sociedade quando esta demonstrou ser o melhor caminho para a sobrevivência e prosperação da espécie (Rousseau, 2002). Como explorado anteriormente, a sociedade impõe regras de conduta, normas sociais, de modo a garantir o seu funcionamento e a passagem do sujeito do estado natural para o civil (Rousseau, 2002). Da sua liberdade natural o homem passa, segundo o autor, para uma liberdade civil que é delimitada pela sociedade visando o seu funcionamento (Rousseau, 2002). Como observava Durkheim (2004 [1893]), a sociedade de pertença controla e condiciona a liberdade do homem impondo-lhe normas. Esta questão é dependente da necessidade de resposta dos poderes vigentes face a um conflito de

massas e de interesses. As normas e regras sociais, ou de conduta visam controlar o comportamento individual a fim de sustentar o todo e o poder dominante, ou, por outras palavras, de modo a controlar o comportamento do conjunto de pessoas que fazem parte de determinada comunidade (Rosseau, 2002; Bobbio, 1997 [1984]; Elias, 1994; Aristóteles, 1985; Hobbes, 1909 [1651]).

Com escolhas constrangidas em termos de expressão individual, o sujeito é incentivado a seguir as diretrizes sociais da sua comunidade desde a nascença até à morte, que tal como já referido, visam garantir a ordem social e o poder dominante por meio do controlo e padronização comportamental dos seus membros (Rousseau, 2002; Elias, 1994; Bobbio, 1997 [1984]). Desde as expectativas familiares, à necessidade de se sustentar a si e à eventual prole, ao impulso sexual biológico ou lúbrico, passando pelo padrão estrutural da sociedade em que se nasce até aos próprios limites físicos e psicológicos, tudo são motores que se orquestram enquanto infligidores de tensão no ser humano (Freud, 1996, [1905]; 1996 [1920]).

Condicionando estas normas a conduta do indivíduo, por serem um guia do comportamento considerado adequado aos olhos da sociedade envolvente, é expectável uma atitude de coerência para com as ditas regras sociais (Muchembled, 2014: 43-44). Porém a tal o homem não é obrigado, podendo ser divergente. Mas a divergência é com frequência indesejável aos olhos da comunidade e dos poderes vigentes pois, tal como Hobbes (1909 [1651]) afirmava, pode quebrar o equilíbrio da sociedade, levar a revoltas, causar ruturas no sistema ou, em última instância, conduzir à guerra. No entanto, nem sempre é necessário ir contra ou não cumprir o padrão comportamental espectável da comunidade para se ser marginalizado. Ao sentirem-se integrados, parte de um todo, a massa de pessoas vigia e julga a conduta dos outros de acordo com o que considera ser o correto (Hobbes, 1909 [1651]; Muchembled, 2014: 43-44). Porém existe a hipótese da população, no seu exercício de vigilância, julgar equivocadamente o comportamento dos outros por entender ser desadequado, mesmo que não o seja, o que aporta a possibilidade do descontrolo coletivo (Hobbes, 1909 [1651]; Muchembled, 2014: 43-44). Este é um dos motivos que Hobbes aporta para a defesa da necessidade de um governo forte (1909 [1651]): ter poder suficiente para combater um possível descontrolo das massas.

O Massacre de Lisboa, descrito por Damião de Goes<sup>46</sup> no seu livro *Chronica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manoel*, é um exemplo histórico do efeito do descontrolo e suas consequências. A 19 de abril de 1506, um domingo, rezava-se no Convento de São Domingos em Lisboa. Em pleno período de fome, seca e peste, os fiéis pediam ajuda divina para colmatar tal maleita. Acreditando ter visto o rosto de Cristo iluminado, sinal de graça divina, um dos fiéis bradou o acontecimento que os restantes aceitaram e celebraram. Porém um dos presentes, um cristão-novo de origem judaica, contestou o milagre ao alegar tratar-se de uma ilusão de ótica criada por um reflexo de luz. Seguiu-se uma multidão em fúria. O cristão-novo foi espancado até à morte e os judeus, que sempre tinham sido olhados com desconfiança, foram considerados culpados da seca, da fome e da peste que assolavam o país. O massacre começou: durante três dias centenas de judeus foram torturados e assassinados, homens, mulheres e crianças. As autoridades locais não conseguiam conter as pessoas e só com a chegada das tropas reais a Lisboa é que o massacre culminou (Goes, 1749).

Como se pode analisar, um dos poderes vigentes na imposição das regras de conduta sociais é a religião. O cristão-novo que ousou afirmar que o milagre era apenas uma ilusão foi considerado um herege pelos demais, que acorreram a pôr cobro à infâmia. No caso de Portugal, o pensamento cristão é dominante, de tal forma que, durante o reinado de D. Manuel I, os judeus e os muçulmanos foram forçados à conversão, com o objetivo de homogeneizar a prática religiosa (Goes, 1749).

No pensamento cristão, predominante em Portugal, a tolerância pelo diferente era questionável. Frequentemente considerados hereges, aqueles que não seguiam ou que contestavam o pensamento cristão eram punidos, como se viu no relato do Massacre de Lisboa (Goes, 1749). A intenção era o controlo da população por meio do pressuposto de a salvar do pecado ao qual as pessoas tinham tendência. A repressão fazia-se justificar com o não deixar cair o homem em tentação já que tinha predisposição ao pecado, medo da morte e do castigo.

De certa forma autores como Freud (1996, [1905]; 1996 [1920]) ou Hobbes (1909 [1651]) concordavam com esta premissa cristã da propensão ao pecado, porém em moldes diferentes. O neurologista e psicanalista austríaco Sigmund Freud defendia a ideia de que o ser humano é polimorficamente perverso (Freud, 1996, [1905]; 1996 [1920]). A sustentação da premissa é feita por meio da elevada variedade de formas

---

<sup>46</sup> Atualmente conhecido como Damião de Góis e o seu livro intitulado *Crónica de D. Manuel I* devido às alterações de grafia.

como o indivíduo pode experimentar prazer, assim como a multiplicidade de zonas erógenas passíveis de explorar no corpo e dos diferentes objetos aos quais pode recorrer para obter prazer (1996, [1905]; 1996 [1920]). Freud insistia que a procura do prazer não necessitava de culminar necessariamente na prática sexual, já que o homem nascia com a capacidade de se deleitar de várias maneiras. A questão era que, ao longo da vida, o indivíduo, integrado na sociedade de pertença, assimilava as regras de conduta da mesma condicionando as oportunidades e os modos de conseguir prazer, mantendo apenas os socialmente aceites (Freud, 1996, [1905]). Ao longo do tempo Freud constatou que esta castração era uma das justificações (a outra era a violência reprimida) do acumular tensional e frustracional nas pessoas, que, mal gerido, criava pulsões que podiam terminar em descargas de energia (Freud, 1996, [1905]), ou, por outras palavras, na exteriorização emocional excessiva (como a histeria). A par do condicionamento sexual estava a repressão da violência no homem, que era a outra causa que Freud (2010 [1930-1936]) encontrava para o acumular tensional, uma vez que gerava frustrações e vontades de realização compulsivas. Considerando-os naturais no ser humano o psicanalista defendia que a sexualidade e a agressividade contidas originavam pulsões que necessitavam ser satisfeitas (Freud, 2010 [1930-1936]). Ao não o serem gerava-se mal-estar, frustração, cujo grau derivava da capacidade individual de suportar a castração pulsional o que, como já mencionado, gerava descargas de energia descontroladas (Freud, 2010 [1930-1936]).

Avançando até à atualidade constata-se a ocorrência de mudanças, muitas delas derivadas das possibilidades deixadas em aberto ou criadas com o desenvolvimento tecnológico, permitindo tanto a expressão da individualidade quanto vislumbrar o que as outras pessoas exteriorizam. Porém algo não diverge: as estratégias de domesticação do homem através de regras impostas pela sociedade e poderes vigentes, assim como a tendência ao ostracismo daqueles que não se comportam segundo o padrão social ou que de tal se suspeite. Muitos casos de *cyberbullying* e de *cyberstalking* são exemplo disso. Antes expunham-se as pessoas em praça pública, hodiernamente continuam a expor-se, mas na praça pública virtual.

#### **2.4. CONTROLO E DESCONTROLO**

No seu livro “*A história da loucura na Idade Clássica*” (1978 [1972]), o filósofo francês Michel Foucault descreveu várias situações acerca da forma como os

poderes vigentes lidaram com aqueles que eram considerados indigentes ou não integrados na sociedade. Uma das passagens descreve uma decisão do parlamento francês para fazer face ao crescendo de pessoas desocupadas na cidade de Paris:

*“Decide-se absorver pela força os desempregados que não retomaram [o] seu lugar na sociedade. Uma decisão do parlamento datada de 1606 decide que os mendigos de Paris serão chicoteados em praça pública, marcados nos ombros (...) e expulsos da cidade. Para impedi-los de voltar, um ordenamento de 1607 estabelece nas portas da muralha da cidade companhias de arqueiros que devem impedir entrada a todos os indigentes” (Foucault, 1978 [1972]).*

Como se pode depreender, Foucault relatava a coerção que o poder político e religioso impunha à população como forma de controlo das massas. O autor reflete ainda sobre os confrontos entre as autoridades políticas e as autoridades religiosas no que respeita à tomada de medidas face aos que não se comportavam em conformidade com o desejado (Foucault, 1978 [1972]), como era o caso dos desempregados que mendigavam (prática que fora proibida na época). Como salienta Robert Muchembled no seu livro *Uma história da violência* (2014),

*“A domesticação (...) encontra-se poderosamente moldada e orientada pelas forças de coesão dominantes para produzir um modelo de sujeito vulgar que nunca põe em causa os valores ou as normas da sua comunidade” (Muchembled, 2014: 34).*

Esta domesticação que Foucault (1978 [1972]) expõe e que Muchembled (2014) teoriza, visava explorar o lado conformista das pessoas. Mas o advento das novas tecnologias de informação e comunicação abriu portas a novas realidades para o homem. Se por um lado possibilitou ao ser humano expressar a sua individualidade, diminuir e dar vazão ao acumular tensional sem os constrangimentos que encontrava no face-a-face, como será explorado no capítulo seguinte, e por outro, é também o ambiente ideal para se controlar o outro. Refere Muchembled (2014: 44) que *“cada um é vigiado de perto pelos seus concidadãos e é desvalorizado aos olhos de todos se não*

*age como deveria*”. Tal acontece quando se é vítima de *cyberbullying*. É-se muitas vezes visto pela imagem que outros reproduzem e julgado por ela pois “*a lei da vergonha rege este universo em que o olhar do outro tem muita mais importância do que o olhar sobre si-mesmo*” (Muchembled, 2014: 44). Passa-se de um tempo que Muchembled (2014: 79) caracterizou como pautado por uma atitude societal de certa tolerância com a violência exercida de acordo com certos preceitos, como por exemplo manifestação da virilidade masculina, para uma realidade em que se impõe a sociedade civilizada, customizada no pacifismo como diria Elias (1974), onde se reprimem os comportamentos entendidos como desadequados à sociedade de pertença e onde a opinião dos outros é valorizada, por vezes em demasia. Assiste-se à criação e manutenção de máscaras (Martins, 2011) pretendendo-se que a capacidade racional do homem contenha o instintivo e o emocional. Porém, como defende Muchembled acerca da violência, “*vai um pequeno passo da catarse lúdica ao ato homicida*” (2014: 72) e este pensamento pode ser uma chave para explicar um facto preocupante: tem-se assistido ao decréscimo das manifestações de violência desde a Idade Média até aos dias atuais, no entanto contabiliza-se um crescendo de atrocidades nos últimos anos que permitem questionar se não estamos a observar o início de uma inversão desta realidade. Conforme Muchembled (2014: 410) reflete, referindo-se-lhe como “*esta situação resulta[n]te do desenvolvimento, geração após geração, de um vigoroso processo de gestão da agressividade (...) [ajuda a] modelar as relações humanas nos espaços abertos muito frequentados*”. Porém, entre pulsões, controlos e avanços tecnológicos comunicar nunca fez tanto sentido, porque tal como defende Bateson, para além de ser uma necessidade do ser humano, não se pode não comunicar (Bateson, 1972). A comunicação é igualmente expressão das pulsões, das frustrações, das necessidades, das manifestações artísticas e um escape emocional do homem. Através da comunicação se deslindam paixões, tensões, dotes e capacidades. Servindo, da mesma forma, como veículo para satisfazer e manifestar virtudes, assim como para extravasar a agressividade e a violência condicionadas por regras de conduta sociais. Ou para as deixar fluir, como no caso do *cyberbullying* e do *cyberstalking*. Recuperando o pensamento de Hobbes (1909 [1651]), quando o ser humano se apercebe de que pode fazer tudo, o risco de se gerar uma guerra de todos contra todos é elevado, afinal, tal como defende Freud (1996 [1920]; 1996 [1905]; 1982 [1915]; 1959 [1926]), o homem tende ao *thánatos*, ao impulso destruidor. Veja-se o caso das pulsões e da consequente

frustração que advém da impossibilidade de as colmatar que frequentemente resultam em extravasamentos violentos e descontrolados. Fenómenos como o *cyberbullying* e o *cyberstalking* são, em muitos casos, gerados pela replicação na rede da sensação de se poder fazer tudo que Hobbes temia (Hobbes, 1909 [1651]), aliado à inclinação para o *thánatos* e extravasamento das pulsões estudados por Freud (1996 [1920]; 1996 [1905]; 1982 [1915]; 1959 [1926]), assim como à manipulação do processo comunicativo que Bateson explorou (1972).

É, pois, com o advento das tecnologias de informação e comunicação em massa, especialmente a Internet, que se abre um novo canal pelos paradigmas civilizacionais.

No próximo capítulo disserta-se acerca das possibilidades e modificações que a Internet significou na vida do ser humano. Aborda-se o tema da cibercultura e da comunicação em massa elucidando sobre as vantagens da rede e os dilemas que emanam da sua utilização.





### **CAPÍTULO 3: COMUNICAÇÃO E CIBERCULTURA: DO SONHO AO TERROR**

“A Internet é uma das raras criações dos seres humanos que eles não compreendem verdadeiramente” (Schmidt e Cohen, 2013: 13).

O presente capítulo versa sobre o desenvolvimento da Internet enquanto rede mundial de comunicação e tecnologia que visa servir o ser humano. Aborda-se o advento da cibercultura, prós e contras, destacando-se o *cyberbullying* e o *cyberstalking* como resultantes das possibilidades conjunturais deste tempo de utopias e distopias.

#### **3.1. A INTERNET**

No auge da década de 60 do século XX nos Estados Unidos da América (EUA) dava-se vida a uma utopia. Tudo começou com a necessidade de, em caso de conflito armado, poder trabalhar em rede mesmo que vários ou todos os computadores de um departamento fossem destruídos. A solução? A Internet. Criada em plena guerra fria, visava satisfazer as necessidades estratégicas do exército que passavam pela garantia do funcionamento da rede de comunicação mesmo em caso de falha de um ou de múltiplos pontos de acesso sendo que o seu surgimento derivou de uma necessidade de defesa em caso de conflito armado.

Desenvolvida pela ARPA (Agência de Projetos de Pesquisa Avançada), a Internet possibilitava que os dados presentes nos computadores circulassem, adviesse o que adviesse (Guerreschi, 2009), permitindo a manutenção da estabilidade da rede comunicativa mundial independentemente das hipotéticas falhas nos computadores ligados em rede, salvaguardando os dados, coisa que antes era uma quimera. Tal suscitou o interesse das universidades que, estimuladas e conscientes das possibilidades que a Internet poderia proporcionar, criaram departamentos específicos no intuito de procederem ao seu desenvolvimento (da Internet) o que ajudou a que esta se estendesse rapidamente a todo mundo.

O que havia então sido criado como privado, dado ser uma tecnologia do exército, tornou-se público na medida em que atualmente qualquer um a pode utilizar. Tal como Schmidt e Cohen (2013: 13) argumentam, desenvolvida com o fim de fazer circular a informação, a Internet converteu-se “*num escoadouro onnipresente e infinitamente multifacetado da expressão da energia humana*”, que encontra aqui um espaço de comunicação e informação por excelência, possibilitando a sua utilização enquanto recurso, meio e técnica. Sendo a Internet algo que serve o humano e da qual ele se serve, é em primeiro lugar um recurso. Caracteriza-se igualmente por ser um meio na medida em que é um objeto que o indivíduo utiliza de modo a exteriorizar as suas intenções e necessidades, e é uma técnica no sentido de ser efetivamente um artefacto tecnológico criado e desenvolvido para servir o homem. A Internet é uma tecnologia, tal como o é o telefone, a televisão ou a rádio, constituindo-se como veículo que serve a expressão humana ao possibilitar que o sujeito se manifeste comunicando, informando, desenvolvendo, perseguindo, descobrindo, espiando, ensinando e explorando as possibilidades em aberto patrocinadas por esta rede mundial de comunicação.

Encontra-se aqui justificada a ponderação deixada em aberto no capítulo anterior, que versava sobre a ideia de a comunicação ser uma forma de exprimir o que vai no interior humano, podendo apresentar-se a Internet como um meio de escape para tal. Um meio de escape para a violência, para a agressividade assim como para a virilidade, que devidamente canalizadas podem transformar-se em energia criativa. Contudo a própria sociedade cria estímulos que favorecem a violência (tudo o que é excessivamente reprimido funciona como uma bomba-relógio) que encontra aqui (Internet) condições para se expressar, contrariando os esforços erigidos para contrariar, conter e reprimir o manifestar emocional e pulsional do homem.

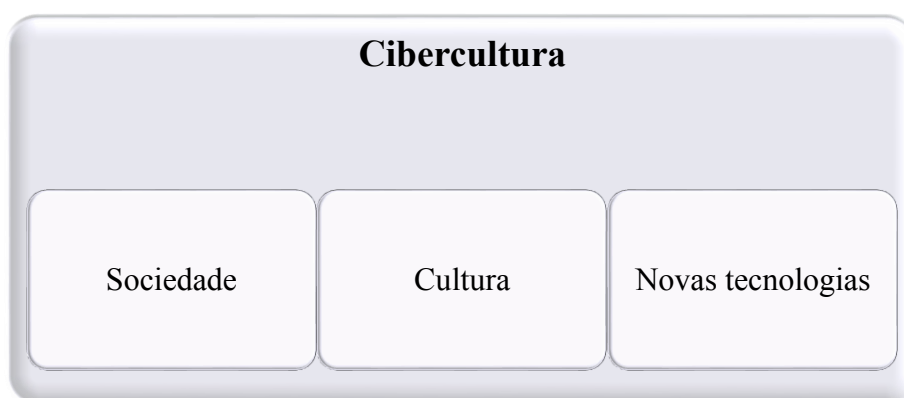
Retomando a pergunta, que portas abre, pois, a cibercultura?

### 3.2. CIBERCULTURA

Operando enquanto veículo de satisfação das necessidades (e vontades) comunicacionais do ser humano a cultura projetou-se na Internet, onde se espelharam tal-qualmente os fenómenos existentes nas sociedades, só que adaptados às novas possibilidades do meio. Foi com a terminologia *cyber* que se equacionou, segundo Lemos (2003: 2), distinguir a cultura atual (pautada pelas novas tecnologias como artefacto predominante) da anterior.

É neste contexto em que os fusos horários e a distância geográfica definham na sua qualidade de entraves à comunicação que emerge a cibercultura. Entendendo-se (a cibercultura) como a forma sociocultural resultante da tríade sociedade, cultura e novas tecnologias (ver imagem 2), ela propicia, tal como Lemos (2003: 1) sugere, a sensação de habitar numa aldeia global e um “*status nascendi que contamina, de muitas maneiras, a vida quotidiana das nossas sociedades*” (Maffesoli; Martins, 2011: 41).

**Imagem 2: Cibercultura**



Créditos: Pinheiro, 2015

A cibercultura constitui “*um real*” que não corresponde, de todo, à nossa percepção tradicional de realidade (Maffesoli; Martins, 2011: 41) uma vez que é, segundo Michel Maffesoli e Moisés Martins, “*um espaço euclidiano, (...) desterritorializado*” (2011: 42). É, pois, conveniente salientar que a cibercultura não é uma consequência direta do desenvolvimento tecnológico, mas uma mistura deste com as mudanças sociais ocorridas ao longo do passado século XX (Lemos, 2003:2).

Sendo forte o estreitamento da relação do homem com as novas tecnologias, cabe inclusive questionar até que ponto estas não se terão convertido numa extensão dele mesmo.

Tal como afirmava McLuhan na sua obra “*A galáxia de Gutenberg*” (1977 [1962]) e “*Os meios de comunicação como extensão do homem*” (1969), as tecnologias transformaram as formas e os processos da mente e do conhecimento humanos. Recriam o homem porque este se acostuma ao modo de viver que a utilização da tecnologia proporciona. Esta adaptação significa, no pensamento de McLuhan (1977 [1962]), modificações cognitivas, funcionais e sociais nos indivíduos de acordo com a estruturação do seu *modus vivendi*<sup>47</sup> em função das possibilidades que as tecnologias lhes facultaram. Considerado um guru da comunicação por ter estudado o impacto das novas tecnologias na sociedade e os seus consequentes efeitos na comunicação, McLuhan foi igualmente criticado ao ser julgado como reducionista e superficial por se sustentar na premissa do determinismo tecnológico ou, por outras palavras, por afirmar que a principal alavanca do desenvolvimento estrutural, social e cultural é a tecnologia (Barbosa, 2012).

Começando por demarcar as modificações surgidas na transmissão do conhecimento após Johannes Gutenberg ter aperfeiçoado a tipografia<sup>48</sup> no século XV, também conhecida como imprensa por tipos móveis, McLuhan defendia que este acontecimento tinha constituído uma mudança comunicacional (1977 [1962]). Da transmissão oral da história passara-se para o início da massificação da escrita enquanto forma de registo e divulgação do conhecimento, mas igualmente enquanto meio de comunicação. Apesar de reducionista no que respeita à ausência de diversidade nas formas de transmissão do conhecimento, este acontecimento possibilitou uma evolução na comunicação (McLuhan, 1977 [1962]).

Toda a comunicação, excetuando o registo oral, passava pelo recurso à tipografia (aperfeiçoada por Gutenberg), pelo que McLuhan encontrou no termo galáxia a metáfora que considerou adequada à explicação deste enquadramento. Assim, a comunicação permaneceu centralizada no registo escrito até ao surgimento da televisão que representou o fim da galáxia de Gutenberg ao significar uma diversificação das tecnologias de que o homem se podia servir para comunicar (McLuhan, 1977 [1962]).

---

<sup>47</sup> Modo de viver.

<sup>48</sup> O inventor da prensa móvel foi o chinês Bi Sheng, no ano 1040, ver: <https://www.epochtimes.com.br/bisheng-inventor-imprensa-tipo-movel/#.VceSTyZViko>, junho 2015.

A partir deste momento a modificação dos meios pelos quais a comunicação e o conhecimento circulam altera a forma de perceber o mundo. O registo audiovisual aliado à transmissão em direto facultado pela televisão é o início da sensação de se viver numa aldeia global pois incute uma impressão de proximidade (McLuhan, 1977 [1962]).

No entanto McLuhan deixa um alerta acerca desta tecnologia. Para ele a televisão cria um impacto mental imediato pelo que a sua influência se exerce mais pela forma como transmite a informação do que pelo conteúdo informacional em si (McLuhan, 1969; 1977 [1962]). Por outras palavras, a questão passaria pela pelas características do meio em si, e não tanto pelo conteúdo comunicacional ou informacional que o meio transmitiria (McLuhan, 1969; 1977 [1962]). Validando esta premissa, McLuhan argumenta que as tecnologias valem pelo uso que se lhes dá, e não por serem boas ou más (McLuhan, 1969: 26-28). O bom e o mau dependeriam diretamente da perceção do homem sobre o efeito do recurso à tecnologia. Recuperando o pensamento do filósofo francês Henry Bergson que defendia que os órgãos são os instrumentos naturais do homem, pelo que as ferramentas criadas pela humanidade constituíam o prolongamento artificial do corpo humano (Bergson, 1984 [1932]), McLuhan desenvolveu em *“Os meios de comunicação como extensão do homem”* (1969) esta visão. Dessa forma os meios seriam extensões do indivíduo, prolongamentos de si mesmo, pelo que diferentes meios provocam diferentes efeitos nos usuários. Veja-se por exemplo o caso dos óculos *Google (Google Glass)* que permitem, além de satisfazer as necessidades visuais do utilizador, aceder à Internet por meio de comando de voz. Observa-se assim uma espécie de continuação protésica que anseia responder ao sonho da superação do entrave físico imposto pelas tradicionais barreiras espaço-temporais que limitavam o ser humano.

Retomando o pensamento anterior, a cibercultura apresenta-se como um espaço tanto de consensos quanto de contrassensos. Constituindo-se como um real que, citando Moisés Martins, *“reorganiza a nossa experiência em torno da subjectividade e emotividade, dando-lhe uma feição retórica e libidinal: hoje consumimo-nos em emoção, sensação e sedução”* (Martins, 2012: 56). A cibercultura estimula explorando o íntimo do homem, alterando a expressão da sua individualidade, levando-o a explorar opções e possibilidades nunca antes equacionáveis (ou as que se cuidavam tão-somente quiméricas). Apenas porque ministrou essa viabilidade permitindo alterar a forma, o

como e o quando o sujeito comunica assim como a informação que procura e a que absorve. Dito de outra forma, os desejos e os anseios imprimidos e projetados pelo cruzamento do eu interior com a influência gestáltica da cibercultura, entranha-se enraíza e torna-se parte do ser. Constituindo-se como a cultura atual, já dela não se pode alhear o indivíduo.

A cibercultura ativa os sentidos. Estimula a mente que faz vibrar o corpo consoante os estados emocionais induzidos, construídos e criados. Estes traços recombinantes que a caracterizam de forma tão singular são os genes da forma cultural ímpar em que se outorgou a cibercultura.

### 3.3. VOZES INSURGENTES E VOZES CONVERGENTES

Tal como defende Lévy no seu livro *Cibercultura* (2000: 26), a técnica modela a sociedade ao ponto de se converter num dado adquirido, numa prática corrente. Entranha-se de tal maneira que chega ao ponto de se estranhar a sua não incidência, a não utilização. Mesmo assim as vozes da sociedade dividem-se: enquanto uns convergem com a Internet exaltando as suas potencialidades e saudando-a como se do “Salvador” se tratasse, outros insurgem-se apelidando-a de “*Thánatos*”, a pulsão da morte que no impulso se direciona, faticamente, para a destruição.

A Internet é como uma viagem que permite ao homem deixar-se ir, desligar-se da sua realidade terrena (como, onde e quando o desejar) e conectar-se com novas e pulsantes envolvências, mergulhando na cadência fluida do momento, dos pensamentos, dos subterfúgios e eventualidades que o assaltam. A experiência da Internet é um mar de possibilidades em fluência constante, calmo e turbulento. É o velejar num mar de prata, num mar de tormentos, num mar mítico, num mar quimérico, num mar utópico, num mar distópico, num mar platónico, num mar de ilusões e num mar de sensações que espicaçam os sentidos e as dimensões do ser em sociedade ao mesmo tempo que se é um ser individual.

A expressão “navegar na Internet” é assim repleta de significado e permite um raciocínio curioso: não elucida sobre se a Internet é o barco ou se o “*oceano em que importa navegar*” (Maffesoli; Martins, 2011: 44). Até porque as viagens são um meio e um fim em si mesmas, comportando a iminência do sobressalto. E é isso que as torna fascinantes, embriagantes e viciantes, fazendo a Internet fluir a bel-prazer da emoção e intenção humanas. Porém, nem tudo é linear ao ponto de ser bom, mau ou mesmo neutro. Afinal as viagens são, antes de mais, experiências: com todas as singularidades e vicissitudes que as mesmas podem implicar.

Durante os tempos foi incutida à sociedade a noção de bem e de mal, representando ambos uma divisão: o bom é o bom e o mau é o mau. Simples. Os contos de fadas infantis retratavam esta realidade com histórias sobre bruxas más que maltratavam princesas inocentes que mais tarde eram salvas por príncipes perfeitos, triunfando o bem sobre o mal. Mais tarde o recalçamento provocado por esta divisão prosseguia por meio dos moralismos clamados pelas religiões que distinguiram o bem do mal e massacravam com suas regras questionáveis acerca do que pesava na sua valência



(se fé ou interesses, se controlar o homem ou manipulá-lo mantendo-o na ignorância). Induzindo a premissa do bem como estado desejável e do mal como indesejável, a Igreja explorou a confissão, tanto dos próprios pecados (condutas indesejáveis que aproximavam o homem do mal e do Diabo) quanto dos pecados dos outros (se os outros pensavam que alguém se encontrava em estado de pecado devia denunciar de modo a que a Igreja pudesse reconduzir a ovelha tresmalhada de volta ao rebanho) exaltando a vigilância e o controlo social<sup>49</sup>. Igualmente o Estado recorre ao mesmo esquema de controlo, bem e mal, justiça e julgamento dos atos dissonantes: os que se comportem em desacordo das regras são considerados réus. Também Hollywood a grande potência cinematográfica ocidental não poderia ficar de parte. São muitos os filmes que exploram esta dicotomia e que primam por usualmente serem sucessos de bilheteira. O ser humano vibra com esta divisão enraizada.

Porém, tal como Lévy argumenta, “*uma técnica não é boa nem má (isso depende dos contextos, dos usos e dos pontos de vista), nem neutra (...)*” (2000: 27). É precisamente sob este discurso que é possível ressaltar que não é preferível pensar a técnica, a Internet neste caso em concreto, como boa ou má. Mais, nem sequer se equaciona como neutra, já que ela é conducente da intencionalidade e das possibilidades criadas e projetadas pelo homem, ser de natureza volátil e não uniforme, como explora o filme *Maleficent* (Maléfica) estreado em junho de 2014. Retratando o conto da Bela Adormecida por uma outra perspetiva, o filme rompe estratificações mentais ao expor que quem é do mal pode já ter sido do bem e vice-versa.

Estas divisões bem/mal que têm sido vendidas como constantes na realidade não são lineares, uma vez que o ser humano é influenciado por contextos, emoções e jogos de poder. Bem se sabe que a Internet não sente emoções, mas as pessoas que a utilizam sentem, manipulam e influenciam. Sobre a neutralidade da Internet a questão é utópica. A Internet é condicionada pela utilização que o homem faz dela e, ao mesmo tempo, condicionante de ação devido a esse mesmo uso. O que é condicionado e replica esse mesmo condicionamento não é neutro porque recebe e transmite, induz e influencia.

Retomando o ponto de partida deste exercício reflexivo, cabe então ressaltar que a adoção de posturas extremistas acerca da Internet (como salvação ou como perdição da humanidade) não é de todo saudável ou preferível, sendo indesejável. Os meios não são bons nem maus, são meios. E a Internet é um meio. Fluindo ao “*ritmo da vida*” a

---

<sup>49</sup> Recorde-se o livro *Vigiar e Punir* (1975) escrito por Foucault, especialmente a parte em que o autor explora a teoria do panóptico em que as pessoas estão ilusoriamente livres pois se vigiam constantemente umas às outras.

Internet “*vive de impulsos*” (Maffesoli; Martins, 2011: 42), sendo, por isso, na forma como as pessoas a utilizam que a investigação se deve focar<sup>50</sup> .

---

<sup>50</sup> A forma de utilização da Internet espelha o comportamento das pessoas.

### 3.4. SONHO OU PESADELO?

Como é do conhecimento geral a Internet permite comunicar em massa, diluindo-se a barreira emissor-recetor e passando-se para a circularidade. Aqui o recetor é também emissor e vice-versa. A nossa cultura, ou por outras palavras, a cibercultura tal o permite. É o que Henry Jenkins (2006) designa por cultura participativa, na qual as pessoas têm oportunidade de seleccionar os bens culturais que mais lhes agradem para conhecer e dar a conhecer. Vão-se juntando assim pedaços de conhecimento, partilhando informação e criando o que se designa como inteligência coletiva<sup>51</sup>. Um fórum ou um grupo *online* são espaços privilegiados onde a inteligência coletiva é criada e desenvolvida. Cada um junta mais um fragmento de informação e pouco a pouco vai-se formando um todo de conhecimento.

Tudo isto é cultura, partilha e saber. Não existem aparentemente barreiras nem limites no processo de produção de inteligência coletiva nem de cibercultura, que é tudo isto. É precisamente a isto que Jenkins (2006) e Castells (1999) se referem nas suas obras. Segundo Castells (1999) a inteligência coletiva implica o custo de utilização da Internet. Apesar de atualmente ser bastante simples preencher este requisito, segundo Lévy (2000: 31) tal não se equaciona desse modo. Crítico, Lévy defende que a inteligência coletiva a que Castells diz ter acesso quem estiver ligado em rede, não é forçosamente um dado adquirido. Pode-se, segundo o autor (Lévy, 2000: 31), utilizar a Internet e não se contribuir para a inteligência coletiva nem se aceder a ela.

Com um acesso mais ou menos limitado cada utilizador poderá recorrer à Internet da forma como mais lhe convier e pretender. Assim sendo, constata-se que a criação, manutenção e acesso à inteligência coletiva se encontra proporcionalmente relacionado com a forma como se exploram as possibilidades criadas com a Internet, pelo que, mesmo estando em concordância com o requisito referido por Castells (vulgo estar ligado à Internet), pode não se estar a ter acesso ao produto da inteligência coletiva mas, ao da “*idiotice coletiva*” (Lévy, 2000: 31) porque os conteúdos acedidos são da responsabilidade do utilizador, assim como os que ele partilha.

A cibercultura veio dar resposta à necessidade de estar aqui e comunicar com alguém do outro lado do mundo, mas tal não implica forçosamente o aumento da

---

<sup>51</sup> Segundo Lévy (2007), a inteligência coletiva é o resultado do contributo individual de todos no sentido do conhecimento. Por outras palavras, o autor defende que cada um sabe um pouco sobre algo e que, se todos trabalharem em grupo partilhando o conhecimento individual, as lacunas individuais suprimem-se na medida em que o que um não sabe outro irá saber e assim se poderá aceder ao conhecimento total.

inteligência coletiva uma vez que se podem espelhar comportamentos de outra índole: os da “*idiotice coletiva*” (Lèvy: 2000: 31) que espelha o comportamento do utilizador mediano que graças à massificação da tecnologia e da *wireless*<sup>52</sup> passou a ter acesso à Internet (e que em outro qualquer contexto não teria). É um facto que a existência da Internet não elimina analfabetos, nem os que ignoram os modos de lhe aceder, pelo que há necessidade de criar os mecanismos a jusante que permitam o ingresso no que Castells (1999) defende como inteligência coletiva, uma vez que o acesso a essa mesma inteligência coletiva se dá apenas para os indivíduos informados, instruídos e que avancem nessa direção (mesmo informados e cultos o livre arbítrio é um facto).

A Internet é, efetivamente, a ferramenta que mais se utiliza para comunicar, permitindo fazê-lo em tempo real, diluindo a sensação da distância geográfica. Além disso ajudou a disseminar o conhecimento de forma generalizada. O que se faz com ele é uma outra questão. Certo é que a Internet além de contribuir para a mudança na forma de ver e estar no mundo, também ajudou a criar expectativas relativamente ao seu próprio potencial. Cabe pois ao homem decidir com que tipo de conteúdos se quer envolver, e quais quer partilhar ou desenvolver. Este tipo de ação tem vantagens e desvantagens: desde a inibição do ato de refletir ponderadamente sobre um assunto a potencializar a prática do comentário na emoção do momento. A grande vantagem é precisamente a de qualquer um (especialmente desde o surgimento da Web 2.0) poder fazê-lo, desde que ligado em rede (Lemos, 2003).

A *Web 2.0*, que surgiu acompanhando a evolução tecnológica, mais concretamente a união do *socialsoftware* com o artefacto sociotécnico (Pérez e Galiano, 2009), veio tornar a Internet acessível ao utilizador comum, podendo este criar conteúdos e comunicar massivamente sem necessidade de formação prévia. Tal facto levou à ampliação do número de utilizadores comuns, pelo que a linguagem utilizada neste meio se adaptou às necessidades do mercado, por assim dizer. Pode-se então perceber que existe uma linguagem própria ligada à Internet que, para quem está de fora, se pode revelar complicada de entender, uma vez que reproduz as relações que os cibernautas mantêm entre si, que espelha também o próprio contexto em que se desenrolam. A Internet apresenta-se como plataforma de convergência de informação e comunicação.

---

<sup>52</sup> Ligação à Internet sem fios.

O que geralmente provoca polémica é a sua inexistência física, pois não possui um corpo palpável (Brison, 2009). É na incorpórea (mas existente) Internet que se desenvolve o *cyberbullying*, uma expressão da agressividade humana (que a sociedade se esforça por controlar) que focaliza neste mar comunicacional o seu soltar de amarras. Neste contexto, devemos ter sempre em conta que o valor das trocas informacionais (sob a forma de comunicação) dependerá tão-somente dos cibernautas, uma vez que são eles que usufruem, criam e replicam este real que é a Internet. Tudo depende da utilização que se der aos meios que se tem ao alcance. É consensual que a Internet permitiu possibilidades comunicacionais, informacionais prodigiosas em todas as vertentes, mesmo nas inesperadas.

No entanto, nem todos aproveitam as hipóteses em aberto da mesma forma ou com a mesma finalidade. Tal como referido anteriormente, algumas pessoas recorrem à Internet para exprimir o seu lado mais violento; experimentar poder através da humilhação e manipulação de terceiros, ou apenas por diversão. É este o tipo de comportamento intencional que, na maioria das vezes, garante condições para o desenvolvimento de fenómenos como o *cyberbullying* e o *cyberstalking*. Estimando Giddens que fossem mais de cem milhões o número de pessoas a utilizar a Internet (Giddens, 2004: 473), não será de todo surpreendente falar sobre a diversidade de comportamentos, pensamentos, objetivos, crenças, valores, interesses e utilizações que se podem fazer da mesma. Nessa linha, aquilo que poderá ser para uns um sonho, para outros será certamente um pesadelo.

É que, contrariamente ao facto de a rede estar em “*mutação constante*” (Lévy, 2000: 28), sendo por isso instável, é possuidora de uma característica que lhe confere qualidades para a incidência de fenómenos como o *cyberbullying* e o *cyberstalking*: a velocidade. Sendo esta última variável constante na equação, é-o tanto pela positiva como pela negativa. Estando na Internet, além de se ser emissor e recetor ao mesmo tempo (Lemos, 2009:39), o utilizador “*descodifica, interpreta, participa, mobiliza o seu sistema nervoso de cem maneiras e sempre diferentes do seu vizinho*” (Lévy, 2000: 83). Pelo que, como diz Paul Virilio, “*inventar o navio é inventar o naufrágio (...). Cada tecnologia transporta uma negatividade própria que é produzida ao mesmo tempo que o processo técnico*” (Virilio, 1996: 87). Nesse sentido, a Internet que veio permitir e proporcionar um apogeu comunicacional (e informacional, entre outros), também apresenta um lado menos positivo, como é, por exemplo, o caso do *cyberbullying* e do

*cyberstalking* que se expandem a todo o momento na rede, e cujas repercussões na vida pessoal e social dos indivíduos são significativas. A Internet assume assim características de *pharmakon*: um remédio que é ao mesmo tempo um veneno. Porventura poderia não se esperar que as ferramentas que proporcionam possibilidades extraordinárias pudessem vir a ser utilizadas para fins menos nobres, mas tal como Maffesoli argumenta em *L'instant éternel*, “il y a quelque chose de fatal en eux” (2000: 10).

Após contextualizar o meio em que os fenômenos ocorrem, a Internet, no próximo capítulo aprofundar-se-á o *cyberstalking* enquanto objeto de estudo.



## CAPÍTULO 4: CYBERSTALKING

*“Não se deixem enganar: este tipo de assédio pode ser mais assustador e tão real quanto ser seguido e observado no vosso bairro ou casa<sup>53</sup>”* (Al Gore, cit. in Reno, J.; 1999: 1)

Ao longo do presente capítulo penetra-se no conceito e fenómeno do *cyberstalking*, clarificando as suas origens, os seus envolvimento, as suas consistências, as suas consequências e as suas dicotomias, sustentadas em casos verídicos recolhidos através da etnografia digital. Explora-se a primeira questão diretora e encaminha-se a investigação para o patamar seguinte, o do *cyberbullying*.

### 4.1. O CONCEITO

Termo estrangeiro adotado pelo português, o *cyberstalking* pode definir-se como sendo a utilização da Internet para molestar, perseguir ou assediar outrem, insistente e repetidamente (Reno, 1999). Emergindo com o desenvolvimento da Internet e constituindo-se como um fenómeno da atualidade, tem sido frequentemente debatido nos Estados Unidos da América<sup>54</sup> pelo facto de ter sido lá que foi identificado (e consequentemente denominado), na década de 90 do século XX, quando começaram a vislumbrar-se os primeiros casos.

Tendendo as pessoas a projetar os fenómenos sociais na Internet, o mesmo aconteceu com o *stalking*, um género de violência que se caracteriza pelo acossamento objetivo de alguém (vítima) em que o agressor (*stalker*) pode telefonar, enviar mensagens, difamar, fazer esperas, frequentar os mesmos lugares, fazer ou enviar encomendas em nome da vítima (Matos *et alii*, 2011). Este tipo de conduta, motivado por alguma paranoia psicológica, obsessão passional, retaliação, aversão ou brincadeira, inflige entropias psicológicas e sociais na vítima, desencadeadas pelo medo e pela ansiedade. Em alguns casos pode significar risco de vida, como por exemplo quando o

---

<sup>53</sup> Tradução da minha responsabilidade.

<sup>54</sup> País onde foi criada e desenvolvida a Internet.



perseguidor psicologicamente instável vai ao limite podendo manifestar-se na invasão da residência da vítima ou numa espera que culminam em sequestro ou assassinio (Matos *et alii*, 2011).

Representando a Internet um mar de possibilidades para um *stalker*, haverá, portanto, tendência para que o fenómeno abrace este novo contexto de incidência. Sendo que a cibercultura não se constitui como uma forma cultural liberta dos males terrenos (mais que não seja por ser ela própria uma forma cultural terrena, apenas territorialmente desterritorializada) constitui-se como expectável a emergência do *cyberstalking* enquanto versão do *stalking* na cibercultura. Esta diferença de denominação surge por conveniência, de modo a sublinhar a diferenciação contextual de ocorrência em que, por comodidade, o prefixo *cyber* foi acoplado ao termo original.

Assim sendo, o termo *cyberstalking* é uma palavra passível de se decompor da seguinte maneira:

#### *CYBER + STALK + ING*

Sendo o *cyber* um referencial de pertença cultural (neste caso à cibercultura); o *stalk* é o indicativo do acontecimento (concretamente, perseguir) e o *ing* é um sufixo que indica ação. Ou seja, é a designação do ato de perseguir no contexto da cibercultura. Segundo o relatório escrito por Janet Reno (*Attorney General* dos EUA) em agosto de 1999, o *cyberstalking* é um fenómeno real cuja importância não deve ser diminuída por ocorrer na Internet. De facto, o Vice-Presidente Al Gore chega a referir o seguinte: “*não se deixem enganar: este tipo de assédio pode ser mais assustador e tão real quanto ser seguido e observado no vosso bairro ou casa*<sup>55</sup>” (Al Gore, cit. in Reno, J.; 1999: 1). Efetivamente, o *cyberstalking* é de uma violência psicológica devastadora, mas não só: é igualmente passível de engendrar repercussões na vida real que à partida não se equacionariam, como a síndrome do pânico e sensação de se estar a ser vigiado.

---

<sup>55</sup> Tradução da minha responsabilidade.

## 4.2. COMO SE ORQUESTRA

Centrando-se no impacto da violência psicológica e social sem os contornos da violência física, o *cyberstalking* questiona a segurança pessoal e familiar da vítima pelo que, para que se possa compreender, é preciso primeiro perceber como se pratica. De um modo geral o fenómeno consiste no ato de perseguir alguém através da Internet. Independentemente da motivação de cada um, a segurança que a rede oferece é risível.

Atendendo à seguinte história, baseada num caso real recolhido durante os trabalhos de investigação (etnografia digital) é possível elucidar a premissa anterior:

### **Caso 1:**

*Estudante de uma universidade portuguesa, ela costumava frequentar chats no tempo livre. Um dia conheceu uma pessoa que achou interessante e decidiram encontrar-se. O encontro não decorreu da forma esperada e ela findou-o assim que conseguiu. Porém essa pessoa sentiu-se lesada e começou a persegui-la através de mensagens de e-mail e nas redes sociais. Cuidadosa, ela não partilhava informações pessoais que pudessem levar à localização da sua residência, mas o mesmo não se passava com os seus familiares. Aconteceu que um familiar colocou online uma fotografia durante uma festa onde era possível ver-se a rua e parte da fachada da casa vizinha. Atento, o cyberstalker conseguiu identificar a habitação. Neste cenário, aquilo que até então tinha sido uma ameaça psicológica adquiriu consistência permitindo ganhar outras proporções. Salvaguardando a segurança da família a vítima acabou por aceder à chantagem do cyberstalker de forma a ver-se livre dele.*

Analisando o caso, pode perceber-se que de um simples encontro se passou para um caso de *cyberstalking* terminado quando a vítima cedeu à chantagem e o *cyberstalker* ficou satisfeito com tal. Porém este tipo de atitude, ceder esperando que a perseguição termine, pode não resultar.

É possível retirar algumas conclusões acerca do *modus operandi* dos *cyberstalkers* (Ellison e Akdeniz, 1998; Reno, 1999; Spitzberg e Hoobler, 2002; McGinnis, 2008), concretamente:

- O alvo pode não ser a única vítima da obsessão do *cyberstalker*, sendo que tanto familiares quanto amigos poderão ver-se envolvidos na empreitada (mais ou menos exaustiva e agressiva) do perseguidor, de modo a que este consiga satisfazer os seus objetivos;
- Podendo utilizar todos os meios que dispuser ao seu alcance, o perpetrador poderá executar ações que podem ir desde a chantagem por mensagem privada ao roubo de *passwords*, criação de perfis falsos, ataques informáticos (vírus, *spyware* e *hacking*) até mesmo a tentativas de acesso às contas bancárias *online* tanto da vítima quando das pessoas que lhe são próximas, como meio de chantagem;
- A perseguição pode ainda passar com relativa facilidade para fora da Internet uma vez que o *stalker* pode identificar locais habitualmente frequentados pela vítima tais como os cafés, o ginásio, o trabalho e até a residência pelo que poderá equacionar uma espera a fim de surpreender pessoalmente o seu alvo ou, quem sabe, contratar alguém para tal efeito. Porém, além da possibilidade de um confronto face-a-face existe tal-qualmente a hipótese de o perseguidor encomendar coisas e fornecer a morada da vítima para entrega tentando assim que esta (a vítima) ceda aos seus caprichos (para não ver chegar mais encomendas para pagar, por exemplo).

Pode-se desta forma antever que, embora se processe no enquadramento da Internet, este comportamento poderá não ficar circunscrito a esse contexto uma vez que, como descrito anteriormente, é passível de extravasar para o face-a-face e tomar outra dimensão colocando em causa tanto a segurança física da vítima quanto a dos seus familiares e amigos. Perante os factos extrapola-se que o *cyberstalking* pode ser facilmente apelidado de terrorismo psicológico: nem em casa se estando seguro.

Quando as coisas se descontrolam ao ponto de o lar, local que o ser humano reconhece como refúgio, deixar de apresentar segurança, o desespero toma conta da

vítima podendo exteriorizar-se de diversas feições. Entre elas podem-se destacar (Minsky, 2006):

- Perturbação do sono (sono irrequieto, pesadelos, acordar constante);
- Distúrbios alimentares (fome excessiva ou perda de apetite, bulimia, anorexia);
- Crises de *stress* e ansiedade;
- Sobressalto, mania da perseguição e insegurança;
- Depressão, esgotamento;
- Comportamentos antissociais ou de isolamento;
- Comportamentos de risco (consumo de estupefacientes, álcool e químicos, automutilação).

Nem todos os efeitos secundários possíveis se encontram aqui descritos uma vez que variam consoante o indivíduo, o contexto e o caso de *cyberstalking*. Deste modo, foram apenas salientadas as consequências mais comumente referidas pelas vítimas (de acordo com os dados empíricos procedentes da etnografia digital). Afinal, cada pessoa conta com uma história de vida e personalidade particulares o que implica forçosamente reações diferentes perante situações análogas.

Enquanto o mundo dorme embalado pela maravilhosa sensação da presença humana à distância de um clique, uma parte dos seus habitantes sofre de insónias aterrorizado com essa mesma presença humana ao alcance de um clique. Aquilo que é bom, também tem um lado negativo. Dependendo da preparação psicológica e capacidade de resiliência de cada um, este tipo de violência pode desencadear diferentes desfechos, desde a superação do caso ao caminhar para o isolamento. Principalmente se o caso se der em tenra idade.

Alguém que utilize a Internet pode, de um momento para o outro, ser alvo de um *cyberstalker*. Independentemente da regularidade com que o faz (usar a Internet) ou da informação que (re)partilhe ninguém está livre de ver-se envolvido num caso de *cyberstalking*. Perseguida, a vítima irá retrair-se, podendo perder a sensação de segurança proporcionada pelo lar e passar a encarar a Internet com desconfiança. Talvez não volte a utilizá-la cogitando que assim irá proteger-se ou ver-se livre do

*cyberstalking*, retrocedendo em termos evolutivos a um tempo anterior à Internet. Mas isso é algo a explorar adiante, até porque existe um outro fenómeno, o *cyberbullying*, que de certa forma começa a equacionar-se poder ser o mesmo que o *cyberstalking*.

### 4.3. IDENTIFICAR UM CASO DE *CYBERSTALKING*

Como se distingue um caso de *cyberstalking*? Perceber quando se está perante o fenómeno é importante, pois sem isso as probabilidades de ignorar ou menosprezar a ameaça latente são elevadas. Para reconhecer um caso existem algumas regras mas, por palavras parcas, pode considerar-se *cyberstalking* qualquer perseguição constante. Começou num *chat*, passou para o *e-mail*, para o perfil do *Facebook* e continua no *LinkedIn*. Se uma pessoa persegue outra pela Internet, ameaçando e lançando rumores, está-se perante um caso de *cyberstalking*. No decorrer dos trabalhos de investigação<sup>56</sup> pôde observar-se um questionar das pessoas que frequentavam os fóruns e grupos de discussão *online* sobre quanto tempo deveria decorrer para se considerar um caso como *cyberstalking*. Ir-se-á então fazer um parêntesis de modo a esclarecer a questão.

Especular sobre o estabelecimento de demarcações temporais para o fenómeno em questão, que se desenrola na Internet, onde as partilhas atingem ao mesmo tempo todo o mundo, é cientificamente leviano. Isto porque tal ocorrência poderia colocar em risco uma potencial vítima por um facto simples: existem sempre sujeitos que levam à letra indicações temporais como se de verdades absolutas se tratassem. Num caso destes, semelhante atitude propicia o adiamento de decisões que, se consumadas assim que se desenhe ou suspeite de *cyberstalking*, são passíveis de evitar que se concretizem na íntegra, minimizando a incidência do fenómeno.

Com base na análise dos dados empíricos, constata-se que agir imediatamente patenteia, para a possível vítima, uma maior probabilidade de eficácia por comparação com a atitude de esperar para ter certeza, e atuar depois. Apenas nos casos em que se pondere apresentar queixa formalmente junto das autoridades competentes, como é o caso da polícia, é que o aguardar algum tempo (a fim de recolher provas para proceder em conformidade) é conveniente<sup>57</sup>.

A relevância da variável ‘tempo’ no *cyberstalking* é manifesta no que se refere à pressão psicológica e às possibilidades da Internet. Atente-se que um *cyberstalker* pode enviar inúmeros *e-mails* diferentes por dia e ter várias contas. Saturando a vítima, o agressor pode levá-la ao desespero com o objetivo de alcançar a sua finalidade e de despejar a agressividade socialmente dissimulada. Como o consegue? Através das ameaças, perseguições e satisfação proporcionada pelo saber que está a atingir alguém.

---

<sup>56</sup> Conclusões retiradas dos dados obtidos por meio da etnografia digital.

<sup>57</sup> Em casos graves como tentativa de extorsão sexual é aconselhada ação imediata.

Exemplo<sup>58</sup> disso é um caso num jogo *online* em que um jogador começou a perseguir outro<sup>59</sup>. Não contente com isso criou várias contas extra (o chamado multicontas) para saturar a vítima até esta deixar de jogar. O motivo? Só pelo prazer de anunciar que já tinha feito suprimir a conta a vários jogadores.

Outro exemplo<sup>60</sup> de um caso de *cyberstalking* deu-se quando uma jovem começou a receber mensagens de uma pessoa que não conhecia, dizendo-lhe que sabia o que ela (vítima) estava a fazer. A vítima bloqueou o *e-mail* do perseguidor<sup>61</sup> mas este criou várias contas de correio eletrónico diferentes. Em pouco tempo a vítima viu a caixa de entrada no limite, tantas eram as mensagens recebidas. Analisando, constatou que eram todas da mesma pessoa, sendo que numa delas dizia que não se ia conseguir livrar dele, que ele era a sua sombra. Aterrorizada, a jovem pediu ajuda aos pais e eliminou a conta de *e-mail*. Pôde livrar-se do perseguidor, que nunca chegou a saber quem era ou como conseguira o seu endereço. Suspeitava apenas que fosse alguém com quem estivesse num *chat* (apesar de não se recordar de fornecer o seu *e-mail*) ou algum colega de escola seu que o tivesse retirado da folha que o diretor de turma fez circular para os alunos escreverem os seus endereços eletrónicos.

É de salientar que, além de existirem ameaças reais em que não se pode esperar para ver se se concretizam, as possibilidades que as novas tecnologias abrem para um *cyberstalker* (agressor) são inúmeras e os indivíduos podem não ter noção do que pode ser feito em 24 horas: além dos ataques com vírus, tentativas de acesso a contas bancárias *online* ou difamação, a pressão psicológica é elevada. Porém, uma coisa é fundamental: os casos devem ser analisados um por um. São as características singulares de cada caso que permitem detetar se se trata de *cyberstalking* ou não, uma vez que permitem contextualizar e analisar a situação.

---

<sup>58</sup> Recolhido por meio da etnografia digital no fórum do *site* de um jogo *online*.

<sup>59</sup> A questão de género não se coloca neste caso uma vez que este tipo de agressão ocorre independentemente do sexo do outro jogador. O objetivo do agressor aqui passa por fazer com que os outros jogadores eliminem a conta, sejam eles homens ou mulheres.

<sup>60</sup> Recolhido por meio da etnografia digital de um *blog*.

<sup>61</sup> Apesar da vítima ser do sexo feminino e ter suposto que o agressor pertencia ao sexo oposto, a questão de género não se equaciona uma vez que o agressor poderia ser, na realidade, uma mulher a fazer passar-se por um homem, o que na Internet é algo fácil de fazer e até estratégico.

#### 4.4. QUANDO SE DEVE PROCURAR AJUDA

É fundamental saber o que fazer quando se projeta um quadro de *cyberstalking*, mesmo que não seja mais que uma suspeita, até porque pode ser confirmado (ou não) com o desenrolar dos acontecimentos.

Tal como o código da estrada que apela a uma condução defensiva, na Internet importa seguir o mesmo procedimento: navegação defensiva, pró-ativa, consciente e prudente. Patrocinando ação em tempo útil, visa-se evitar e minimizar o impacto do *cyberstalking*, uma vez que esperar para ver o que acontece é, no mínimo, imprudente.

Assim, ao menor sinal ou suspeita é recomendável alterar *passwords* e rever as definições de privacidade assim como de segurança das contas *online* (*sites*, *blogs*, *e-mails*, plataformas). É aconselhável retificar as definições de privacidade dos conteúdos *online* alojados nos *sites* e *blogs* para que não sejam públicas informações privadas. Importa destacar que muitos *sites* e plataformas alteram com frequência as suas políticas de privacidade assim como as suas definições de segurança e conteúdos, podendo acontecer uma fuga de informação pontual ou a abertura de alguma lacuna que permita a intromissão de terceiros. Deve igualmente dar-se atenção às atualizações dos *sites* utilizados de modo a certificar-se que os conteúdos privados permanecem privados.

Existem também vários níveis de segurança aos quais se pode recorrer de modo a satisfazer as necessidades individuais. Além da *password*, que pode ser considerado como um primeiro nível de segurança, pode acrescentar-se um endereço de *e-mail* alternativo como segundo nível, uma pergunta de segurança como terceiro, o número de telefone como quarto e o contacto (*e-mail* ou telefone) de uma pessoa de confiança como quinto. Assim, caso se suspeite de alguma movimentação estranha, como por exemplo avisos de tentativa de acesso a *e-mail* ou a contas em *sites* a partir de dispositivos desconhecidos, é conveniente ativar um nível de proteção elevado de modo a evitar futuros dissabores. Nunca se pode esquecer que uma ponta solta é suficiente para um colapso, até porque quando se está empenhado em perseguir alguém o mínimo descuido é suficiente. Admitir a hipótese de vir a precisar de ajuda alertando amigos e familiares quando detetado algum esforço de invasão de contas *online* é algo de prudente. Porém, além da prevenção por meio da alteração da *password* e dos cuidados redobrados com as informações disponíveis *online*, caso se esteja a ser vítima de *cyberstalking*, é aconselhável proceder do seguinte modo (a ordem deve ser ajustada à



situação em concreto, não sendo necessário adotar todas as medidas mencionadas, mas as que se adequem):

- *Sites*: reportar o caso através das ferramentas disponibilizadas pelo *site* para denunciar; reportar o evento por mensagem privada à equipa de suporte; alterar a *password* da conta; rever os processos de segurança ativos no acesso à conta; ativar alertas de tentativa de acesso à conta através de dispositivos desconhecidos; copiar e guardar provas que possam ser impressas (*links*, cópias de conversas, fotografias, *print screens*);
- *E-mail*: reportar tentativas de acesso à conta; identificar *spam* e mensagens inapropriadas; ativar alertas de tentativa de acesso à conta através de dispositivos desconhecidos; modificar a *password* de acesso à conta com frequência.

Após estes procedimentos se o *cyberstalking* se fizer sentir por meio dos comentários, mensagens, estórias, fotografias e vídeos (difamação e perseguição), juntar provas a fim de as guardar num dispositivo (uma *pen*, por exemplo) ou imprimi-las, dar parte do abuso à equipa técnica e recorrer às autoridades competentes (polícia) para que caso os agressores sejam identificados possam ser responsabilizados pelos seus atos.

#### 4.5. *CYBERSTALKING* OU *CYBERBULLYING*?

Perante os desenvolvimentos anteriores, assomam questões situadas essencialmente ao nível dos conceitos centrais da presente tese, concretamente o *cyberbullying* e o *cyberstalking*. Cabe assim ponderar se se constituem efetivamente enquanto fenómenos distintos, tal como incentiva a diferença terminológica, ou se contrariando as evidências linguísticas serão apenas uma mesma emergência que se foi desenvolvendo sob diferentes denominações. Dessa forma colocou-se a primeira questão diretora:

*QD1: Serão o cyberbullying e o cyberstalking a mesma realidade?*

Sendo uma discussão polémica entre a comunidade científica internacional, este ponto pretende esclarecer quais os fundamentos particulares em que se baseiam ambos os conceitos (*cyberbullying* e *cyberstalking*) com o objetivo de aclarar este assunto.

Da coexistência destes dois termos cujas definições se interligam, em conjunto com a necessidade de distinção que muitos profissionais sentiram (como foi o caso de investigadores, professores, polícias, advogados, psicólogos e psiquiatras) tal potencializou-se (a diferença de termos). Poder-se-ia debater sobre a opinião pessoal e profissional dos indivíduos mas, tanto do ponto de vista teórico quanto profissional, no âmbito da presente tese tal seria dispersivo uma vez que existem certos pormenores que podem ser marcantes em determinados contextos mas que em outros não são essenciais, ou não acrescentam algo de útil para que importem ser investigados.

Voltando ao raciocínio, a questão que se levanta é esta: serão o *cyberbullying* e o *cyberstalking* a mesma realidade? De modo a elucidar a questão nada como analisar o estado da arte<sup>62</sup> de ambos, de onde se podem destacar as obras de McGinnis (2008); Ellison e Akdeniz (1998); Reno (1999); Spitzberg e Hoobler (2002); Harvey (2003); Ybarra e Mitchell (2004); Campbell (2005); Vandebosch e Cleemput (2009); Williard (2007); Li (2006); Erdur-Baker (2010); Bauman (2009); Patchin e Hinduja (2006), Cassidy, Jackson e Brown (2009); Pronk e Zimmer-Gembeck (2010).

---

<sup>62</sup> Publicações e investigações (em curso e terminadas) sobre o objeto de estudo. Ver no capítulo 5 “*Cyberstalking*” o ponto 5.3. *Sobre o estado da arte*.

Da análise do trabalho desenvolvido pelos autores citados, juntamente com as leituras efetuadas durante a pesquisa bibliográfica (Paullet, Rota, Swan 2009; Kernaghan e Elwood, 2013; Dooley, Pyzalski e Cross, 2009; Gerson e Rappaport, 2011; Slonje e Smith, 2008; Kowalski, Limber e Agatson, 2008; Li, Smith e Cross, 2012), pode constatar-se que, frequentemente, os conceitos apresentam tendência a fundir-se. Especificamente no que concerne ao *cyberstalking* alguns investigadores acreditam que se desenvolveu antes do *cyberbullying* sem auferir de uma relação direta com este. Ou seja, o *cyberbullying* e o *cyberstalking* seriam dois fenómenos diferentes que não se desenvolveram no mesmo período, mas que dadas as características do *cyberbullying* serem mais abrangentes o *cyberstalking* fundiu-se neste, integrando-se no mesmo. Porém outras correntes consideram-no (*cyberstalking*) a versão inicial do *cyberbullying* que com o aumento das possibilidades de práticas que as tecnologias permitiram se desenvolveu.

No entanto, existe uma outra perspetiva que tem ganho terreno, defendida pela advogada Parry Aftab (2006; 2014) no seu *site*<sup>63</sup>: o *cyberstalking* é o nome dado à prática (de *cyberbullying* entenda-se) exclusivamente entre adultos; enquanto o *cyberbullying* seria a denominação do fenómeno sempre que os intervenientes em causa fossem menores. Ou seja, para Aftab o *cyberbullying* aconteceria entre menores e o *cyberstalking* entre adultos, traçando a maioridade enquanto divisão de denominações. Apresenta-se deste modo necessário analisar as características de ambos para se resolver esta dicotomia.

Começando por analisar a evolução das possibilidades que as novas tecnologias de informação e comunicação trouxeram ao ser humano, com especial relevo para a Internet, podem desenhar-se inúmeros cenários de utilização possíveis. Quando o *stalking*, fenómeno que se orquestrava apenas no mundo físico, passou a poder projetar-se no mundo digital emergiu o *cyberstalking*. No caso do *cyberbullying* o processo foi semelhante. Existindo condições de transferência do conceito de *bullying* pela analogia com o que se passava no mundo físico para a cibercultura, processo que não demorou muito, este passou a coexistir no mundo digital adotando-se o termo *cyberbullying* para poder definir o contexto em que ocorria o fenómeno.

Constata-se deste modo que o *cyberstalking* e o *cyberbullying* emergiram como fenómenos independentes. Porém, o facto de o *cyberbullying* ser mais abrangente no

---

<sup>63</sup> <http://www.aftab.com/>

que respeita às práticas, e poder conter em si mesmo o próprio *cyberstalking*, gerou uma certa confusão conceptual. Resta esclarecer este ponto.

Sendo certo que o *cyberstalking* pode ser uma das variações a que os praticantes de *cyberbullying* podem recorrer isto não significa que se esteja perante o mesmo fenómeno. O *cyberbullying* implica algo mais que o *cyberstalking*. Caso contrário não faria sentido a adoção do termo *cyberbullying* quando já se utilizava *cyberstalking* para descrever casos de perseguição na Internet. O *cyberbullying* veio dar resposta terminológica a um conjunto de práticas mais alargada que não se restringe à Internet. Desde os casos em que o processo começa na sociedade no face-a-face com uma agressão que o *cyberbullie* decide continuar<sup>64</sup> na Internet, como acontece muito nos casos de *bullying* que passam a *cyberbullying*; às situações de *happy slapping*<sup>65</sup> em que alguém decide espancar uma vítima (escolhida a dedo ou meramente casual) para filmar a agressão e a disponibilizar *online*, sendo que depois no site onde o vídeo está alojado, ou em algum grupo de discussão criado com o fim de comentar o filme, começam a chegar censuras de pessoas horrorizadas com o caso quanto divertidas por assistir ao vídeo, como a incentivar mais publicações daquele género.

Como se pôde analisar, o *cyberstalking* emergiu antes do *cyberbullying*, com características mais limitadas em termos de práticas e baseado sobretudo na violência psicológica. Posteriormente dadas as possibilidades abertas pelo avanço tecnológico deu-se uma diversificação de práticas assistindo-se ao alargamento do fenómeno<sup>66</sup> para aquilo que atualmente se designa por *cyberbullying*, que se caracteriza por ser mais abrangente<sup>67</sup> em termos de práticas do que o fenómeno do *cyberstalking*.

Tendo em conta que o *bullying* não se distingue por ser apenas um fenómeno ocorrido entre menores (Pinheiro, 2007), não se pressupõe que na Internet passe a focar tão-só esse período de vida. Até porque existem casos de *bullying*, *cyberstalking* e *cyberbullying* praticados entre indivíduos de diversas faixas etárias: de adultos para crianças; de idosos para crianças; de adultos para adultos; de crianças para adultos; de crianças para idosos e de crianças para crianças. A necessidade e a validade de defender diferenças de denominação do fenómeno consoante a idade dos indivíduos<sup>68</sup> não se

---

<sup>64</sup> Neste caso o agressor tanto pode ser um *bullie* (praticante de *bullying*) que se converte em *cyberbullie* (praticante de *cyberbullying*) quando decide continuar a agressão na Internet, quanto um *cyberbullie* que decidiu aproveitar a oportunidade do face-a-face para obter material para praticar *cyberbullying*, como acontece nos casos de *happy slapping*.

<sup>65</sup> Uma prática em que, enquanto alguém agride a vítima, outra pessoa filma, com o objetivo de colocar *online* a gravação.

<sup>66</sup> O *cyberstalking* passou a denominar-se *cyberbullying* para absorver a emergência práticas mais alargadas de agressão.

<sup>67</sup> Veja-se o caso do *happy slapping*, uma prática em que pessoas são filmadas enquanto são agredidas com o intuito de se disponibilizar esse conteúdo *online*.

<sup>68</sup> A não ser por conveniência prática relativa às leis do país ou do estado.

compreende, até porque isso pode significar a subestimação da gravidade dos factos pela premissa de ser um processo normal e saudável do crescimento que contribui para a formação do carácter do jovem ou, de que o adulto sabe lidar com a situação. Desse modo assenta-se que o *cyberstalking* é a gênese digital do *cyberbullying* sendo atualmente uma das práticas que o *cyberbullying* pode abraçar.

Desse modo, adota-se na presente tese a postura científica de se considerar que o *cyberstalking* e o *cyberbullying* emergiram na qualidade de eventos independentes, mas que num determinado momento se mesclaram formando um grande fenómeno<sup>69</sup>: o *cyberbullying*. Esclarece-se deste modo a QD1: o *cyberbullying* e o *cyberstalking* são uma mesma realidade, sendo este último a fase inicial do *cyberbullying* na cibercultura, facto possibilitado pelo enquadramento contextual criado com os avanços tecnológicos e explorado pelas pessoas nesse contexto.

Provenindo de duas emergências diferentes, tornaram-se numa só, no *cyberbullying*, tal-qual duas nascentes que geram um mesmo rio. Ressalva-se ainda que o termo *cyberstalking* é largamente utilizado para descrever um determinado conjunto de práticas de *cyberbullying*. É precisamente este fenómeno, *cyberbullying*, que se explorará no próximo capítulo.

---

<sup>69</sup> Por ser o fenómeno mais recente e inicialmente mais abrangente em termos de práticas e possibilidades aptou-se por manter a terminologia *cyberbullying* em detrimento de *cyberstalking* por se considerar mais limitado.

## CAPÍTULO 5: CYBERBULLYING

*“What makes cyberbullying so dangerous... is that anyone can practice it without having to confront the victim. You don't have to be strong or fast, simply equipped with a cell phone or computer and a willingness to terrorize” (King, 2006).*

Ao longo deste capítulo clarifica-se teórica e empiricamente o fenómeno do *cyberbullying*, auxiliando a exploração com casos recolhidos através da etnografia digital. Dissertando sobre a sua génese, passa-se pelo estado da arte e de como se pode identificar um caso. Versa-se sobre as formas como o *cyberbullying* se pode praticar e o que envolve, o seu impacto e em que solidifica a sua eficácia, sem esquecer de salientar os tipos de agressores que se podem encontrar, assim como as vítimas e a ação das testemunhas.

### 5.1. O CONCEITO

Falar de *cyberbullying* é como versar sobre sons confusos de vozes que se erguem em murmúrios, discursos, lamentos e palavras ao vento. São relatos sofridos, pedidos de ajuda, desesperos, silêncios e por vezes, desfechos fatais. É ter num mesmo barco bolónios convictos de conseguir resolver tudo sozinhos, juntamente com os conservadores que acreditam que a solução seria cortar o mal pela raiz (terminar com a Internet). Entretanto, no meio desta espécie de fogo cruzado existem uns poucos tentando chamar os restantes à voz da razão; as vítimas à procura de apoio; alguns agressores a observar o desenrolar dos acontecimentos; e outros tantos indivíduos absortos em especulações redondas sobre o tema.

Desenvolve-se o assunto em fóruns e grupos de debate, paulatinamente, ao compasso dos dias e das estórias que por lá se vão escrevendo. Povoados por palavras de ordem e chavões, o que mais se observa nestes contextos<sup>70</sup> são sentimentos de pena, indignações, conversas sobre desgraças alheias e nada de concreto sobre o que a vítima

---

<sup>70</sup> Grupos de debate e fóruns sobre *cyberbullying*.

(que pede auxílio) possa fazer para além de “*ser forte*” (a expressão mais comum depois do relato de um caso de *cyberbullying*, segundo o que foi possível apurar por meio da etnografia digital). Importa então elucidar sobre o conceito, suas características e naquilo que consiste, de modo a que se possa analisar lucidamente a realidade.

Decorria o ano de 2005 quando o professor Bill Belsey (Alberta, Canadá) utilizou o termo *cyberbullying* para descrever aquilo que entendeu como a prática de *bullying* através das novas tecnologias de comunicação e informação. Já familiarizada com o conceito de *bullying* e as suas implicações académicas e sociais, a comunidade científica internacional voltou atenções nesta direção, demonstrando interesse para com esta nova emergência. De certa forma escarmentada (a comunidade académica) da atitude apedeuta<sup>71</sup> aquando do surgimento do conceito de *bullying* em 1970<sup>72</sup>, o trabalho de Belsey (em 2005) foi considerado com seriedade. Pesando o facto de já existirem estudos concluídos acerca do *cyberstalking* juntamente com o impacto que o conceito de *bullying* tem, a acreditação científica processou-se de forma rápida.

Elucidando sobre o conceito, tal como Belsey (2005) destacou, o *cyberbullying* é uma palavra composta, de acordo com o contexto e a prática associada, ao qual se acrescentou um sufixo que indica ação:

*CYBER + BULLYING + ING*

Designando o contexto encontra-se o termo *cyber*, que se refere á cibercultura; segue-se o *bullying* como sendo a prática identificada e o *ing* que, como já referido, é um sufixo que indica conduta. Entendendo-se então por *bullying* os atos de violência e atitudes agressivas, intencionais e repetitivas (Pinheiro, 2007: 12; Olweus, 1991), cujo objetivo pode passar pela humilhação, perseguição, intimidação, agressão, difamação e marginalização de um indivíduo ou grupo, percebe-se que o *cyberbullying* tem como base a projeção deste mesmo fenómeno (*bullying*) na cibercultura.

## 5.2. ORIGEM

---

<sup>71</sup> Recorde-se que, quando Dan Olweus, professor e investigador na Universidade de Bergen, surgiu na década de 70 do século XX alertando para a emergência do *bullying* enquanto fenómeno não natural do crescimento e desenvolvimento dos jovens, foi considerado alarmista e excessivo na época. Apenas em 1982, após o suicídio de três jovens vítimas de *bullying* noticiado pela imprensa, é que os trabalhos de Olweus ganharam destaque e direito a financiamento. A partir daí o *bullying* começou a pautar oficialmente na agenda dos interesses científicos internacionais, tendo Dan Olweus sido reconhecido como o criador do conceito.

<sup>72</sup> Ver Dan Olweus, 1991.

No que respeita às origens do fenómeno pôde constatar-se que se destacam principalmente duas perspectivas a nível científico internacional. Esta divergência de teorias sobre o berço do *cyberbullying* foi diretamente condicionada pela inexistência de factos provados sobre a real procedência do fenómeno, ressalvando-se que possivelmente o *cyberbullying* não teve um exórdio único. Nesse sentido, a origem do fenómeno tem vindo a desenhar-se, alegoricamente, como um rio ao qual afluem vários cursos de água acabando por fazer engrossar o seu caudal, constituindo dessa forma o *cyberbullying*.

Como referido no parágrafo anterior, distinguem-se essencialmente duas grandes concepções sobre a origem do fenómeno:

- A primeira assente na perspectiva defendida por Belsey (2005) que indigita o *cyberbullying* como a projeção na rede do *bullying* (fenómeno do face-a-face);
- E a segunda desenvolvida por teóricos das novas tecnologias que creem que o *cyberbullying* emergiu naturalmente na cibercultura dadas as possibilidades patrocinadas pelas novas tecnologias.

É nesta segunda premissa que se inserem os investigadores que defendem o *cyberstalking* como o fenómeno original que experimentou uma evolução, devido às crescentes possibilidades de utilização das novas tecnologias, adaptando-se aos novos contornos e culminando no que hoje se conhece por *cyberbullying*.

Analisando a questão à luz dos avanços no estado da arte em conjunto com os levantamentos empíricos<sup>73</sup> é possível constatar que, tanto a projeção do *bullying* (enquanto fenómeno da vida societal quotidiana) na Internet, quanto a emergência independente do fenómeno (*cyberbullying*) na cibercultura se apresentam viáveis. Pode observar-se esta premissa tanto no caso das crianças que praticam *bullying* na escola e descobrem que podem usar a Internet para continuar a fazê-lo, quanto na situação de alguém que ande a navegar na rede e decida dar azo às possibilidades do momento. Ambas as situações são exequíveis enquanto hipótese de origem do fenómeno, especialmente porque a Internet funciona num modelo todos-todos em que as pessoas recebem, publicam e (re)partilham conteúdos ao mesmo tempo (Lemos, 2003: 73).

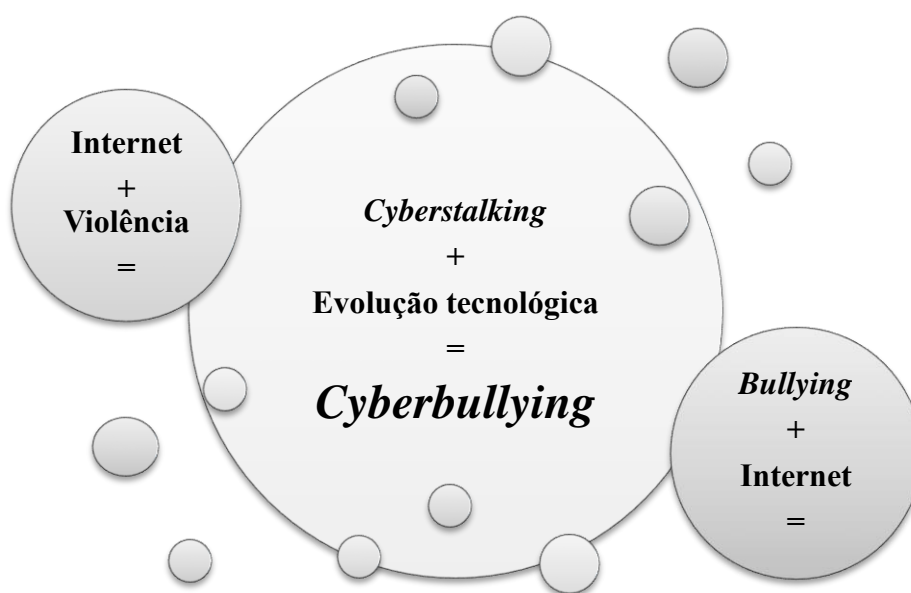
---

<sup>73</sup> Etnografia digital.



A imagem seguinte ilustra a gênese do *cyberbullying* em que, por um lado se encontra a vertente oriunda do *bullying*, fenómeno de violência emergente na sociedade e a proveniente da Internet, a que se alia o carácter agressivo das pessoas. Convergindo na prática que atualmente se denomina *cyberstalking* a qual, dadas as possibilidades geradas com a evolução tecnológica (que permitiram a *Web2.0*), se desenvolveu convertendo-se em *cyberbullying*.

**Imagem 3: Gênese do *cyberbullying***



Créditos: Pinheiro, 2015

Primeiramente, é de ressaltar que, tal como Lévy (1997) refere, os fenómenos do face-a-face têm tendência a espelhar-se na cibercultura, pelo que não é estranho que o mesmo ocorra com o *bullying*. Por outro lado, em todas as culturas emergem fenómenos cujos contornos fazem com que os mesmos apenas tivessem sido passíveis de suceder naquele contexto de convergências específicas (caso contrário a sua existência não seria viável). Essa linha de pensamento permite constatar que a emanação do *cyberbullying* pode igualmente ter sido espontaneamente gerada pela cibercultura.

Conclui-se, após análise teórica e empírica do fenómeno, que ambas as perspetivas são prováveis, complementares e não se anulam uma à outra. A teoria de que o *cyberbullying* emana destas duas ocorrências justifica ainda a diversidade do

fenómeno em si pelo que, nesta tese, se irá defender essa posição<sup>74</sup>. Aliás, se analisado empiricamente, pode vislumbrar-se que dada a complexidade do fenómeno é lúcido que este se tenha originado a partir desses dois acontecimentos que se mesclaram e passaram a orquestrar como um só.

O *cyberbullying* constitui-se, assim, como um fenómeno que vem evoluindo, fundindo contornos e (re)criando novos, envolvendo o ser humano enquanto indivíduo social e comunicacional. Por outras palavras, o *cyberbullying* ocasionou-se tanto pela projeção do *bullying* na cibercultura como pelas possibilidades deixadas em aberto pelas novas tecnologias.

---

<sup>74</sup> Adotando-se a posição de que o *cyberbullying* se originou tanto do espelhamento do *bullying* na Internet quanto como fenómeno emergente na cibercultura.

### 5.3. SOBRE O ESTADO DA ARTE

Tal como adiantado no primeiro capítulo da presente tese, procedeu-se à análise dos estudos e investigações que despontaram acerca do tema (alusivamente referidos no ponto 4.4 do capítulo 4), os quais serão aprofundados de seguida.

Esmiçando as obras publicadas sobre *cyberbullying* é possível observar que as delimitações dos estudos se desenvolvem em torno de aspetos básicos canónicos. Especificamente, têm sido traçados os perfis das vítimas e dos agressores (Pinheiro, 2009; Vandebosch e Cleemput, 2009); as características da utilização das novas tecnologias (Pinheiro, 2009; Erdur-Baker, 2010; Bauman, 2009; Cassidy, Jackson e Brown, 2009; Williard, 2007; Ybarra e Mitchell, 2004); a experiência com o *bullying* tradicional em comparação com o *cyberbullying* (Patchin e Hinduja, 2006; Cassidy, Jackson e Brown, 2009; Campbell, 2005); as relações do fenómeno com a idade, com o género, com os pais e com os pares; e os tipos de agressões (destacando os mais comuns) testemunhadas ou sofridas (Li, 2006; Erdur-Baker, 2010; Pronk e Zimmer-Gembeck, 2010; Pinheiro, 2009). Incidem ainda especialmente sobre os menores de idade (equitativamente sobre crianças e adolescentes) por serem considerados a população-alvo mais sujeita ao *cyberbullying* pelo facto de estarem mais sujeitos a vivenciar situações de risco por se encontrarem na idade das experiências, podendo praticá-lo entre pares (com maior ou menor noção dos efeitos no outro).

É preciso, porém, salientar que, apesar dos menores de idade serem naturalmente propensos ao *cyberbullying*, os adultos não o são menos, geralmente por descuido da sua parte.

Relativamente aos estudos efetuados nos últimos anos, é possível destacar alguns que apresentam dados interessantes, como é o caso da investigação levada a cabo por Heidi Vandebosch e Katrien Van Cleemput (2009) da Universidade de Antuérpia, em que as autoras se preocuparam em traçar quer o perfil do *cyberbullie*<sup>75</sup> quer da *cybervítima*<sup>76</sup>. Para o efeito, procederam à aplicação de um questionário a dois mil e cinquenta e dois (2052) jovens em idade escolar visando explorar a incidência do fenómeno e as suas características. A partir daí traçaram dois diferentes tipos de *cyberbullying* (adotando a vítima como unidade de medida), concretamente:

---

<sup>75</sup> Praticante de *cyberbullying*, vulgo agressor.

<sup>76</sup> Vítima de fenómeno da cibercultura, usualmente referindo-se à vítima de *cyberbullying* mas podendo ser igualmente utilizado para denominar uma vítima de *cyberstalking*.

- Quando a vítima é diretamente envolvida;
- Sempre que a vítima não está presente e só tem noção que foi vítima de *cyberbullying* posteriormente.

Foi ainda possível concluir que 61,9% dos 2052 jovens inquiridos já tinham sido vítimas de *cyberbullying* e que 52,5% eram *cyberbullies* (o que demonstrou que 14,4% das vítimas também praticavam *cyberbullying*) e 76,3% testemunharam casos (o que significa que apenas 23,7% dos inquiridos não tinham tido contacto com o fenómeno). Dados que a tese de mestrado “*Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*”, concluída no mesmo ano (2009) e que analisam a situação portuguesa, corroboram (Pinheiro, 2009).

Concluindo a análise, os autores salientaram algumas das formas mais comuns do fenómeno: insultos, boatos e roubo de *password*.

Uma outra investigação sobre *cyberbullying* foi efetuada por Qing Li (2006), da Universidade de Calgary, intitulado “*Cyberbullying in schools: a research of gender differences*” centrado sobre a natureza e extensão das experiências dos adolescentes com o fenómeno. Aplicado um inquérito a duzentos e sessenta e quatro (264) estudantes os resultados demonstraram que cerca de metade dos inquiridos tinham sido *cybervítimas*. O investigador salientou ainda o facto de os alunos afirmarem não contar aos adultos os casos de *cyberbullying* por temer que os proibissem de usar a Internet.

Relativamente às diferenças entre género, o autor afirma que os indivíduos do sexo masculino têm mais propensão a ser *cyberbullies* do que os do sexo feminino, que seriam mais depressa vítimas.

Acerca da definição do conceito central, Li define o *cyberbullying* como sendo o *bullying* através das novas tecnologias de informação e comunicação. Para sustentar esta visão, o investigador apoia-se na contribuição de Williard (2004: 1) que define o *cyberbullying* como o envio ou postagem de textos maliciosos, humilhantes e cruéis, assim como de imagens utilizando para isso as tecnologias digitais.

Concluiu-se ainda que é relativamente fácil praticar *cyberbullying* porque na Internet há uma sensação de impessoalidade que os jovens utilizam para poder transmitir aquilo que quiserem, frisando que tal atitude seria mais castrada no face-a-face.

Özgür Erdur-Baker (2010), da Universidade Técnica do Oriente Médio (METU), é o autor de um estudo inovador acerca da relação entre o *cyberbullying* e o *bullying* tradicional, as diferenças de género e a utilização da Internet. A investigação, intitulada "*Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and risky usage of Internet-mediated communication tools*", assenta numa visão clássica dos conceitos de *bullying* e de *cyberbullying* baseada nos autores Dan Olweus (1993) e Bill Belsey (2005).

Relativamente ao *cyberbullying*, o autor apresenta-o como a evolução do tradicional *bullying* em que se recorre às novas tecnologias para perseguir, maltratar e difamar. Inquirindo duzentos e setenta e seis (276) jovens entre os 14 e os 18 anos, o estudo revelou que 32% dos estudantes eram vítimas de ambos os fenómenos<sup>77</sup>, enquanto 26% admitiram ser agressores<sup>78</sup>. Tendo em conta que no *cyberbullying* raramente se conhece a identidade do praticante, o autor caracteriza-o como um fenómeno único em que além do anonimato existe também a sensação de segurança e impunidade. Erdur-Baker refere ainda que o *cyberbullying* é desafiante, o que justifica a sua difusão crescente comparativamente ao *bullying* tradicional em que o agressor era facilmente identificável. Conclui ainda que os indivíduos do sexo masculino eram mais predispostos a envolverem-se<sup>79</sup> com os fenómenos *bullying* e *cyberbullying*.

Sheri Bauman (2009), da Universidade do Arizona, levou a cabo um estudo exploratório numa escola rural da zona Sudoeste dos Estados Unidos: "*Cyberbullying in a rural intermediate school: an exploratory study*".

A investigação envolveu duzentos e vinte e um (221) alunos do 5º ao 8º ano<sup>80</sup> focando a sua familiaridade com as novas tecnologias e a experiência com o *cyberbullying* ao longo de um ano escolar. Contrariamente à maioria dos estudos, os resultados obtidos mostraram que o fenómeno naquela escola era apenas residual. De facto, os primeiros resultados revelam 1,5% de *cyberbullies*, 3% de *cybervítimas* e 8,6% de vítimas praticantes<sup>81</sup>, o que a autora explica: estas crianças não têm acesso à Internet em casa. Habitando numa zona rural os estudantes têm dificuldade em encontrar pontos de acesso à Internet uma vez que os únicos disponíveis estão na biblioteca pública, no centro comunitário e na escola após as aulas, principalmente em atividades de tempos-

---

<sup>77</sup> Bullying e cyberbullying.

<sup>78</sup> Tanto de *bullying* quanto de *cyberbullying*.

<sup>79</sup> Sendo tanto agressores como vítimas.

<sup>80</sup> Em Portugal corresponde aos alunos entre o 6º e o 9º ano.

<sup>81</sup> Indivíduos que além de praticarem *cyberbullying* também são vítimas do fenómeno.

livres. Mesmo os telemóveis que podiam suprimir a dificuldade de acesso à Internet não são uma opção para os mais novos, sendo maioritariamente utilizados pelos estudantes do ensino secundário. A autora reforça ainda que a restrição de acesso à Internet imposta aos mais novos é importante, visto possibilitar o acompanhamento da sua utilização.

Uma outra investigação, promovida por Patchin e Hinduja (2006), da Universidade de Wisconsin-Eau Claire, analisa a natureza do *bullying* e a sua transmutação em *cyberbullying*. "*Bullies move beyond the schoolyard*" tem por objetivo trazer luz ao tema da desviância com origens na intersecção entre a comunicação e os computadores.

Aqui, o *cyberbullying* surge como uma transmutação do *bullying* tradicional para o virtual devido às novas tecnologias. É através destas que a separação física entre o *bullie* e a vítima deixa de ser uma limitação à prática, que se torna mais frequente e diversificada no *cyberbullying*. Definindo o fenómeno como uma sucessão de atos agressivos repetidos e praticados por meio de texto eletrónico, Patchin afirma que o *cyberbullie* é alguém malicioso. A justificação assenta na premissa de que o agressor é alguém que procura prazer implícito e explícito por meio da humilhação, gozo, perseguição ou agressão de outros indivíduos, usualmente para satisfazer eventuais carências psicológicas que possa ter, como é o caso do sentir-se visível e popular, a vontade de poder, pressentir-se dominante, obter prazer com o sofrimento alheio, entre outros.

Cassidy, Jackson e Brown (2009), investigadores da Universidade Simon Fraser, dedicaram-se ao estudo do *cyberbullying* entre alunos do 6º ao 9º ano em cinco escolas de British Columbia. No artigo "*Sticks and stones can break my bones, but how pixels hurt me?*" explicam o *cyberbullying* enquanto fenómeno em crescimento tendo como objetivo ajudar educadores e políticos a desenvolver ações de prevenção e informação. Durante a investigação os autores procederam à quantificação do tipo de utilização do telemóvel e computador pelos alunos, procurando descobrir o género, a extensão e o impacto do *cyberbullying*. De entre as experiências de *cyberbullying* descritas salienta-se a linguagem imprópria, o assédio, as alcunhas e as conotações sexuais propositadas.

Pronk e Zimmer-Gembeck (2010), da Universidade Griffith, abordaram o *cyberbullying* de forma qualitativa. No seu artigo, "*It's "mean", but what does it mean to adolescents? Relational aggression described by victims, aggressors, and their peers*", referiram que a investigação envolveu apenas 33 participantes. Aplicando a técnica das

histórias de vida<sup>82</sup> procuraram desvendar detalhes da violência entre pares no que respeita à natureza, à frequência, à intensidade, à direção e ao impacto. Concluindo que, apesar de raparigas e rapazes apresentarem muitos pontos em comum no que respeita ao tipo de agressão sofrida, os investigadores perceberam que as meninas têm mais tendência a serem vítimas de *cyberbullying* praticado por amigos do que os meninos. Já os jovens do sexo masculino tinham propensão a ser vítimas por parte de grupos mais alargados de pessoas, recaindo o *cyberbullying* em temas como a capacidade desportiva ou a orientação sexual.

Da amostra de investigações acima compilada pode-se epilogar que a maioria das investigações sobre *cyberbullying* tem como público-alvo os menores de idade, bem como saber quem é mais propenso a praticar enquanto objetivo. Testemunha-se uma certa lacuna de estudos que se centrem na abordagem do fenómeno entre adultos. A infância é um período de vida capital na formação do ser humano, mas é fundamental salientar que quem educa as crianças são os adultos. É então conveniente descobrir se eles estão informados sobre o assunto (*cyberbullying*), como seria de esperar numa sociedade como a atual, em que se massificou a comunicação e a informação (Castells *et alii*, 2009). Pode ainda questionar-se sobre a sua preparação (que deveriam possuir fruto da experiência de vida e da acessibilidade à informação) para lidar com o *cyberbullying*.

O desenvolvimento de diferentes formas de atuação, juntamente com a divulgação de informação, ajuda a consolidar as estruturas do pensamento social para com uma realidade. O objetivo de tal processo é a criação de bases que permitam modelar atitudes nos adultos (educadores das crianças).

---

<sup>82</sup> Consiste na história de vida dos sujeitos, narrada por eles mesmos.

#### 5.4. IDENTIFICANDO O CYBERBULLYING

Identificar fenómenos nem sempre é tarefa fácil. Entre informação de origem fidedigna e saberes transmitidos oralmente (divididos entre opiniões pessoais e leituras perdidas) construir conhecimentos acerca do *cyberbullying* pode demandar algum trabalho. É preciso primeiro descobrir o que é.

Enquanto que para algumas pessoas o fenómeno é considerado coisa de criança, para outros é uma violência atroz. Uns consideram que tudo é *cyberbullying* e outros que nada se constitui como tal, tendo sido apenas um termo criado para vender na comunicação social. Opiniões divergentes, umas mais sensatas que outras. Assim é a diversidade humana: nem todos entendem o mesmo da mesma forma, tal como defende Bateson ao longo da sua obra *Metadiálogos* (1989).

O *cyberbullying*, que pode ser praticado de forma privada ou pública, deve ser reconhecido de acordo com as características adotadas e não baseado numa definição padronizada, ou seja, deve analisar-se o caso consoante o seu conteúdo e contexto de ocorrência: se for público deve ter-se em consideração o efeito na reputação dos indivíduos e a origem social da vítima; caso seja privado é conveniente perceber as probabilidades do *cyberbullying* vir a converter-se em público assim como os efeitos psicológicos que está a ter na vítima. Considera-se *cyberbullying* todos os casos de divulgação pública de conteúdos textuais, visuais e áudio que depreciem ou desacreditem alguém (ou uma empresa, por exemplo), assim como a intimidação, ameaça e perseguição através de mensagens privadas que ocorra de forma sistemática, recorrente e intencional (Pinheiro, 2009).

Relativamente ao *cyberbullying* privado, que é praticado através de mensagens privadas do agressor para a vítima (por correio eletrónico, *chat*, *Skype*) o caso é identificado pela perseguição, pela insistência e pelo conteúdo. Quando persistente temporalmente e feito de forma maciça, principalmente se se notar que o agressor está a monitorizar a vítima trata-se de *cyberbullying*. A conclusão depende do teor e da frequência. Se o conteúdo for significativo para colocar a hipótese de risco de segurança, de devassa da vida privada ou até mesmo de risco de vida para a vítima, devem tomar-se providências sem grande hesitação: não se deve esperar para ver o que acontece.



Por sua vez, o *cyberbullying* público é aquele em que os conteúdos são expostos na Internet (como, por exemplo, em vídeos em que há difamações). Neste caso é de ressaltar que tudo o que é exposto na Internet fica sujeito a um público incalculável, assim como também é passível de ser copiado, alterado e difundido (em *sites*, por correio eletrónico, telemóvel). Tratando-se de conteúdo público, uma publicação é suficiente para poder ser considerado um fenómeno de *cyberbullying*.

Apesar de alguns autores julgarem que inicialmente deve ser considerado *cyber-harassment* ou *cyber-agressão*, esta tese não condescende com esse argumento uma vez que se entende que o *cyberbullying* não necessita de ser sempre praticado pela mesma pessoa, uma vez que o agressor inicial pode deixar de fazer *cyberbullying*, mas outros indivíduos o podem continuar, pelo que fenómenos como o *cyberbullying* devem ser analisados pela perspetiva da vítima. Se uma pessoa for vítima, independente de ter um agressor ou muitos, de ser sempre o mesmo agressor ou este variar, é *cyberbullying*. A repetição do ato deve ser considerada em relação à vítima. Assim, o que pode ser publicado por um indivíduo pode ser partilhado por outros: o “*uma vez*” de um sujeito pode passar rapidamente a mil, dependendo apenas da atitude das pessoas que visualizarem esse conteúdo. Podem copiar, alterar e partilhar novamente. Veja-se o caso do *Star Wars Kid* (Macleans, 2013: 1) em que um adolescente canadiano de 14 anos (em 2002) se filmou a imitar Darth Maul<sup>83</sup> a lutar, e que viu o seu vídeo ser partilhado (um ano depois) na Internet pelos seus colegas de escola. Tornando-se viral, o vídeo foi copiado, alvo de montagens, transformado em caricaturas e até convertido em jogo de computador. Ghyslain Raza, então com 15 anos<sup>84</sup>, foi alvo de *cyberbullying* recebendo mensagens de pessoas a incentivá-lo ao suicídio, como o mesmo refere numa entrevista dada em 2013: “*no matter how hard I tried to ignore people telling me to commit suicide, I couldn’t help but feel worthless, like my life wasn’t worth living*”<sup>85</sup> (Macleans, 2013: 1). Como se pode apreender deste caso bastou o vídeo para construir um pesadelo.

---

<sup>83</sup> Personagem do filme *Star Wars*.

<sup>84</sup> A divulgação pública do vídeo foi feita um ano depois da filmagem.

<sup>85</sup> “Não importa o quanto tentei ignorar as pessoas a dizerem-me para cometer suicídio, eu não conseguia deixar de me sentir inútil, como se a minha vida não valesse a pena ser vivida” (tradução da minha responsabilidade).

## 5.5. COMO OPERA?

Para compreender o *cyberbullying* é preciso conhecer as suas vertentes. Estas constituem-se pelos tipos de conteúdo e de impacto que o fenómeno pode adotar, de acordo com os propósitos do agressor que os direciona consoante a sua intenção seja humilhar, difamar, denegrir, ameaçar, perseguir ou incentivar a vítima a fazer algo. Neste campo podem assomar seis vertentes diferentes, três delas referindo-se ao tipo de conteúdo que o *cyberbullying* pode apresentar e as restantes ao impacto que pode ter nas pessoas.

As vertentes do campo “tipo de conteúdo” são:

- Áudio - referindo-se à gravação de conversas, ameaças ou até à montagem de músicas com imagens<sup>86</sup> com o objetivo de atingir a vítima;
- Imagem – recolhidas sob o formato de fotografia ou vídeo, podem ter sido capturadas tanto pela própria vítima quanto pelo agressor, e são normalmente utilizadas em conjunto com textos ou áudios;
- Texto – utilização do texto escrito para praticar *cyberbullying* como é o caso de relatos, histórias, mensagens e comentários.

As vertentes que respeitam à forma como exerce “impacto” nos indivíduos são:

- Fisiológicas – as respostas fisiológicas perante uma situação de *cyberbullying* são regidas pelo sistema nervoso autónomo (Carlson, 2002; Machado, s/d: 1), que é controlado pelo hipotálamo (regulador do metabolismo: sistema nervoso, sistema endócrino e produção de hormônios), sistema límbico (regulador dos comportamentos sociais) e tronco cerebral (responsável pelo ritmo cardíaco, pela respiração e pela dor): o corpo humano está preparado para reagir, antes mesmo da razão tomar parte na ação por meio da resposta fisiológica (que visa garantir a proteção do indivíduo), o que, dependendo da pessoa, pode variar de intensidade;

---

<sup>86</sup> Que provoquem vergonha, que rotulem, que devassem a reputação e a privacidade da vítima.

- Psicológicas – uma das maiores dificuldades em lidar com o *cyberbullying* prende-se com a forma como afeta psicologicamente o indivíduo: a divulgação de conteúdos falsos, privados ou distorcidos atinge irremediavelmente a autoestima e a reputação, o que se traduz em distúrbios e perturbação psicológica na vítima (Vala e Monteiro, 2013) podendo influenciar significativamente a sua vida quotidiana: alteração de comportamentos individuais, sociais e comunicacionais.

## 5.6. FORMAS DE CYBERBULLYING

Descritas as formas como o fenómeno pode tecer o seu impacto, é importante perceber a variedade de práticas que pode envolver.

Tendo em conta que a prática de *cyberbullying* engloba a exploração do potencial das novas tecnologias é de reconhecer que os limites e variedades do mesmo são moldadas e restritas às possibilidades do momento. É o agressor que precisa de auferir proveito das tecnologias e da rede para praticar *cyberbullying*, pelo que qualquer um pode ser vítima mesmo que não utilize a Internet. Afinal os telemóveis permitem fotografar e filmar, o que aumenta exponencialmente a probabilidade de alguém ver a sua imagem gravada por desconhecidos (que poderão aproveitar-se da mesma para os fins que desejarem).

As diversas formas de praticar *cyberbullying* são<sup>87</sup>:

- *Sexting*: mensagens de conteúdo sexualmente explícito quer se trate de texto, som, imagem ou uma mistura dos três;
- *Happy slapping*: agressão física praticada com a finalidade de ser gravada e distribuída na rede através de imagem ou vídeo;
- *Cyberstalking*: perseguição;
- Informações falsas (*misinformation*): difamar, inventar e espalhar histórias, mentiras, rumores sobre a vítima;
- Exclusão e ostracismo: bloquear e excluir sucessivamente alguém de listas, grupos ou *sites* incentivando outras pessoas a fazer o mesmo;
- Divulgar (*outing*): espalhar informações ou imagens da vítima (verídicas);
- Usurpação de identidade: fazer-se passar por (geralmente envolvendo a criação de contas de correio eletrónico e perfis em redes sociais ou de encontros para adultos);
- Incitar (*flaming*): *cyberbullying* em tempo real, em *chats*, fóruns e grupos de discussão em que os agressores incentivam terceiros a gozar, a insultar, a difamar, a odiar ou a expulsar a vítima;

---

<sup>87</sup> Identificadas por meio da análise bibliográfica e das informações recolhidas por meio da etnografia digital, concretamente a descrição de procedimentos que as vítimas estavam a sofrer ou tinham sofrido.

- *Trolling*: gozar com alguém explicitamente quer seja através de mensagens, imagens ou vídeos deliberadamente para provocar e irritar a vítima com o objetivo de a ver reagir;
- *Porn revenge* (pornografia de vingança): quando no fim de um relacionamento um dos elementos utiliza fotografias e vídeos íntimos do parceiro para colocar *online* em sites pornográficos (muitos dos quais já dispõem de uma categoria própria para este tipo de pornografia).

Constituindo-se como as mais usuais atualmente, as formas acima descritas não contemplam a totalidade das variações que o *cyberbullying* pode adotar pois é um fenómeno em constante evolução. Desse modo, uma vez que se trata de uma realidade adaptável às possibilidades contextuais, ele pressupõe a eventualidade de alterações consoante venham a proporcionar-se condições para.

O *cyberbullying* constitui-se como um fenómeno rizomático na medida em que é flexível, instável, influenciável e passível de se ramificar em variadas direções. Detalhadamente, com base nas recolhas empíricas sustentadas com recurso à etnografia digital e à análise do estado da arte, é consensual uma maior incidência de certas práticas comparativamente a outras. Consistentes com o carácter volúvel do *cyberbullying*, mesmo as práticas pontuais, esporádicas e casuais são passíveis de se tornar usuais.

O *cyberbullying* envolve<sup>88</sup>:

- Acusações falsas;
- Criação de páginas falsas (*blogs*, perfis, *sites*);
- Coletar exaustivamente dados da vítima;
- Monitorizar a pegada *online* da vítima;
- Apoderar-se das contas *online* da vítima;
- Incitar outros utilizadores a perseguir, ostracizar ou divulgar informações falsas sobre a vítima;
- Assédio e extorsão sexual;

---

<sup>88</sup> Identificados por meio da análise bibliográfica e das informações recolhidas por meio da etnografia digital, concretamente a descrição de procedimentos que as vítimas estavam a sofrer ou tinham sofrido.

- Alteração de papéis em que o agressor se faz passar por vítima aos olhos da sociedade;
- Ataques informáticos com a finalidade de aceder aos dados do computador da vítima ou danificar o mesmo;
- Efetuar encomendas em nome da vítima (usualmente à cobrança no ato de entrega);
- Dedicar-se a reportar como *spam* ou conteúdo impróprio todas as postagens da vítima;
- Tentar descobrir as *passwords* da vítima;
- Vilanização da vítima, normalmente por meio de histórias em formato de testemunho assim como de fotografias manipuladas, além da usurpação/criação de perfis falsos;
- Manipulação psicológica da vítima;
- Manipulação de imagens e vídeos;
- Gravação de imagens sem autorização;
- Publicações sem autorização.

Como é possível perceber através desta descrição a promessa de anonimato oferecida pela Internet é uma das maiores vantagens a favor dos agressores. Sentindo-se o indivíduo à vontade, a violência socialmente castrada pode finalmente ser resgatada num meio único (Internet) onde poderão praticar-se as maiores atrocidades com as mínimas probabilidades de vir a ser-se identificado.

Apesar de o *cyberbullying* ser visto como uma manifestação da aberração do homem (que persegue, maltrata e caça a sua espécie sendo ainda capaz de sentir prazer nisso), pode igualmente ser o espelho que reflete o carácter do que é considerado por alguns autores como a sua natureza, como Hobbes (1909 [1651]), Freud (1996 [1920]; 2010 [1930-1936]) e Muchembled (2014) dissertam ao longo das suas obras. Destilado sobre um ecrã o *cyberbullying* vai além das limitações físicas, estilizando mundos.

Tal como Hobbes argumentava, se fosse permitido ao indivíduo fazer tudo o que quisesse, ou caso ele entendesse que tal era viável de concretizar, entrar-se-ia em estado

de *bellum omnium contra omnes* (“guerra de todos contra todos”<sup>89</sup>) em que a incerteza, a insegurança e a destruição reinariam (Hobbes, 1909 [1651]). É, em certa medida, o que se passa com o *cyberbullying*. Deixando-se levar pela possibilidade de serem violentos os agressores fazem-no na medida em que percebem que o podem fazer, criando à vítima uma situação de pânico, de exposição, de perda (do conforto, da privacidade, da reputação, entre outros).

Porém, a Internet permite outros contornos que à luz do tempo de Hobbes não se poderiam equacionar: o caráter cínico das pessoas que, após praticar *cyberbullying*, criticam publicamente (na Internet e no face-a-face) o que fazem no conforto da sua privacidade (praticar *cyberbullying*). O que vem frustrar as tentativas seculares de controlo do homem, confirmando que o podem castrar, mas não evitar que pense e aja.

---

<sup>89</sup> Tradução da minha responsabilidade.

## 5.7. A GÊNESE DA SUA EFICÁCIA

Tudo o que foi escrito até agora responde a variadas questões, como as formas que pode adotar, como se pode praticar e o porquê de o fazer, mas não elucida porque é que o *cyberbullying* é eficaz. Tal prende-se com as características da Internet em que tudo o que é feito, escrito, publicado e partilhado fica sujeito a quatro fatores: persistência, ser pesquisável, replicabilidade e audiências invisíveis (Morais, 2007). É dessa forma que o *cyberbullying* garante a sua eficácia.

O ato que persiste da manutenção do conteúdo *online* partilhado ou criado na rede impossibilita a sua remoção, consagrando-o para a posteridade. Num caso de *cyberbullying*, em que foram divulgadas imagens e mensagens difamatórias, as marcas desse acontecimento por muito que se possa lutar para apagar o rasto vão ficar na Internet.

Veja-se o seguinte exemplo presente nos vídeos de sensibilização “*Think before you post*”<sup>90</sup>, o primeiro de Kenvin Lu e o segundo da *CyberTipline*:

**Imagem 4: A jovem coloca uma fotografia dela no mural da escola.**



Créditos: “*Think before you post*”, de Kenvin Lu.

<sup>90</sup> “*Think before you post*”, Kenvin Lu: <https://www.youtube.com/watch?v=VzPY-H9rVBI>, 27/11/2014.  
“*Think before you post*”, *CyberTipline*: [https://www.youtube.com/watch?v=oI3nE\\_nQuBU](https://www.youtube.com/watch?v=oI3nE_nQuBU), 27/11/2014.



**Imagem 5: Jovens veem a imagem e guardam-na para si.**



Créditos: “*Think before you post*”, de Kenvin Lu.

Nestas duas primeiras imagens é possível ver que alguém colocou uma fotografia *online*, no seu mural, e que as pessoas não só viram a imagem como a recolheram para si.

**Imagem 6: Jovens que recolheram a imagem distribuem-na pelos seus amigos.**



Créditos: “*Think before you post*”, de Kenvin Lu.

**Imagem 7: Jovens (re)partilham a fotografia.**



Créditos: “*Think before you post*”, de Kenvin Lu.

Ilustrando o que acontece depois de uma imagem ser colocada *online*, o vídeo mostra as fotografias a ser distribuídas entre contactos. Uma e outra vez, multiplicando-se rapidamente as pessoas com acesso à imagem.

**Imagem 8: Jovem elimina a fotografia do seu mural.**



Créditos: “*Think before you post*”, de Kenvin Lu.

**Imagem 9: Jovem percebe que a imagem continua online.**



Créditos: “Think before you post”, de Kenvin Lu.

A jovem que tinha colocado a fotografia no seu mural elimina-a, pensando que assim iria terminar o ciclo de partilhas. Mas este é vicioso, e mesmo ela eliminando a imagem inicial não a consegue fazer desaparecer da Internet. O facto de pessoas a terem copiado e partilhado implica que o sujeito perca o controlo do que colocou *online*. O que era um conteúdo privado passou a ser de todos.

**Imagem 10: Jovem entra em desespero por não conseguir eliminar a imagem.**



Créditos: “Think before you post”, de Kenvin Lu.

A jovem desespera ao constatar que nada consegue fazer para eliminar a imagem. O vídeo termina com a mensagem de que uma vez colocado *online* não é possível eliminar, pelo que se deve pensar antes de partilhar na Internet.

O segundo vídeo, *“Think before you post”*, da *CyberTipline* sensibiliza para a mesma situação:

**Imagem 11: Jovem coloca fotografia sua no mural da escola.**



Créditos: *“Think before you post”*, por *CyberTipline*.

**Imagem 12: Imagem da jovem online.**



Créditos: *“Think before you post”*, por *CyberTipline*.

**Imagem 13: Jovem vê e guarda para si a imagem.**



Créditos: “Think before you post”, por CyberTipline.

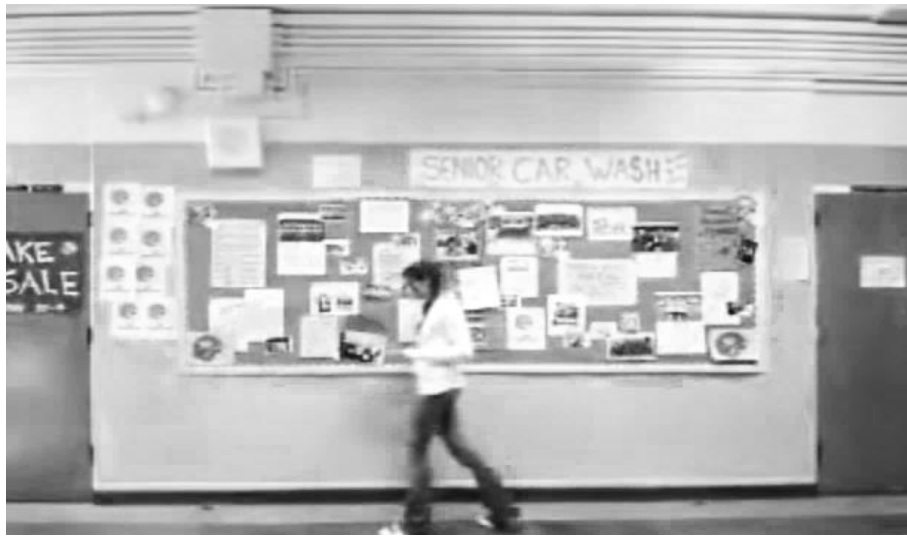
A primeira imagem mostra uma jovem a colocar uma fotografia sua *online*, no mural de uma qualquer rede social (no vídeo representada pelo mural da escola). Depois de publicado o mesmo fica disponível para que todos o possam ver e eis que surge alguém que guarda a imagem para si.

**Imagem 14: Outro jovem vê e guarda para si a imagem.**



Créditos: “Think before you post”, por CyberTipline.

**Imagem 15:** Após guardar para si a imagem, a mesma continua disponível *online*.



Créditos: “*Think before you post*”, por CyberTipline.

Mais pessoas veem a imagem e decidem ficar com ela. Porém, isso não faz com que a mesma deixe de permanecer *online*. Muito pelo contrário: quanto mais pessoas que guardem ou compartilhem a fotografia, esta permanece disponível para mais gente poder fazer o mesmo.

**Imagem 16:** Jovens distribuem entre si a imagem.



Créditos: “*Think before you post*”, por CyberTipline.

**Imagem 17: Mais jovens (re)partilham a fotografia.**



Créditos: *"Think before you post"*, por CyberTipline.

Começam as (re)partilhas: pessoas que viram a imagem decidiram partilhá-la pelos seus amigos e estes fizeram o mesmo, num ciclo dificilmente controlável ou previsível.

**Imagem 18: Mais pessoas veem a fotografia e guardam-na.**



Créditos: *"Think before you post"*, por CyberTipline.

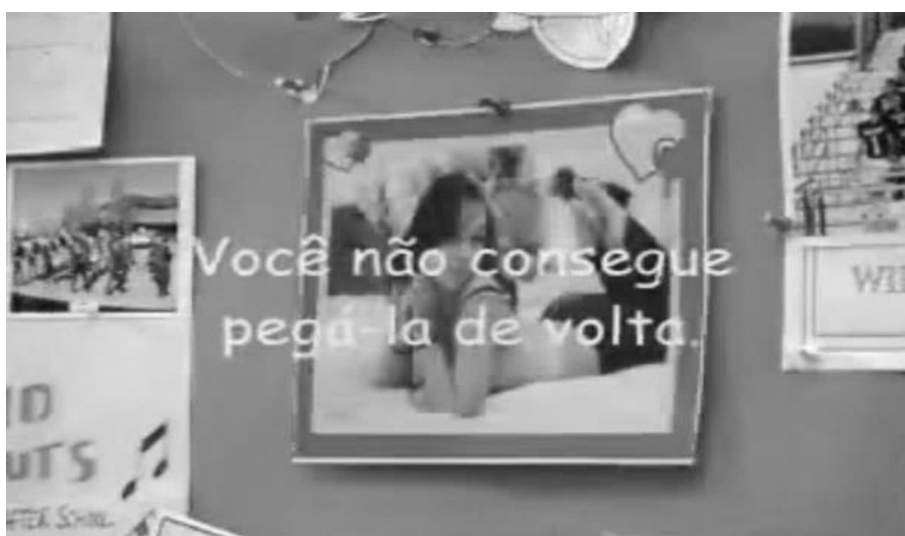
**Imagem 19: A jovem elimina a sua fotografia do mural.**



Créditos: “Think before you post”, por CyberTipline.

As partilhas fazem com que o conteúdo permanece *online*. A jovem que o colocou pode apagar-lo do seu mural, mas isso não significa que o conteúdo seja eliminado. As pessoas continuam a distribuir a sua fotografia, pois esta já havia sido partilhada por outros indivíduos. Por outras palavras, as partilhas permitem que os conteúdos publicados continuem *online* pois a fonte já não é uma só: são várias.

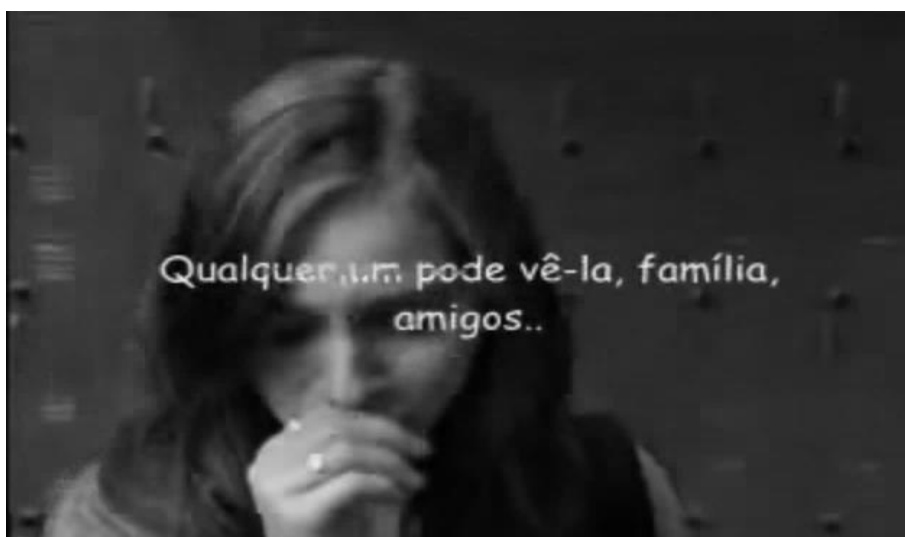
**Imagem 20: A imagem continua *online*.**



Créditos: “Think before you post”, por CyberTipline.



**Imagem 21: A jovem não sabe o que fazer ao perceber que não tem como voltar atrás.**



Créditos: “Think before you post”, por CyberTipline.

Eliminar a imagem original não surte efeito e a jovem desespera por não conseguir interromper o ciclo de partilhas uma vez que as outras cópias permanecem disponíveis.

O vídeo termina reforçando a mensagem “*once you post your picture online you can’t take it back, everyone can see it... family, friends...*”<sup>91</sup>

**Imagem 22: Qualquer um pode ver a imagem e ficar com ela.**



Créditos: “Think before you post”, por CyberTipline.

---

<sup>91</sup> “Uma vez que colocas uma fotografia online não consegues recolhê-la de volta, qualquer um pode vê-la... família, amigos...” (tradução da minha responsabilidade).

E termina com a mensagem principal: “... *anyone... Think before you post*”<sup>92</sup>, mostrando um desconhecido a ver a imagem.

Elucidativos, ambos os vídeos sensibilizam para as realidades que tornam o *cyberbullying* eficaz:

- A impossibilidade de eliminar o conteúdo;
- A inviabilidade de controlar quem tem acesso a ele (as audiências).

Principalmente porque mesmo que o sujeito imponha restrições de visibilidade (imagem disponível apenas para amigos, por exemplo), as pessoas que a ele tiverem acesso podem sempre apoderar-se desse conteúdo, guardando uma cópia para si e até enviar uma para quem quiserem.

Encontra-se aqui o segundo fator que contribui para a eficácia do fenómeno: as audiências invisíveis. Referindo-se as mesmas a que tudo o que é colocado na Internet fica sujeito a ser visualizado, lido, interpretado, comentado e ouvido por qualquer um. Versa a questão sobre um ponto central: a ilusão de que ninguém vê o que se coloca *online*, ou que só os amigos irão aceder àquele conteúdo. Porém qualquer pessoa pode estar a visualizar aquilo, alguém que não se imagina sequer poder ter acesso àquele conteúdo partilhado, na realidade acaba por ter. O que à partida não se pensaria que fosse visto poderá estar a ser visualizado por milhares de pessoas (Morais, 2007; Pinheiro, 2009). Tudo o que se coloca na Internet é extremamente difícil de ser totalmente removido (usualmente restam sempre vestígios, pegadas), precisamente porque é de imediato (quer o indivíduo tenha ou não consciência disso) exposto a um público infinito, cuja capacidade de absorver, transmitir, partilhar e alterar informação é imensa (Morais, 2007; Pinheiro, 2009).

O terceiro fator prende-se com a possibilidade de ser pesquisável, uma das principais características da Internet. Aqui explora-se que tudo o que é disponibilizado *online* é pesquisável (o que permite a partilha da informação) pelo que uma vez na rede qualquer utilizador poderá encontrar o conteúdo e aceder a ele.

Relativamente ao quarto fator, a replicabilidade, destaca-se que tudo o que é partilhado na Internet deixa de estar sob o nosso controlo, podendo ser copiado e

---

<sup>92</sup> “... *Qualquer um... Pensa antes de partilhar*” [tradução da minha responsabilidade].

difundido, no âmbito desejado por quem o replica (tal como demonstrado nas imagens finais de ambos os vídeos).

Assim se orchestra a génese da eficácia do *cyberbullying*: solidificada no próprio princípio da eficácia da Internet enquanto ferramenta de comunicação e informação em massa.

## 5.8. COM QUE TIPO DE PESSOAS SE LIDA?

Uma vez clarificadas as práticas e o motivo pelo qual é eficaz, é tempo de falar sobre o tipo de pessoas com quem se lida quando se fala de *cyberbullying*. Defende-se nas investigações analisadas no estado da arte a premissa de que as mulheres apresentam uma maior propensão para serem vítimas de *cyberbullying* ligado à exploração sexual e os homens de *cyberbullying* relacionado com a sua orientação sexual, no entanto na presente tese os dados recolhidos são insuficientes para se poder confirmar ou refutar esta teoria.

A hipótese de um indivíduo ser vítima ou *cyberbullie* está mais próxima daquilo que faz do que do seu género. É possível encontrar algumas características que os agressores no geral têm em comum. Importa, pois, salientar que qualquer pessoa, desde que tenha acesso à Internet, pode praticar *cyberbullying*. A decisão de o fazer ou não depende de cada um.

Eis alguns dos tipos de *cyberbullies* identificados durante a investigação empírica<sup>93</sup>:

- **Os sem noção ou os que renegam:** são aqueles que praticam com intenção, mas sem noção de que aquilo é *cyberbullying*. Estas pessoas que numa situação propícia o praticaram afirmam a pés-juntos que não o fizeram. Psicologicamente estes indivíduos não assumem os seus atos, considerando-se puros e isentos de qualquer pecado. Os outros é que praticam, eles não.
- **Os gozões:** o nome é elucidativo por si mesmo. São seres humanos que gostam de gozar com os outros, principalmente quando estes últimos de algum modo dão margem para isso. O *cyberbullying* começa a ser um pesadelo para as vítimas e um prazer festivo para os praticantes. O *cyberbullying* é claro, mas para eles não estão mais que a brincar (com pouca noção dos efeitos causados nos alvos da brincadeira).
- **Os obcecados:** são aqueles que praticam *cyberbullying* porque, atingidos por uma espécie de cegueira branca, não veem algo mais à frente.

---

<sup>93</sup> Identificados por meio da análise das informações recolhidas por meio da etnografia digital, concretamente a descrição do desenrolar dos casos em que as vítimas estavam envolvidas ou tinham sido envolvidas.

Concentram-se em perseguir a vítima visando alcançar o seu objetivo pessoal que pode ser, por exemplo, retomar uma relação.

- **Os sádicos:** praticam *cyberbullying* porque simplesmente lhes proporciona prazer. Um prazer sádico viciante. Este tipo de *cyberbullies* são predadores e capazes de percorrer páginas pessoais umas atrás das outras até escolherem uma vítima. Depois disso perseguem-na até quase à exaustão do agressor, não da vítima: essa é levada além desse estado. Gostam de deixar a vítima em baixo e próxima do nível da loucura/desespero.
- **Os vingativos:** sem grandes margens para dúvida, estas pessoas praticam *cyberbullying* para se vingar de alguém. Normalmente vão até ao limite (pode culminar em provocar a vítima até que ela se suicide ou ceda aos seus propósitos).
- **Os que sofrem de distúrbios mentais:** existem ainda pessoas que podem cair nos caminhos do *cyberbullying* porque possuem algum género de transtorno mental que as impele a isso. As consequências e o tipo de *cyberbullying* praticado, assim como a intensidade do mesmo são imprevisíveis.
- **Os haters (“os que odeiam”):** é um termo que se generalizou para designar as pessoas que se dedicam a odiar alguém ou o que esse alguém representa. Ofendendo com palavras escritas ou proferidas, com mensagens de ódio e desprezo caracterizam-se por incentivarem sempre as massas a um mesmo sentimento e atuação. Os *haters* chegam a alterar imagens e fazer montagens com vídeos apenas para humilhar e diminuir a autoestima do sujeito que detestam e do qual podem sentir inveja por um qualquer motivo, por mais absurdo que seja (como o simples facto de existir). As celebridades, que lidam diariamente com este tipo de *cyberbullies*, ajudaram a divulgar os *haters* ou, por outras palavras, aqueles que se dedicam a odiar pessoas. São também as celebridades (principalmente do cinema, da televisão, do mundo da música e da moda) que frequentemente fazem uso do seu mediatismo para revelarem este

tipo de *cyberbullying*, do qual são vítimas, transmitirem mensagens de superação ensinando a lidar com uma situação destas (com os *haters*).

- **Os “porque posso”:** talvez o mais comum é o indivíduo que praticou *cyberbullying* porque lhe apeteceu, porque tinha tudo ao seu alcance para isso e porque podia, logo, colocou-o em prática. Estes casos podem eventualmente evoluir com o passar do tempo para um dos tipos mencionados acima.

Como se pode antever, os agressores nem sempre têm total consciência dos efeitos que os seus atos causam nas vítimas, enquanto outros terão efetivamente essa noção.

É importante o carácter do ato, a intenção do mesmo, que pode ir da brincadeira até ao *cyberbullying*. Existem vários tipos de agressores, com ou sem consciência das consequências dos seus atos. Desde os agressores inconscientes que agem sem ter qualquer ideia que o efeito no outro é diferente da sua intenção inicial; aos incautos que não sabem que estão a praticar *cyberbullying* e o fazem sem se aperceber disso; passando pelo ato intencional dos que sabem que aquilo é *cyberbullying* mas fingem não saber; até aos que estão cientes que estão a praticar *cyberbullying* e o assumem. Explicado de outra forma, existe ação, no entanto nem sempre a intenção é praticar o fenómeno. Um exemplo ilustrativo desta reflexão acontece quando uma pessoa tem o intuito de espicaçar outra, de brincar com ela e acaba a praticar *cyberbullying* dada a ausência de ilação das ações no outro.

Relativamente às vítimas do fenómeno a questão é francamente mais sensível. Na medida em que qualquer pessoa pode ser vítima de *cyberbullying*, existem poucas características que levantam a hipótese de tal vir a acontecer. Sucintamente<sup>94</sup>:

- **Os incautos:** geralmente é onde se inserem as crianças. São aquelas pessoas que ainda não possuem experiência de vida para diferenciar o que os pode pôr em risco ou não. Logo, quem quiser tirar partido disso tem o caminho aberto.
- **Os imprudentes:** aquelas pessoas que não têm noção do quanto se expõem na rede, ou do perigo em aceitar uma chamada de vídeo.

---

<sup>94</sup> Identificados por meio da análise das informações recolhidas por meio da etnografia digital, concretamente a descrição do desenrolar dos casos em que as vítimas estavam envolvidas ou tinham sido envolvidas.

Exposição em demasia ou dados que possam identificar casas, moradas e bens são um chamariz para o agressor.

- **Os espalhafatosos:** ao contrário dos que não têm noção, os indivíduos que gostam de escandalizar usualmente partilham momentos da sua vida privada (que deveriam permanecer privados) porque gostam de chamar à atenção ou de chocar os outros. E o que chama à atenção comporta vantagens, mas igualmente riscos.
- **As vítimas da circunstância:** tal como já foi referido, todas as pessoas são passíveis de ser vítimas: porque foram filmados/fotografados na rua numa situação ocasional ou porque alguém se lembrou de os tomar como alvo. Até porque se as pessoas praticam *cyberbullying* porque podem as vítimas não precisam de despertar motivos para tal.
- **As vítimas mediáticas:** são aquelas pessoas que, por terem uma carreira que lhes imprime algum tipo de interesse público quer por participarem em programas, concursos e exporem o seu trabalho adquiriram mediatismo. Expostas publicamente, sujeitam-se à possibilidade de terem fãs ou *haters* (um tipo de *cyberbullie*).

Exposto um conteúdo (fotografia, história, comentário, vídeo, informação) na Internet este deixa de ser controlável. A vítima pode nem ter conhecimento que está a ser alvo de *cyberbullying*. Afinal para se ser vítima não é preciso utilizar a Internet. Pode se ter consciência ou não que se está a ser vítima. Sobre as consequências disso: é apenas possível agir quando se tem conhecimento do caso, o que é impossível quando se considera algo como normal e não se identifica o episódio como *cyberbullying*.

A partir do momento em que as pessoas tenderam a aceitar como fazendo parte do quotidiano os maiores abusos, como são os casos da violência doméstica ou do *bullying*, a alteração dessa perceção é uma luta difícil de travar. Interiorizando-se a violência como normalidade, esta é considerada inevitável sendo a atitude conformista expressa no pensamento de que não há nada a fazer a tomar conta do indivíduo, replicando-se de geração em geração. Assim induzidas, as vítimas de *cyberbullying* muitas vezes consideram aquilo de que são vítimas normal. Ao fazerem isso não o identificam como algo a combater e com o qual não se devem conformar. Acabam por

considerar normal o *cyberbullying*, quando ele é uma forma de violência. A tendência do homem para o *thánatos* é considerável, já o defendia Freud (1996 [1920]; 2010 [1930-1936]).

Não que exista propriamente uma mudança de paradigma nestas questões da não identificação de certos atos como violência: durante muito tempo certas atitudes foram consideradas normais e isso replica-se até hoje, como é o caso da violência psicológica que apenas tardiamente (essencialmente desde a assinatura da Declaração Universal dos Direitos do Homem em 1948 e mais intensamente por volta de 1970 com os movimentos feministas) começou a ser identificada como violência. Muitas pessoas ainda consideram que as agressões psicológicas e verbais não são agressão, quando na realidade podem chegar a assumir o caráter de crime público, como é o caso da violência doméstica<sup>95</sup>.

No que respeita a testemunhas, ou seja, pessoas que foram envolvidas de forma indireta no *cyberbullying*, a sua atuação é sempre uma incógnita. As testemunhas são importantes porque o seu comportamento influencia o caso. Podem adotar três atitudes: ignorar o caso, ajudar a vítima ou ajudar o agressor. A maioria das pessoas opta por ignorar o caso. Veem e passam à frente pois entendem que não é nada com elas ou porque não sabem como ajudar. Porém, se a testemunha tomar parte ativa no *cyberbullying* partilhando conteúdos e ajudando a humilhar a vítima, vai engrossar a lista dos agressores. Isto porque tal como podem coadjuvar a travar uma situação de *cyberbullying* optando por não partilhar o conteúdo ou reportando o caso (ajudando a vítima) podem de igual forma a converter o *cyberbullying* num caso de *crowdbullying*, *cyberbullying* praticado pelas massas. Este fenómeno será tratado no capítulo 6, dedicado ao assunto.

Um dos maiores problemas do *cyberbullying* é que quem o faz pode procurar satisfazer variadíssimos objetivos. Desde a necessidade de poder pessoal, conseguida ao perseguir alguém; ao prazer de transformar a vítima em objeto de sátira social; ou, simplesmente destilar a agressividade reprimida pela sociedade. Antes de perceber como se comportam os indivíduos perante o *cyberbullying* cabe questionar até que ponto as pessoas podem ser induzidas na sua prática, com ou sem noção de tal. O *crowdbullying* é disso exemplo. *Cyberbullying* de massas despoletado pela influência de

---

<sup>95</sup> De acordo com o art.152º do Código Penal Português – Lei 59/2007, publicada em Diário da República (1º Série) em 4 de setembro de 2007.



grupos de poder (políticos, religiosos, económicos) disfarçado sob apelos à necessidade de ação das massas. É essa a questão a responder no próximo capítulo.

## CAPÍTULO 6: CROWDBULLYING

*“Uma das melhores formas de combater este problema é usar esses incidentes como momentos de ensino, encorajando a reflectir sobre (...) comportamentos e escolhas” (Lieberman, Dinakar e Jones, 2013: 1).*

O presente capítulo analisa a emergência de uma forma de *cyberbullying* maciça, o *crowdbullying*, baseado em dois episódios mediáticos: o incidente na Maratona de Boston em 2013 e os factos que envolveram o linchamento da brasileira Fabiane Maria de Jesus em 2014. Com base nesses casos esclarece-se o conceito, a prática, o desenvolvimento e os corolários que do *crowdbullying* podem advir.

### 6.1. MOVIMENTOS DE MULTIDÃO

Enquanto fenómeno de características rizomáticas<sup>96</sup> o *cyberbullying* encontra na sociedade diversas possibilidades para o seu desenvolvimento. Durante a realização do levantamento empírico<sup>97</sup> constatou-se a emergência de uma nova variante do *cyberbullying* com semelhanças ao que ocorreu no Massacre de Lisboa descrito por Damião de Goes (1749), concretamente um movimento de multidão: o *crowdbullying* ou *cyberbullying* de massas. A identificação desta metamorfose do fenómeno resulta de uma extrapolação baseada na análise dos acontecimentos decorrentes do incidente da Maratona de Boston<sup>98</sup> e do linchamento de Fabiane Maria de Jesus<sup>99</sup> que envolveram a divulgação, por parte das autoridades, de apelos na Internet. Nesses, requeriam a colaboração da população para encontrar pessoas não identificadas que tinham praticado

---

<sup>96</sup> Da palavra rizoma originária da botânica e desenvolvido epistemologicamente enquanto conceito por Gilles Deleuze e Félix Guattari (1980) para designar algo que se desenvolve versatilmente pelo conjunto total dos fatores que o influenciam e garantem a sua natureza flexível, instável e sólida.

<sup>97</sup> Sustentada por meio da aplicação da etnografia digital, metodologia de carácter qualitativo que possibilita o estudo e acompanhamento de fenómenos emergentes, latentes e existentes, sem comprometer o desenrolar dos mesmos mediante a influência do investigador (Fidel, 1992; Yin, 1994)

<sup>98</sup> Boston, Estados Unidos da América, 15 de abril de 2013.

<sup>99</sup> Guarujá, São Paulo, Brasil, 3 de maio de 2014.

crimes, concretamente os bombistas de Boston, que na altura nem se sabia quantos eram, e uma mulher que raptava crianças no Rio de Janeiro para rituais de magia negra.

### 6.1.1. O caso de Boston

No dia 15 de abril de 2013 realizava-se em Boston a maratona da cidade. Eram cerca das 14h50 quando se deu a explosão que vitimou mortalmente uma criança e dois adultos, ferindo cerca de duzentas pessoas. Identificando o incidente como atentado terrorista, as autoridades procederam à emissão de um apelo público reclamando as filmagens e fotografias tiradas no local do incidente pela população de modo a acelerar o processo, o que teve consequências históricas. Descartando justificativo neste pedido, as pessoas foram mais longe empreendendo uma investigação paralela à oficial. Além de cederem as fotografias e os vídeos da maratona, da explosão e dos momentos seguintes, os cidadãos também disponibilizaram este mesmo material na Internet lançando um apelo global na rede para que todos ajudassem a identificar os autores do atentado através do *crowdsourcing*<sup>100</sup>. Foi esta investigação amadora paralela à oficial que fez com que o caso ficasse conhecido por “*encontrem os bombistas de Boston*” pois os fóruns<sup>101</sup> de discussão criados nos sites *Reddit* e *4chan* possuíam este nome. O *Twitter* e o *Facebook* também foram palco de acesas discussões e trocas de informação que os investigadores amadores iam partilhando. Paralelamente as autoridades iam procedendo à investigação oficial.

Quando o jornal *New York Post* publicou a suposta imagem dos suspeitos (retirada dos fóruns da investigação amadora sem confirmar a veracidade da mesma) deu-se um tumulto entre a população que empreendeu uma caça ao homem. De modo a silenciar as massas que tomaram essa informação do *New York Post* como verdadeira, as autoridades divulgaram a imagem oficial dos bombistas ainda sem ter descoberto a identidade dos mesmos, o que desencadeou uma certa obsessão<sup>102</sup> (Conceito.de, 2011): novamente as autoridades forneciam informações sob uma investigação em curso, o que foi entendido pelas massas como um reforço do pedido de ajuda inicial. Mudando de rumo, os investigadores amadores começaram a tentar desvendar quem eram os homens da imagem oficial. Socorreram-se para isso de aplicativos de identificação facial

---

<sup>100</sup> Tirar partido das massas para realizar tarefas propostas (Silvestre, 2011: 1).

<sup>101</sup> Fechados após a divulgação pelas autoridades da identidade dos culpados.

<sup>102</sup> A obsessão é um estado que provém de uma ideia fixa que direcciona o comportamento dos indivíduos (Conceito.de, 2011)

básicos, e como consequência obtiveram resultados artesanais. Novamente lidas como exatas, essas informações foram rapidamente divulgadas, o que originou que mais dois inocentes fossem conotados com o caso. Perseguidos como terroristas, um deles foi encontrado morto passados uns dias. Até hoje as circunstâncias que envolveram esta morte permanecem um mistério. Entretanto as autoridades conseguiram identificar os verdadeiros culpados, divulgaram a informação e culminaram com a epopeia do descontrolo das massas que durou menos de uma semana.

### 6.1.2. Os acontecimentos

Uma vez descrita a situação de um modo geral, cabe perceber como foi possível identificar a emergência do *crowdbullying*. Para tal é necessário analisar detalhadamente o caso. De forma resumida, a ordem dos acontecimentos foi a seguinte:

- O incidente foi identificado como atentado terrorista pelas autoridades;
- Com vista a acelerar o processo, as autoridades apelaram aos cidadãos para que cedessem filmagens e fotografias do local - *crowdsourcing*;
- A população entusiasmou-se e além de partilhar o material com as autoridades também o disponibilizou *online* solicitando a ajuda de todos na identificação dos terroristas - *crowdsourcing*;
- Os *crowdmembers*<sup>103</sup> dedicaram-se a tentar encontrar indícios no material exposto na Internet;
- Vários inocentes foram conotados como possíveis bombistas pelos investigadores amadores - *crowdmembers*;
- Os *crowdmembers* difundiram pistas falsas, cuidando ser verdadeiras;
- Nos fóruns e *sites* em que se desenrolava a investigação paralela à oficial registavam-se incentivos a teorias da conspiração<sup>104</sup>;

---

<sup>103</sup> Pessoas que participaram no apelo *crowdsourcing*, participantes da “massa” que trabalhou no grande objetivo comum.

<sup>104</sup> Para os *cyberbullies* este tumulto é uma oportunidade para praticar *cyberbullying*. Dessa forma aproveitando-se do contexto e da histeria das pessoas, incentivaram este comportamento pouco racional lançando rumores de teorias da conspiração (Goolsby, s/d: 3). Muitos *cyberbullies* encontram satisfação na manipulação das massas e no apelo à histeria que, como se destaca mais à frente, pode culminar em massacres.

- O jornal *New York Post* publicou fotografias de dois suspeitos apontados como culpados pelos detetives amadores e que se verificou serem inocentes;
- Após a divulgação da imagem oficial dos acusados pelas autoridades os *crowdmembers* utilizaram todos os meios ao seu dispor para identificar os suspeitos antes das autoridades;
- Os aspirantes a detetives *crowdsourcing* tentaram provar que eram melhores e mais rápidos que as autoridades (especialistas em investigação criminal);
- Um jovem universitário de Brown, desaparecido há cerca de um mês, foi equivocadamente identificado como um dos suspeitos pelos *crowdmembers* desde o dia seguinte à explosão (os *crowdmembers* alegaram que tinha desaparecido para planejar e executar o ataque);
- As autoridades divulgaram a verdadeira identidade dos bombistas e esta não correspondeu à dos sujeitos apontados pelos investigadores amadores;
- O jovem universitário Sunil Tripathi, de 22 anos, incorretamente apontado como culpado pelos *crowdmembers* é encontrado morto no rio Providence. O caso foi encoberto e posteriormente a família alegou tratar-se de suicídio por depressão.

Tendo em conta os factos, que se pode deduzir? Primeiro que se está perante um enquadramento específico, resultante de uma combinação de fatores únicos que permitiu reconhecer uma variante de *cyberbullying* que tem passado despercebida: o *cyberbullying* de massas ou *crowdbullying*, que consiste na utilização, pelas massas, das tecnologias de comunicação e informação para incomodar, perseguir e difamar um alvo de forma insistente e intencional (Pinheiro, 2009; Pinheiro e Martins, 2013). Tal foi possível de visionar após um apelo *crowdsourcing* emitido pelas autoridades com consequências aparentemente inesperadas, mas significativas. Aparentemente na medida em que este apelo poderá ter sido uma experiência deliberada de *crowdmanipulation* disfarçada de *crowdsourcing* em que as autoridades testaram a sua capacidade de controlo sobre as massas (Khazan, 2013; Goolsby, s/d: 3; Muchembled, 2014;

Rousseau, 2002; Elias, 1994; Hobbes, 1909 [1651]). Veja-se que sempre que as autoridades emitiam informações os *crowdmembers* de certa forma obedeciam, primeiro ao colaborar cedendo imagens e vídeos feitos no local, segundo direcionando a investigação amadora de acordo com a fotografia oficial dos suspeitos, e terceiro cessando o *crowdsourcing* quando as autoridades declararam já ter encontrado os bombistas.

## 6.2. CROWDSOURCING

O termo *crowdsourcing*, palavra composta pela combinação de *crowd* (massas) e *sourcing* (fonte), pode segundo Silvestre (2011: 1) ser definido da seguinte forma:

*“Crowdsourcing são então pessoas que se unem para resolver problemas em conjunto, criar novos produtos, testarem sites, criarem conteúdo, encontrarem soluções e muito mais. E é uma tarefa feita por nós há muito tempo, não é uma novidade da Internet, as cooperativas são exemplos de crowdsourcing, determinados movimentos também” (Silvestre, 2011: 1).*

Na mesma linha, Stevens (2011: 1) argumenta que o fenómeno é uma maneira de aproveitar o potencial das pessoas disponíveis para trabalhar em conjunto num objetivo em que estejam ligadas em rede. A base da eficácia do *crowdsourcing* é precisamente esse, o número de pessoas e a redução do custo tempo/orçamento permitido<sup>105</sup> (Stevens, 2011: 3). Porém da mesma forma como se pode usar o poder da multidão no sentido criativo, também se pode recorrer a ele com outros fins, como o *cyberbullying* ou estratégias políticas como a análise do comportamento das mesmas (Elias, 1994; Foucault, 1978 [1972]; Rousseau, 2002; Muchembled, 2014). As massas são susceptíveis à manipulação, tal como Khazan (2013) defende, uma vez que a sua capacidade de análise crítica diminui já que espelha um comportamento de conformismo (Khazan, 2013; Asch, 1956) e imitação (Tarde, 1890; 1901).

Tal como foi referido anteriormente, o *crowdsourcing* não é uma novidade criada pelas potencialidades da Internet, mas incrementada por esta. Segundo o *site Crowdsourcing.org* (2012), o fenómeno apresenta origens remotas podendo fazer-se um chamamento a episódios em que a nobreza apelou à população a fim de obter ajuda na resolução de alguma necessidade da época. Segundo o Infográfico do *site (Crowdsourcing.org, 2012)*, é possível encontrar na história um exemplo: o pedido (do Parlamento Britânico à população em 1714) de ideias que assegurassem uma navegação marítima mais segura, culminando com a criação do cronómetro marítimo de John Harrison em 1735 (Infopédia, 2013). Outro exemplo remonta a 1858 quando os

---

<sup>105</sup> Quando muitas pessoas trabalham num objetivo comum o custo de tempo é reduzido comparativamente com uma situação normal em que apenas um pequeno grupo operasse na mesma tarefa. Paralelamente o orçamento é mais baixo pois quanto menos tempo e mais voluntários existirem menos custos efetivos apresenta.

criadores do *Oxford English Dictionary* solicitaram voluntários para a sua redação. Como se pode ver o *crowdsourcing* não é algo novo mas um recurso atualizado ao enquadramento das possibilidades do momento. Novo é o seu alargamento à escala mundial permitido pela Internet, assim como operar em tempo real.

Podendo ser utilizado por qualquer pessoa e não apenas pelo governo ou elites, o *crowdsourcing* permite empreender grandes tarefas de forma rápida a custos mínimos que de outra forma seriam inviáveis. Direcionável para diversos objetivos (*Crowdsourcing.org*, 2012; Silvestre, 2011; Stevens, 2011) o *crowdsourcing* permite, por exemplo:

- Lutar por causas, fazer um *brainstorming*<sup>106</sup> e recolher *feedback*<sup>107</sup>;
- Desenvolvimento organizacional/tecnológico/científico;
- Resolver problemas, recolher fundos (*crowdfunding*);
- Produzir algo de novo ou melhorar o já existente;
- Juntar e processar conhecimentos.

Porém, o *crowdsourcing* neste processo também envolve e patrocina situações que causam estados ilusórios. Nestes casos o resultado final pode ser comprometido. Tal como argumenta Palumbo (2011), eis algumas das tentações:

- Deixar-se levar pelo ego;
- Promover a publicidade ou o destaque pessoal;
- Tentar encontrar primeiro a resposta “quem” antes de “o quê”;
- Pensar recorrer ao *crowdsourcing* é dispor de tecnologia de ponta.

Refletindo acerca destes ardis, Stevens (2011: 4) aponta como desvantagem do *crowdsourcing* a credibilidade dos resultados, que podem envolver juízos de valor. Tal acontece quando os *crowdmembers* se deixam levar pelo conformismo, espelhando o comportamento e a opinião da maioria (Tarde, 1890, 1901; Asch, 1956; Elias, 1994; Khazan, 2013; Muchembled, 2014), ou competem entre si pelos mais variados motivos como, por exemplo, promoção pessoal. Visualizando-se a possibilidade da incidência de

---

<sup>106</sup> Em português usualmente conhecido por nuvem/chuva de ideias.

<sup>107</sup> Críticas e opiniões de terceiros.



efeitos colaterais no *crowdsourcing* é possível que ocorram duas situações: uma epifania criativa coletiva, o que será excelente para alcançar o objetivo do apelo *crowdsourcing* ou, por outro lado, poderá acontecer que seja manipulado e degenere em *cyberbullying* de massas, como sucedeu no caso da Maratona de Boston. Mas como pode isto ocorrer? Será tão linear? Serão estas hipóteses que se explorarão subsequentemente.

### 6.3. O CROWD

Emergindo como promessa do poder da inteligência coletiva colocada em prática, o *crowdsourcing* revelou-se difícil de controlar. A premissa em que assenta, de que as massas se controlam a elas mesmas, sustenta-se na ideia de que se alguém encontrar um erro vai corrigi-lo, o que na prática nem sempre funciona.

Como salienta um estudo levado a cabo pela Universidade do Estado do Arizona em conjunto com a Universidade de Uppsala, as massas (*crowd*) podem ser menos inteligentes a fazer escolhas do que uma pessoa sozinha (Khazan, 2013). Gabriel Tarde, filósofo, sociólogo e criminalista francês, nos seus livros *L'Opinion et La Foule* (1901) e *Les Lois de L'Imitation* (1890) argumenta que a ideia do indivíduo se transforma na da maioria por imitação. Quando um sujeito emite com sucesso a sua opinião esta é descoberta por outras pessoas que a podem assimilar. Dessa forma a ideia de um indivíduo passa a ser a da multidão dispersa que essa opinião alcançou por meio do processo comunicacional (Tarde, 1980; 1901). A opinião deixa de ser de um indivíduo e passa a ser um fluxo na medida em que flui por várias pessoas, principalmente porque existe uma tendência social à imitação quando algo novo é considerado adequado ou proveitoso pelas massas (Tarde, 1980; 1901: 47). Porém quando essa ideia é tomada pela multidão, adquire características de facto social<sup>108</sup> pelo que passa a atuar como uma norma coletiva com efeitos coercivos sobre o individual (Tarde, 1980; 1901). Tendo em conta este carácter, o poder do sujeito é reduzido ao ponto de poder ser rejeitado ou ignorado caso contrarie a maioria (Tarde, 1980; 1901). Acontece que o indivíduo nem sempre perde o seu poder de influência junto das massas na medida em que ele próprio pode castrar-se, tal como é possível constatar nas experiências psicológicas dirigidas por Asch (1956). Nestas experiências o psicólogo mostrava um conjunto de segmentos de reta a um grupo perguntando-se qual era o mais comprido, os resultados variavam segundo a resposta da maioria (Asch, 1956). Acontecia que, quando o grupo dizia que era o segmento A, a cobaia<sup>109</sup>, numa atitude de conformismo para com a maioria, concordava que era o A apesar de constatar que era o B.

Neste caso em concreto, o *crowdsourcing* percorreu a mesma linha: quando os indivíduos começaram a abstrair sobre quem poderiam ser os bombistas de Boston os

---

<sup>108</sup> Segundo Durkheim (1989 [1895]) os factos sociais são formas de agir e de pensar exteriores ao indivíduo, normas coletivas com poder de coerção.

<sup>109</sup> Pessoa na qual se ia testar a atitude perante o comportamento dos restantes. Queria verificar-se se a cobaia vendo que X era a resposta, diria X mesmo que as restantes pessoas dessem uma resposta diferente.

restantes espelharam esse pensamento. A justificação de tal atitude parece residir no facto de que quando se está sozinho não existe alguém para opinar, induzir em erro ou até mesmo persuadir a uma atitude de conformismo (Khazan, 2013). O que terá acontecido no caso da Maratona de Boston.

Refletindo sobre o assunto, quando os *crowdmembers* decidiram tomar iniciativa e promover uma investigação amadora paralela à oficial, assistiu-se a um desenrolar de acontecimentos descontrolados que degeneraram em confusão, em difamação, em controvérsia e em *cyberbullying* para com os inocentes acusados. Este momento alertou para os riscos traduzidos no tipo de investigação coletiva ou, por outras palavras, a investigação amadora *crowdsourcing* pode comportar decisões rápidas, pouco ponderadas, movidas pela influência da comunicação digital (Goolsby, s/d: 3).

Observou-se a condenação pública de alguns indivíduos que os detetives amadores tinham identificado precipitadamente enquanto autores dos atentados. Inocentes ou não, as fotografias e dados destas pessoas foram distribuídos pela rede. Como se pode ver na imagem seguinte.

**Imagem 23: Exemplo da tentativa de identificação dos bombistas de Boston**



Créditos: <http://www.dailycriminal.com/wp-content/uploads/2013/04/6uthUCwh1.jpg> [acedido em 26/08/2013]

Esta atitude, dada a sua natureza e magnitude, pode ser considerada *cyberbullying* no sentido em que o termo designa o recurso às tecnologias de comunicação e informação para incomodar, perseguir, assediar, difamar ou fazer-se

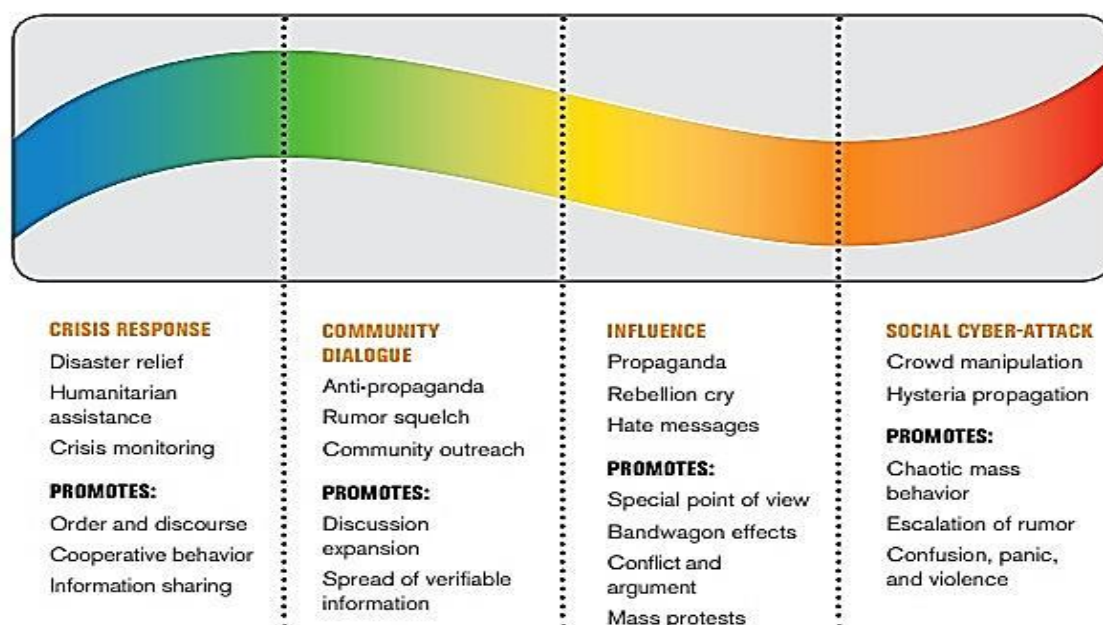
passar por alguém de forma insistente e intencional (Pinheiro, 2009). Analisando os factos pode estar-se perante o espelhar dos resultados da manipulação das potencialidades do *crowdsourcing* visando analisar o comportamento das massas e até que ponto é possível condicioná-lo (Muchembled, 2014; Kaplan, 2004: 89; Elias, 1994; Weingart, 1989: 9; Rousseau, 2002; Foucault, 1978 [1972]). Ora as massas regem-se por uma racionalidade singular<sup>110</sup> na medida em que o seu comportamento não espelha nem o pensamento individual nem o de todos, mas o da maioria (Kaplan, 2004: 89; Weingart, 1989: 9). Nesse sentido, o que se canaliza para num sentido pode também conhecer variações noutra vertente, tal como salienta Goolsby (s/d: 3). Como é o caso da emergência de *crowdsourcing* e *crowdbullying* ocultando processos de *crowdmanipulation* (Goolsby, s/d: 3) visando servir interesses políticos, religiosos ou económicos. Veja-se o exemplo de grupos que incentivam o ódio ou que lutam por uma determinada causa divulgando vídeos, apelos e testemunhos na Internet.

Num gráfico onde se vê a evolução da comunicação digital e os seus efeitos nas massas, desde o mais positivo como a cooperação até ao descontrolo de que o comportamento caótico das massas é exemplo, o autor apresenta as possibilidades de desenvolvimento dos comportamentos (Goolsby, s/d: 3):

---

<sup>110</sup> Modo de pensar próprio.

Imagem 24: Gráfico de Goolsby – efeitos da comunicação digital nas massas



Créditos: Goolsby (s/d: 3)<sup>111</sup>

Segundo o gráfico de Goolsby, o efeito da comunicação digital nas massas divide-se em vários níveis que ilustram diferentes tipos de comportamento consoante os estímulos recebidos. No primeiro nível situa-se aquilo que o autor designou por “resposta a crises” (*crisis response*), cuja percepção das comunicações digitais passa pelo socorro/alívio do desastre, pela assistência humanitária e pela monitorização/controlo da crise. Este tipo de comunicações estimula nas massas comportamentos de partilha de informação, de ordem, de discurso/raciocínio e de cooperação (Goolsby, s/d: 3). Neste ponto, se fosse emitido um apelo ao *crowdsourcing* este teria um efeito construtivo. No segundo nível, “diálogo comunitário” (*community dialogue*), estar-se-ia perante discursos anti-propaganda, de ponderação sobre os rumores e de alargamento da comunidade. Promove-se a discussão e o debate, assim como a verificação da informação que chega a público. No caso da Maratona de Boston este foi o tipo de comunicação cujo comportamento associado não foi estimulado. O terceiro nível de Goolsby (s/d: 3) diz respeito à “influência” (*influence*), à comunicação digital caracterizada pela propaganda (política, de grupos de poder, religiosa, entre outras), pelo incentivo à revolta e pelas mensagens de ódio. É neste contexto que as massas se

<sup>111</sup> Acessível em: <http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/127219170-On-Cybersecurity-Crowdsourcing-Cyber-Attack-Commons-Lab-Policy-Memo-Series-Vol-1.pdf> [abril 2015].

encontram mais vulneráveis à manipulação, assim como direcionadas para o último nível de Goolsby (s/d: 3), o do “ciber-ataque social” (*social cyber-attack*). Neste patamar, a comunicação digital é pautada por tentativas de manipulação das massas (*crowdmanipulation*) e de incentivo/propagação da histeria, condições que levam a um comportamento caótico das massas assim como ao aumento dos rumores, da confusão, do pânico e da violência. É neste último nível ilustrado por Goolsby (s/d: 3), *social cyber-attack*, que se reúnem as condições para o *crowdbullying*: a prática de *cyberbullying* pelas massas.

Como se pode compreender, não é o *crowdsourcing* que gera o *crowdbullying*. O *crowdbullying* pode ser atingido a partir de um apelo de *crowdsourcing* que, manipulado, passa para o que Goolsby ilustra no nível 3, *influence*, direcionando-se de seguida para o nível 4, o do *social cyber-attack*. É neste patamar que o *crowdbullying* acontece enquanto manifestação de violência. Movendo-se impulsionados pela histeria (Goolsby, s/d: 3) de descobrir os culpados do incidente em Boston os “detetives amadores” caíram em tentação: “*apontavam suspeitos e identificavam pessoas através de roupas ou gestos, compartilhando as informações*” (Barros, 2013), indicando culpados e convencendo os outros disso. Parecendo que não, os indivíduos que eram apontados como bombistas viam a sua imagem, nome e dados divulgados na Internet de forma maciça, sem controlo e sem confirmação das acusações. Estas pessoas foram então alvo de *cyberbullying*, sendo perseguidas e difamadas de forma intencional, sistemática através das tecnologias de comunicação e informação (Pinheiro, 2009). Este tipo de *cyberbullying*, praticado em massa foi identificado a partir de um caso de *crowdsourcing*, e pode designar-se por *crowdbullying*. A análise de Barros (2013) pode ser esclarecedora neste aspeto:

“O ponto é, como pessoas bem ou mal intencionadas, juntamente com o poder das redes sociais, conseguiram levar uma foto “investigativa” de um atentado para a primeira página de um grande jornal americano, menos de 48 horas depois do acontecimento.”

#### 6.4. A REDE, UM ESPAÇO DE VISIBILIDADE PÚBLICA

Aquilo que até então tinha sido visto como positivo pode efetivamente vir a ter consequências imprevisíveis se induzido nesse sentido. No caso da Maratona de Boston, a investigação amadora *crowdsourcing* tratou-se na realidade de um caso de influence, o nível 3 de Goolsby (s/d: 3) que evoluiu para um *social cyber-attack* (Goolsby, s/d: 3) com origem nos apelos públicos das autoridades, tendo-se observado a emergência de um novo tipo de *cyberbullying*, o *crowdbullying*. Incentivados pelas autoridades a procurar os autores dos atentados e supondo que os tinham encontrado, os investigadores *crowdsourcing* divulgaram rapidamente as informações de que dispunham sem confirmarem a sua veracidade, difamando e denegrindo a imagem das pessoas erradamente conotadas com o caso, praticando assim *crowdbullying*.

O *cyberbullying* de massas ou *crowdbullying* parte do pressuposto da mobilização de um número massivo de pessoas ligadas em rede que se incentivam entre si de forma a convencer outros a juntarem-se-lhes, o que garante a coesão da massa com o objetivo comum. Neste caso (o objetivo) assenta na ilusão de uma finalidade nobre que resultou na prática de *cyberbullying* de forma maciça.

Preocupante foi o mundo ter assistido à utilização de toda a potência do *crowdsourcing* direcionado para o *cyberbullying*. O que poderá ter implicações futuras, tal como dar uma imagem negativa do *crowdsourcing* o que até então não se equacionava. Este caso demonstrou que o *crowdsourcing* é passível de ser controlado por quem desejar manipular as massas. Tal como Felitti (2013) salienta, “*é fácil chegar a conclusões precipitadas e condenar publicamente alguém que não teve relação nenhuma com os eventos*”. Até porque os crowdmembers estão tão concentrados no objeto em causa que podem não chegar a aperceber-se de que estão a julgar sem provas confirmadas, ou que estão a deixar-se influenciar por alguém.

Trabalhando com suposições e apontando um suspeito, condena-se *à priori* publicamente, pois uma vez feita a divulgação na rede não existe retorno. Na busca de um substituto do fazer justiça “pelas próprias mãos” como acontecia antigamente, e é relatado na obra de Foucault “*Vigiar e Punir*” (1999 [1987]), em que as pessoas massacravam na praça pública os culpados, hoje em dia pode estar a assistir-se a uma adaptação virtual dessa realidade. No fundo, devido à ausência da possibilidade de castigar fisicamente os culpados poder-se-á visionar uma projeção da concretização

dessa necessidade de castigo numa dimensão que é passível de ser infligida a qualquer um: o denegrir do nome e da imagem pública na Internet (Foucault, 1999 [1987]). Uma vez apontado, o sujeito fica correta ou incorretamente associado ao que o acusam. Quando se atira uma pedra a um lago no princípio a água agita-se em pequenos círculos que com o decorrer do tempo vão diminuindo até o lago voltar a ficar calmo. Mas no fundo do lago a pedra permanece.

É nestas pequenas ondas que os efeitos da pedra se manifestam. Explorou-se até aqui um efeito que alastrou na Internet, o *crowdbullying*. No entanto, nestas oscilações as consequências podem ser de outra ordem. Dependendo do contexto social, algo que é divulgado online pode degenerar em linchamento público. Foi o que aconteceu no bairro dos Morrinhos em Guarujá, São Paulo, Brasil. Fabiane Maria de Jesus de 33 anos foi linchada a 3 de maio de 2014 quando voltava da Igreja. Acusada de praticar magia negra (confundiram a bíblia de capa vermelha de Fabiane com um livro de bruxaria) e de raptar crianças para os seus rituais (uma vizinha viu a vítima a oferecer fruta a uma criança) os seus vizinhos rodearam-na, torturando-a durante duas horas até que a polícia militar conseguiu por cobro ao massacre. No entanto, Fabiane não resistiu aos ferimentos e pereceu no hospital (Canofre, 2014: 1).

Na origem deste episódio está um retrato falado divulgado pelas autoridades no *Facebook* (entretanto eliminado) dando conta de uma mulher que estaria a raptar crianças para praticar magia negra. Embora a mulher suspeita não fosse sequer de São Paulo (mas sim do Rio de Janeiro) os vizinhos de Fabiane associaram-na aos factos, apesar de a conhecerem desde que nasceu. A página onde o caso era divulgado ferveu e nem o desmentido das autoridades (na página do *Facebook*) de que não havia casos de rapto em Guarujá acalmou os moradores. Históricos, lincharam a mulher que mitificaram como criminosa (sendo ela inocente). No fim os autores do massacre alegaram que toda a situação acontecera por culpa da Internet, que os levou a empreender uma caça às bruxas visando salvar as crianças do perigo.

Como escreveu Luís Carvalho Filho sobre este acontecimento, “*o caso do Guarujá mostra que a Internet potencializa a reação histórica de massas. A repulsa eventual e a punição de um ou outro envolvido não são capazes de conter a epidemia*” (Filho, 2014: 1), pelo que se entende que o facto de ocorrer um linchamento de um inocente (como aconteceu) não será suficiente para impossibilitar que outro aconteça. Afinal,



*“O linchamento é reação súbita, anônima, eufórica, irracional, desorganizada e ritualística de gente que se sente ameaçada. A vontade coletiva se impõe à vontade individual. Sua raiz psicológica lembra, de certa maneira, a do genocídio. A turba identifica um inimigo intrinsecamente mau, conforme o imaginário, e comete atrocidades infinitas” (Filho, 2014: 1).*

O linchamento, que se pratica desde a Antiguidade até aos dias de hoje (existem relatos inclusive no Novo Testamento) era visto como um procedimento que servia o controlo social, os interesses dos grupos que detinham o poder e a justiça pública. As divulgações na Internet que apelam ao *crowdsourcing* podem gerar excelentes resultados mas igualmente boatos incontroláveis, ou controlados por grupos de poder (políticos, económicos, religiosos, por exemplo), que podem culminar tanto em *crowdbullying* quanto em massacres. O pior dos cenários é que quando o *crowdbullying* acontece pode terminar num linchamento caso a primeira reação das massas seja o massacre, como aconteceu no caso dos judeus em Lisboa no reinado de D. Manuel I (Goes, 1749), podendo provocar de seguida um aceso *crowdbullying* sobre a família da vítima com a divulgação de imagens da agressão.

## 6.5. O EFEITO BOLA DE NEVE

Casos como o da Maratona de Boston fazem o mundo pensar sobre a força da Internet. Dadas as características da sociedade atual, conjugadas com os desenvolvimentos tecnológicos, pode-se gerar facilmente o efeito de uma bola de neve cujas consequências podem ser imprevisíveis.

Poderia estar nas mãos dos *mass media* a solução para a tendência que as massas apresentam para o descontrolo e para o espelhamento de comportamentos? Se em vez de ceder ao impulso da exclusividade, do mediatismo, das audiências e das vendas os meios de comunicação de massas operassem enquanto exemplo tal poderia surtir efeito. A adoção de um comportamento ponderado, de controlo na divulgação de informações especulativas tal como o incentivo da “ética” e da “regulamentação” (Barros, 2013) poderiam ser espelhados pelas massas.

Compete ao indivíduo decidir sobre qual a forma que quer utilizar para os recursos que tem ao seu alcance, assim como influenciar ou pretender influenciar as massas. Tal como argumenta Goolsby (s/d: 5) é importante “*desenvolver um cepticismo saudável sobre as mensagens que recebem, aprender a verificar as fontes e aperfeiçoar as suas capacidades de discernimento*”. Mas de uma coisa não cabe dúvida: e quando se trata de uma manipulação política (Rousseau, 2002; Elias, 1994; Muchembled, 2014)? E quando os casos de descontrolo que podem gerar *crowdbullying* ocultam os interesses dos grupos de poder (política, economia, religião, entre outros) que os simulam e provocam para testar o seu controlo sobre as massas e visualizar como as mesmas se comportam (Rousseau, 2002; Elias, 1994; Muchembled, 2014)? Ou porque simplesmente controlam e condicionam as massas nesse sentido (do *social cyber-attack*) visando reforçar o seu poder junto da população por meio da demonstração da sua eficácia em pôr cobro ao descontrolo (Hobbes, 1909 [1651]; Rousseau, 2002; Elias, 1994; Muchembled, 2014; Foucault, 1978 [1972]; Filho, 2014; Goolsby, s/d)? O *crowdbullying* pode ser gerado espontaneamente, num movimento de massas que degenerou (Goolsby, s/d). Porém a probabilidade das massas terem sido influenciadas no sentido da violência culminando na prática de *crowdbullying* ou em massacres é uma realidade (Rousseau, 2002; Elias, 1994; Muchembled, 2014; Filho, 2014; Goolsby, s/d).

É urgente refletir sobre formas de evitar que se repita o que aconteceu nos casos dos Estados Unidos da América com o jovem universitário e do Brasil com Fabiane.

Nesse sentido, o pensamento construtivo de Lieberman, Dinakar e Jones (2013: 1) acerca do *cyberbullying* é algo a aplicar neste tipo de contextos: “*uma das melhores formas de combater este problema é usar esses incidentes como momentos de ensino, encorajando a reflectir sobre (...) comportamentos e escolhas*”.

Todos estes acontecimentos deixam questões no ar: como é que as pessoas se comportam perante o *cyberbullying*? Será que os estudantes universitários são sensíveis ao problema? O que é que eles pensam do fenómeno? O seguinte capítulo (7) “*Análise de dados*” esclarece estas indagações.

## CAPÍTULO 7: ANÁLISE DE DADOS

Neste capítulo procede-se à exploração crítica e aprofundada dos resultados obtidos por meio do inquérito *online* e da etnografia digital, respondendo tanto à segunda questão diretora quanto à pergunta de partida. Discutem-se os dados obtidos e reforça-se a premissa de que o *cyberbullying* não possui nem barreiras etárias, nem sociais ou de género.

### 7.1. INTRODUÇÃO

Explorado o conceito geral, *cyberbullying*, é tempo de compreender como se processa a relação das pessoas com o mesmo. Interessa perceber quais são as atitudes dos estudantes perante o fenómeno, concretamente: o que pensam dele; se sabem o que é; como projetam reagir; a sua afinidade e posicionamento relativamente à vítima e ao agressor e quais as motivações para a prática. Nesse sentido o presente capítulo procura dar resposta à pergunta de partida “*Como se comportam os indivíduos perante o cyberbullying e o cyberstalking?*”, assim como à questão diretora nº2 (QD2): “*Como se comportam os estudantes universitários relativamente ao cyberbullying?*”

Ao longo do capítulo 4, dedicado à desmistificação do conceito e do fenómeno do *cyberstalking* (concretamente do que se tratava e no que consistia em termos teóricos e práticos) chegou-se à conclusão de que se tratava (*cyberstalking*) de uma versão inicial do *cyberbullying*. Direcionada esta alusão pela QD1 em que se questionava se ambos os fenómenos não seriam um só (o que se confirmou), não se procedeu à reformulação da pergunta de partida uma vez que a mesma foi explorada ao longo do capítulo 4. Nesse capítulo (4) analisou-se o comportamento das pessoas perante o *cyberstalking* de acordo com os dados recolhidos por meio da aplicação da técnica da etnografia digital. Este esclarecimento da QD1 ao longo do referido capítulo 4 influi no sentido de, aquando a construção do inquérito *online*, se ter optado por omitir o termo *cyberstalking*, de modo: primeiro, não gerar confusão teórica entre os respondentes; segundo, não se via necessário distinguir neste ponto da investigação os fenómenos, tendo em conta que se havia concluído que o *cyberbullying* abarcava em si o

*cyberstalking* (hodiernamente); terceiro, o termo *cyberbullying* além de ser mais abrangente é mediaticamente mais popular visto ter sido largamente mencionado pela comunicação social.

Nesse sentido visou-se explorar o comportamento do indivíduo na Internet no que concerne ao *cyberbullying*, por meio da aplicação da técnica da etnografia digital, tal como havia sido anteriormente referenciado na metodologia, em concomitância com um inquérito *online*. A etnografia digital, direcionada a *sites* e *blogs* afamados no período temporal de setembro de 2010 a abril de 2014 fluiu sem público-alvo definido com o objetivo obter resultados ecléticos que permitissem a descoberta, o esclarecimento, o direcionamento e a compreensão do fenómeno (*cyberbullying*). Para tal procedeu-se a uma análise ampla e com restrições perspicazes de modo a que os dados obtidos pudessem ser suficientes tanto para analisar o comportamento dos indivíduos face ao *cyberbullying* quanto para delimitar o tipo de abordagem a efetuar no inquérito *online*. Deste modo foi possível colmatar o processamento teórico-metodológico do objeto de estudo e concretizar o planeamento do inquérito *online*, direcionado de forma complementar e comparativa sinopticamente para com os resultados da etnografia digital.

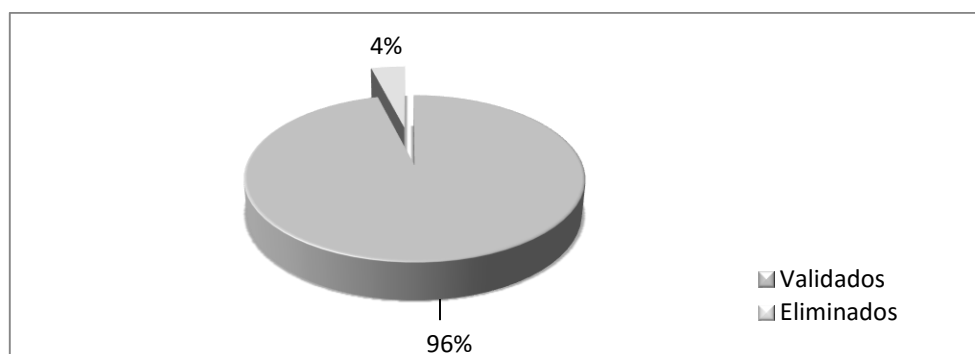
## 7.2. INQUÉRITO *ONLINE*

Construído e aplicado com o intuito de aprofundar o estudo, o inquérito *online* de tipo misto e estrutura diamante<sup>112</sup> (Almeida e Pinto, 1995) em que as respostas abertas permitiam que os inquiridos escrevessem sem limite propositadamente com o objetivo de incentivar a liberdade de resposta e recolher o máximo possível de dados, foi, tal como explicado no ponto 1.5.4 do capítulo 1, dirigido apenas a estudantes universitários pelo facto de constituírem em si mesmos um público considerado privilegiado. Os motivos são os seguintes:

- São estudantes do ensino superior;
- Possuem acesso à Internet e a computadores nos *campus* sendo esperado que os utilizem;
- Assim como por ser expectável que sejam pessoas informadas e com maior nível de compreensão vocabular que os indivíduos com menor nível escolar.

Nessa linha, foi então aplicada a técnica aos estudantes<sup>113</sup> da Universidade do Minho e da Universidade da Beira Interior entre os meses de janeiro e março de 2013, obtendo-se 201 respostas (“N” do gráfico 2), 96% (193) das quais foram validadas (e consideradas o total “N” para análise) e 4% (8) eliminadas, tal como é possível ver no gráfico 2:

**Gráfico 2: Inquéritos aplicados aos estudantes universitários**



Inquérito online: N=201; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

<sup>112</sup> Estrutura diamante: de resposta fechada no início e no fim e aberta no centro.

<sup>113</sup> Ver ponto 1.5.4 do capítulo 1.

A validação dos inquéritos, tal como explanado no capítulo sobre metodologia, vinculou-se de acordo com os seguintes parâmetros:

- Preenchimento completo do inquérito, uma vez que os incompletos não permitem auferir dados significativos para o estudo;
- Inquéritos com respostas repetitivas, iguais em todas as questões ou sem lógica são eliminados, pois pressupõe informações vagas e de conteúdo insignificante;
- Inquéritos respondidos por pessoas que fossem ex-alunos que ainda acedem ao *e-mail* institucional são eliminados uma vez que se pretende analisar o comportamento dos estudantes.

Convém ainda recordar que se optou por aplicar os inquéritos por meio da plataforma de correio eletrónico universitário devido às seguintes premissas:

- O *e-mail* universitário é de exclusiva utilização dos alunos;
- Nem todos os alunos acedem com frequência ao correio eletrónico institucional;
- Dos que acedem nem todos irão preencher o inquérito;
- Os que o fizerem serão o público-alvo<sup>114</sup>.

Após a conclusão da aplicação dos inquéritos, os mesmos foram transpostos para uma base de dados, analisados, limpos (eliminação dos não validados) e trabalhados. Extraídas as respostas diretamente para o *Excel* os dados relativos às respostas fechadas provieram predispostos a tratamento quantitativo. Após este processo transitou-se para as informações expostas nas perguntas de resposta aberta. Para tal optou-se por uma análise de conteúdo (Quivy e Campenhoudt, 1998; Fortin, 2003; Bardin, 2004; Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2008). Numa primeira etapa foi feita a leitura integral de todas as respostas para cada uma das perguntas: pergunta 1 – leitura de todas as respostas; pergunta 2 – leitura de todas as respostas; e assim sucessivamente. Finda a tarefa desenhava-se já a existência de padrões e a possibilidade de quantificação. Na

---

<sup>114</sup> Amostragem não-representativa em que os estudantes voluntariamente participaram.

segunda etapa releram-se os dados na mesma ordem do efetuado na primeira etapa sublinhando-se as expressões relevantes para a análise. Seguidamente estas expressões foram categorizadas (Quivy e Campenhoudt, 1998; Fortin, 2003; Bardin, 2004; Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2008) dentro da pergunta a que concerniam de acordo com os critérios a que respeitavam (constituindo-se assim as unidades de significado), concretamente de acordo com o seu sentido (estas indicações constituíram os grupos de significado), por exemplo se se tratava de uma opinião, uma postura, um comportamento, um conhecimento, uma indicação, entre outros (Quivy e Campenhoudt, 1998; Fortin, 2003; Bardin, 2004; Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2008). Nessa linha, agruparam-se as unidades de significado para cada pergunta de acordo com o seu sentido ou grupo de significado pelo que, na análise de algumas respostas se verifica um desdobramento (como se verá nos gráficos seguintes). É conveniente clarificar que a seleção das unidades de significado (Quivy e Campenhoudt, 1998; Fortin, 2003; Bardin, 2004; Lessard-Hébert, Goyette e Boutin, 2008) se prendeu de acordo com os seguintes critérios: a frequência com que apareciam; a importância em si; a aceção; a singularidade e a repetição; o interesse para a investigação. Por fim, na última etapa indagou-se sobre a recorrência das ideias ao longo das respostas tendo-se “*considerado o seu modo de produção de sentido, por outras palavras, o modo como eles suscitam significados, ou seja, interpretações*” (Joly, 2008:30).

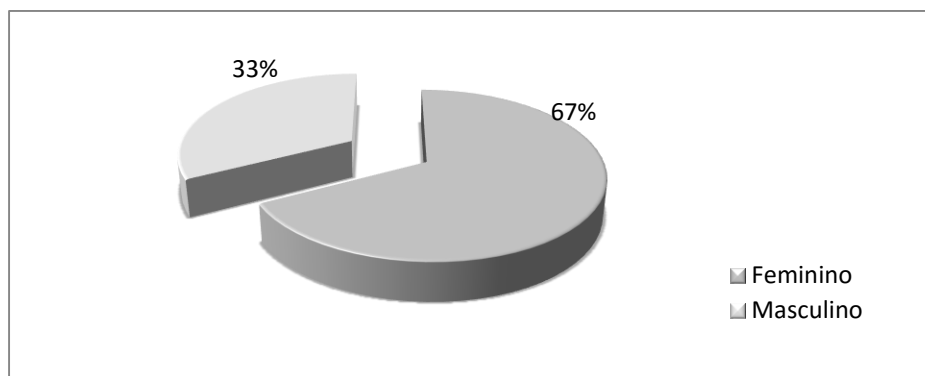
Após este processo procedeu-se à reflexão sobre os dados recolhidos e redigidas as conclusões que serão apresentadas de seguida.

### **7.2.1. Análise de dados do inquérito online**

Começando pela caracterização básica dos estudantes cujos inquéritos foram validados (193 no total), 67% eram do sexo feminino e 33% do masculino. Assim sendo, mais do dobro dos participantes eram mulheres maiores de 18 anos, como o gráfico 3 ilustra. Salienta-se que, relativamente às respostas obtidas, não se verificaram diferenças entre homens e mulheres.



**Gráfico 3: Distribuição dos inquiridos por sexo<sup>115</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

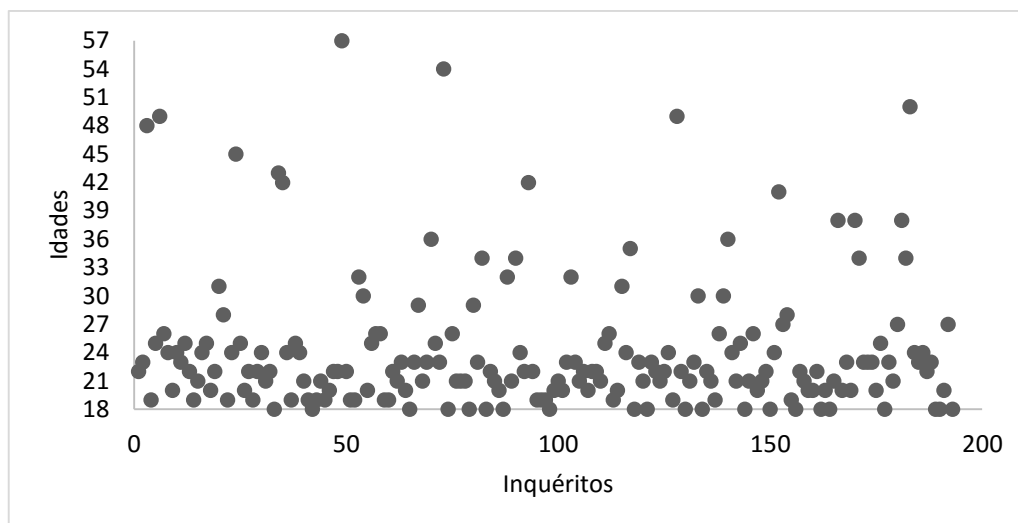
Créditos: Pinheiro, 2015

Relativamente à idade dos inquiridos observou-se um intervalo amplo com uma distância de 39 anos entre a mínima e a máxima (ver gráfico 4). Sendo a idade mínima indicada de 18 anos e a máxima de 57 anos pressupõe-se um ecletismo considerável na experiência de vida e formação académica e profissional dos indivíduos. Situando-se a média etária nos 24 anos, efetuou-se também uma análise de frequências de modo a perceber qual era a idade mais incidente (moda). Assim sendo situou-se a moda de idades nos 22 anos, o que significa que maioria dos respondentes tem essa idade, pelo que é um público com elevada variação etária, mas que na sua generalidade tem menos de 25 anos, podendo considerar-se jovem. Analisando os dados obtidos com a idade dos indivíduos constatou-se que as respostas eram semelhantes pelo que não se justificavam cruzamentos de dados relativos aos contributos dos estudantes universitários face ao sexo ou à idade.

---

<sup>115</sup> Pergunta 1 (resposta fechada).

**Gráfico 4: Intervalo de idades dos estudantes<sup>116</sup>**

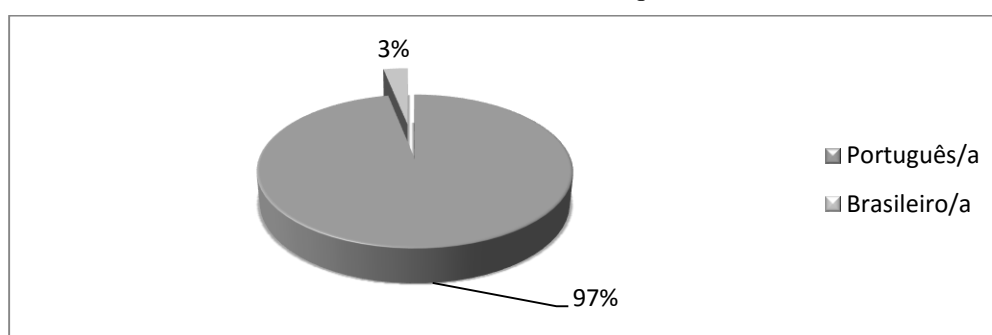


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

No que respeita à nacionalidade<sup>117</sup> dos indivíduos observa-se que, apesar de ambas as universidades receberem estudantes de outras nacionalidades, principalmente em programas de intercâmbio, os inquiridos são na sua maioria portugueses/as (97%), havendo uma incidência residual de estudantes de nacionalidade brasileira (3%). Tal facto baseia-se na presença da condicionante domínio da linguagem na compreensão das perguntas do inquérito, formuladas em português, língua materna de ambos os países de origem dos sujeitos, como se pode visualizar no gráfico seguinte (5).

**Gráfico 5: Nacionalidade dos inquiridos<sup>118</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

<sup>116</sup> Pergunta 2 (resposta aberta programada para aceitar apenas números).

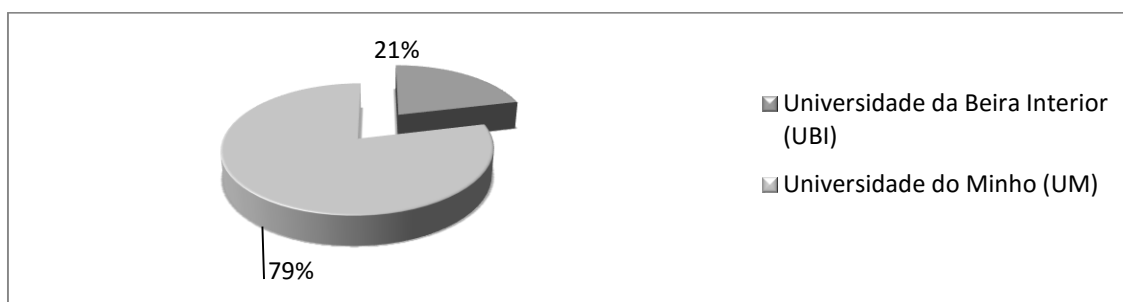
<sup>117</sup> Pergunta 13 (resposta aberta).

<sup>118</sup> Pergunta 13 (resposta aberta).

No que respeita á universidade de origem dos estudantes, a maioria frequenta a Universidade do Minho, mais precisamente 79% dos inquiridos. Os restantes 21% provêm da Universidade da Beira Interior. Poder-se-ia porventura questionar sobre a representatividade destes números, mas como não se pretendia fazer um estudo comparativo entre os estudantes de ambas as universidades, entendeu-se não se constituir como relevante esse dado.

Portanto, e sendo o objetivo perceber o comportamento dos indivíduos perante o *cyberbullying*, não se pretende constatar como os estudantes da universidade X agiam face aos da universidade Y. Logo, não se apresenta como essencial o preenchimento por quotas de inquiridos de uma universidade e de outra, uma vez que interessa para esta investigação alcançar os estudantes enquanto um todo, independente da universidade que frequentam. Pode-se ver no gráfico 6 a incidência de respondentes.

**Gráfico 6: Universidade que os inquiridos frequentam<sup>119</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

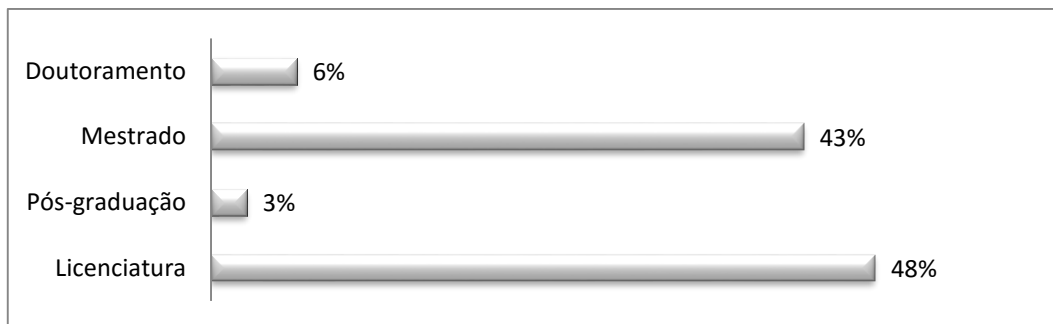
Créditos: Pinheiro, 2015

Mais significativo para o estudo é o grau académico que os inquiridos frequentam. Ressalva-se que nesta questão foi contabilizada a pós-graduação, que é um curso realizado após o término da licenciatura e que não se constitui como mestrado. Dos inquiridos 48% frequentam a licenciatura, 3% são de pós-graduação, 43% de mestrado e 6% de doutoramento. Na sua maioria o público compõe-se por estudantes de licenciatura e mestrado (juntos constituem 91% dos inquiridos), como é possível perceber no gráfico seguinte (7):

---

<sup>119</sup> Pergunta 15 (resposta aberta).

**Gráfico 7: Grau de académico que os estudantes frequentam<sup>120</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Após a caracterização geral dos inquiridos<sup>121</sup> é tempo de aprofundar os dados empíricos. Começando por uma questão básica<sup>122</sup>, perguntou-se aos estudantes o que entendiam por *cyberbullying* ou, por outras palavras, o que associavam ao termo, de modo a sondar os conhecimentos e possíveis inclinações comportamentais face ao objeto de estudo<sup>123</sup>.

Pretendendo-se nesta fase perceber se sabiam o que era ou se possuíam uma noção aproximada do termo, intencionalmente não se forneceram pistas para o significado do conceito. De notar que alguns dos inquiridos relataram não poder dizer o que entendiam por *cyberbullying* dada a ausência da definição do conceito no questionário pelo que se reforça a intenção de, propositadamente, a mesma (o significado) se ter omitido com o intuito de perceber se, efetivamente, os estudantes tinham ou não noção do que era. De facto, 4% dos inquiridos responderam “*não sei*” o que demonstra que desconhecem no que consiste o fenómeno. Este facto permitiu inferir que um número residual de estudantes conhecia o *cyberbullying* enquanto palavra por intermédio dos meios de comunicação e informação em massa, mas não sabia do que tratava.

Relativamente aos restantes inquiridos, pode então dizer-se que uma elevada percentagem de estudantes identificou e relacionou o *cyberbullying* com a prática de *bullying* na Internet (39%), socorrendo-se de termos como: “*bullying online*”, “*bullying na Internet*” e “*bullying virtual*”. No gráfico 8 pode ver-se em pormenor as

<sup>120</sup> Pergunta 14 (resposta fechada).

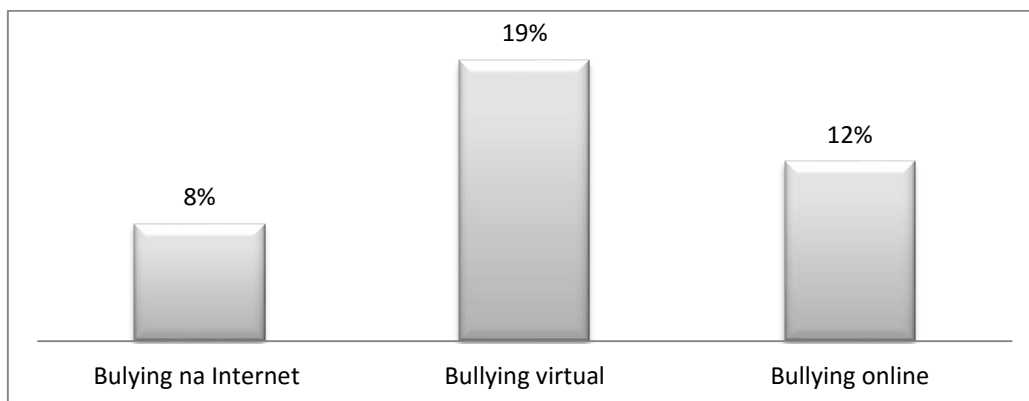
<sup>121</sup> Inquérito online.

<sup>122</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

<sup>123</sup> *Cyberbullying* (recordando que após a conclusão de que o *cyberstalking* se havia integrado no conceito geral de *cyberbullying* não fez grande sentido expor este conceito no inquérito online uma vez que iria gerar confusão entre os inquiridos podendo ainda ter um efeito entorpecedor nos resultados obtidos).

distribuições segundo as expressões expostas associando os dois termos (*bullying* e Internet):

**Gráfico 8: Expressões associadas ao *cyberbullying* - I<sup>124</sup>**

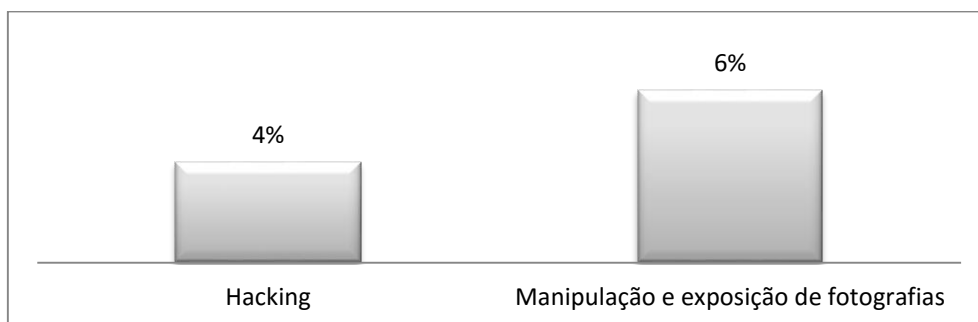


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

A par da associação do *cyberbullying* como sendo a prática de *bullying* na Internet, como foi possível ver no gráfico 8, os participantes associaram práticas concretas ao fenómeno, como é o caso do *hacking* (4%) e da manipulação e exposição de fotografias (6%) – ver gráfico 9 – o que denota que alguns dos estudantes estão mais familiarizados com a temática do que outros, concretamente 10% do total de inquiridos.

**Gráfico 9: Expressões associadas ao *cyberbullying* - II<sup>125</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

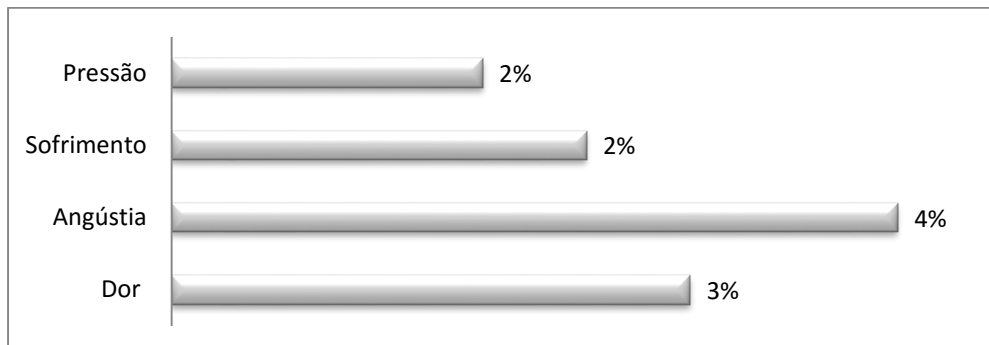
Além das conexões anteriores ao *bullying* e a práticas específicas, 11% dos inquiridos associaram ao conceito de *cyberbullying* expressões que indicam sentimentos e estados que a incidência do fenómeno pode provocar nas vítimas, como é o caso da

<sup>124</sup> Pergunta 4 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>125</sup> Pergunta 4 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

angústia (4%), da dor (3%), da pressão e do sofrimento (ambos com 2%), como se pode conferir no gráfico seguinte (10).

**Gráfico 10: Expressões associadas ao *cyberbullying* - III<sup>126</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

Como pode ver-se no gráfico 11, uma parte residual dos estudantes identificou o *cyberbullying* como sendo uma prática intencional (4%) e de atitudes objetivas (2%). Estes dados são interessantes na medida em que permitem equacionar que alguns dos inquiridos já tenham lidado com o fenómeno de perto (enquanto vítimas ou testemunhas ou, quem sabe, o tenham praticado) pois este tipo de resposta pressupõe um conhecimento concreto e sólido do objeto (*cyberbullying*).

**Gráfico 11: Expressões associadas ao *cyberbullying* - IV<sup>127</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

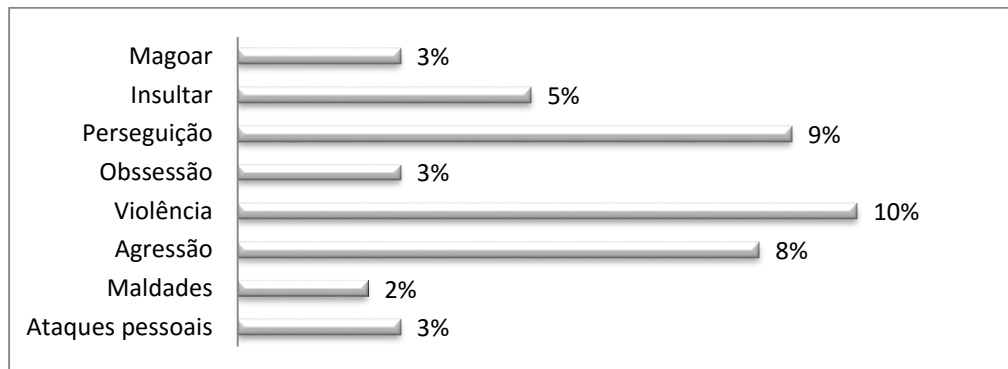
A par das expressões anteriores, a maioria dos questionados associou o *cyberbullying* a práticas de violência (43%), descrevendo-o por meio de um conjunto variado de termos que traduzem expressivamente o fenómeno, designadamente:

<sup>126</sup> Pergunta 4 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>127</sup> Pergunta 4 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

violência (10%); perseguição (9%); agressão (8%); insultar (5%); magoar, obsessão e ataques pessoais (todos com 3%) e maldades (2%), tal como se pode ver no gráfico 12.

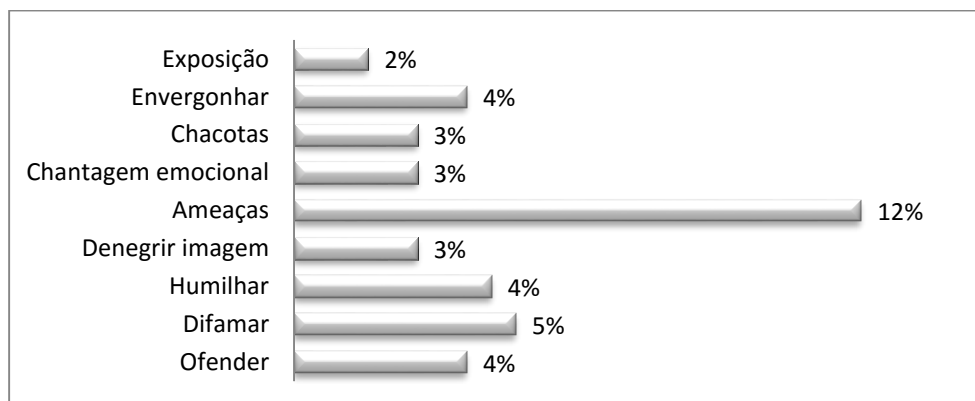
**Gráfico 12: Expressões associadas ao *cyberbullying* – V<sup>128</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

Por último, 40% dos estudantes relacionaram o *cyberbullying* com exposição social por meio de ataques à reputação pessoal e autoestima da vítima assim como à pressão psicológica, como pode confirmar-se no gráfico 13. Salientam-se neste conjunto expressões como: ameaças (12%); difamação (5%); envergonhar, humilhar e ofender (todas com 4%); chantagem emocional, chacotas e denegrir a imagem (todos com 3%) e exposição (2%).

**Gráfico 13: Expressões associadas ao *cyberbullying* - VI<sup>129</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

<sup>128</sup> Pergunta 4 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>129</sup> Pergunta 4 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

Estas expressões utilizadas pelos universitários para explicar o que entendem por *cyberbullying* comprovam que percebem o fenómeno enquanto ato de violência, de exposição pública (difamação) e da prática de *bullying* na Internet, permitindo ainda destacar os termos “ameaças” e “violência”, que demonstram uma visão contígua à realidade do fenómeno.

Certamente que nem todos associam o conceito ao seu significado de forma límpida como o emprego de expressões que descrevem os estados de resposta fisiológica e psicológica<sup>130</sup> de uma vítima de *cyberbullying* (ver gráfico 10). Nesse sentido observa-se que os inquiridos associam palavras ao fenómeno (*cyberbullying*) de acordo com o seu entendimento do que é, como por exemplo práticas, intenções e efeitos (ver gráficos 9, 11, 12 e 13). Esta heterogeneidade de termos vinculados permitiu confirmar a não existência de uma uniformidade no que respeita ao entendimento individual do fenómeno, pressupondo assim uma diversidade de opiniões, de atitudes e de comportamentos face ao *cyberbullying* de acordo com as experiências pessoais e a personalidade de cada um.

Variando de pessoa para pessoa esta inexistência de consenso acerca do significado do conceito permite extrapolar um certo nível de desinformação e de não familiaridade, de estranheza ou falta de sensibilidade para com o fenómeno (*cyberbullying*). Este facto denota passividade sobretudo perante a informação que chega diariamente por intermédio de terceiros, como é o caso dos média (televisão, rádio, jornal), no sentido da sua absorção (da informação), parecendo os estudantes conformar-se com isso (com a carência de conhecimento). Revela-se igualmente a ausência de procura de informação sobre o *cyberbullying*, numa medida que possibilitasse soldar e complementar conhecimentos, o que revela, por parte dos inquiridos, tanto uma faceta pouco autodidata (salvo raras exceções) apesar da existência de meios para isso (Internet), quanto uma eventual indiferença ou apatia relativamente ao fenómeno.

Apesar destes contrastes relativos à diversidade de associações ao conceito, no geral existe uma noção básica do que é o *cyberbullying*. Tendo em conta que as pessoas podem conhecer o fenómeno por já terem lidado pessoalmente com ele, entendeu-se como importante questionar os universitários no sentido de esclarecer esta asserção.

---

<sup>130</sup> Ver capítulo 5. *Cyberbullying*.

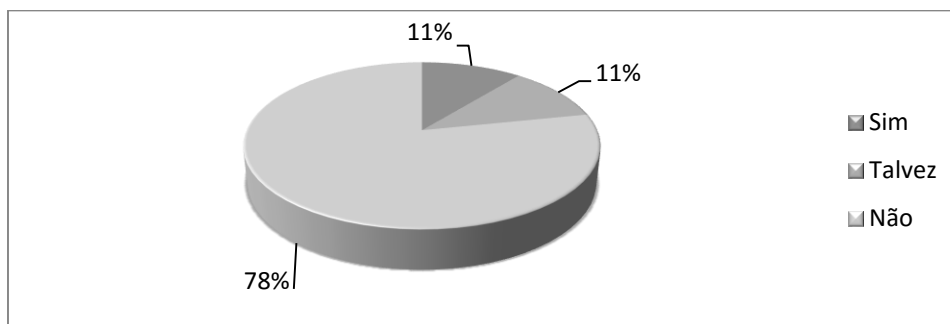


Questionados sobre se sabiam já ter sido alvo de *cyberbullying*, os resultados foram no mínimo curiosos. Observando-se o transpirar de certezas e a permissividade para o questionamento interior, os estudantes mostraram-se flexíveis para com a hipótese de já poderem ter sido vítimas e não ter tido conhecimento disso. Esta indagação é positiva na medida em que revela uma certa predisposição para a possibilidade de aprofundar o assunto. Por sua vez, quem respondeu demonstrando certeza de não ter sido vítima não significa que, efetivamente, não tenha sido, mas que não tem consciência da hipótese de que tal tenha acontecido ou ainda, pode estar em negação do facto (tendo sido vítimas, sabendo disso, mas não o admitindo). Afinal, como explorado no capítulo 5, as pessoas podem ser vítimas e não saber, podem não ter sido ou podem ter sido e negado para si mesmas. Todas estas possibilidades são válidas sem averiguação individual caso a caso aprofundada.

Sobre as pessoas que responderam sim, as mesmas demonstram consciência de que foram vítimas e uma atitude pró-ativa de índole positiva de superação através da não negação do facto. São pessoas que assumiram e lidaram com a situação, mas também que a estão a ultrapassar ou já a transcenderam.

No gráfico seguinte pode-se ver que 78% dos respondentes negaram ter sido vítimas, que 11% disseram que sim e que outros 11% consideraram poder ter sido vítimas sem ter certeza disso (“talvez”).

**Gráfico 14: Já foi vítima de *cyberbullying*?<sup>131</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Após equacionar sobre a consciência de terem sido vítimas ou não (de notar que a resposta ideal para a pergunta seria, além do “*sim*” de quem sabe ter sido vítima, o “*talvez*”, pelo facto de todos poderem ser vítimas e não saber, ao invés do “*não*” que

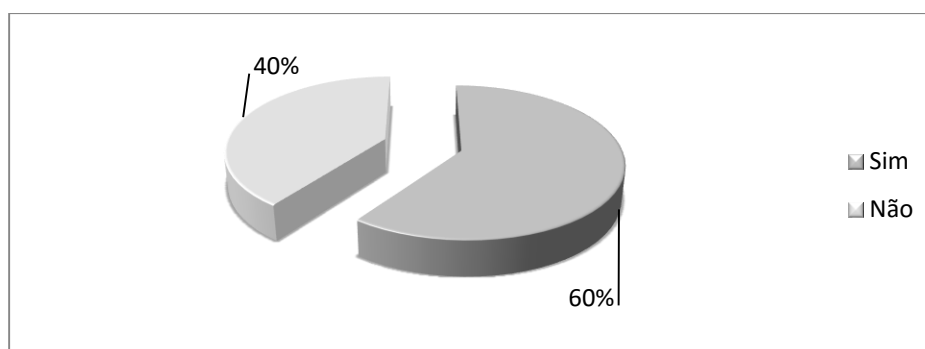
<sup>131</sup> Pergunta 3 (resposta aberta).

constitui uma negação da possibilidade da incidência denotativa de convicção, mesmo que não se possa efetivamente ter certeza de tal (ver capítulo 5).

Considerou-se apropriado questionar sobre como pensam que ser vítima de *cyberbullying* afetaria o seu comportamento atual. Frisou-se o “atual” de modo a situar o pensamento dos inquiridos para o comportamento que tem neste momento efetivo: de modo a controlar a extrapolação pela indexação de um ponto fixo de partida.

As respostas à questão (ver gráfico 15) confirmaram que a maioria dos indagados admite que o seu comportamento seria afetado (60% dos 193 inquiridos). Significativo, porém, foi também o número de estudantes que responderam que não seriam influenciados (40% de 193), tendo em conta que este facto delineia a subsistência de uma autoestima e confiança pessoal elevadas, assim como negação ou desconhecimento do real impacto psicológico que o *cyberbullying* pode provocar nas vítimas.

**Gráfico 15: Ser vítima afetaria o seu comportamento atual?**<sup>132</sup>



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Seguidamente, foi pedido às pessoas que aquiesceram que o *cyberbullying* alteraria o seu comportamento que refletissem sobre como se sentiriam caso fossem vítimas<sup>133</sup>. Esta questão prendeu-se com a intenção de auferir dados sobre a perceção que as pessoas têm do impacto do fenómeno sobre si mesmas e também de extrapolar impressões das possíveis consequências do mesmo (incidência do *cyberbullying*).

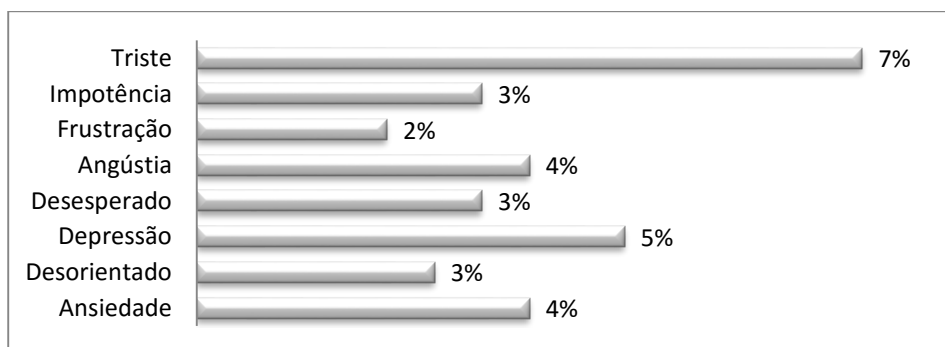
O gráfico 16 reúne um conjunto de expressões que indicam estados de espírito e condições psicológicas tensionais que indiciam uma admissão de que o *cyberbullying*

<sup>132</sup> Pergunta 6 (resposta fechada), resposta “não” anula pergunta 7 e indica resposta direta à 8.

<sup>133</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

poderia afetá-los significativamente ao nível da autoestima, principalmente no que respeita aos termos triste (7%); depressão (5%); impotência (3%) e frustração (2%). Os restantes vocábulos demonstram um estado de tensão constante, como é o caso de ansiedade e angústia (ambos com 4%), desorientado e desesperado (ambos com 3%).

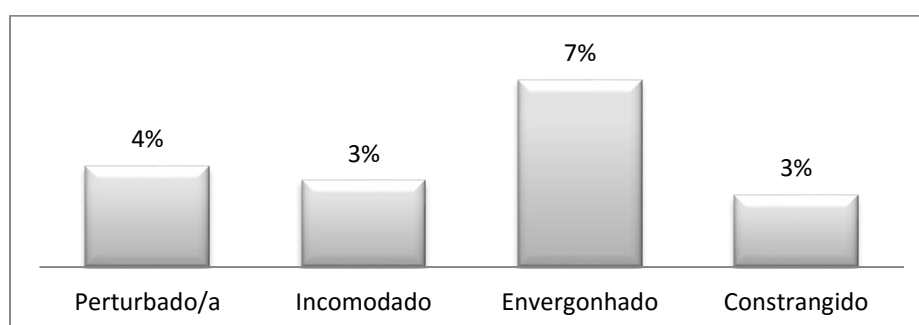
**Gráfico 16: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - I<sup>134</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

O seguinte gráfico (17) continua a analisar as expressões utilizadas para descrever como os estudantes pensam que ser vítima de *cyberbullying* os afetaria e compõe-se por um conjunto de locuções que exprimem retraimento e encabulação, como é caso de envergonhado (7%), perturbado/a (4%), incomodado e constrangido (ambos com 3%).

**Gráfico 17: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - II<sup>135</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

A expressão “*envergonhado*” é curiosa na medida em que os inquiridos admitem que sentiriam vergonha, tanto por serem vítimas como pelo eventual conteúdo

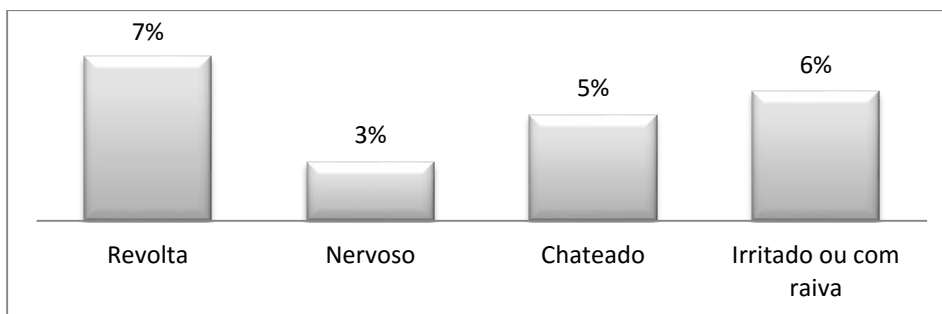
<sup>134</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>135</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

exposto, o que se pode relacionar com a possibilidade de serem capazes de se isolar ou de ocultar o caso tentando evitar que mais pessoas se apercebam do mesmo.

Numa situação destas tal pode exprimir que os indivíduos tentariam numa primeira fase resolver o problema sozinhos e apenas no limiar do desastre procurariam ajuda. Tal possibilidade é preocupante dado que o limite pode ser psicologicamente levado a extremos, culminando em estados depressivos. Parecendo que não, o “*envergonhado*” possui uma estreita relação com a ideia de reputação perdida ou abalada, uma vez que as pessoas se envergonham do que os outros podem ou não pensar, apontar-lhes ou comentar, pelo que o peso psicológico e social é elevado.

**Gráfico 18: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - III<sup>136</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

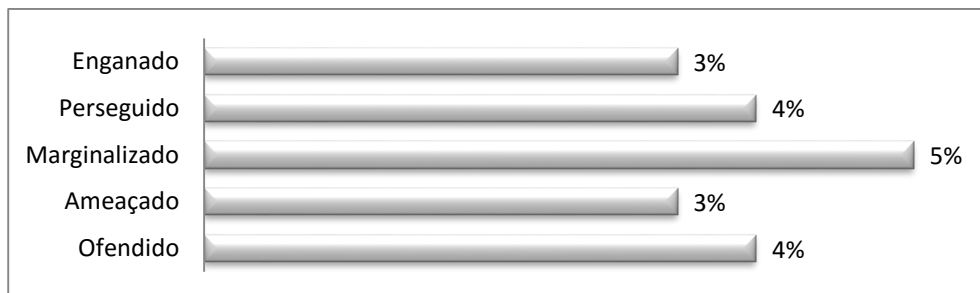
Créditos: Pinheiro, 2015

O gráfico 18 exprime a agitação e perturbação que os estudantes acreditariam sentir caso fossem vítimas de *cyberbullying*. Locuções como revolta (7%) e irritado ou com raiva (6%) são exemplo disso, assim como chateado (5%) e nervoso (3%).

Para estes inquiridos, o fenómeno resultaria num potencial fator tensional e criador de desarmonia manifesta tanto a nível psicológico (perturbação), quanto social (este tipo de sentimentos pode implicar alteração na sociabilidade do indivíduo) e físico (alterações ao nível do sistema nervoso que resultam em tensão e contração muscular).

<sup>136</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

**Gráfico 19: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - IV<sup>137</sup>**



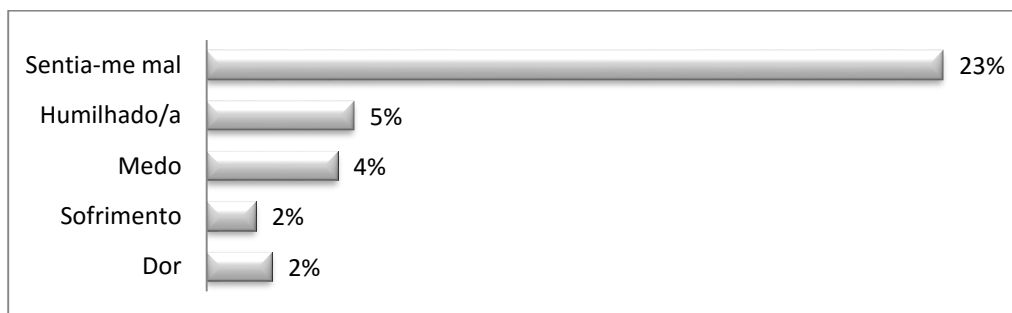
Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

No gráfico 19 pode-se aduzir que os universitários acreditavam que a incidência do fenómeno (*cyberbullying*) os faria sentir discriminados, maltratados e acossados.

As elocuições utilizadas para exprimir estes estados foram: marginalizado (5%); perseguido e ofendido (ambos com 4% das respostas); enganado e ameaçado (os dois com 3%)

**Gráfico 20: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - V<sup>138</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

O gráfico 20 traduz uma opinião transversal entre os inquiridos: a de que o *cyberbullying* os faria sentir mal (23%).

Sentindo-se vexados, ser vítima provocar-lhes-ia igualmente momentos de temor e de aflição, que os investigados traduziram da seguinte forma: humilhado (5%); medo (4%); sofrimento e dor (ambos com 2%).

<sup>137</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>138</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

**Gráfico 21: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - VI<sup>139</sup>**

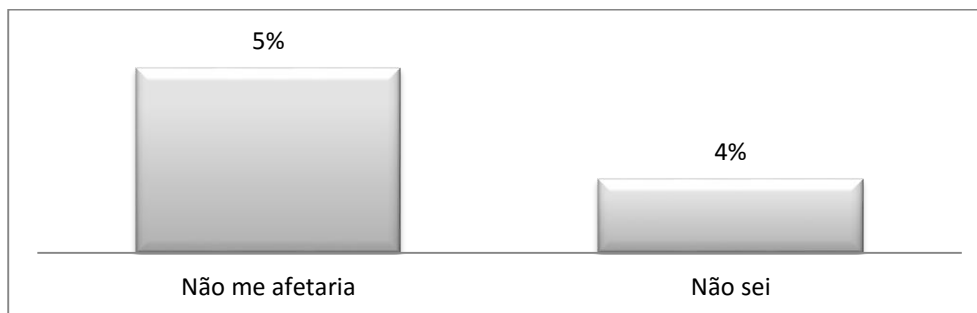


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Alguns estudantes foram, porém, mais extremos alegando que (note-se que as respostas não são de resposta única, mas aberta o que permite que o inquirido exponha mais do que uma situação) deixavam a Internet (2%) ou que procuravam a polícia (2%). Esta última intenção é importante uma vez que demonstra intenção de tomar uma atitude prática perante a situação (*cyberbullying*). Por sua vez, a ideia de deixar de usar a Internet apesar de parecer numa primeira instância uma solução, é equivocada, pois a consequência disso não é deixar de ser vítima de *cyberbullying*, mas antes continuar a sê-lo, mas sem noção do que se está a passar. Estas respostas representam a vontade de agir que a incidência do fenómeno poderia provocar nas vítimas.

**Gráfico 22: O que sentiriam se fossem vítimas de *cyberbullying* - VII<sup>140</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Finalizando a análise das respostas a questão, salienta-se o facto de 5% dos inquiridos considerarem que ser vítima de *cyberbullying* não os afetaria e que 4% não sabem que sentimentos tal lhes poderia despertar. Ambas as respostas indicam claramente o desconhecimento do fenómeno em si (conhecem a sua existência, mas não

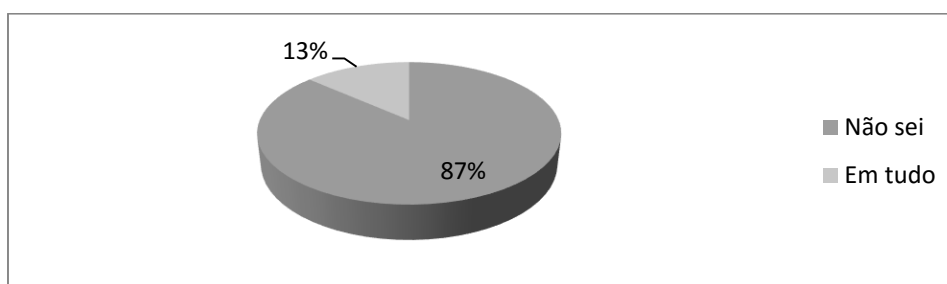
<sup>139</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>140</sup> Pergunta 5 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

no que consiste) assim como uma atitude de lisura ao admitir que não sabiam. Sobre os que responderam que não os afetaria pode estar-se perante duas situações: honestidade intelectual por não conhecerem bem o fenómeno e pensarem que de facto não seriam influenciados ou, por outro lado, uma atitude de superioridade ou resiliência sustentada numa autoestima elevada ou na experiência de vida.

Retomando a palavra a todos os inquiridos, formulou-se a pergunta<sup>141</sup> seguinte de modo a focar a sua opinião sobre as vertentes das suas vidas em que equacionavam vir a ser mais afetadas num caso de *cyberbullying*, assim como relativamente ao comportamento pessoal esperado. Os resultados foram curiosos, como se pode ver no gráfico 23.

**Gráfico 23: Em que vertentes da vida o *cyberbullying* teria mais impacto?<sup>142</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Na sua maioria os estudantes admitiram que o *cyberbullying* os afetaria, mas não souberam dizer como. Este aspeto permite elaborar as seguintes teorias:

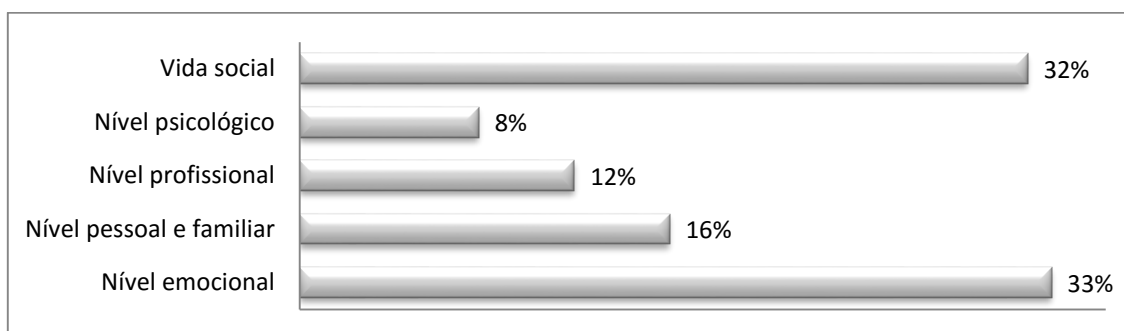
- Primeiro, demonstram não ter condicionado o seu pensamento para o que poderiam deduzir serem os objetivos do inquérito (o que ajuda na validação dos resultados obtidos);
- Segundo, que estas pessoas não refletiram sobre o assunto;
- Terceiro, que os inquiridos não conseguem decidir sobre que reação teriam num caso de *cyberbullying*;
- Quarto, que não conhecem bem o fenómeno, o que pode ser superado por meio da leitura sobre o assunto.

<sup>141</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

<sup>142</sup> Pergunta 7 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

No que respeita aos restantes indivíduos, sobre as vertentes gerais que apontaram<sup>143</sup>, significantes por si mesmas, a maioria aponta o nível emocional (33%) como o sector em que equacionavam que seriam mais atingidos caso fossem vítimas de *cyberbullying*. Os outros mencionados foram, por ordem de incidência, vida social (32%), nível pessoal e familiar (16%), nível profissional (12%) e nível psicológico (8%), como se pode ver no gráfico (24) seguinte.

**Gráfico 24: Impacto do *cyberbullying* - I<sup>144</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Estes valores permitem compreender que os estudantes acreditam que o *cyberbullying* teria um impacto significativo nas suas vidas, essencialmente a nível emocional assim como na sua vida social (demonstrando igualmente a elevada importância que esta vertente exerce nos indivíduos pois caso contrário teria um peso inferior nas respostas).

Curiosa é a reduzida expressão do sofrimento psicológico que os estudantes consideram que infligiria, comparativamente com as restantes vertentes expressas, o que significa que estão mais preocupados com os efeitos que o *cyberbullying* teria nas outras áreas e não tanto em si mesmos, pois acreditam poder controlar com maior facilidade este sector. Em estado de equilíbrio estaria o impacto a nível pessoal, familiar e profissional que traduz o seguinte raciocínio: são áreas em que existe à partida uma maior incidência do aspeto racional da parte de terceiros e de outras facetas da pessoa (vítima) que não estão tão presentes nas outras áreas o que poderá traduzir-se na ponderação da situação e até no apoio psicológico e solidariedade por parte dos pares.

<sup>143</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

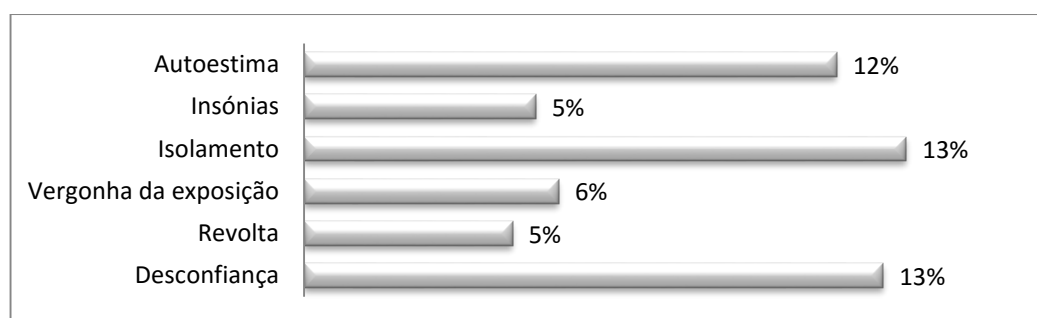
<sup>144</sup> Pergunta 8 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.



Para além de focar o impacto do *cyberbullying* sobre áreas gerais, o estreitamento recaiu sobre expressões (ver gráfico 25) como desconfiança (13%); isolamento (13%); autoestima (12%); vergonha da exposição (6%); revolta (5%) e insónias (5%). Tal permite realizar novamente o relevo dado pelos sujeitos aos efeitos da exposição pública na rede. O que, de certa forma, contradiz aqueles que afirmam que o *cyberbullying* não os atingiria porque se passa no palco da Internet, questionando-se, por conseguinte, o impacto que a reputação *online* tece na vida social e pessoal dos indivíduos.

O gráfico seguinte (25) destaca manifestamente que os estudantes reconhecem como expressão das consequências do fenómeno a desconfiança, o isolamento e o abalo da autoestima, o que perfaz uma percentagem de 38% da totalidade das respostas obtidas. Estes dados permitem perceber que uma das principais repercussões do *cyberbullying* consiste em abalar e debilitar as vítimas.

**Gráfico 25: Impacto do *cyberbullying* - II<sup>145</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Procurando aprofundar o comportamento dos estudantes universitários relativamente ao fenómeno indagou-se acerca das motivações para a prática de *cyberbullying* (ver gráficos 26 a 31)<sup>146</sup>.

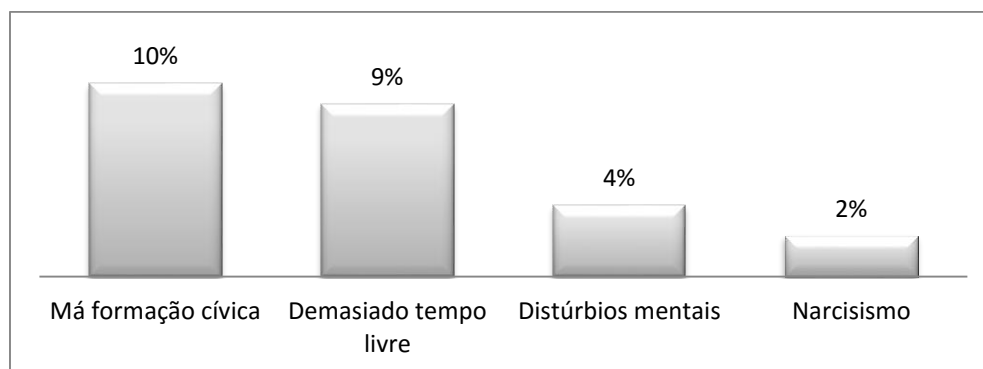
Sobre os resultados obtidos, assevera-se uma tendência para a firmeza de opinião e formulação de juízos críticos acerca do que motivará as pessoas a praticar *cyberbullying*. No gráfico seguinte (26) pode observar-se que 13% dos estudantes inquiridos apontaram a má formação cívica como um dos fatores, assim como o ter demasiado tempo livre (9%) que impele no sentido de arranjar o que fazer (e a prática de *cyberbullying* surge como resposta a essa necessidade); a possibilidade de a pessoa

<sup>145</sup> Pergunta 8 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>146</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

sofrer de distúrbios mentais (4%) e o narcisismo (2%), no que respeita a uma imagem irrealista de si mesmo e ao julgamento e perseguição dos que consideram errados ou inferiores.

**Gráfico 26: O que motiva as pessoas a praticar *cyberbullying* - I<sup>147</sup>**

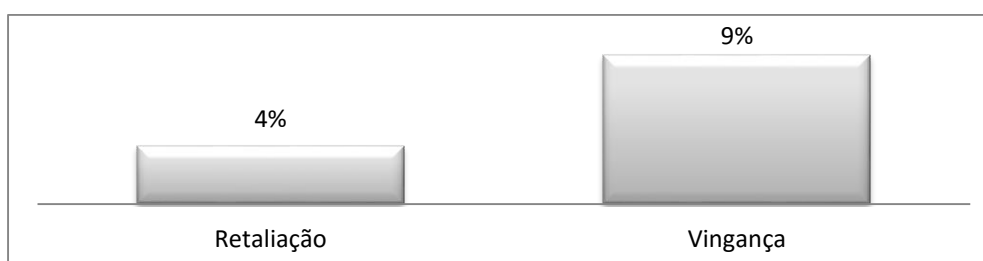


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

O gráfico seguinte (27) expõe duas das explicações mais cruas acerca do que move os indivíduos nesta direção (da prática): a vingança (9%) e a retaliação (4%). A *revenge porn* é uma das manifestações deste tipo de móbil, pois implica vingança. A retaliação dispensa, por si mesma, apresentações, mas consiste no sentir-se lesado e recorrer ao *cyberbullying* para limar arestas relacionais que a tradicional expressão “ficar quites” traduz.

**Gráfico 27: O que motiva as pessoas a praticar *cyberbullying* - II<sup>148</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

A necessidade de afirmação e o apelo pelo sentir-se popular sustentam-se como pretexto à prática de *cyberbullying* (ver gráfico 28) materializando-se nas expressões:

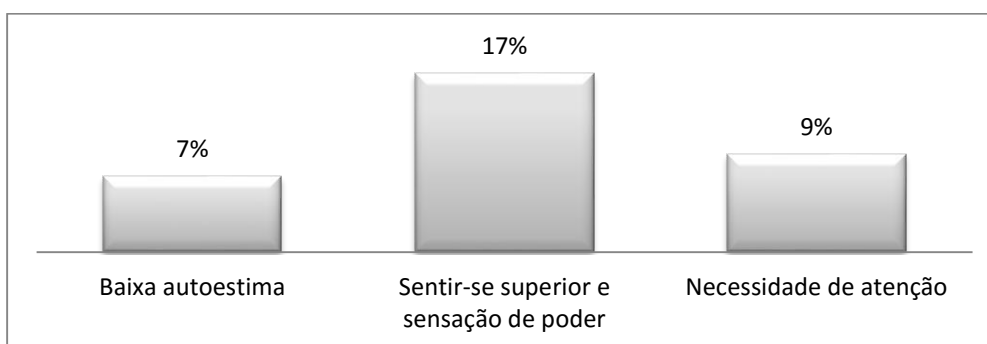
<sup>147</sup> Pergunta 9 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>148</sup> Pergunta 9 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

sentir-se superior e sensação de poder (17%); necessidade de atenção (9%) e baixa autoestima (7%).

O facto de a Internet reunir, em si mesma, condições para isso (prática de *cyberbullying*) é significativo neste aspeto, uma vez que permite às pessoas construir máscaras e projeções de si mesmos de acordo com as suas intenções, assim como sustentar uma sensação de impunidade.

**Gráfico 28: O que motiva as pessoas a praticar *cyberbullying* - III<sup>149</sup>**

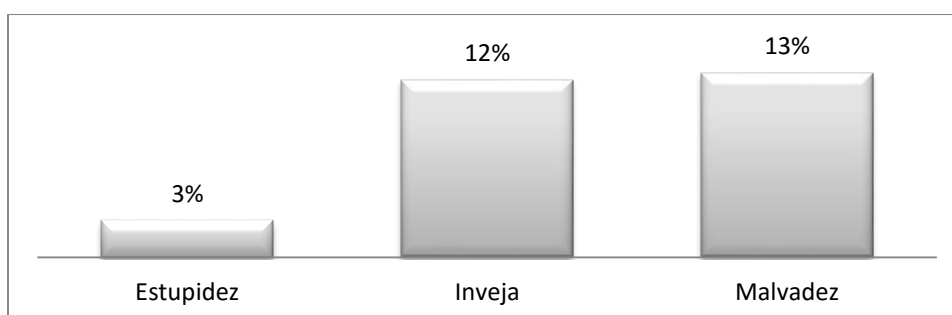


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Uma das coisas que os inquiridos salientam (ver gráfico 29) é a tendência que o ser humano apresenta para a sevícia, a cobiça e ambição, assim como à grosseria, demonstrando de certa forma indícios de barbárie e perversidade. Tal pode ser constatado por meio das expressões, que valem significativamente por aquilo que representam: malvadez (13%); inveja (12%) e estupidez (3%).

**Gráfico 29: O que motiva as pessoas a praticar *cyberbullying* - IV<sup>150</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

<sup>149</sup> Pergunta 9 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>150</sup> Pergunta 9 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

No gráfico seguinte (30) detetam-se duas explicações preocupantes para a prática do fenómeno (*cyberbullying*), concretamente por experiência (3%), o que pode levar à continuidade do ato e, por desporto (2%). Este último particularmente inquietante visto poder indicar a existência de pessoas que se juntam em competições para:

- Ver quem pratica mais *cyberbullying*;
- Para ver quem o faz da forma mais impactante;
- Proporcionar mais momentos cómicos;

Estas indicações surgem no raciocínio do “não sei como é, vamos experimentar” e do “só uma vez”, mas igualmente do desafio do “não és capaz” e do “vamos ver quem é melhor” que traduzem intenções de exploração de realidades desconhecidas assim como de competição, desafio e excitação. O que permite questionar sobre a maturidade psicológica dos sujeitos uma vez que se enquanto em adolescentes este tipo de resposta não seria surpreendente pois é uma fase de crescimento e experimentação, já nos adultos este tipo de resposta pode indicar um desfasamento entre a idade física e a psicológica no indivíduo. Boutinet (1993) no seu livro “*A imaturidade da vida adulta*” explora o conceito de idade adulta alertando para uma visão tradicional desta fase de vida como aproblemática e de referência quando na realidade é ambígua. Segundo o autor esta ambiguidade desenvolve-se desde o momento em que o indivíduo adquire socialmente o estatuto de adulto, passando pelas vantagens e consequências do aumento da esperança média de vida, que possibilita o prolongamento da adolescência na vida adulta assim como pelo questionamento do que é ser adulto (Boutinet, 1993). Reforça Boutinet (1993) que as sociedades de pertença estabelecem limites etários sólidos que permitem afirmar que um indivíduo de 18 anos<sup>151</sup> é adulto, porém o desenvolvimento cultural e tecnológico conduziu ao ponto da idade deixar de ser o ponto de referência do ser adulto. Para o autor, hodiernamente, o estatuto de adulto divide-se em dois tipos: um que é pautado pela incerteza, pelo risco, pela procura, pela autonomia e pela liberdade de pensar a sua existência; e um outro que corresponde à conceção de adulto tradicional, assente na certeza, na previsibilidade, numa fase relativamente aproblemática e estável (Boutinet, 1993).

---

<sup>151</sup> 21 anos em alguns países.

O estatuto de adulto deve, na visão de Boutinet (1993), ser pensado de acordo com o percurso de vida de cada um. Até porque se está a assistir a indivíduos que chegaram à idade adulta legal e adultos por idade que negam este novo estatuto, empatando a entrada nessa vida adulta em termos efetivos, continuando a comportar-se como adolescentes (Boutinet, 1993). A heterogeneidade atual dos modelos de adulez leva à necessidade de se repensar o que é ser adulto. Tal estágio deixa de ser sinónimo de uma fase da vida responsável, estável e pouco problemática (Boutinet, 1993), passando a coexistir dois tipos de adultos: os de idade e os de mentalidade (Boutinet, 1993).

Em termos de idade em Portugal todos os maiores de 18 anos são adultos. Porém no que respeita à mentalidade e, tendo em conta os argumentos de Boutinet (1993), o estatuto de adulto é um estado de consciência. Se um adulto em idade não se assumir como tal, continuará a comportar-se como um adolescente. É este desfasamento entre a idade física e psicológica presente na atualidade que leva o autor a defender a flexibilidade do olhar sobre o ser adulto assim como a necessidade de questionar o que é ser adulto (Boutinet, 1993), facto que os dados recolhidos por meio do inquérito *online* corroboram. No entanto, na presente tese optou-se por se considerar como adulto todo o indivíduo maior de 18 anos, idade em que em Portugal por lei se atinge a maioridade.

**Gráfico 30: O que motiva as pessoas a praticar *cyberbullying* - V<sup>152</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

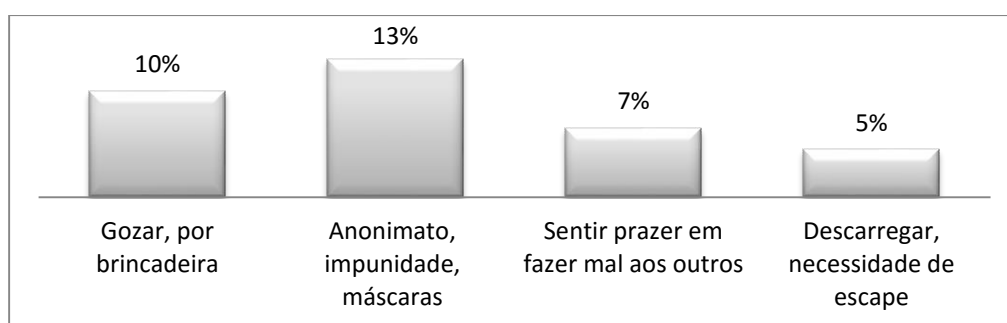
Créditos: Pinheiro, 2015

O gráfico subsequente (31) agrupa sugestivamente um conjunto de justificações expressivas daquilo que move os sujeitos a percorrer o caminho do *cyberbullying*. Encontram-se aqui destacadas as sentenças: anonimato, impunidade, máscaras (13%); gozar, por brincadeira (10%); sentir prazer em fazer mal aos outros (7%); descarregar, necessidade de escapar (5%).

<sup>152</sup> Pergunta 9 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

A demanda interna, a vontade que o ser humano tem de descomprimir, de aliviar as tensões acumuladas no quotidiano, o fazer daquilo de que se encontra privado por imposição das castrações da sociedade de pertença encontra nas características da Internet (especialmente no aparente anonimato e sensação de impunidade) o caminho para a libertação desses desejos. Criando máscaras ou apenas permanecendo anónimo, o indivíduo permite-se deleitar com os prazeres da liberdade que a rede proporciona, podendo aligeirar a cabeça, revelar o seu sadismo ou simplesmente implicar e caçar com os outros. Praticando *cyberbullying*, o limite é o seu próprio entendimento.

**Gráfico 31: O que motiva as pessoas a praticar *cyberbullying* - VI<sup>153</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

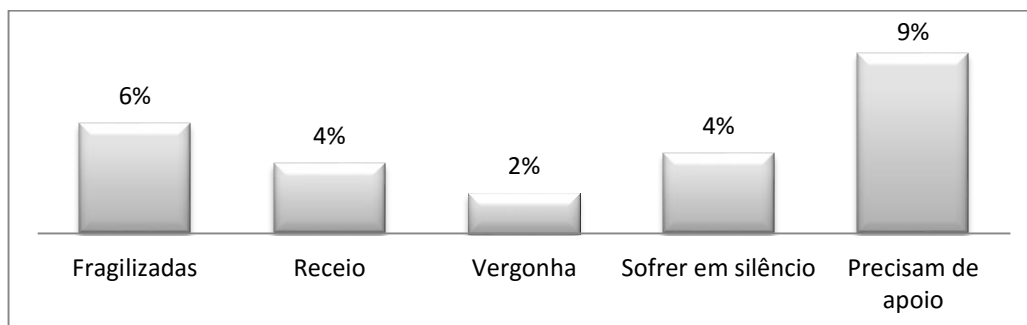
Após a análise da questão anterior enveredou-se no sentido da descoberta do que os estudantes pensam sobre quem é vítima de *cyberbullying*<sup>154</sup>. Este tópico, pouco ingénuo, tem por objetivo desconstruir a linha de pensamento padrão dos estudantes universitários invocando o seu sentido crítico, ajudando a minimizar o impacto do pensamento politicamente correto em prol da opinião pessoal (que é uma construção complexa onde influem aspetos da personalidade, experiência de vida, contextos, relações com os outros e com o meio, regras sociais e culturais, crenças religiosas e políticas, assim como a educação).

O gráfico 32 apresenta assim o primeiro agrupamento de respostas no qual se percebe a consciência do efeito debilitante que o *cyberbullying* tem nas vítimas, que consideram que precisam de apoio (9%) e que estão fragilizadas (6%). Encontra-se aqui também revelada a ação inibidora do fenómeno na vítima, por meio das expressões: receio (4%); sofrer em silêncio (4%) e vergonha (2%).

<sup>153</sup> Pergunta 9 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>154</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

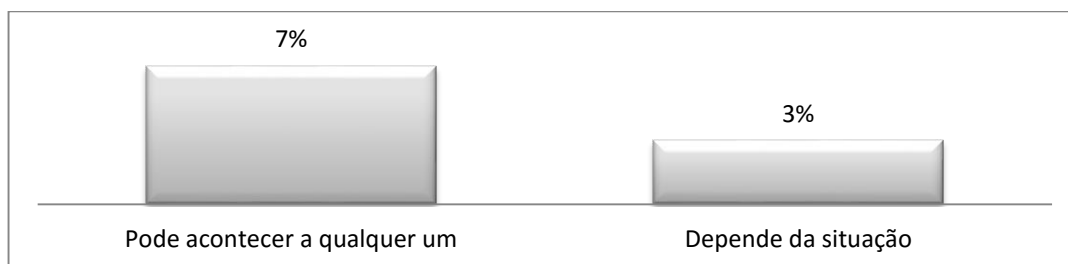
**Gráfico 32: Considerações dos estudantes sobre as vítimas de *cyberbullying* - I<sup>155</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

Alguns dos estudantes (ver gráfico 33) creem que o *cyberbullying* é um fenómeno que pode acontecer a qualquer um (7%) e que depende da situação (3%), o que demonstra uma visão lúcida do enquadramento que o fenómeno implica (as vítimas não necessitam de provocar o agressor para o *cyberbullying* acontecer).

**Gráfico 33: Considerações dos estudantes sobre as vítimas de *cyberbullying* - II<sup>156</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

No gráfico 34 afigura-se a consideração de que alguns casos de *cyberbullying* são provocados por vinganças (3%) que recaem sobre as vítimas e que esta situação (*cyberbullying*) lhes (às vítimas) provoca sentimentos de revolta (2%).

<sup>155</sup> Pergunta 11 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>156</sup> Pergunta 11 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

**Gráfico 34: Considerações dos estudantes sobre as vítimas de *cyberbullying* - III<sup>157</sup>**

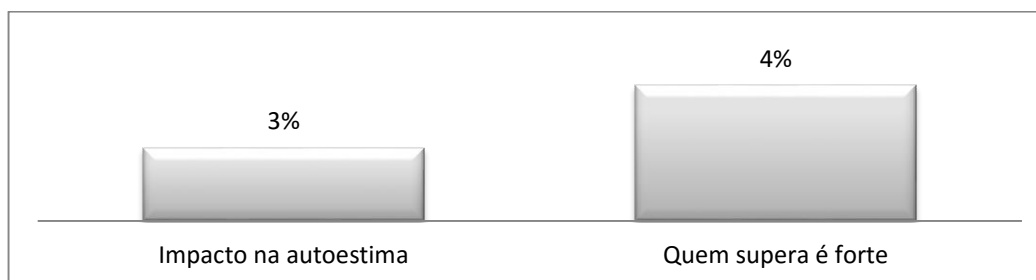


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Reconhecendo que o *cyberbullying* é uma contingência capaz de pôr à prova o pundonor e a capacidade de resiliência de quem se vê envolvido em tal ocorrência, alguns dos estudantes consideraram que as vítimas que o superavam eram fortes (4%) e que o fenómeno representava um impacto na autoestima (3%), tal como se pode ver no gráfico 35.

**Gráfico 35: Considerações dos estudantes sobre as vítimas de *cyberbullying* - IV<sup>158</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

No gráfico 36 observa-se a consideração das vítimas como pessoas desprevenidas que enfrentam as sequelas dos seus atos, concretamente: expõem-se, sem consciência dos riscos (21%); são ingênuas (20%); são culpadas (5%); são pessoas fracas (3%).

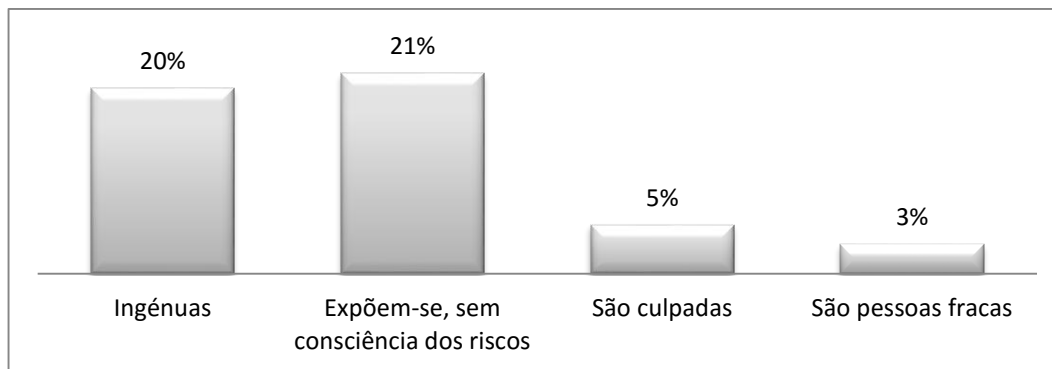
Constata-se deste modo que os inquiridos tendem a tomar as vítimas de *cyberbullying* como indivíduos bucólicos que se iludem com a exposição irrefletida e imprevidente que fazem das suas vidas na Internet, pelo que são de certa forma responsáveis pela situação (*cyberbullying*), como se pode ver no gráfico seguinte.

<sup>157</sup> Pergunta 11 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>158</sup> Pergunta 11 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.



**Gráfico 36: Considerações dos estudantes sobre as vítimas de *cyberbullying* - V<sup>159</sup>**

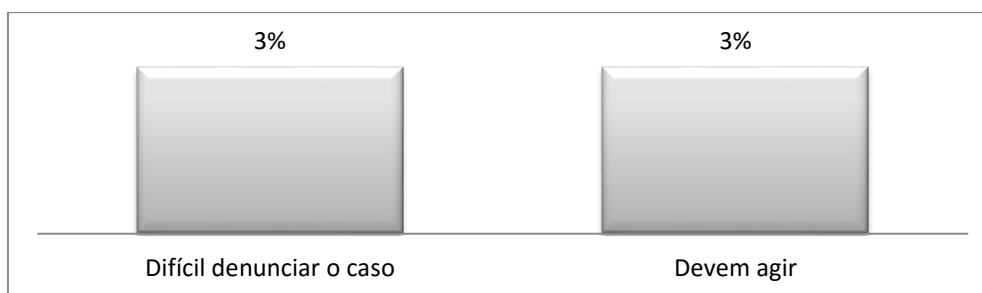


Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Ainda sobre as considerações dos estudantes inquiridos acerca das vítimas de *cyberbullying*, no gráfico 37 sublinha-se a crença sobre a dificuldade de denunciar o caso (3%) e a posição de que (apesar de difícil) as vítimas devem agir (3%).

**Gráfico 37: Considerações dos estudantes sobre as vítimas de *cyberbullying* - VI<sup>160</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Da análise dos gráficos anteriores pode perceber-se que, na sua generalidade, os estudantes universitários admitem que consideram as vítimas de *cyberbullying* como pessoas “*ingênuas*” e que são “*imprudentes*”, porque se “*expõem*” demasiado e que não “*têm consciência dos riscos*” que correm. O que é positivo, uma vez que o politicamente correto versaria por considerarem-nas vítimas da situação ou de alguém maldoso, o que demonstra um pensamento crítico sobre a situação. Os inquiridos enfatizam ainda que essas pessoas “*precisam de apoio*” e que “*pode acontecer a qualquer um*”.

<sup>159</sup> Pergunta 11 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

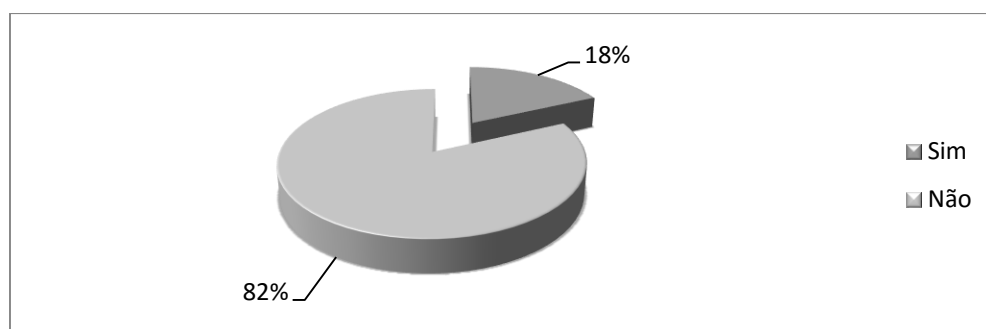
<sup>160</sup> Pergunta 11 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

Porém, as vítimas são ainda consideradas como “*peçoas fracas*”, “*frágeis*” e, de certa forma “*culpadas da situação*”. O que pode sugerir uma certa ambiguidade de opiniões que de facto não se coloca uma vez que se as vítimas são ingénuas e imprudentes podem apresentar fragilidades como é o caso da necessidade da elevação do amor-próprio passível de sentir com a exposição na Internet. Do mesmo modo o facto de não ter consciência dos riscos que essa mesma exposição pode representar faz com que, de certa forma, sejam culpadas da situação em resultado das suas ações irrefletidas em questões corolárias.

Pode ainda assumir-se que os questionados têm tendência a ler a incidência do fenómeno consoante a sua sensibilidade e proximidade pessoal.

Seguidamente perguntou-se aos estudantes se conheciam casos de *cyberbullying*, de modo a testar a sua capacidade de identificar e reconhecer o fenómeno. No gráfico seguinte (38) pode-se ver os resultados: sim (18%); não (82%).

**Gráfico 38: Conhece casos de *cyberbullying*?<sup>161</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Sobre se conhecem casos de *cyberbullying*, a maioria dos inquiridos diz que não (82%). Este é, ao mesmo tempo, um dado que é expectável e surpreendente. Se a maioria dos estudantes afirma não conhecer nenhum caso de *cyberbullying* tal prende-se simplesmente com duas hipóteses:

- Uma, que não sabem o que é (*cyberbullying*) ao ponto de não conseguir ligar teoria com prática demonstrando ausência de esforço por identificar ou associar o que poderia ser um caso (mesmo que não seja) ou falta de atenção e interesse;

<sup>161</sup> Pergunta 10 (resposta aberta), permitindo que se descrevam os casos conhecidos.

- Ou, dois, que os inquiridos não usufruem dos meios de informação e comunicação em massa no sentido da informação mesmo quando circulam com alguma frequência notícias e casos de *cyberbullying*.

Será que as pessoas estão assim tão centradas em si mesmas a ponto de ignorar o que se passa à sua volta? Ou será que não prestam atenção a estas ocorrências por considerarem que são imunes a tal?

É aceitável que as pessoas com baixo nível de escolaridade apresentem falta de informação sobre o tema (*cyberbullying*). Podem não ter tempo ou interesse, ou podem ter dificuldades em compreender as informações que lhes chegam sobretudo através dos média. Porém é expectável que os estudantes universitários possuam maior bagagem intelectual e acesso a meios que lhes estimulam e permitem o acesso à informação e à criação de conhecimento. No entanto, ao invés do esperado, os estudantes apresentaram-se como pouco autodidatas ou mesmo imprevidentes, apesar de terem meios (Internet) que lhes permitissem informar-se sobre o fenómeno. Do mesmo modo, estes dados podem igualmente sugerir uma eventual indiferença ou apatia relativamente ao fenómeno por parte dos inquiridos. Tanto nos jornais quanto na televisão, e até mesmo na Internet, os casos de *cyberbullying* que circulam têm tido um destaque considerável comparativamente com outras temáticas de momento. Será que se deve ao facto de as pessoas terem dificuldade em admitir que são vítimas de *cyberbullying* ou será por receio de que, apesar de não serem vítimas, as possam associar como tal? Será medo de identificação ou de quebra de reputação? É uma questão tubular, cuja resposta apenas seria extraída com base em análises psicológicas.

Colocando a questão de outra forma, resta saber se é o peso da reputação a incidir sobre as respostas, se é uma desinformação geral ou uma escassez de sensibilidade para com a problemática.

Aparentemente os universitários não conhecem muitos casos de *cyberbullying*, mas como será que pensam que se deve lidar com um? Independentemente dos seus conhecimentos sobre o fenómeno cabe descobrir qual a opinião dos inquiridos sobre os efeitos da incidência do *cyberbullying*, o que pensam sobre isso e o que aconselham a fazer.

O foco neste tipo de questionamento permite aferir como os indivíduos concebem a envolvimento com o fenómeno. Revelando aquilo que consideram

importante, os seus valores, esquemas construtivos mentais, sensibilidade e, sobretudo, como se comportam perante os problemas. É assim recolhida neste tópico a reação que os sujeitos pensam ser a melhor perante um caso de *cyberbullying* com impacto social. Foi para o efeito descrita uma situação destas (de impacto social e pessoal) na introdução da pergunta, levemente dirigida e de resposta aberta, que visou sobretudo proporcionar uma extração de eventuais máscaras psicológicas que se pudessem ter desenvolvido durante o processo de raciocínio anterior<sup>162</sup>. Os resultados podem visualizar-se nos seguintes gráficos (39 a 43)<sup>163</sup>.

No gráfico 39 pode constatar-se que os inquiridos pensam que num caso de *cyberbullying* se deve: denunciar o caso (13%); expor publicamente a verdade (7%); vender o caso (1%).

Estas respostas demonstram que para eles (estudantes) o melhor é publicitar a ocorrência, chegando mesmo a haver quem considere isto uma oportunidade. Assim, foi apontada a hipótese de vir a tirar dividendos de um caso de *cyberbullying*: tal como os famosos que transformam os escândalos em publicidade, as vítimas de *cyberbullying* deveriam usar a mesma técnica e vender a sua história de modo a lucrar com isso.

Podendo ser uma orientação questionável, é, de certa forma, admissível tendo em conta que se vende o apelo à fama através dos canais televisivos que exploram programas de entretenimento de massa como é o exemplo da “*Casa dos Segredos*”. Além dessa explicação, atendendo à atitude em si de exposição do caso e colocando de parte as intenções do ato, é considerado positivo na medida em que:

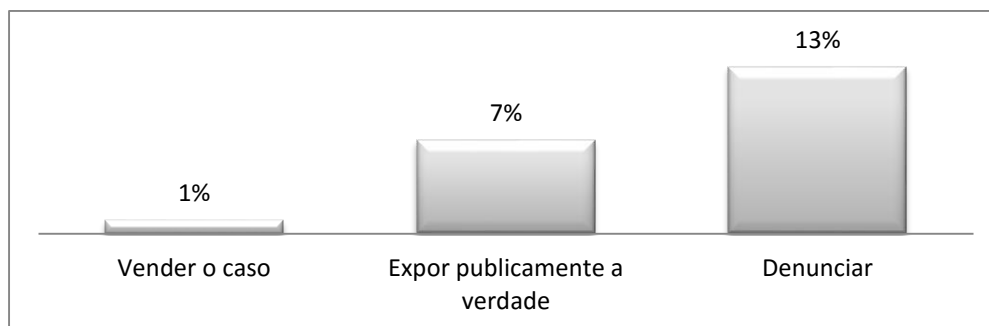
- Primeiro, pressupõe a aceitação de que se foi vítima;
- Segundo, porque falar do caso ajuda à sua superação pelo postular do princípio da não negação;
- Terceiro, porque pode servir de exemplo para os outros (o que não aconteceria se o caso não fosse divulgado).

---

<sup>162</sup> É prudente efetuar, durante um inquérito, quebras na matriz psicológica do pensamento de modo a garantir a consistência e a acreditar os dados obtidos.

<sup>163</sup> Pergunta de resposta aberta pelo que os valores poderão ultrapassar os 100%.

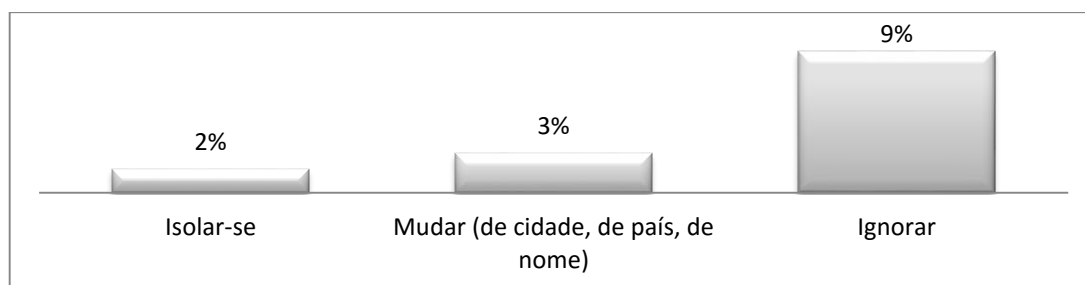
**Gráfico 39: Opinião sobre o que fazer em caso de *cyberbullying* - I<sup>164</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

O gráfico 40 explora opiniões de bloqueio e fechamento assim como de desconsideração, evitamento e até mesmo de rejeição por meio da fuga. Os estudantes consideraram que se deveria: ignorar (9%); mudar (de cidade, de país, de nome) (3%); isolar-se (2%). Estas expressões, reforçadas com indicações que podem ir desde a ponderação de mudar de cidade, ao extremo de alterar o nome (o que significa perda de identidade e construção de uma nova – haverá sempre casos difíceis que tal justifiquem, mas usualmente esta ação reflete situações que podem implicar risco de vida – o que revela de certa forma a consideração de atitudes limite por parte dos questionados) indiciam condutas de evasão aos problemas e de não-ação.

**Gráfico 40: Opinião sobre o que fazer em caso de *cyberbullying* - II<sup>165</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013  
Créditos: Pinheiro, 2015

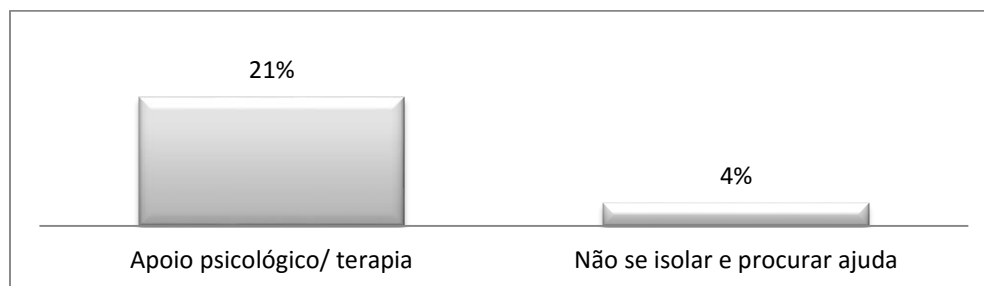
O seguinte gráfico (41) reflete uma vertente totalmente oposta à anterior. Valorizando o impacto e as consequências do *cyberbullying* os inquiridos consideraram que o melhor a fazer é: apoio psicológico/terapia (21%); não se isolar e pedir ajuda (4%). Ação e quebra do efeito de isolamento que uma situação de *cyberbullying* pode

<sup>164</sup> Pergunta 12 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>165</sup> Pergunta 12 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

potenciar são palavras-chave a ter em consideração por uma vítima para lidar com o problema.

**Gráfico 41: Opinião sobre o que fazer em caso de *cyberbullying* - III<sup>166</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

O gráfico 42 expõe a consistência do pensamento e convicções dos estudantes no que respeita ao facto de considerarem que as pessoas são vítimas de *cyberbullying* maioritariamente por o permitirem ao proporcionar condições para tal através do seu próprio comportamento expositivo e irrefletido na Internet. Assim, os investigados consideram que em caso de *cyberbullying* se deve: ser menos inocente (7%); repensar a exposição nas redes sociais (7%); ser racional (6%).

**Gráfico 42: Opinião sobre o que fazer em caso de *cyberbullying* - IV<sup>167</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

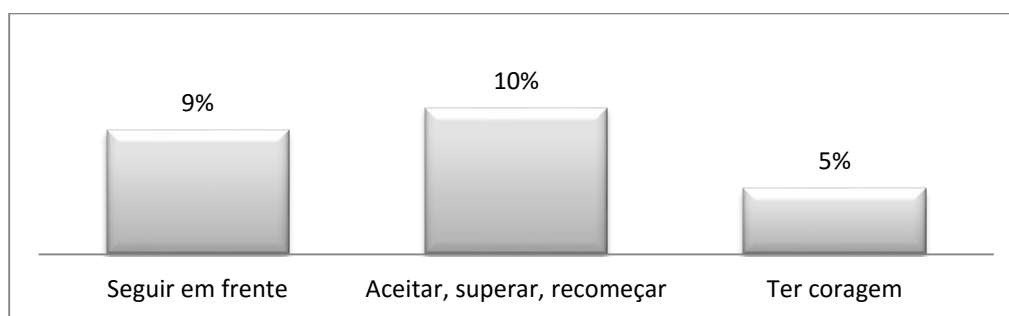
Créditos: Pinheiro, 2015

No gráfico 43 veem-se sobretudo premissas indicativas de que as vítimas devem ser psicologicamente fortes e não se deixar bloquear para lidar com um caso de *cyberbullying*. Eis os conselhos dos estudantes: aceitar, superar, recomeçar (10%); seguir em frente (9%); ter coragem (5%).

<sup>166</sup> Pergunta 12 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>167</sup> Pergunta 12 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

**Gráfico 43: Opinião sobre o que fazer em caso de *cyberbullying* - V<sup>168</sup>**



Inquérito online: N=193; Fonte: amostra não-representativa de estudantes da UM e da UBI; Data: 01/2013 – 03/2013

Créditos: Pinheiro, 2015

Porém, entre os 193 inquéritos analisados, houve um cuja resposta sobressaiu, por resumir numa frase única o pensamento que se entreviu nas respostas dadas pelos estudantes ao longo de todo o inquérito (e não somente nesta pergunta em particular). Eis então a sentença: “*a reputação é a forma de viver da pessoa*” (inquirido nº75). Ora este pensamento descrito revela mecanismos que influem quer no comportamento quanto no julgamento da conduta dos outros, sentido crítico e postura perante o objeto, especificamente o *cyberbullying*, podendo gerar ondas de violência e de rejeição para com aqueles que são tidos como não inseridos no sistema.

### **7.2.2. Casos de *cyberbullying* descritos pelos estudantes universitários**

Relativamente à questão que recaía sobre o conhecimento de casos de *cyberbullying*, os estudantes revelaram que além dos casos divulgados sobretudo pela imprensa conheciam outros que tinham sido vividos por eles mesmos, por colegas de escola, amigos e familiares. Eis os casos mencionados, agrupados segundo incidência em domínio específico formando casos-tipo<sup>169</sup>:

#### ***Caso-tipo 1: Vídeo sexual divulgado na Internet***

Mais do que um inquirido revelou que o caso de *cyberbullying* que conhecia estava relacionado com o vazamento de um vídeo de conteúdo sexual na Internet. As informações recolhidas apontavam precisamente dois motivos:

<sup>168</sup> Pergunta 12 (resposta aberta), desdobrada na análise em função das respostas obtidas.

<sup>169</sup> Pergunta 10 (resposta aberta), permitindo a descrição dos casos conhecidos que foram analisados e agrupados segundo tipos de ocorrência.

- Primeiro, que a pessoa se tinha filmado e enviado para o namorado/a e este, após o término, o utilizou como vingança (*porn revenge*);
- Segundo, que foi filmado/a pelo parceiro/a sem ter conhecimento disso e em que o objetivo do agressor/a passava por divulgar esse vídeo pelos amigos. A diferença do anterior é que, neste caso, o mote seria focado na exibição como forma de se vangloriar e não como vingança.

Outro caso relatado prende-se igualmente com um vídeo, desta vez com a característica de ter sido filmado por terceiros, propositadamente, “*para divulgar na Internet*” (inquirido nº 35). Concretamente um grupo de jovens teriam observado que um casal (adolescente) costumava namorar todos os dias num determinado local e resolveram filmar o encontro.

### ***Caso-tipo 2: Descoberta da password e roubo de conta***

Como alguns estudantes relataram, o roubo de contas *online* por meio da descoberta da *password* é algo relativamente comum. Foram narrados vários casos de roubos de contas de correio eletrónico, do *Facebook* e outras redes sociais (não especificadas pelos respondentes).

Como o inquirido nº 98 declarou, “*alguém descobriu a password do meu e-mail e usurpou-o*”. Relativamente a contas em redes sociais, o caso do respondente nº192 é exemplo: “*roubaram-me a conta do Facebook e começaram a usá-la como se fosse eu*”. Ambos os casos pressupõem o apoderamento da conta com a finalidade de a usar.

### ***Caso-tipo 3: Insultos e tortura psicológica***

Casos de insultos e tortura psicológica por variados motivos são também descritos nos casos expostos pelos estudantes universitários. Dos testemunhos recolhidos seleccionam-se três relatos fiéis à exemplificação deste tipo de *cyberbullying*, concretamente:

- O inquirido nº121 refere que “*por questões de inveja devido à situação social e financeira os meus colegas da turma utilizaram as redes sociais para me inferiorizar, ameaçar e torturar psicologicamente*”.
- Por sua vez, o inquirido nº 39 diz ter sido “*insultado e perseguido em jogos online em tempo real*”.



- A inquirida nº 11 alega: *“fui insultada no Facebook pelos colegas de turma que chegaram a criar uma página para isso”*.

#### ***Caso-tipo 4: Criação de contas falsas***

Outra das práticas de *cyberbullying* abordadas foi a da criação de contas falsas, sejam de correio eletrónico, de perfis em redes sociais ou em *sites* de encontros. Os seguintes relatos são espelho disso:

- O inquirido nº 114 fala sobre o facto de terem criado *“um blog para gozar”*;
- Por sua vez o estudante nº 135 queixa-se de *“usurpação de identidade: criaram um perfil numa rede social com o meu nome”*;
- Sendo que o respondente nº 89 viu a sua fotografia ser recolhida e utilizada *“para criar um perfil num site de encontros”*.

#### ***Caso-tipo 5: Divulgação de dados***

Acerca da divulgação de dados pessoais e imagens, alguns dos inquiridos (nº 34, nº 137 e nº160) confirmaram que viram difundido o contacto telefónico em *sites* na Internet sob a premissa de que realizavam encontros sexuais<sup>170</sup>.

Por último expõe-se o caso do inquirido nº 177 que viu a sua fotografia colocada num grupo exclusivamente dedicado à divulgação de fotografias de mulheres da rede social em si.

---

<sup>170</sup> Tendo em conta tanto os casos descritos quanto os dados recolhidos por meio da etnografia digital é importante destacar que este tipo de atuação é independente do sexo da vítima. No caso do sexo masculino a orientação dos encontros sexuais é ligada diretamente à homossexualidade. No caso do sexo feminino diverge: tanto é orientada para a homossexualidade quanto para a heterossexualidade.

### 7.3. ETNOGRAFIA DIGITAL

Durante o período temporal de 2010 a 2014 decorreu a aplicação do método da etnografia digital tendo sido recolhidas e analisadas as opiniões, atitudes e comportamentos de 150 pessoas perante casos de *cyberbullying* divulgados na Internet juntamente com sete casos de *cyberbullying* verídicos, tal como explícito no ponto 1.5.4 do capítulo 1. Dos mencionados sete casos de *cyberbullying*, três são mediáticos: descrito num capítulo precedente encontra-se o caso de Ghyslain Raza, o *Star Wars Kid*, ao qual se juntam os casos de Amanda Todd, Laura Barns e mais cinco recolhidos no *Facebook*, em blogues e em fóruns. Desses cinco casos, um já foi abordado no decorrer do capítulo “*Cyberstalking*” e os restantes quatro serão expostos no decorrer deste capítulo.

Importa aqui salientar que os três casos mediáticos foram recolhidos de várias fontes de carácter público reveladas ao longo da descrição dos mesmos e em nota de rodapé quando necessário. Por sua vez, no que respeita aos restantes cinco casos sempre que a confidencialidade da origem da informação não carecer de resguardo a mesma será apresentada tanto no correr da descrição do caso quanto em nota de rodapé. Acerca do *modus operandi* que envolveu a recolha destes casos o mesmo encontra-se descrito no ponto 1.5.4 do capítulo 1, concretamente através da procura em *blogs*, fóruns, grupos no *Facebook*, *sites* (casos mediáticos) e vídeos no *Youtube* (casos mediáticos) de testemunhos completos de casos tanto descritos pelos próprios intervenientes (vítimas) quanto por outrem (os pais, nos casos mediáticos igualmente pelas autoridades e comunicação social).

Iniciar-se-á então a descrição dos dados obtidos por meio da etnografia digital com uma história mundialmente mediática, a de Amanda Todd.

Em outubro de 2012 os meios de comunicação em massa transmitiram a notícia do suicídio de uma jovem canadiana de 15 anos: Amanda Todd. Descrito como o culminar de um caso de *cyberbullying*, a informação que passou centrava-se na descrição de que a jovem tinha sido filmada na *webcam* e chantageada por isso.

Contudo, os pormenores mais recônditos centravam-se no facto de ela se ter despido *online* numa sessão de *webcam* que estava por sua vez ligada a um *blog*, tendo sido visualizada por mais de cem pessoas (CBC – Fifth Estate, 2013). Entre essas

peessoas estava o agressor, que capturou essas imagens e posteriormente divulgou por todos os contactos da jovem, no *Facebook* e num *site* de pornografia especializado nesse tipo de ação: captura de imagens de jovens que se despem e simulam cenas sexuais em frente à *webcam*<sup>171</sup>. Mas e o que aconteceu com Amanda Todd depois disto? O que a levou ao suicídio? Que sentimentos e impacto tiveram na sua vida? Eis que a resposta surge com o vídeo que a mesma gravou e disponibilizou no *Youtube* cerca de um mês antes do seu ato final.

Eis o caso Amanda Todd<sup>172</sup> descrito pela mesma (tradução<sup>173</sup> das mensagens escritas por ela no vídeo):

*Olá!*

*Eu decidi contar-vos a minha interminável história.*

*No 7º ano eu e os meus amigos usávamos a webcam para conhecer e falar com pessoas. Chamavam-me linda, perfeita, maravilhosa, etc... Pediram-me que mostrasse os meus seios e eu fi-lo...*

*Um ano depois recebi uma mensagem no Facebook. Era dele. Não sabia como ele me conhecia. Ele exigiu: “se não te mostrares para mim...eu vou divulgar os teus seios”.*

*Ele sabia a minha morada, em que escola andava, quem eram os meus amigos e a minha família. Nas férias de Natal tocaram à campainha às 4 da manhã. Era a polícia a informar-nos que a minha fotografia tinha sido enviada para toda a gente.*

*Eu fiquei muito doente, ansiosa, com uma depressão grave e síndrome do pânico. Envolvi-me com drogas e álcool. A minha ansiedade piorou e não conseguia sair de casa.*

*Um ano depois o homem voltou com a minha lista de amigos da escola. Desta vez ele criou uma página no Facebook em que os meus seios eram a imagem de perfil.*

---

<sup>171</sup> O documentário pode ser acedido online: CBC-Fifth Estate (2013) *The sextortion of Amanda Todd* [disponível em: <http://www.cbc.ca/fifth/episodes/2013-2014/the-sextortion-of-amanda-todd>, acedido a 10/09/2014].

<sup>172</sup> Retirado do vídeo feito por Amanda Todd, publicado no Youtube [disponível em: [https://www.youtube.com/watch?feature=player\\_embedded&v=vOHXGNx-E7E](https://www.youtube.com/watch?feature=player_embedded&v=vOHXGNx-E7E), acedido a 10/09/2014].

<sup>173</sup> Tradução da minha responsabilidade.

*Chorei todas as noites, perdi os meus amigos e o respeito que tinham por mim. Ninguém gostava de mim. Insultaram-me e julgaram-me. Eu nunca mais poderei recuperar aquela fotografia. Está pública para sempre.*

*Comecei a mutilar-me enquanto prometia a mim mesma que nunca mais o faria.*

*Não tinha amigos e almoçava sozinha. Mudei novamente de escola e tudo estava melhor. Mas ainda almoçava e estava sozinha na biblioteca, todos os dias.*

*Um mês depois comecei a falar com um antigo amigo meu. Conversávamos todos os dias por SMS, ele disse-me que gostava de mim e eu acreditei. Mas ele tinha namorada. Um dia ele disse-me para ir até à casa dele, que a namorada tinha viajado. Eu fui. Grande erro.*

*Envolvemo-nos e eu pensei que gostava de mim. Uma semana depois recebi um SMS em que dizia para sair da escola. Era a namorada dele e mais 15 pessoas, incluindo ele, que estavam lá. Essa rapariga e mais duas disseram-me para olhar à minha volta: “ninguém gosta de ti”. Isto em frente à minha nova escola (onde estavam 50 pessoas a assistir).*

*Um tipo gritou: “dá-lhe um soco”. Ela fez isso... deitou-me ao chão e bateu-me várias vezes. Eles filmaram e eu fiquei sozinha, largada no chão... Eu senti-me uma anedota neste mundo... Pensei: “ninguém merece isto”.*

*Eu estava sozinha. Menti e disse que era tudo culpa minha. Eu não queria que ele se magoasse porque pensei que gostava mesmo de mim. Mas ele só queria sexo... Alguém gritou: “dá-lhe logo um murro”. Os professores vieram, eu fui-me embora e deitei-me numa vala até que o meu pai me encontrou. Eu queria tanto morrer. Quando ele me trouxe para casa eu bebi veneno.*

*Isso matou-me por dentro e eu pensei que iria realmente morrer. Uma ambulância veio e no hospital fizeram-me uma*

*desintoxicação. Quando voltei para casa fui ao Facebook: “ela mereceu isso” e “espero que ela morra”. Ninguém ligava...*

*Eu mudei de cidade, de escola. Não apresentei queixa porque queria seguir em frente. Seis meses depois as pessoas postaram imagens de veneno e marcaram-me nelas. Eu estava a melhorar bastante... Eles disseram: “ela deveria tentar outro tipo de veneno”, “espero que ela veja isto e se mate”.*

*Porque é que eu aguento isto? Eu cometi um erro, mas porque me perseguem? Eu deixei a vossa cidade. Eu estou a chorar muito. Todos os dias penso “porque é que ainda estou aqui?”.*

*Estou numa ansiedade horrível. Não saí nenhuma vez este verão. Todo o meu passado... A minha vida não melhora... Não posso ir para a escola conhecer ou estar com pessoas sempre a mutilar-me.*

*Agora eu estou medicada com antidepressivos e sob aconselhamento... Mas no mês anterior eu tive uma overdose. Fiquei dois dias no hospital. Eu estou presa. O que restou de mim... Nunca pára... Eu não tenho ninguém... Eu preciso de alguém ☹*

*O meu nome é Amanda Todd.*

A história de Amanda Todd acima revelada permite destrinçar como a ingenuidade das ações do ser humano podem levar a consequências à partida pouco expectáveis. Além da tortura psicológica e pública a que a jovem foi submetida, o julgamento social e consequente estigmatização de que foi alvo foram expressivos na revelação do enquadramento que um caso de *cyberbullying* pode gerar: pode levar a processos em cadeia capazes de influir de tal forma de vida de um indivíduo que este pode não conseguir superar a situação.

Demonstra igualmente da parte do agressor inicial, a obsessão, a perversidade e a determinação na perseguição de um objetivo sem olhar a consequências. Da parte dos agressores por efeito bola de neve (os colegas e ex-colegas de escola) é possível

perceber que, além de não terem total noção da consequência das palavras escritas, ditas e dos atos praticados, revelaram um certo prazer em humilhar, perseguir e maltratar. Vontade de não perder o bombo da festa, o bode expiatório, o seu muro das lamentações sobre o qual despejam a violência, a raiva e as frustrações. O alvo que lhes permite igualmente incrementar a autoestima ao fazê-los sentirem-se superiores e importantes. É ainda possível perceber os efeitos do *cyberbullying* na vítima, Amanda, que descreve não só como se sentiu, como também as atitudes que adotou na tentativa de aliviar o sofrimento provocado.

Destacam-se assim os seguintes efeitos na vítima:

- Automutilação;
- Tentativa de suicídio;
- Isolamento;
- Desespero;
- Ansiedade;
- Pânico;
- Comportamentos de risco;
- Consumo de estupefacientes e álcool;
- Tristeza;
- Distúrbios do sono.

Apesar da intensidade do relato de Amanda, que permitiu uma visão lúcida dos efeitos do *cyberbullying* na vítima, também em outros casos recolhidos é possível encontrar padrões de comportamento. Destacam-se a automutilação, a depressão, os pensamentos suicidas (como poderá verificar-se de seguida nos casos seleccionados) e a concretização dos mesmos. Este flagelo, que a incidência do *cyberbullying* pode significar para a vítima, relaciona-se em boa medida com a perseguição que o agressor faz: quanto mais insistente for, maior é o impacto.

O caso de Laura Barns passou-se poucos meses após o suicídio de Amanda Todd. Laura, uma adolescente que frequentava o ensino secundário em Fresno,

Califórnia, Estados Unidos da América, cometeu suicídio 3 dias após o vazamento de um vídeo seu na Internet.

Laura Barns, uma das adolescentes mais populares da sua escola foi a uma festa e, entre excessos naturais da idade, adormeceu. Foi filmada pelos seus colegas<sup>174</sup> de escola que se apressaram a disponibilizar o vídeo *online*. No dia 9 de abril de 2013 o vídeo de Laura numa situação socialmente embaraçosa chegou a toda a gente e a sua reputação ficou irremediavelmente abalada. Laura Barns, de jovem mais popular passou à mais gozada. Insultada e perturbada Laura não aguentou o *cyberbullying* de que foi alvo e no dia 12 de abril de 2013 (3 dias após o vídeo se tornar público) ela foi para a escola e no recreio aponta uma arma à cabeça e disparou, pondo termo à vida. Este episódio foi igualmente gravado por um colega que se encontrava no recreio.

Filmado o seu ato final e divulgada a história, Hollywood fez um filme de nome *Unfriended* (também conhecido pelos títulos *Offline* e *Cybernatural*) onde revelou o caso de Laura Barns e lhe acrescentou um cunho de bilheteira (transformou-o numa história de terror com efeitos sobrenaturais). Efeitos à parte, o filme *Unfriended* (2014) baseia-se no caso real de Laura.

### **Eis o caso em imagens:**

Nesta primeira imagem, retirada do filme *Unfriended*, vê-se uma mensagem alertando para uma realidade inevitável na Internet: “*online as nossas memórias duram para sempre*”. O sempre é uma palavra forte que remete para o facto de uma vez na rede não se poder recolher de volta.

---

<sup>174</sup> Tanto do sexo feminino quanto do masculino.

**Imagem 25: *Unfriended* I**



Créditos: *Unfriended*, official trailer, MTV, 2014<sup>175</sup>

Na imagem seguinte, também do filme *Unfriended*, a mensagem continua, desta vez alertando para o facto de não serem só os bons momentos que ficam registados para a posteridade: “*mas os teus erros também*”.

**Imagem 26: *Unfriended* II**



Créditos: *Unfriended*, official trailer, MTV, 2014

Na cena subsequente o filme começa a contar a história do que levou Laura ao suicídio: a divulgação do vídeo, a 9 de abril de 2013, em que a jovem aparece numa situação embaraçosa.

---

<sup>175</sup> Disponível em: <http://www.mtv.com/news/2043241/unfriended-trailer-premiere/>, acedido em 19/02/2015.



**Imagem 27: *Unfriended* III**



Créditos: *Unfriended*, official trailer, MTV, 2014

As imagens do vídeo que levou Laura ao suicídio: nestas vemos a adolescente adormecida no chão e a sombra de alguém a filmar.

**Imagem 28: *Unfriended* IV**



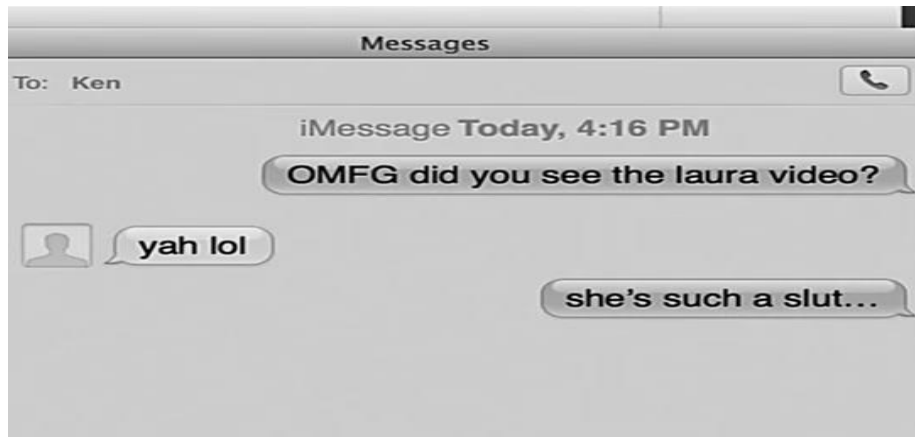
Créditos: *Unfriended*, official trailer, MTV, 2014

Na imagem posterior o filme *Unfriended* mostra os “amigos” de Laura Barnes num *chat online* a falar sobre o vídeo. Podem-se ler frases como “OMFG tu viste o vídeo da Laura?” e “ela é uma vadia”<sup>176</sup>.

---

<sup>176</sup> Tradução da minha responsabilidade.

Imagem 29: *Unfriended V*



Créditos: *Unfriended*, official trailer, MTV, 2014

As cenas seguintes, também presentes no filme *Unfriended*, são retiradas do vídeo original do suicídio de Laura Barns, filmado por um colega de escola que se encontrava no recreio na altura, e divulgado *online* no *site Live Leak* pelo utilizador que responde pelo *nickname citizen787*. Na imagem seguinte vê-se a jovem a chegar ao local onde vai pôr termo à vida.

Imagem 30: O suicídio, I



Créditos: *Live Leak*, *citizen787*<sup>177</sup>

No mesmo vídeo, Laura posiciona-se e prepara-se para disparar, perante a incredulidade dos colegas que assistem.

<sup>177</sup> Disponível em: [http://www.liveleak.com/view?i=cbe\\_1404939016](http://www.liveleak.com/view?i=cbe_1404939016), acedido a 20/02/2015.

**Imagem 31: O suicídio, II**



Créditos: *Live Leak*, citizen787

Laura não estava a brincar e, decidida, dispara, suicidando-se. Quem assistia fica em choque pois pensavam que ela não ia mesmo fazê-lo. Dirigem-se para ela a correr.

**Imagem 32: O suicídio, III**



Créditos: *Live Leak*, citizen787

Ao contrário de Amanda Todd, Laura Barns não aguentou tanto tempo o *cyberbullying* de que foi alvo. Tudo depende do caso e da capacidade de resiliência de cada um, assim como da sua experiência de vida, expectativas e meio envolvente. Porém algo foi comum: o pensamento suicida.

Esta tendência, potencializada pelo desespero psicológico, não afeta somente adolescentes; simplesmente os casos que envolvem menores são mais mediáticos, além de que existe uma tendência a sobrevalorizar os efeitos do *cyberbullying* em adultos. Tendem a atribuir justificações variadas de origens mais banais como os problemas no trabalho, financeiros, na relação amorosa ou saúde, especialmente depressões. Desse

modo procuraram-se outros casos na Internet, por meio da etnografia digital, que envolveram indivíduos de várias idades.

Os seguintes casos foram então retirados do grupo “*End cyberbullying*”<sup>178</sup> a 20 de julho de 2011, criado no *Facebook* e, entretanto, eliminado pelo fundador. Os nomes das pessoas envolvidas foram removidos de modo a garantir o seu anonimato. Eis os casos selecionados de acordo com o seu impacto e polémica gerada no grupo:

### **Caso 1:**

*“Comments on pictures calling me ugly. People (...) saying I’m a lesbian because I was kidding saying I had a girlfriend (...) I was already losing my mind”*<sup>179</sup>

Neste relato percebe-se que tanto os comentários ofensivos nas fotografias quanto as repercussões de uma brincadeira iniciada pela vítima se converterem num tormento para a mesma, passando a ser alvo de *cyberbullying* destas duas formas, o que a (vítima) estava a levar ao desespero.

### **Caso 2:**

*“Well someone call me a slut and a less and everyone believes it and they keep putting videos and stuff on there and it’s starting to hurt and I’m thinking of suicide”*<sup>180</sup>.

No caso acima descrito, a vítima queixa-se de ter sido insultada e de as pessoas terem acreditado que os insultos tinham um fundamento de verdade. Desse modo, supondo que ela era uma mulher mundana começaram a provocá-la enviando-lhe vídeos de conteúdo explícito. Tal bola de neve levou a envolvida ao ponto de se sentir incapaz de repor a verdade, pelo que chegou a equacionar o suicídio, motivado pela pressão da perda de reputação.

---

<sup>178</sup> “*End cyberbullying*”, grupo de discussão: [https://www.facebook.com/topic.php?uid=174616719252&topic=15088#topic\\_top](https://www.facebook.com/topic.php?uid=174616719252&topic=15088#topic_top), acedido a 20/07/2011. Grupo entretanto eliminado pelo fundador.

<sup>179</sup> “Comentários nas imagens a chamar-me feia. As pessoas (...) a dizer que eu era lésbica porque a brincar disse que tinha uma namorada (...). Eu já estava a perder cabeça” [tradução da minha responsabilidade].

<sup>180</sup> “Bem, alguém chamou-me “vagabunda” e de “um nada”, todo a gente acreditou nisso e eles continuaram a colocar vídeos e coisas lá. Está a começar a doer e eu estou a pensar em suicídio” [tradução da minha responsabilidade].

### Caso 3:

*“I have 32 cuts on my arm and my parents are busy working and everything, so they don’t even notice<sup>181</sup>”.*

A testemunha anterior dá a conhecer as consequências que o *cyberbullying* teve para si. Omitindo pormenores do caso, a vítima revela que chegou ao ponto de se cortar nos braços, 32 vezes. O facto de os pais estarem sempre ocupados, a trabalhar e com os seus afazeres, ajudou a que não dessem conta do estado da filha.

A vítima, que poderia ter-se cortado tanto para aliviar o sofrimento psicológico quanto de modo a chamar à atenção sobre si mesma, pode estar a experienciar sentimentos de insignificância. Porém, a atitude dos pais permite que a vítima entre em espirais sem saída, pois quando se aperceberem poderá ser tarde demais.

### Caso 4:

*“The most popular girl in school started a group on Facebook and invited me to it. Well I went on it and all (...) started calling me a lesbian and that I had STD. At first I ignored it but they wouldn’t stop. I started cutting myself. Then I tried to kill myself. It needs to stop!<sup>182</sup>”*

O caso descrito permite ver o quão intencional pode ser o *cyberbullying*: ao ponto de alguém criar uma página de propósito para gozar com alguém. A vítima teria recebido um convite para aderir ao grupo sendo este uma armadilha para gozar com ela. Um embuste montado com o propósito único de humilhar e difamar a jovem que foi inclusive acusada de ter uma doença sexualmente transmissível.

Optando por ignorar o *cyberbullying*, a vítima fez fé em que os agressores eventualmente parariam por falta de resposta da sua parte. Porém tal não aconteceu e a vítima entrando em desespero começou a cortar-se, numa tentativa de aliviar o sofrimento por meio da dor. Pouco eficaz ou de resultados não duradouros, a tentativa de suicídio é o passo seguinte. A vítima termina o seu testemunho dizendo que aquilo

---

<sup>181</sup> “Eu tenho 32 cortes no meu braço e os meus pais estão ocupados a trabalhar, e com tudo, então eles nem repararam” [tradução da minha responsabilidade].

<sup>182</sup> “A miúda mais popular da escola criou um grupo no Facebook e convidou-me a aderir. Bem, eu aderi e todos (...) começaram a chamar-me lésbica e a dizer que eu tinha uma DST. No começo eu ignorei, mas eles não paravam. Eu comecei a cortar-me. E tentei matar-me. Isso tem de parar!” [tradução da minha responsabilidade].

tem de parar. No entanto este desabafo pode ser positivo ou negativo uma vez que dependerá de uma das seguintes equações: ou o *cyberbullying* termina pelos agressores pararem de o praticar, ou por a vítima conseguir superar o caso ou, no pior dos cenários, pôr cobro à própria vida. Uma clara decisão definitiva para um problema sem fim à vista para a vítima.

Além dos casos selecionados e descritos ao longo das páginas anteriores através da etnografia digital<sup>183</sup> acompanhou-se ao longo de quatro anos (de 2010 a 2014) o comportamento de 150 utilizadores identificados através do nome (*alias* ou *nickname*) nos fóruns, nos *blogs* e nos grupos do *Facebook* selecionados (segundo o grau de relevância dos conteúdos tratados e da atividade dos mesmos) para acompanhamento. Por se tratarem de pessoas não mediáticas, salvaguarda-se os envolvidos respeitando o sigilo da fonte. Esclarece-se que sempre que a confidencialidade da origem da informação não carecer de resguardo a mesma será apresentada tanto no correr da exposição quanto em nota de rodapé. No que respeita aos dados obtidos os mesmos foram compilados e trabalhados em várias fases, desde a sua leitura geral até à sua categorização e análise quantitativa, como se verá mais à frente. Da análise geral do comportamento que os indivíduos analisados revelaram asseverou-se que as pessoas têm tendência a não ter noção dos riscos que correm ao exporem-se em demasia na rede, por ignorância ou inocência, mas igualmente por vontade de ganhar visibilidade social, de se sentirem populares.

Este tipo de comportamento, que estimula a comunicação por meio da excitação dos *likes* e comentários abre igualmente portas para outro tipo de situações, como o *cyberbullying*. Usualmente os indivíduos tendem a ignorar ou a renegar estes casos por meio da litania “só acontece aos outros”.

Foi também possível assimilar a tendência que os sujeitos apresentam para procurar informação sobre o tema em casos de desespero, alarmantes ou quando já entraram em sofrimento psicológico. Desse modo, quando o *cyberbullying* interfere substancialmente enquanto condicionante do estilo de vida pessoal e familiar é que a maioria das pessoas tende a procurar informação ou ajuda. Tal facto poderá apresentar porventura uma tendência para a incidência de uma conexão entre o silêncio e a vergonha em admitir a ocorrência de fenómeno (*cyberbullying*).

---

<sup>183</sup> Ver ponto 1.5.4 do capítulo 1.

Esta circunstância obra no sentido de projetar as pessoas na direção do bloqueio comunicacional racional, melindrando a probabilidade de estas adotarem medidas pró-ativas para com a situação: admitir para si mesmo, procurar ajuda e informação, reportar o caso e adotar medidas de segurança como alteração de *passwords*, por exemplo. Nesse sentido, semelhante conjuntura caracteriza-se pelo arrastar do *cyberbullying* ao ponto de saturação: o do desespero.

A opção deste confinamento ao silêncio, à introversão ou até mesmo à negação do caso pode levar a estados depressivos que influenciam a pessoa a ponderar soluções extremas, como é o caso do suicídio. Para os cépticos, o caso de Amanda Todd e de Laura Barns são exemplos da efetividade consequencial do *cyberbullying*.

Num mundo onde este fenómeno (*cyberbullying*) ainda tende a ser tabu quanto à capacidade de se constituir como causa de morte (por suicídio) e devaneios entre adultos, a verdade é que quando se fala no tema toca-se numa ferida aberta. Tabu social, ser vítima de *cyberbullying* pode ser estigmatizante tal como diria Goffman (1975), uma vez que imprime no indivíduo características que lhe atribuem diferença perante os demais. Deixando de se inserir socialmente como antes, devido à incidência do *cyberbullying*, a vítima poderá ser lida como indesejável, “*reduzindo-a a uma pessoa estragada e diminuída*” (Goffman, 1975: 12).

Este efeito faz-se sentir principalmente quando envolve adultos uma vez que se prende intimamente com o facto de ser esperada maturidade para lidar com os problemas. Porém o peso da vergonha de admitir ou do orgulho pessoal podem levar o sujeito à negação, assim como ao receio de ser excluído. Afinal,

*“a sociedade limita a capacidade de ação de um sujeito estigmatizando-o, marca-o como desacreditado (...) quanto mais visível for a sua marca, menos possibilidade tem o sujeito de reverter (...) a imagem formada”* (Melo, s/d: 3).

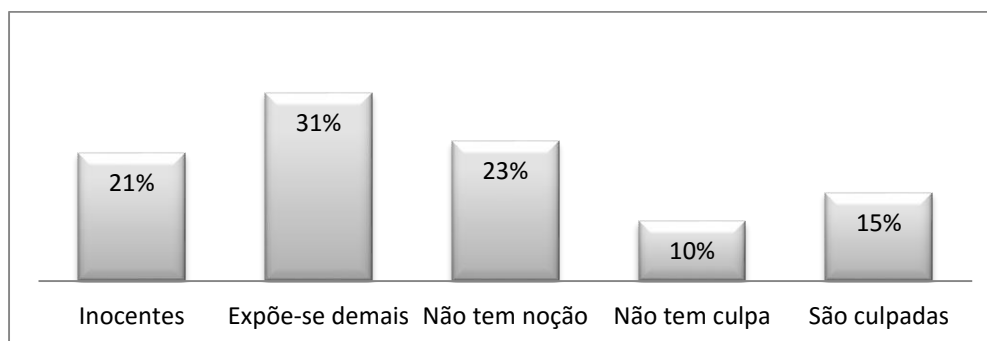
Desse modo, sente-se e compreende-se o que leva as pessoas a menosprezar o caso e a mergulhar em espirais psicológicas profundas, como por exemplo nos casos de Amanda Todd e G. Raza. A perda de estabilidade numa área gera gradualmente instabilidade face ao desequilíbrio das outras até ao ponto de implosão. Converte-se

deste modo o que é uma preocupação ou uma ponta solta num pesadelo, numa casa sem telhado, num buraco negro.

Analise-se então, nos gráficos seguintes, como são vistas as vítimas pelas mencionadas 150 pessoas ativas em *blogs*, *fóruns* e grupos do *Facebook* cujos comportamentos foram compilados entre setembro de 2010 e abril de 2014 por meio da etnografia digital (ver também ponto 1.5.4 do capítulo 1). Esclarecido anteriormente o critério de seleção das plataformas digitais e dos indivíduos a seguir, reforça-se que os dados recolhidos foram transcritos sujeito a sujeito (identificados pelo nome, *alias* ou *nickname* utilizado), lidos de forma geral numa primeira fase, analisados caso a caso numa segunda, traçadas categorias e numa terceira fase encaixados nas categorias afim de proceder a análise quantitativa. A categorização dos dados foi feita da mesma forma que para o inquérito *online*, concretamente num primeiro tempo e após a análise do material empírico foram definidas três categorias para separar os dados, concretamente 1 “*opinião sobre as vítimas*” (gráfico 44), 2 “*opinião sobre os agressores*” (gráfico 45) e 3 “*o que fazem as testemunhas perante um caso*” (gráfico 46). No segundo tempo seleccionaram-se indivíduo em indivíduo os termos (expressões e palavras) a distribuir nas categorias 1 e 2 tal como um balanço do comportamento demonstrado ao longo das trocas comunicacionais com os outros internautas participantes. Frisa-se uma vez mais que por se tratarem de pessoas não mediáticas, salvaguardam-se os envolvidos respeitando o sigilo da fonte.

Eis o que os dados recolhidos esclarecem relativamente à opinião sobre as vítimas (gráfico 44):

**Gráfico 44: Opinião sobre as vítimas**



Etnografia digital: N=150; Fonte: blogs, fóruns e grupos no Facebook<sup>184</sup>; Data: 09/2010 – 04/2014

Créditos: Pinheiro, 2015

<sup>184</sup> Por se tratarem de pessoas não mediáticas, salvaguardam-se os envolvidos respeitando o sigilo da fonte



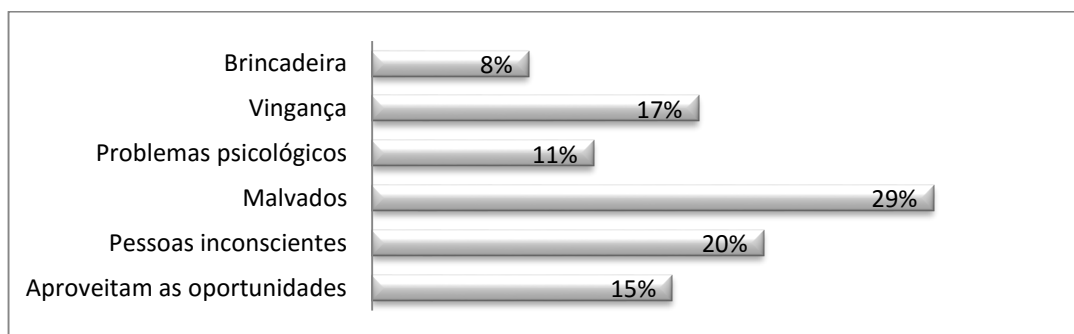
Da leitura do gráfico anterior extrai-se que a maioria das pessoas considera que as vítimas se expõem demasiado na Internet (31%), salientando ainda a falta de noção sobre os conteúdos partilhados (23%), sejam estes de si mesmos, da família ou dos amigos. Parte significativa das pessoas entende ainda que as vítimas podem ser inocentes (21%). Inocentes em dois sentidos:

- A sua falta de noção aliada à singeleza própria da pessoa que é de certa forma ingénua e acaba por se desproteger e expor;
- Por falta de experiência de vida, o que normalmente é associado a crianças e jovens.

Relativamente à culpa, 15% das pessoas acreditam ser da própria vítima, pelos motivos citados acima, sendo que apenas 10% condescendem em que a vítima é não é responsável pela situação (*cyberbullying*), pelo que o réu é o agressor.

Coube igualmente analisar como eram considerados os agressores, como se pode ver no gráfico 45.

**Gráfico 45: Opinião sobre os agressores**



Etnografia digital: N=150; Fonte: blogs, fóruns e grupos no Facebook; Data: 09/2010 – 04/2014

Créditos: Pinheiro, 2015

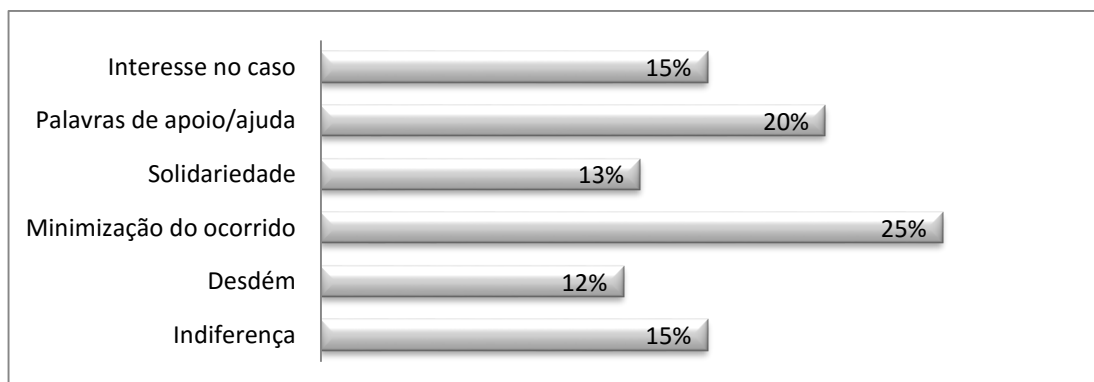
Tal como se observa no gráfico precedente (45), as pessoas consideram os agressores como sujeitos malvados (29%) e inconscientes (20%) das consequências dos seus atos. Visualizando a prática poder igualmente ser motivada por casos de vingança (17%), algumas pessoas afirmavam ainda nos seus discursos que os *cyberbullies* se limitavam a aproveitar as oportunidades que iam sendo deixadas em aberto pelas vítimas, logo o *cyberbullying* ocorreria porque se proporcionou e os ofensores se

aproveitaram (15%). Por fim, retratam-se os problemas de origem psicológica (11%) como potenciais motivadores da execução do fenómeno, sendo que, com menor incidência, se destaca a ideia de que o *cyberbullying* seria praticado por brincadeira (8%). Esta última crença considerada é válida, aceitável e até mesmo expectável quando o perseguidor é uma criança ou jovem e menos aceitável ou expectável quando o sujeito é um adulto.

De modo a concluir o presente raciocínio, pode salientar-se que estas opiniões são reveladoras dos processos de ambiguidade que se manifestam de modo geral nas pessoas em confronto com o fenómeno. Sente-se, de certa forma, uma onda generalizada de indiferença na compreensão do impacto do *cyberbullying* nas vítimas adultas que sofrem profundamente com isto. Semelhante a uma bola de neve, o impacto do fenómeno no indivíduo começa por atingir o equilíbrio psicológico do mesmo e cresce, agindo em espiral e levando consigo por arrasto a reputação social da vítima, muitas vezes incompreendida. É um processo semelhante a cair por uma escada em caracol, desde o topo até ao fundo.

Este processo em espiral, aliado ao descrédito do peso psicológico do *cyberbullying* nas vítimas tem levado a atitudes estigmatizantes e de desvalorização por parte da sociedade (Goffman, 1975: 12). Algumas vezes chegando à indiferença apimentada de desdém, como é passível de ser confirmado por meio da etnografia digital. Nesta linha, tem-se assistido a um atirar das culpas para outro lado, para outros sectores igualmente suscetíveis de provocar desequilíbrios no ser humano tal como questões de índole amorosa, querelas familiares, problemas financeiros e eventuais atritos laborais. Não negando que um adulto possa estar fragilizado pela incidência de preocupações, existe uma tendência clara para que o *cyberbullying* seja menosprezado e minimizado quando ocorre já que de acordo com Boutinet (1993), o adulto é considerado como um ser preparado e estável pelo que a instabilidade provocada por um caso de *cyberbullying*, ou até a ocorrência do episódio em si, pode ser lido como uma falha individual, como uma incapacidade. Pode perceber-se isso no gráfico 46.

**Gráfico 46: O que fazem as testemunhas perante um caso de *cyberbullying***



Etnografia digital: N=150; Fonte: blogs, fóruns e grupos no Facebook; Data: 09/2010 – 04/2014

Créditos: Pinheiro, 2015

No gráfico anterior (46) analisou-se o comportamento das testemunhas de uma ou mais ocorrências de *cyberbullying* perante o caso em si. Corroborando as afirmações anteriores acerca do comportamento das pessoas perante a incidência do fenómeno nos outros, confirma-se que as testemunhas tendem a minimizar o ocorrido (25% dos casos) e a tentar ajudar a vítima com palavras de apoio/ajuda (20%). Entre os indivíduos que demonstram interesse no caso e os que se mostram indiferentes a percentagem é de 15% para ambos. Estes comportamentos clarificam-se com as seguintes aceções: 13% das testemunhas mostram-se solidárias para com as vítimas e 12% desdenham da ocorrência.

O número de pessoas (entre as analisadas) que desconsiderou a incidência de *cyberbullying* nos casos relatados por vítimas é superior ao daquelas que se mostraram solidárias. Veja-se o seguinte cálculo: minimização do ocorrido (25%); indiferença (15%); desdém (12%); somam 52% do total de comportamentos analisados e todos eles indicam desvalorização da ocorrência. Por outro lado, 48% das testemunhas tentaram, de alguma forma, dar apoio à vítima, usualmente dando atenção e com palavras de apoio e solidariedade: palavras de apoio/ajuda (20%); interesse no caso (15%); solidariedade (13%). Certamente que a diferença não é significativa mas mesmo assim indica claramente que, dos sujeitos que testemunham um episódio de *cyberbullying*, apenas metade ou menos de metade irá mostrar-se disponível para amparar e auxiliar a vítima, mesmo que apenas perguntando o que se passou.

Sendo o papel das testemunhas fundamental num caso público de *cyberbullying*, é importante analisar este segmento que tem sido de certa forma postergado pelas investigações levadas a cabo nesta área (*cyberbullying* e *cyberstalking*). Sendo as

testemunhas todas as pessoas não envolvidas diretamente no caso de *cyberbullying* mas que se viram envolvidas indiretamente quando se aperceberam da ocorrência, estas podem assumir três comportamentos:

- Ajudar – seja por perguntar o que se passa (tentando ouvir a versão dos factos da vítima), permitindo à vítima desabafar e falar sobre o assunto; seja dando apoio psicológico com palavras de apoio ou indicando à vítima como agir; seja tomando a iniciativa de denunciar o caso;
- Ignorar – seja por desconsiderarem o caso ou não o achar grave; seja por não identificarem a ocorrência como *cyberbullying*; seja por serem egocêntricos e lhes serem indiferentes os problemas dos outros; seja por não saberem o que fazer para ajudar;
- *Cyberbullying* – seja por considerarem que a vítima estava a pedi-las; seja por já terem tendência a serem agressores ou já terem praticado *cyberbullying* antes; seja por se comprazerem juntando-se à humilhação da vítima.

Percebe-se deste modo que o que torna tão pesado para a vítima aperceber-se de que os outros (testemunhas) são indiferentes ao seu sofrimento é o facto de estes poderem vir a engrossar a lista dos *cyberbullies* que a atormentam. Compreende-se igualmente o porquê da importância da análise do papel das testemunhas nos episódios de *cyberbullying*. Veja-se o caso de Amanda Todd em que os outros (que não eram o agressor original) intensificaram o *cyberbullying*, convertendo-se eles mesmos em *cyberbullies* secundários (de segunda geração, de segunda ordem). O futuro não pode ser previsto por meio de suposições do que teria acontecido se a ordem dos fatores tivesse sido outra, porém se as testemunhas não tivessem perseguido Amanda Todd da forma como o fizeram (como a própria dizia: “*ninguém se importa*”) talvez o desfecho do caso não tivesse sido tão dramático.

#### 7.4. PERORAÇÃO

No início da tese formularam-se algumas questões diretrizes de modo a encaminhar a investigação e às quais se visou responder. Uma delas (QD2) versava do seguinte modo: “*Como se comportam os estudantes universitários relativamente às ao cyberbullying?*”. Foi a esta indagação que se procurou responder ao longo da análise de dados.

Decompondo-se os dados recolhidos por meio do inquérito *online* aplicado aos estudantes universitários, cujo comportamento face ao *cyberbullying* se pretendia avaliar, em conjunto com os resultados da etnografia digital que se debruçou na atuação de pessoas de diversas origens face ao mesmo fenómeno (*cyberbullying*), pode constatar-se que não havia diferenças significativas de comportamento dentro do conjunto de indivíduos analisados. Conclui-se deste modo que os estudantes universitários manifestam um padrão comportamental de insensibilidade ou impreparação face ao *cyberbullying* acompanhado por uma opinião crítica face às pessoas que são vítimas do mesmo. Dados semelhantes aos recolhidos por meio da etnografia digital junto a indivíduos oriundos de vários meios sociais, com diferentes percursos profissionais e académicos.

Um mundo sem riscos é quimérico, mas a não constatação desse facto juntamente com a ideia de segurança proporcionada pelo ecrã do dispositivo com que se acede à Internet é um problema. Dando uma impressão de familiaridade, de posse, de propriedade privada e de “*só meu*” o ecrã ilude as mentes que supõem que, mesmo publicando algo na Internet, essa partilha permanecerá privada ou limitada a um público íntimo ou controlado. O ecrã enseja a transmutação da globalidade da Internet na sensação de exclusividade. Esta circunstância, juntamente com a falta de noção das consequências, encaminha e precipita as pessoas para situações de risco. Não tendo total consciência do alcance que as coisas que publicam na rede podem ter, nem do que isso permite saber das suas vidas particulares, as pessoas expõem-se em demasia pensando que aquilo irá permanecer privado ou que as tornará populares metamorfoseando a Internet num *reality show*.

A par disto encontram-se outros indivíduos, lúcidos do carácter público do que os incautos consideram particular e daquilo que lhes garante a popularidade. É uma ambivalência: tanto se é popular por se ser admirado como por se ser motivo de gozo.

Esperando e aproveitando as oportunidades, ou simplesmente criando-as para praticar *cyberbullying* estas pessoas poderão ser seres que rejubilam com o sofrimento dos outros; seres com necessidade de extravasar a agressividade; seres que não tem consciência do impacto das suas ações nos outros; seres que não sentem remorsos de perseguir alguém; seres que querem experimentar; seres para os quais o *cyberbullying* é uma brincadeira.

As vítimas, desprevenidas, inconscientes ou simplesmente ignorantes, no geral não têm noção dos riscos reais que correm quando se expõem na Internet. Porém os dados permitiram perceber que a vontade de adquirir visibilidade além do grupo de amigos chegados é grande e motiva os indivíduos a expor-se propositadamente. Depois, quando as coisas correm mal e o *cyberbullying* acontece, o silêncio e a vergonha de admitir o caso move as vítimas no sentido do bloqueio, castrando e retardando que estas tomem medidas pró-ativas no combate ao mesmo, optando muitas vezes por tentar ignorar ou negar o caso ou então tentando mantê-lo em segredo visando resolver sozinhas a situação. Afinal o peso da reputação é enorme.

Epiloga-se ainda que os sujeitos têm tendência a procurar informação geral sobre o tema (*cyberbullying*) quando este já se encontra em fase avançada, usualmente quando as suas consequências começam a afetar a família, o trabalho ou os amigos da própria vítima, como foi o caso de um dos inquiridos (nº 86) que afirmou ter procurado informação sobre o tema porque a irmã estava a ser vítima de *cyberbullying*. Afinal quando o tema são as vítimas de *cyberbullying* adultas, é como se se tropeçasse num estigma social bem cimentado. Atualmente ser vítima de *cyberbullying* é um estigma e cria complexos de inferioridade. Os adultos vítimas do fenómeno são vistos como néscios, como diminuídos da capacidade de lidar com as adversidades da vida adulta, como pouco resilientes, como desinformados e como pessoas com problemas de autoestima.

Simultaneamente assiste-se a uma negação de que os adultos possam ser vítimas de *cyberbullying*, usualmente pela sobreposição de situações stressantes na vida do indivíduo. Quando se dão casos de *cyberbullying* (vítima adulta) que terminam em depressão ou suicídio por parte da vítima (adulta) existe uma tendência social de descrédito do motivo que despoletou essa situação. Nestes casos o *cyberbullying* é ignorado, renegado e prontamente apontada outra causa para a depressão ou suicídio do sujeito. Este direccionar de culpas para sectores tendencialmente alienativos do equilíbrio

mental humano, como questões amorosas, querelas familiares, problemas financeiros ou atritos laborais tem proporcionado considerações adulteradas dos efeitos do *cyberbullying* a nível social. Viciando, desse modo, os dados, sobre o *cyberbullying*, no sentido de considerá-lo um problema infantil, quando é transversal a todas as faixas etárias. Não são apenas as crianças que são inocentes ou apresentam tendência a ignorar o perigo. Tal como não são apenas os menores que tendem a ser *cyberbullies*. Os dados recolhidos por meio da etnografia demonstram, concretamente num caso que remonta a 2006, em que uma mulher de 49 anos (Lori Drew) começou a praticar *cyberbullying* direcionado a uma adolescente de 13 anos (Megan Meier), que terminou por se suicidar<sup>185</sup>. *Cyberbullying* não é uma experiência normal do crescimento, mas uma violência da qual se pode ser vítima em qualquer altura da vida, tal como uma agressão que se pode praticar em qualquer idade a outrem igualmente de qualquer faixa etária.

No entanto nem todo o *cyberbullying* é facilmente identificável. O *soft cyberbullying* é disso exemplo. Implicando o *cyberbullying illusion effect*, esta variante do fenómeno será explorada no capítulo seguinte com base no pensamento de Gregory Bateson.

---

<sup>185</sup> O caso de Megan Meier (13 anos) que, por alegadamente ter difamado uma colega, foi vítima de *cyberbullying* por parte da mãe (49 anos) dessa colega. Essa mãe criou um perfil falso no *Myspace*, fez-se passar por um jovem de 16 anos (Josh Evans) e começou a “vingança” que culminou no suicídio da jovem Megan, que se enforcou com um cinto no seu quarto. Disponível em: <http://www.cbsnews.com/news/cyberbully-mom-guilty-of-lesser-charge/>, agosto 2015.

## CAPÍTULO 8: O CYBERBULLYING NUMA PERSPETIVA BATESONIANA

*“A comunicação é a matriz em que estão cravadas todas as actividades humanas”* (Bateson e Ruesch, 1965: 17).

O presente capítulo explora o *cyberbullying* à luz do pensamento de Gregory Bateson, salientando-se os entraves que dificultam a identificação do fenómeno. Versa sobre o processo comunicativo aprofundando-se o *soft cyberbullying* e o *cyberbullying illusion effect*.

### 8.1. UM NOVO TIPO DE CYBERBULLYING?

As pessoas nem sempre reconhecem o *cyberbullying* com clareza. Mutável nas suas questões práticas, ele é complexo e permanece em evolução constante. Flexível, adaptativo, passível de manipular ao sabor do potencial das novas tecnologias e da vontade humana o *cyberbullying* expande-se à velocidade da Internet, estimulando decorrências difíceis de ponderar. As suas variações não se podem prever na plenitude ajudando a impulsionar o impacto do mesmo (*cyberbullying*) o que impede o ser humano de preparar um esquema ou plano de ação que lhe faculte o autocontrolo, ou uma gestão metódica da situação na hora de afrontar a questão caso ela surja. O homem pode e deve sempre informar-se sobre os hodiernos casos de *cyberbullying* (e de *cyberstalking*) de modo a poder estruturar-se mentalmente, projetando planos de ação e conhecendo os contornos envolventes ao meio onde se move (físico e digital) de modo a que numa qualquer eventualidade não seja apanhado desprevenido. Minimizar o impacto será a postura mais efetiva no que concerne ao combate do *cyberbullying* (e do *cyberstalking*), uma vez que evitar o fenómeno não é de todo possível na sociedade atual aonde tudo se vê e tudo se sabe.

Sem conhecer não se pode prevenir. Eis então que urge explorar o fenómeno, analisando neste capítulo uma prática de *cyberbullying* que facilmente passa despercebida, mas que implica sequelas para a vítima: o *soft cyberbullying* acompanhado pelo *cyberbullying illusion effect*. Este tipo de *cyberbullying* caracteriza-



se pela sua invisibilidade aos olhos de terceiros e da inversão do papel agressor-vítima, podendo ser elucidado através do trabalho desenvolvido por Gregory Bateson durante a sua estadia na Escola Invisível (Palo Alto).

## 8.2. GREGORY BATESON

Gregory Bateson (1904-1980), nascido no Reino Unido, dedicou a sua carreira ao estudo dos fenómenos sociais, psíquicos e relacionais do homem com os seres vivos e o contexto envolvente, assim como à compreensão das questões da comunicação e interação humanas. Reconhecido como biólogo, antropólogo e epistemológico da comunicação, os seus trabalhos evidenciam-se pela transdisciplinaridade onde se sentem inspirações oriundas da sociologia, da psicologia, da ecologia, da psiquiatria, da linguística e da cibernética.

Apologista do trabalho de campo, rumou à Nova Guiné onde redigiu o livro *Naven* (1936) que versava sobre os hábitos, as crenças, os costumes e os traços comportamentais dos membros da tribo Iatmul (Nova Guiné) que apresentava uma complexidade cultural superior à esperada por Bateson (especialmente no que respeita aos esquemas de organização social, religiosa e familiar) prestando ainda especial relevo à cerimónia Naven um ritual em que os homens trajavam roupas femininas e as mulheres masculinas. Posteriormente, Bateson viria a conhecer Margaret Mead com quem empreendeu uma investigação conjunta que resultou no livro *Balinese Character: a Photographic Analysis* (1942), que se distinguiu por abarcar uma recolha exaustiva (à época algo invulgar) de registos visuais que permitissem ao mundo compreender os balineses. No total foram coligidos 25 mil negativos fotográficos, cerca de 7 metros de películas cinematográficas e 6 filmes de 10 a 20 minutos de duração (cada) no período temporal de junho de 1936 a fevereiro de 1938 em Bajoeng Gede, Bali, Indonésia.

Em 1939, Gregory Bateson mudou-se para os Estados Unidos da América, naturalizou-se americano, trabalhou no Museu da Arte Moderna de Nova Iorque, participou nas *Macy Conferences*<sup>186</sup> e integrou a Escola Invisível (Escola de Palo Alto) tendo dedicado a partir daí a sua carreira ao estudo dos processos comunicacionais humanos nos quais aprimorou a nova teoria da comunicação e desenvolveu o conceito de duplo constrangimento, como será explorado de seguida.

---

<sup>186</sup> Decorridas entre 1946 e 1953 as *Macy Conferences* promoveram o encontro de personalidades de referência oriundas de variadas áreas científicas visando discutir a *Circular Causal and Feedback Mechanisms in Biological and Social Systems*, que originou a atual teoria da cibernética. Contando com nomes como Lazarsfeld, Mead, Wiener, Neumann, Bateson e Lewin entre outros, nas conferências estiveram ainda (entre outros) Shannon, Delbrück, Ashby, Erikson, Young, Richards, Lloyd, Liddell e Werner enquanto convidados (ASC, 2004).

### 8.3. O PROCESSO COMUNICATIVO

Treinado observador do comportamento humano, Bateson afirmou que o pensamento clássico da comunicação era limitado ao basear-se tão-só no modelo emissor-recetor, como se pode ver na imagem que se segue (33) ilustrativa do mesmo (modelo clássico): o emissor transmite uma mensagem e o recetor interpreta-a. A mensagem, emitida num suporte (por exemplo Internet ou fala) e num código (língua nacional, por exemplo) que se crê comum a ambos os intervenientes, chegará ao recetor sem interferências e irá ser entendida sem erros de interpretação. Este modelo assenta na clareza e na transparência do processo comunicativo simples e básico, o que não significa que tal assim se desenrole. Bateson acreditava que não.

**Imagem 33: Teoria clássica da comunicação**



Créditos: Pinheiro, 2015

Esta teoria apresentava assim, no entender do investigador (Bateson), limitações fulcrais à compreensão dos processos comunicacionais, essencialmente pelo facto de não prever:

- A influência de ruídos na mensagem;
- A intromissão de novos intervenientes;
- A linguagem corporal;
- As relações entre os comunicantes;
- As situações e os contextos em que a comunicação tem lugar;

- A premissa de que o processo seria sustentado pela existência de um suporte e de um código para a transmissão da mensagem do qual ambos os intervenientes deveriam ser conhecedores (fala, escrita e idioma).

Funcionando como um jogo de ténis, este modelo apresentava limitações na compreensão do processo comunicacional humano, complexo por natureza, fazendo com que a que teoria clássica se apresentasse obsoleta.

Inconformado, Bateson decidiu atualizar o modelo de modo a possibilitar a explicação dos processos envolventes na comunicação humana. Para tal dedicou-se a observar o comportamento dos animais com o objetivo de perceber como eles comunicavam com a intenção de traçar uma nova teoria da comunicação.

Observando que a comunicação entre os homens não era linear, foi a partir das empreitadas empíricas em que analisou a interação animal que Bateson (1972) constatou que os golfinhos brincavam simulando lutas. A comunicação entre eles era transmitida e interpretada corretamente, pois os golfinhos sabiam que estavam a brincar e não a lutar. Porém o autor percebeu que, caso ocorre-se algum erro quer na emissão da mensagem, quer na sua transmissão, quer na sua receção, quer no seu entendimento haveria o risco da comunicação ser erroneamente interpretada, ou seja, de ser entendido que era uma luta e não uma simulação (Bateson, 1972).

Baseado nesta análise o investigador concluiu que a comunicação assentava num modelo circular dentro do qual se integravam tanto a mensagem quanto o contexto no qual o próprio processo comunicacional se desenrolava. A partir desta constatação Bateson e os estudiosos da Escola da Palo Alto, trabalharam no sentido de desenvolverem um conjunto de axiomas sobre os quais assentaram a nova teoria da comunicação (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1998; Bateson, 1972), a partir destes visavam posteriormente estribar o avanço sobre estudos focalizados em impasses da comunicação humana. Os axiomas são:

- 1º Axioma - *não se pode não comunicar*: todo o comportamento é comunicação, tem valor de mensagem e influencia o significado da mesma pelo que não se pode não comunicar, da mesma forma como não existe um não-comportamento;
- 2º Axioma - *a comunicação tem um conteúdo e uma relação (metacomunicação)*: comunicar é informar e influenciar, através do

conteúdo implícito, explícito, contextual e relacional. Além de transmitir a informação a comunicação induz também a um comportamento, independentemente do conteúdo da mensagem na medida em que um estímulo provoca sempre uma resposta, afetando igualmente a relação entre os comunicantes;

- 3º Axioma - *a natureza de uma relação depende da pontuação das sequências comunicacionais*: existe uma sequência na comunicação (a pontuação) que visa organizar os comportamentos<sup>187</sup> (a comunicação). Existem vários tipos de pontuação (não apenas a escrita) que posicionam os eventos comunicacionais e que proporcionam concordância ou discordância na relação entre os intervenientes;
- 4º Axioma - *o homem comunica analógica e digitalmente*: no processo comunicacional imperam realidades de ordem simbólica e linguística. A comunicação analógica diz respeito à natureza do que é transmitido, englobando toda a comunicação não-verbal (metacomunicação), ou seja, é a maneira como se comunica. Por exemplo, os movimentos corporais (balançar, tocar no cabelo, levantar as sobrancelhas), a mímica (ou a ausência desta), a voz (modulação) e a dicção (escolha e ordem das palavras), entre outros. Por sua vez, a comunicação digital liga-se ao conteúdo e à sintaxe lógica, sendo aquilo que se diz, seja por palavras, números, dígitos, sons ou imagens;
- 5º Axioma - *as trocas comunicacionais são simétricas ou complementares*: relativamente ao comportamento que os intervenientes refletem que podem ser simétricos quando traduzem a atitude um do outro, havendo uma minimização da diferença entre os comunicantes. Estando ambos num jogo de igualdade e equilíbrio de poderes, não se sobrepõem um ao outro, emitindo ambos estímulos idênticos. Ou, por outro lado, podem ser complementares quando os comunicantes adequam o seu comportamento em proporções apropriadas um ao outro, em que um assume a posição de líder e o outro de subordinado o que ocorre, por exemplo, quando os intervenientes são professor e aluno.

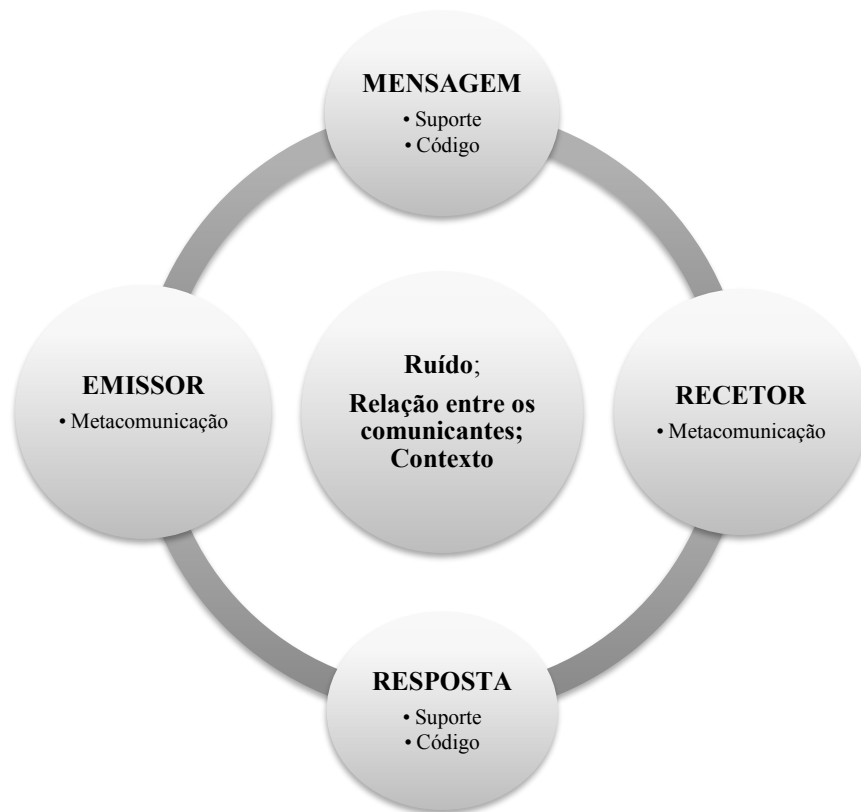
---

<sup>187</sup> Segundo Bateson todo o comportamento é comunicação (Bateson, 1972).

Existe aqui uma maximização da diferença em que um é mais ativo e o outro mais passivo ou concordante. Enquanto que um comanda a interação comunicacional emitindo estímulos, o outro condescende aceitando o papel de seguidor, respondendo aos estímulos emitidos pelo outro comunicante.

Respeitando estes axiomas, a nova teoria da comunicação elucida que todo o comportamento é comunicação, mesmo os silêncios (Bateson, 1972). Dessa forma, a comunicação provém do comportamento e induz outros comportamentos de acordo o interpretado, os quais, posteriormente irão influenciar a interação e os processos comunicacionais entre os intervenientes (Bateson, 1972). Ou seja, se numa das sequências comunicacionais se der um erro de interpretação esse (erro) irá espelhar-se na resposta, no comportamento e na comunicação subsequentes dos intervenientes (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1998; Bateson, 1972). Se nenhum deles detetar que esta derivação tem por base um erro interpretativo, a situação de erro irá perpetuar-se e infligir danos na relação entre os comunicantes (Bateson, 1972). Percebe-se assim que os processos comunicacionais são afetados pela forma como é pautada a sequência comunicacional. É preciso ter em conta a postura e as palavras usadas por ambas partes, sem esquecer a análise do comportamento que estes (intervenientes) refletiram durante a interação, como se pode ver na imagem seguinte.

**Imagem 34: Teoria da comunicação segundo Bateson**



Créditos: Pinheiro, 2015

A nova teoria da comunicação reflete que o estudo dos processos comunicacionais humanos deve ter em conta que a comunicação é circular, sofre influências e influencia, tal como pode ser manipulada viciando parte da troca comunicativa, tal como se irá explorar de seguida.

#### 8.4. DUPLO CONSTRANGIMENTO

Na sua ânsia pela compreensão da comunicação humana Gregory Bateson juntamente com John Weakland, Donald Jackson e Jay Haley (1956) estudou situações resultantes da manipulação (intencional ou não) de parte do processo comunicacional, concretamente o duplo constrangimento<sup>188</sup> (*double bind*) que caracterizou como sendo um complexo paradoxo potenciador de angústia e tensão psicológica<sup>189</sup> (Soares, 2005), que à época era usado na explicação de casos de esquizofrenia (Bateson, 1972). Um dos exemplos descritos por Bateson (1972) consistia numa mãe que impedia o seu filho de se expressar ao criar uma situação de *double bind*: o filho, no hospital, ficou feliz pela visita da mãe e abraçou-a; a mãe retraiu-se e o filho desfez o abraço, porém a mãe comentou este comportamento do filho como se fosse culpa dele “não gostas de mim?” pergunta ela sem esperar resposta. O filho, como era esquizofrénico, tinha dificuldades de interpretação comunicativa pelo que esta situação o deixou sem escolha devido à incerteza gerada. O filho não conseguia responder pois no seu entendimento tal significava a possibilidade da perda do amor da mãe, pelo que colapsou ao anular-se sem conseguir explicar que tinha sido mal interpretado (Bateson, 1972).

A incongruência comunicacional do duplo constrangimento baseia-se na emissão de ordens ou mensagens emocionais contraditórias (a pessoa diz que gosta, mas a sua linguagem corporal demonstra repulsa, por exemplo) em diferentes níveis da comunicação. Não sendo indicada qual a intenção da mensagem (ausência ou omissão propositada de metacomunicação) estas situações geram altos níveis de ansiedade e confusão nos recetores (vítimas), assim como interpretações equivocadas da situação por parte de terceiros. Aparentemente originado em casos de falência da escolha do que responder resultam tanto de falhas comunicacionais quanto de situações de comunicação propositada, patológica e manipulatória com a intenção de forçar comportamentos. Um exemplo de uma situação de *double bind* é quando os pais convencem a criança a contar-lhes a verdade garantindo que não a castigarão de forma a induzir a que a criança fale, e, contudo, reagem repreendendo-a através de palavras e sonegação do seu amor. Outro exemplo é quando uma mãe diz ao filho para ele não ser

---

<sup>188</sup> *Double bind* exprime uma situação em que uma pessoa é confrontada com duas ou mais exigências contraditórias ou uma escolha entre dois ou mais comportamentos aos quais é obrigada a responder. Apesar de correntemente traduzido por duplo vínculo, esta locução na realidade não faz jus à força expressional do termo *double bind*. Encontrando-se traduções como dilema ou duplo constrangimento esta última é a que na presente tese mais se adequa.

<sup>189</sup> O paradoxo comunicacional do duplo constrangimento (*double bind*) foi posteriormente utilizado no estudo da esquizofrenia e em experiências terapêuticas visando o tratamento da mesma (esquizofrenia).



tão obediente. Se o filho fizer o que a mãe diz está a ser obediente, desobedecendo assim à mãe. Porém se o filho não fizer o que a mãe diz vai estar a ser obediente para com o que a mãe lhe disse, o que é uma contradição para com o conselho da mãe. Cumprindo ou não o que a mãe lhe disse para fazer o filho vai estar a desobedecer, ou há mãe ou ao conselho. É uma questão de falência de opção: seja qual for o comportamento o resultado é o mesmo.

Indicador de manipulação e de ambiguidade emocional o exemplo anterior remete para um caso de duplo constrangimento mediado por um face-a-face tradicional. Porém, o *double bind* pode ser igualmente utilizado na Internet e versar sobre objetivos mais intrincados, profundos ou até mesmo labirínticos tendo a intenção quer de prejudicar quer de comprometer psicológica e socialmente a vítima. Existem muitas formas e objetivos de se proceder recriando conjunturas paradoxais que permitam a ilusão de proteção do emissor (agressor), carregados de boas intenções, capazes de cotejar o recetor (alvo, vítima) enquanto ser que sabotou do processo de interação comunicacional.

O duplo constrangimento pode criar e preparar cenários de *cyberbullying* enquanto manipulação intencional e concreta de modo a obter o controlo ou o descrédito social da vítima, mas igualmente o descontrolo da própria vítima. Este efeito é essencialmente conseguido pela ilusão criada através do hiato comunicacional que o duplo constrangimento permite, concretamente o facto dos outros não se aperceberem do paradoxo. Geralmente os casos de *double bind* tendem perante terceiros a ser lidos como erros de interpretação e comunicação da vítima (recetor, alvo) não como emissões antagónicas projetadas e arquitetadas pelo emissor (agressor). Desse modo a vítima passa a ser culpada da situação e até mesmo como sendo o agressor. É um *soft cyberbullying*, público ou privado.

### 8.5. *SOFT CYBERBULLYING*

Praticado de forma discreta, arquitetada e intencional este tipo de *cyberbullying* caracteriza-se pela manipulação das mensagens emitidas visando a construção de um labirinto comunicacional. É criado um paradoxo tentacular que exige à vítima uma resposta que, seja ela qual for, a colocará numa situação de desvantagem. Neste caso em particular, mesmo uma não-resposta é em si uma resposta, o que amplia a eficácia do estratagema do *soft cyberbullying*. Mascarado e protegido pelo método da emissão dupla de mensagens contraditórias esta variação do fenómeno (*cyberbullying*) recorre ao *double bind* que lhe permite direcionar o foco de atenção do processo comunicacional enquanto um todo para uma parte do todo, como a fala ou a escrita, diminuindo assim a visibilidade da pontuação e da metacomunicação que constituem o processo comunicacional na sua integralidade, mas que passam despercebidas aos olhos de terceiros devido a este efeito.

Estas circunstâncias paradoxais induzem a vítima a uma reação que, em qualquer dos casos (resposta à mensagem linguística ou à metacomunicacional) lhe é adversa. Tendendo a responder à parte antagónica da comunicação (à metacomunicação ou à mensagem privada) as vítimas agravam a situação perante as testemunhas e satisfazem os agressores que conseguiram tanto desorientá-las psicologicamente como provocar o seu descrédito a nível social (das vítimas). É assim que se processa o *soft cyberbullying*, um tipo de *cyberbullying* baseado na incidência de momentos de duplo constrangimento na Internet.

O *soft cyberbullying* é um termo que designa uma forma ardilosa de intencionalmente se envolver uma pessoa num esquema maquinado que visa torná-la vulnerável ao obter poder através deste rasgo, podendo manipular os atos comunicacionais a partir daí: descredibilizar, difamar, desorientar, enfraquecer.

Este género de *cyberbullying* assente na criação de uma situação de *double bind* pode apresentar três variações: público, privado ou uma mistura de ambos. Eis as formas como é possível ver-se envolvido numa situação de *soft cyberbullying*:

- Público: quando o cenário de duplo constrangimento é produzido para todos verem, como por exemplo numa rede social em comentários e publicações, num fórum, num grupo, num jogo *multiplayer* em tempo real ou num *chat* público. Tendenciosamente bem preparado este

paradoxo comunicacional é encetado conscientemente e visa obter vantagens através da desvalorização da vítima. Estes benefícios podem ir desde o destaque pessoal, à obtenção de credibilidade, ao aumento da autoestima, à alimentação do ego, ao prazer psicológico com tendências sádicas, à descarga dos sentimentos e tensões acumuladas, ou até dar azo a uma patologia psicológica que assim se manifeste;

- Privado: jogando pelo seguro o agressor encena o dilema comunicativo por meio de mensagens pessoais sejam por *e-mail*, *chat* privado, sistema de mensagens da plataforma de jogos ou da rede social, ou tão simplesmente através de *likes* nas publicações da vítima a que se seguem críticas e violência psicológica em mensagens ou no *chat* específico da rede social. Desconhecedores destas trocas comunicacionais em foro privado, as outras pessoas que acompanham as permutas relacionais públicas da vítima e do agressor vão estranhar e questionar a mudança comportamental da vítima, que pode fazer insinuações ou queixar-se publicamente da situação de duplo constrangimento possibilitando ao agressor enquadramentos de que socialmente pode beneficiar, como por exemplo acusando a vítima de o estar a excluir ou a ser hostil;
- Público-privado: quando o agressor emite mensagens públicas e enceta a situação de duplo constrangimento através das locuções que emite de forma privada para a vítima que ao ser confrontada com a ambiguidade comunicacional na interação é incitada a responder tanto ao estímulo público como ao privado podendo precipitar-se sobre a armadilha. A vítima, respondendo abertamente à totalidade do quadro comunicacional (com elementos oriundos das mensagens privadas que recebeu e que exerceram influência sob o seu comportamento) desacredita-se a si mesma. Desconhecedores da realidade privada e do enquadramento interativo entre os pares, as testemunhas leem apenas a comunicação pública culpando por isso a vítima que acusarão de estar a perseguir o agressor, ou a gerar propositadamente mal-estar relacional e não que a responsabilidade seja do agressor.

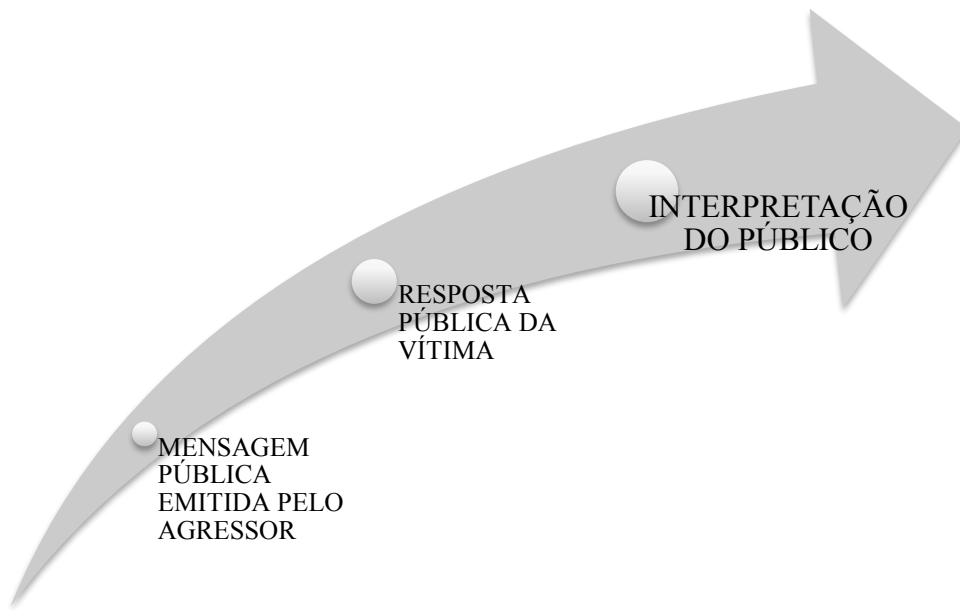
Constatando-se um quadro de provocação clara, o *soft cyberbullying* pode ter como origem uma vontade de vingança por parte do agressor, assim como:

- A intenção de adquirir poder pessoal ou destaque social;
- O efeito de desinibição da Internet que permitiu à pessoa, que se continha no face-a-face, libertar as amarras e revelar-se;
- Canalizar a agressividade e a irritação do dia-a-dia;
- Inveja em relação a vítima;
- Considerar que esta prática é uma manifestação de força e poder;
- Sentir-se infelizes, inferiores ou descredibilizados utilizando o *soft cyberbullying* para permitir alterar esta condição psicológica e socialmente.

Como se pode constatar, motes para a prática deste tipo de *cyberbullying*, inspirado na criação de um duplo constrangimento comunicacional, são variáveis e mesmo imprevisíveis. Além da necessidade de manter a aparência social que inibe o ser humano de manifestar a sua agressividade, irritação, frustração de forma clara (Freud, 1996 [1920], 2010 [1930-1936]; Muchembled, 2014; Rousseau, 2002), os agressores, procurando subterfúgios, encontram nesta brecha proporcionada pela Internet (anonimato, manutenção de máscaras, possibilidades de utilização alargadas, velocidade e visibilidade) uma saída minimamente segura para canalizar estes processos psicológicos abrindo-se mais espaço para novas formas de *cyberbullying*.

A subtileza do *soft cyberbullying*, conseguida através da estimulação do *cyberbullying illusion effect* (efeito de ilusão do *cyberbullying*), é proporcional à sua eficácia. Afinal o sucesso desta prática depende diretamente da capacidade de ludibriar os outros, as testemunhas, assim como de confundir e criar ansiedade na vítima. Através do mesmo efeito de ilusão que a teoria do duplo constrangimento agilizava, também o *soft cyberbullying* assenta na mesma premissa: a de que a vítima é culpada e mal-intencionada, como se comprova na próxima imagem.

**Imagem 35: Como funciona o *cyberbullying illusion effect*?**



Créditos: Pinheiro, 2015

Tal como a imagem mostra, o efeito de ilusão proporcionado pela construção de um processo de duplo constrangimento na Internet baseia-se na perda de apoio da vítima e na inversão de papéis (vítima-agressor) de acordo com a interpretação que o público faça da sequência comunicacional. Afinal, as testemunhas desconhecedoras do contexto e das trocas privadas entre os comunicantes acedem somente ao teor público da comunicação, como será explorado de seguida.

## 8.6. CYBERBULLYING ILLUSION EFFECT

Parte da eficácia do *cyberbullying* assenta no seu carácter dissimulado. Compreende-se que nem sempre este fenómeno é óbvio, podendo ser subtil. O *cyberbullying* não é sempre brutal, direto e objetivo. Nem sempre é concreto ou facilmente observável. É também praticado de forma *soft*, arguciosa, dissimulada e sub-reptícia.

A teoria do duplo constrangimento de Bateson, que se baseia na criação de um paradoxo comunicacional, explica como esta característica do *cyberbullying* se adequa à eficácia do mesmo uma vez que provoca situações tentaculares invisíveis aos olhos de terceiros. O resultado é o *cyberbullying illusion effect* que permite às vítimas não serem identificadas como tal. Dessa forma as vítimas ao tentarem sair da situação acabam por destruir-se a elas próprias:

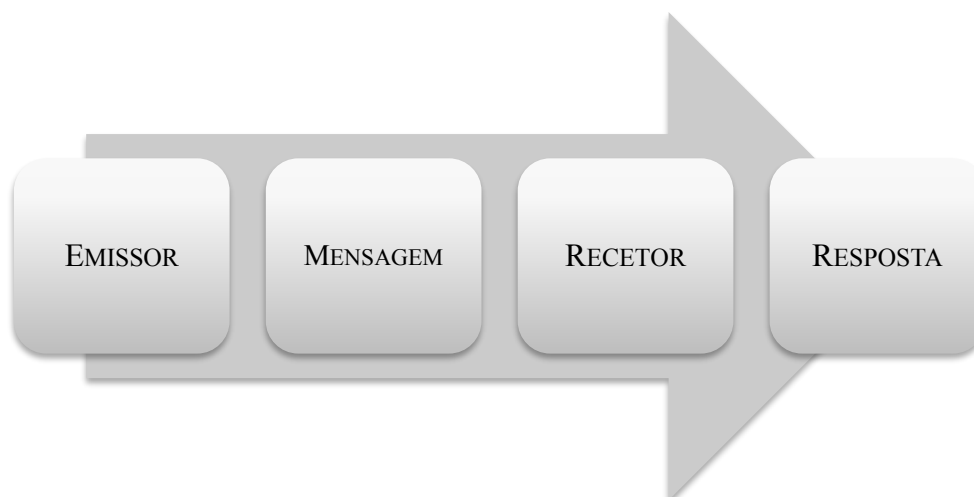
- Abalando a sua reputação;
- Gerando conflitos interiores psíquicos e psicológicos balizados por estreitas linhas do questionamento que evocam processos de autorrecriação,
- Diminuição da autoestima;
- Desestabilização do equilíbrio psicológico por se terem sentido incapazes de lidar com a situação de duplo constrangimento de forma adequada (ou que entendessem como adequada).

A verdade é que, derivado deste efeito ilusório provocado pelo *cyberbullying* elaborado pela encenação de disposições de *double bind*, qualquer que seja o comportamento da vítima numa situação destas, o corolário espelhará o mesmo esquema: a vítima sai lesada pelo simples facto de toda e qualquer situação de duplo constrangimento ser uma armadilha comunicacional.

Este *soft cyberbullying* é igualmente uma disputa de poder simulada por parte do agressor (emissor da mensagem) que dissimuladamente instala a vítima num busílis comunicacional cuja efabulação não apresenta intenções benfazejas. Porém, aos olhos dos outros, foi a vítima quem induziu aquela situação quando estilhaçou a harmonia e bonança comunicacional aparentes que envolviam a interação entre os intervenientes

principais (vítima e agressor); dessa forma o agressor passa por ser a vítima, já que se viu devassado pelo outro (a verdadeira vítima) que desestabilizou o processo com o seu comportamento aparentemente incorreto, mas que na realidade é o correto visto corresponder ao pedido de uma das mensagens antagónicas que envolvem o duplo constrangimento.

**Imagem 36: A comunicação vista por terceiros no contexto do *soft cyberbullying***



Créditos: Pinheiro, 2015

Se no face-a-face é relativamente fácil construir um enquadramento deste tipo, de *double bind*, na Internet ainda é mais propício proceder a este género de diligência. Pode até mesmo ser apetecível, dada a dificuldade em ser detetado. Afinal na sociedade da comunicação em massa, escondida e refugiada no ecrã, resguardada corporalmente mas vulnerável psicologicamente, perdida em simulacros, em simulações e em estados ilusórios, a verdade pode ser uma quimera. Comunicar também.

Não esquecendo que se podem emitir mensagens antagónicas entre si além que as mesmas são lidas consoante o recetor e o contexto de ocorrência, pode-se utilizar este estratagema de modo a praticar *cyberbullying*. Concretamente pode-se aproveitar a ilusão proporcionada pelo ecrã, que permite a sensação de liberdade e proteção, emitindo mensagens contrárias entre si, ou como designa Bateson (1972) comunicar patologicamente de modo a induzir confusão, pressão psicológica e eventual perseguição à vítima escudando-se na premissa da má interpretação (falando de coisas intencionais). Sendo que até o próprio facto de existir entre nós e o outro um ecrã que é

já por si um fator condicionante, que pode favorecer o terror psicológico na medida em que pode ser usado como barreira-refúgio ao possibilitar que não se saiba quem está do outro lado (o que pode provocar uma sensação de desproteção e vulnerabilidade).

Imagine-se a seguinte situação: um homem está sentado ao balcão de um bar, cheio de gente. Um outro entra, chega perto dele e diz-lhe algo que as restantes pessoas não ouvem. O homem que estava ao balcão em resposta agride-o fisicamente. As testemunhas desconhecem os motivos da agressão, mas imediatamente o acusam de provocar a situação. Contudo não se sabe o que o homem que entrou no bar disse. Essa seria a mensagem-chave para que se conseguisse esclarecer o caso. O *soft cyberbullying* funciona desta forma. A provocação foi sussurrante, mas o efeito estrondoso.

O que fazer num caso destes é a questão que atormenta a vítima ou qualquer pessoa que tente precaver-se para as adversidades do quotidiano estudando procedimentos. A resposta adequada a um cenário de duplo constrangimento ou de *soft cyberbullying* requer algum autocontrolo e capacidade de pensar na hora de agir: a pessoa (vítima) ao ser confrontada com duas mensagens antagónicas terá de optar por uma quando é obrigada a dar uma resposta, se puder ignorar deve fazê-lo. Eis então as hipóteses de atuação de acordo com o processamento do *double bind*:

- Comunicação pública e mensagem privada: a vítima deverá optar por ignorar, ou, caso não o possa fazer, responder unicamente à comunicação pública de forma pública, não emitindo julgamentos nem deixas sobre a mensagem que recebeu em foro privado (a essa, caso queira responder, deverá fazê-lo igualmente de forma privada, sendo que o melhor é ignorar não respondendo a essa provocação uma vez que corre o risco de cair na armadilha do agressor, que assim fica com provas de que foi a vítima a provocar a situação);
- Comunicação ou mensagens em foro privado: ou ignora a situação e não responde às provocações, ou escolhe a que melhor lhe servir respondendo de acordo com essa opção, ignorando a outra mensagem;
- Comunicação pública: ignorar caso possa, ou responder à que lhe convier, geralmente à mensagem que não é provocatória, evitando picardias e pedidos de satisfação, ou esclarecimentos. É aconselhável cortar a ambiguidade através do não-espelhamento do comportamento do outro, através do autocontrolo.



Certamente que o ideal seria, em qualquer circunstância, não responder à provocação ignorando a comunicação. Não podendo fazê-lo haverá que desconsiderar uma das mensagens e responder unicamente à mais simples, a que aparenta denotar boas intenções ou não-provocações. Se a vítima se abster de pedidos de satisfação ou de retaliações referentes à anfibologia da situação esta ficará controlada se não se registarem desenvolvimentos.

## 8.7. PERORAÇÃO

Já diziam Bateson e Ruesch que “*a comunicação é a matriz em que estão cravadas todas as actividades humanas*” (Bateson e Ruesch, 1965: 17). Nesse sentido, e reforçando a premissa dos investigadores, se as pessoas não se entenderem comunicando a guerra acontece. A comunicação é a Torre de Babel do homem, sendo através dela que se mantém a paz e se descamba em guerra; que se cria, se destrói e se reconstrói; se evolui e se regride; se elogia e se insulta; se informa e se ludibria; se ama e se mata. A comunicação é o ponto de convergência do individual com o social que inclui “*todos os processos através dos quais as pessoas se influem mutuamente*” (Bateson e Ruesch, 1965: 11), evidenciando a dinâmica dos indivíduos: o modo como se veem a si mesmos e inferem os seus próprios comportamentos; como percebem os outros e o contexto; assim como influenciam os terceiros e o meio envolvente. Mas o que acontece quando se comunica na Internet?

Proporcionando a rede um sistema de comunicação em massa, além do pessoal, não é possível conceber a totalidade de concretizações, confluências e resultâncias da comunicação individual no sistema cujas fronteiras se desconhecem por estar em constante desenvolvimento. Este facto complica a comunicação e apenas permite especular acerca dos eventos que se seguirão à emissão da mensagem por parte do comunicador. A hipótese de sair lesado na troca comunicacional na Internet é elevada, sendo que quando isto acontece a pessoa arrisca-se ganhar um rótulo de inepto social. A comunicação apresenta-se assim como expressão mas também como liame, premissa em que assenta o *soft cyberbullying* e o duplo constrangimento.

De acordo com Bateson (1981: 121) toda a comunicação engloba elementos inconscientes resultantes dos processos primários como as pulsões sexuais e a imaginação, que podem ser inibidos ou expressados com maior ou menor intensidade. Com a Internet os processos permaneceram os mesmos, porém com amplitude alargada. Tal como facilita aos introvertidos comunicarem sem os constrangimentos do face-a-face, abre também as portas à manipulação e ao escoar da violência latente, recalcada e controlada no face-a-face (Muchembled, 2014). O *cyberbullying* é disso exemplo. Afinal, o facto de o ser humano viver em grupos determinados socialmente (como a família, a localidade, a escola, a profissão e o local de trabalho, entre outros) aumenta a sua necessidade de comunicar tal como salientou Durkheim (2003) no seu estudo sobre

o suicídio. Desse modo, o sujeito tem tendência a procurar grupos baseados em escolhas pessoais e não em imposições sociais. Na Internet, a inclusão do indivíduo nestes grupos de afeição é acessível e livre de barreiras geográficas, assim como a interação entre os seus membros. Porém estes grupos não estão isentos da proliferação de desentendimentos ou da incorporação de indivíduos que visem descarregar as frustrações do dia-a-dia praticando *cyberbullying* (ver Caso 4, capítulo 7).

O *soft cyberbullying* encontra aqui um terreno propício de atuação, proporcionando ao agressor a possibilidade de direcionar a comunicação de forma a sentir-se dominante ou a satisfazer alguma outra necessidade de ordem geralmente mais psicológica que social. Sobressaindo as palavras de Bateson (1972: 459), a informação é “*uma diferença que faz diferença*” pelo facto de tanto ser um conteúdo quanto uma construção, como acontece no caso do *soft cyberbullying* em que o agressor edifica a informação de modo a manipular o processo comunicativo. Controlando a emissão informativa impede-se os restantes indivíduos de aceder aos dados que permitem perceber a totalidade do contexto comunicacional e assim desenvolver-se o *cyberbullying illusion effect* do qual depende o sucesso do *soft cyberbullying*.

Deve-se, nesse sentido, pesar as relações que se consolidam entre a ação comunicacional e o contexto no qual se dá a mesma, uma vez que este é sempre mais abrangente do que se equaciona “*pois existe um contexto superior muito mais vasto*” (Bateson, 1972: 459), sendo que os dados para o descortinar o processo comunicacional entre os comunicantes implicam a análise profunda de todos os passos e antecedenças da troca comunicacional que envolve o caso de *soft cyberbullying* de modo a não proceder a julgamentos precipitados, condenando vítimas e ilibando agressores, nem ajudando à manutenção da agressão. Uma das bases do sucesso do *cyberbullying* é a deturpação da reputação do indivíduo. Sendo a reputação individual influenciada tanto pela imagem que as pessoas possuem umas das outras, quanto pelo comportamento do indivíduo e pelos rumores acerca do mesmo (indivíduo) no próximo capítulo (9) explora-se este processo, elucidando sobre como o *cyberbullying* pode influenciar a vida da vítima.

## CAPÍTULO 9: REPUTAÇÃO, CYBERBULLYING E CYBERSTALKING

*“Lo que haces o dices se sabe (...) a ello contribuyes tú con tus actos, pero también lo hace con sus chismes la vecina de al lado” (Alonso, 2011:7).*

No presente capítulo abordam-se os efeitos que os fenómenos centrais da investigação, o *cyberbullying* e o *cyberstalking*, imprimem no jogo reputacional dos indivíduos, no conceito e na perceção da identidade, assim como na influência e condicionamento que terceiros denotam no processo.

### 9.1. A REPUTAÇÃO, O VEÍCULO SOCIAL

O *cyberbullying* caracteriza-se pela capacidade de assolar a reputação pessoal, sendo tanto capaz de a abalar quanto de a destruir irremediavelmente, tautocronamente na Internet e no face-a-face. Afinal, tal como se replicam os arquétipos da sociedade na rede, isocronicamente também os da rede se espelham na sociedade. Não se pode tratar a realidade comunicativa da Internet como um Universo à parte nem enquanto outro mundo dentro do planeta Terra pois a rede não é uma outra dimensão paralela nem algo de externo ao planeta, mas um instrumento criado pelo homem.

A Internet é uma tecnologia que se pode comparar alegoricamente a um automóvel: o ser humano quando o utiliza também precisa de se inserir dentro dele e obedecer a uma série de instruções de funcionamento para o manobrar. Tal como num carro, o percurso que se faz, assim como o comportamento adotado durante a viagem é do livre-arbítrio de cada um. Patrocinando a mobilidade, o conforto, o mundano, a comunicação e a interação, o automóvel é outrossim uma arma nas mãos de muita gente (tal como a Internet, veja-se o exemplo do *cyberbullying*). Protegidos pela estrutura física do veículo (e do ecrã no caso da rede) existem pessoas que insultam os outros automobilistas e conduzem agressivamente. Com a Internet passa-se algo de semelhante, conduzindo-se também um transporte próprio por entre as incongruências e infinitudes, da rede. Iludidos confortáveis de proteção proporcionada pelo ecrã e também

pelo facto de não necessitarem de sair de casa (ou da divisão onde se encontram) os indivíduos dão asas à libertinagem, vagueando nas estradas da Internet, cruzando-se com as outras pessoas, saudando-se, elogiando-se, difamando-se, seduzindo-se e provocando-se em consonância com as suas vontades. Indolentemente, histericamente, excitadamente, racionalmente, ponderadamente ou inconscientemente. Porém ao contrário do veículo motorizado, a rede possui menos limitações de utilização, permitindo construir, abalar, destruir e reconstruir socialmente outras pessoas para além dela própria. Por esse motivo a importância da reputação *online* é semelhante à da reputação social, pois é parte integrante da reputação do indivíduo.

Comentava um dos inquiridos que a “*a reputação é a forma de viver da pessoa*” (inquirido nº75), discorrendo sobre os efeitos do *cyberbullying* e do que deveria fazer-se perante um caso desses. Antevê-se nesta discorrência a importância que assume a reputação nas envolvências contextuais do objeto de estudo (*cyberbullying*). Por meio desta reflexão, que exprime o pensamento de uma realidade, percebe-se quando o *cyberbullying* tem forte poder enquanto fenómeno da violência atingindo um ponto essencial que influencia a convivência do ser humano na comunidade de pertença: a reputação pessoal. Ao atingir irremediavelmente a reputação do indivíduo, dadas as condicionantes patrocinadas pela Internet (ver capítulo 3), as *cyberbullying* permite que o que se passa na rede se reflita no face-a-face e que, após esta consequência inicial, as influências desse abalo reputacional se repercutam da sociedade novamente para a rede. Isto significa que a vítima deixa de ter um refúgio, uma zona de conforto, um espaço que lhe permita refletir sobre a perseguição de que está a ser alvo (*cyberbullying*). Não conseguindo controlar a contaminação dos espaços pela difamação proveniente do episódio (ou episódios) de *cyberbullying* a vítima divisa-se rodeada e desesperada, principalmente ao perceber que, por mais que tente recomeçar aquilo que a atormentou estará ali, *online*, para continuar a torturá-la. Tal como aconteceu com Amanda<sup>190</sup> o *cyberbullying* solidificou-se com contornos de intemporalidade<sup>191</sup>, sendo que estilhaçada a reputação e mesmo mudando de cidade o *cyberbullying* continuou a tecer o seu terror pelo facto de permanecer *online*. Dessa forma, os novos amigos que desconheciam o passado de Amanda ao cruzarem-se com o *cyberbullying* que a

---

<sup>190</sup> Amanda Todd é aqui referenciada dado o seu mediatismo de carácter público, uma vez que os outros casos existentes salvaguardam-se na intenção de não serem citados.

<sup>191</sup> G. Raza, conhecido como *Star Wars Kid*, é um outro exemplo mediático da solidificação do *cyberbullying* na rede, que, passados 13 anos continua presente para quem quiser ver (MacLeans, 2013). Contrariamente a Amanda Todd e Laura Barns o jovem superou o *cyberbullying* e atualmente alerta os outros para a dureza da batalha, pode-se ver a sua entrevista (a G. Raza) em: <http://www.macleans.ca/news/canada/10-years-later-the-star-wars-kid-speaks-out/> [fevereiro 2014].

supliciava alteraram o seu comportamento colocando a jovem de parte, chalaceando-a, vexando-a e estigmatizando-a. Incentivada pelos pais a adolescente tentou reverter a situação mas dada a condicionante de não conseguir esconder o *cyberbullying* dos colegas das novas escolas e cidades para onde ia faz com que acabasse por ceder à pressão e à depressão, suicidando-se. Afinal, sempre que começava a recuperar a sua reputação perdia-a quase de imediato. Sem amigos e sendo constantemente humilhada não viu saída para o sofrimento psicológico que o *cyberbullying* lhe provocava, o que ditou o desfecho trágico.

Laura Barns que também viu um vídeo divulgado *online* destruir a sua reputação e alterar a sua relação com os pares cometeu, tal como Amanda, suicídio. Porém, por ser psicologicamente mais frágil ou ter consciência de que dificilmente conseguiria recuperar o que perdera com aquele episódio, acelerou o processo de suicídio como fuga à realidade que enfrentava passados apenas 3 dias.

Nem todos os casos de *cyberbullying* atingem estes níveis de violência sádica virtual. O *soft cyberbullying* ou o *cyberstalking* que podem sempre evoluir para outro nível imprimem, por exemplo, abalos na reputação pessoal que costumam ser passíveis de recuperação com o tempo. É fundamental ressaltar que apesar do peso que o *cyberbullying* ou o *cyberstalking* possam ou não ter na reputação do indivíduo, existem pessoas que se importam mais que outras com essa mesma reputação, usualmente fruto do seu contexto envolvente específico, tanto social quanto familiar; havendo outras que independentemente do contexto que as envolve atribuem demasiada importância à reputação: seja por desejarem a projeção social, seja para fazerem uma quebra com as suas origens sociais, seja por terem criado um personagem-tipo-ideal de si mesmas que desejam manter através de uma reputação específica. Há muitas razões que podem misturar-se.

Antes de avançar nas teias da reputação é importante perceber como a mesma se edifica, assim como se liga ao conceito de identidade.

## 9.2. NOS EMBALOS DA IDENTIDADE

Explorando a relação entre o indivíduo e a sociedade, o filósofo George Herbert Mead preocupava-se com os processos que envolviam a construção da identidade social na medida em que a mesma influenciava a reputação do indivíduo, condicionando diretamente o comportamento e a aceitação do ser humano na sociedade (*in* Bauman e May, 2010: 41).

Nascido em 1863 nos Estados Unidos sempre manifestou uma postura extremamente crítica face aos aspetos que lhe suscitavam dúvidas ou o revoltavam. Lutando contra a política de distanciamento que a filosofia (em que se formou) e a ciência mantinham face aos fenómenos e problemáticas sociais, ao mesmo tempo que procurava fugir ao controlo que a Igreja Católica exercia sobre a universidade, o filósofo mudou de orientação académica em 1888 tendo-se especializado em Psicologia Fisiológica e Experimental na Alemanha. Regressando em 1891 aos Estados Unidos George Mead integrou-se na Escola de Chicago onde se debruçou sobre a sociologia e a psicologia social dedicando especial atenção à compreensão das problemáticas indivíduo-sociedade. Os seus escritos, publicados *post mortem*, reúnem textos do autor (alguns inéditos) e apontamentos das suas aulas registados por alunos, como são o caso: *The Philosophy of the Present* (1932); *Mind, Self, and Society* (1934); *Movements of Thought in Nineteenth Century* (1936); *The Philosophy of Act* (1938); *Selected Writings* (1964); *The individual and the social self: unpublished essays by G. H. Mead* (1982); *Essays in Social Psychology* (2001); *G. H. Mead. A reader* (2011).

Conhecido como precursor do interacionismo simbólico foi ainda considerado como um dos fundadores da psicologia social, tendo desenvolvido o conceito de *self* enquanto definidor da identidade própria da pessoa em conjunto com o conhecimento que tem de si mesma e de todos os fatores que influenciam o *self*. Segundo G. H. Mead (1974 [1934]), o *self*, construído por meio das interações sociais juntamente com a interiorização dos aspetos exteriores ao indivíduo como o meio social em que nasce e vive, juntamente com a sua herança biológica como o ADN compõe a identidade individual dentro da qual orchestra a fusão de duas componentes: o “*me*” e o “*I*” (o “a mim” e o “eu”). Especificamente, o “*me*” seria composto pelo conjunto de comportamentos, atitudes, modos de agir, ser e estar aprendidos pela pessoa, assim como pelas expectativas que os outros e a sociedade demonstram sobre ela mesma

(Mead, 1974 [1934]). O “*me*” seria assim construído pela cognição da sociedade de pertença (regras, hierarquias, usos e costumes) em conjunto com o intercâmbio comunicacional junto dos restantes membros dessa mesma comunidade (Mead, 1974 [1934]). Por sua vez o “*I*” seria composto pela identidade individual do sujeito com base na sua construção do “*me*” (Mead, 1974 [1934]). No “*I*” estaria a vontade própria e as condicionantes de origem biológica que o ser humano ponderaria e contrastaria com a sua construção do “*me*” para desse modo decidir o que fazer, o que dizer e como agir. O *self* seria, portanto, resultante da socialização e constituído através do processamento genético da filogénese com a ontogénese particulares de cada ser humano enquanto indivíduo. Por outras palavras, da comunhão da história da evolução da espécie transmitida através dos genes com as metamorfoses sofridas desde o momento concecional até à idade adulta (Mead, 1974 [1934]).

O ser humano age para si e para os outros, de acordo com o que pensa ou não pensa ser dele esperado. Os conflitos interiores resultantes da intersecção entre as componentes filogenética e a ontogenética individual ditam alterações assim como distúrbios comportamentais e comunicacionais até que se alcance um certo equilíbrio entre ambas. Os grupos impostos, aqueles que não se escolhem e que visam responder a normas de organização burocrático-económica da sociedade de pertença induzem a que muitos membros não se integrem neles (grupos impostos), originando pontos de tensão (Bauman e May, 2010: 38). Este é igualmente um dos motivos que leva as pessoas a procurarem outros grupos de identificação (Bauman e May, 2010: 38), o que, com a Internet e a massificação da comunicação, se tornou algo de fácil concretização visto se eliminarem algumas barreiras anteriormente existentes como são o caso da faixa etária, da localização geográfica, do idioma e dos escalonamentos sociais. Porém os “*grupos (...) são frequentemente constituídos pelas expectativas que lançam sobre os seus integrantes*” (Bauman e May, 2010: 37) pelo que a pessoa que vise integrar-se neles deverá corresponder a estas mesmas expectativas, sob o risco de rutura com o grupo pois “*excluem quem eles presumem não viver segundo tais requisitos*” (Bauman e May, 2010: 37). Apesar de poder optar por agir ou não conforme o esperado pelos outros, o sujeito caso decida proceder consoante entende como expectável pode mesmo assim não ser visto como integrado no grupo, sendo que, “*quando esses hiatos de compreensão se instalam (...) costumam ser preenchidos por suposições estereotípicas*” (Bauman e May, 2010: 37) em que o não conforme com a maioria, ou visto como tal, é



estigmatizado pelo facto que tudo o que não é comum, ou não é parte integrante na massa ser de certa forma intolerado.

Compreendendo-se que a identidade social é construída do derivado entre a identidade individual e o comportamento. Correspondendo à percepção da identidade do indivíduo pelos outros, a reputação é mantida com base na identidade social e na influência de terceiros (Santinello, 2011).

### 9.3. CONSTRUÇÃO DA REPUTAÇÃO

A solidificação da identidade individual é um processo complexo e moroso. Nela influem diversos fatores e contornos que definem aspetos aos quais a identidade visa responder como é o caso da herança genética, dos significantes (como o meio envolvente e dos aprendidos), das pretensões e das aspirações pessoais. Que determinam e explicam as pulsões que exacerbam o corpo, assim como os valores, as crenças e os modos de agir consolidando e estruturando o conhecimento assim como o modo de pensar do ser humano consoante as experiências, envolvências e interações a que ele teve acesso no seu percurso de vida, nas quais se solda o processo de construção e consolidação da identidade do indivíduo. Afinal, tal como Alonso (2011: 6) refere, a identidade “*es lo que yo soy, o pretendo ser, o creo que soy*”<sup>192</sup> ou seja, é o *eu* nas suas diversas manifestações.

Todo este processamento cognitivo trabalha os diversos *eus* psicológicos. Compondo a conceção da identidade opera na forma como o ser humano edifica a sua reputação. Será a reputação um processo individual, social ou um híbrido resultante da influência de ambos? Tal como foi sugerido a identidade influencia diretamente a tecelagem comportamental do sujeito, em especial a forma como ele comunica, visando construir uma reputação que responda às suas pretensões pessoais: desde as amorosas até às sociais, incluindo as profissionais. Mas de que modo é que atua a identidade no processo de construção da reputação? Essencialmente de duas maneiras:

- Indicando ao sujeito qual a reputação que pretende ter, no sentido de o influenciar nesse caminho;
- Influenciando o comportamento do indivíduo de modo a construir e lutar por preservar a reputação que melhor se adegue à sua identidade.

Porém os processos que influem na construção da reputação não são lineares nem dependem unicamente de esforços individuais quer na sua conquista quer na sua manutenção, visto que tanto o processo de estruturação quanto o de manutenção da reputação tem um carácter social: além das palavras, atos e omissões do indivíduo,

---

<sup>192</sup> “É o que eu sou, ou pretendo ser, ou penso que sou” [tradução da minha responsabilidade].

também as palavras, atos e omissões de terceiros acerca desse mesmo sujeito pesam no que respeita à balança reputacional, como se pode ver na imagem seguinte.

**Imagem 37: Reputação individual**



Créditos: Pinheiro, 2015

Importa, por conseguinte, esclarecer a questão de como se constrói e processam as influências externas na construção, e manutenção da reputação. Segundo Alonso (2011:6) a reputação é *“la opinión que otros tienen de mí”*<sup>193</sup>, ou seja, é a visão social<sup>194</sup> dos outros acerca de um determinado indivíduo. Começa a subentender-se por meio desta definição o porquê da importância que os estudantes atribuem à reputação: ela é a percepção que a sociedade tem do indivíduo ditando com quem, quando, como e em que circunstâncias ele se vai relacionar ou não com alguém. Por outras palavras, induz o sucesso social, profissional e relacional do indivíduo.

Sabe-se igualmente que a reputação não é uma correlação linear, mas o produto de uma conexão *“entre várias dimensões”* (Teixeira, 2004: 63-64) que se conhecem do sujeito, operando nessa interligação os seguintes fatores: a ação ou a não ação individual; a interpretação ou a indiferença da ação do indivíduo pelos outros; e a partilha ou a não partilha dessa informação com outros. Tal como refere Alonso (2011: 6) *“se forma en base a lo que yo hago y lo que yo digo, pero también a lo que otros*

<sup>193</sup> *“A opinião que os outros têm de mim”* [tradução da minha responsabilidade].

<sup>194</sup> Visão, imagem, percepção geral que os indivíduos que compõe a sociedade têm acerca de.

*perciben de mis actos o palabras, a cómo lo interpretan y a cómo lo transmiten a terceros*”<sup>195</sup>.

Constructo baseado no esforço individual em fazer transparecer, parecer e simular quem se é (pessoal, social e profissionalmente) atravessado pelo peso (de forma desigual) da influência dos outros a reputação (que já no face-a-face era algo que requeria algum empenho e a simpatia por parte de terceiros) no digital, na Internet, permanece uma realidade mais efêmera, volúvel e rúptil. Mas como se processa a influência dos outros? Essencialmente de duas formas:

- Primeiro, baseada na leitura que for feita da imagem e inferências formadas sobre o indivíduo;
- Segundo, da projeção desta conceção para terceiros.

A questão liga-se intimamente à transmissão de inferências para terceiros (por outros), dependendo da intenção que esses outros tiverem, a imagem que os terceiros irão receber do indivíduo será produto da manipulação, da leitura e da interpretação que tiver sido feita acerca do indivíduo em causa. De uma forma simples, apesar do sujeito se esforçar por criar, transmitir e manter uma imagem (reputação) ela será sempre passível de ser lida da forma que os outros quiserem, e passada por estes (outros) para terceiros de acordo com a intenção que manifestem seja por qual razão for.

Além de delicada por ser uma equação passível de desequilibrar com relativa facilidade a reputação, também é socialmente influenciada já que dela faz parte a imagem que as pessoas têm do indivíduo, principalmente quando não o conhecem pessoalmente. Nesse sentido, na Internet onde o face-a-face se dilui, aquilo que se diz assume um maior nível de impacto do que assumiria no meio social envolvente.

Tal como Julio Alonso (2011: 4) reflete, *“cuanto mayor es un grupo social, más importante es la construcción de la identidad y reputación propias”*<sup>196</sup>. Na Internet, em que os conteúdos se sujeitam a audiências invisíveis e incalculáveis, sendo o grupo social largamente ampliado, tal implica que a importância que se outorga à reputação digital seja elevada. Afinal, libertando o ser humano dos seus limites físicos, temporais e geográficos a rede permitiu condições nunca antes geradas, como comunicar e

---

<sup>195</sup> “Forma-se com base no que eu faço e no que eu digo, mas também no que os outros percebem dos meus atos ou palavras, a como o interpretam e a como o transmitem a terceiros” [tradução da minha responsabilidade].

<sup>196</sup> “Quanto maior é um grupo social, mais importante é a construção da identidade e reputação próprias” [tradução da minha responsabilidade].

relacionar-se com um número imprevisível de pessoas oriundas das mais variadas zonas do mundo o que influenciou largamente em *“los procesos de creación de identidad y de reputación”* (Alonso, 2011: 7), principalmente porque os sujeitos *“trabajan online, se relacionan online, están en contacto con amigos y familia online, cambian de empresa online, se hacen famosos online o son vilipendiados online”*<sup>197</sup> (Alonso, 2011: 7).

O facto é que o que acontece ou deixa de acontecer na Internet é tido em consideração. Afinal, *“lo que haces o dices en Internet ya no es algo marginal que decías o hacías incluso bajo otra identidad, bajo un pseudónimo. Lo que haces y dices (o incluso lo que deja de hacer o decir) en Internet cada vez pesa más en la creación de identidad y reputación general”*<sup>198</sup> (Alonso, 2011:7). Apesar da importância dada ao que é feito, lido, dito ou transmitido *online*, os princípios pelos quais se rege a formação da reputação segundo o entendimento de Alonso (2011: 8) mantém-se, continuando a ser algo que exige tempo, esforço e dedicação.

A questão central que aqui se enquadra é precisamente a da velocidade uma vez que na Internet aquilo que requer algum tempo a construir, a edificar, a solidificar, a conquistar é vulnerável e passível de ser comprometido. Tal como Alonso (2011: 8) argumenta, *“pero se pueden arruinar con mayor facilidad y velocidad”*, precisamente porque as notícias, os boatos, as informações, as manipulações, as difamações e as descontextualizações são transmitidas à celeridade do momento que é a velocidade da Internet. Além de ficarem disponíveis em público, podendo ser (re)partilhadas: *“lo que ya no podemos hacer es ignorar ni impedir que se publique o que tenga impacto directo en nuestra reputación”*<sup>199</sup> (Alonso, 2011: 8).

Tendo em conta a vulnerabilidade que a reputação individual detém, poder-se-ia indagar sobre a importância da pessoa lutar por a erigir, a manter ou a recuperar. A resposta prende-se com uma das bases na qual se funda a reputação: se alguém for vítima de *cyberbullying* ou de *cyberstalking*, e não lutar por reerguer a sua imagem esta vai manter-se numa espiral, descontrolada.

A reputação não se reconstrói sozinha, precisa de uma ação reabilitadora por parte do indivíduo. Alonso alerta precisamente para este facto: *“si no lo haces, tu reputación online vendrá determinada exclusivamente sobre lo que opinen otros sobre*

---

<sup>197</sup> “Trabalham *online*, relacionam-se *online*, estão em contacto com amigos e família *online*, mudam de empresa *online*, tornam-se famosos *online* ou vilipendiados *online*” [tradução da minha responsabilidade].

<sup>198</sup> “O que fazes ou dizes na Internet já não é algo marginal que dizias ou fazias inclusive sob outra identidade, sob um pseudónimo. O que fazes ou dizes (inclusive o que se deixa de fazer ou dizer) na Internet cada vez pesa mais na criação da identidade e reputação geral” [tradução da minha responsabilidade].

<sup>199</sup> “O que já não podemos fazer é ignorar ou evitar que se publique ou que tenha impacto direto na nossa reputação” [tradução da minha responsabilidade].

ti” (Alonso, 2011:8). Ou seja, se uma vítima se conformar e não se esforçar por reconquistar a sua reputação esta será sempre produto da opinião de terceiros acerca daquilo que se diz. O que, no caso do *cyberbullying* é desastroso, já que vai servir para ampliar o problema (a violência) passando-se da difamação exercida por um, ou mais indivíduos, para a difamação em massa.

Se a vítima persistir no esforço de (re)construir a reputação *online* poderá com o passar do tempo mudar a opinião que os outros têm a seu respeito, já que recupera parte ativa no processo de edificação da reputação ao emitir estímulos. Afinal, lutar por manter ou retomar a reputação é “*un acto de pura responsabilidad*” (Alonso, 2011: 8) uma vez que “*lo que haces o dices se sabe (...) a ello contribuyes tú con tus actos, pero también lo hace con sus chismes la vecina de al lado*”<sup>200</sup> (Alonso, 2011:7). As pessoas falam umas das outras, tanto ou mais quanto de si mesmas.

Para comunicar nem sempre é preciso dialogar, tal como se explorou ao longo do capítulo anterior, pois também se comunica por gestos e interpretações de movimentos. Necessitando a comunicação de ser interpretada corre-se sempre o risco de erro ou de vício, tanto na emissão quanto na receção, principalmente na Internet que tornou “*todo exponencialmente más complejo*” (Alonso, 2011:7).

---

<sup>200</sup> “O que fazes ou dizes sabe-se (...) a isso contribuis tu com os teus atos, mas também o faz com os seus gracejos a vizinha do lado” [tradução da minha responsabilidade].

#### 9.4. REPUTAÇÃO E INTERNET

A reputação construída pelo indivíduo além de o afirmar também o persegue. Sofrendo influências oriundas de terceiros compõe-se por reações, atos e omissões. Igualmente por processos intelectuais inerentes à sua estruturação por parte do sujeito aquando da sua projeção, mas também por parte dos outros que transmitem o visto e o ouvido acerca do indivíduo em causa, tal como a representação que querem que transpareça dele (manipulada muitas vezes de acordo com as intenções ou o entendimento que fazem do visto e ouvido). O processo de inferir conclusões sobre as ilações rececionadas é reativo e depende da influência que os processos psicológicos de cada um determinam, principalmente no contexto da Internet.

Como refere Baudrillard (2010: 129), a rede *“não activa os processos intelectuais, mas os mecanismos reaccionários imediatos”* pelo que o partilhar na rede provoca num primeiro impacto reações e só depois racionalidade. Nessa linha, numa situação de *cyberbullying* espera-se um *“impacto inicial elevado porque o confronto inicial é reativo”* (Magai e McFadden, 1995: 97) dado o facto de que *“a reputação varia muito por reações a... Principalmente quando há fatores na história de vida de cada um”* (Magai e McFadden, 1995: 97) que tornam o indivíduo mais ou menos propenso a reagir, ou a pôr a hipótese de o fazer. Reação essa que pode interferir enquanto ação transformante da reputação do indivíduo que sofreu *cyberbullying*, na hipótese de funcionar atendendo que devido ao contorno do caso pode significar um retrocesso. Tal acontece com frequência nas situações de *soft cyberbullying* em que a reação da vítima pode ter um efeito reverso ao pretendido na medida em que os terceiros podem não identificar o episódio como *cyberbullying*. Dessa forma a vítima ao tentar alertar para a violência pode ser entendida como sendo ela o agressor vendo a sua reputação ainda mais debilitada.

O facto de se viver na *“ilusão moral da finalidade consciente de todas as coisas”* (Baudrillard, 2010: 235) faz com que as pessoas entrem em processos inconscientes e imediatos de procura de justificações e motivações para os atos dos outros. Justificações e motivações usualmente assentes nos cânones de conduta considerados pertinentes pela maioria das pessoas (tendencialmente moralistas). Esta premissa pode atuar como uma neblina ou cegueira social que busca moralidade onde deveria procurar finalidade, que indaga ética onde assomam crises de valores ou que

espera consciência na leviandade. Afinal, considerado o sentido da finalidade com que os atos foram praticados pode esconder-se inteligência e obstinação, como acontece nos atos intencionais executados de modo a provocarem uma rutura na reputação de outrem, tal é o caso do *cyberstalking*, do *cyberbullying*, do *crowdbullying* e do *soft cyberbullying*.

A Internet permitiu que a comunicação humana transpusesse os limites do ser humano para além de tudo aquilo que as tecnologias anteriores tinham conseguido, vejamos os casos do *fax*, do rádio, do telefone e da televisão, como salienta Alonso:

*“Internet es un mecanismo extraordinariamente eficiente de comunicación humana. Multiplica nuestra capacidad de establecer relaciones. Nos libera de los límites que introducen las distancias geográficas. También de muchos prejuicios. Permite que personas que viven a miles de kilómetros de distancia y que a priori no parecen tener nada en común puedan comunicarse y relacionarse” (Alonso, 2011:7).*

Lúcido, o autor continua exprimindo um alerta: *“y todo esto tiene un muy fuerte impacto en los procesos de creación de identidad y de reputación”* (Alonso, 2011:7). Precisamente porque *“la información circula de forma muy rápida y eficaz”* (Alonso, 2011:7) não se detetando interferências e falhas consideráveis na transmissão, principalmente em questões de conteúdo. Além de que os tempos de espera usualmente se resumem a segundos ou microssegundos sendo que tão depressa um indivíduo não era vítima de *cyberbullying* como constata que o é assim que consulta a *web*, por exemplo.

Ostensivamente, *“la tecnología permite multiplicar por “n” el impacto de lo que hacemos, de lo que decimos, de lo que otros dicen de nosotros”* (Llaneza, 2011: 25) quer sejam desconhecidos quer sejam aquelas pessoas com quem se convive diariamente (ou quase) como *“la vecina de al lado. Esa a la que nunca le caíste bien y siempre te ha tenido ojeriza”*<sup>201</sup> (Alonso, 2011: 7). De tal forma que, tal como salienta Fresno, *“la reputación online es posible identificarla, extraerla, clasificarla y analizarla, a partir de las opiniones que los usuarios diseminan”* (Fresno, 2011:31).

---

<sup>201</sup> “A vizinha do lado. Essa a quem nunca caíste bem e sempre te teve despeito” [tradução da minha responsabilidade].



Se um agressor resolver espalhar um rumor sobre a vítima, esse rumor vai ficar visível na Internet tal qual foi explorado nos vídeos de sensibilização para o fenômeno *cyberbullying* (“*Think before you post*”): as pessoas vão ser persuadidas por esse boato, da mesma forma como são influenciadas pelas atitudes *online* da vítima, assim como pelas coisas que partilha ou pelos *likes* que faz.

Sendo um espaço de comunicação a rede adquire contornos de praça pública, onde todos falam sobre todos e sobre tudo, emitindo e recebendo *feedback*<sup>202</sup> em simultâneo, durante todo o tempo. Por essa razão, por muito silenciosa que uma pessoa seja ou pretenda ser *online* haverá sempre alguém que falará dela, o que para além de influir na reputação do indivíduo pode igualmente servir para a analisar: investigar que tipo de reputação tem. Tal como Llaneza reflete, “*con lo que si ha habido una época en la que se ha puesto más en riesgo el derecho a tener una vida íntima y personal, a equivocarse y a enmendar, sin duda alguna ha sido esta*” (Llaneza, 2011:25).

Vejam-se os casos de Amanda Todd e de Laura Barns, ambos baseados nessa premissa: para além do *cyberbullying* inicial em que as adolescentes foram devassadas na sua vida íntima, elas foram ao mesmo tempo massacradas com o julgamento social de quem observou as imagens. Nestes casos em particular as jovens foram privadas da adolescência naquilo que ela encerra de experimentação. As vítimas viram-se lesadas do direito de acertar e de errar relativamente tolerado pelas sociedades em geral, da chamada liberdade própria da juventude, terminando a ser julgadas na Internet. Os próprios pares condenaram-nas impiedosamente. Talvez porque, como salientam Bauman e May, “*aparência é tudo de que dispomos*” (Bauman e May, 2010:142) principalmente na rede, “*e isso não revela qualquer realidade profunda, fundamentada, em termos do que realmente somos. Aparências são fabricadas, ativadas e desativadas na sedução que acompanha o consumo permanente*” (Bauman e May, 2010:142). Há sempre gente a sentenciar sobre a vida de outrem e por vezes é muito difícil conviver com isso, especialmente quando se é vítima de *cyberbullying*.

O peso do julgamento social sobre cada um pode ser de tal ordem que a pessoa cuja reputação se veja comprometida corre o risco de experienciar bloqueamentos consecutivos em áreas significantes: como a vida social e a afetiva, passando ainda pela possibilidade de condicionar a sua vida profissional. Partindo do princípio de que se poderá contar com o apoio familiar, este poderá ajudar a minimizar o impacto

---

<sup>202</sup> Reação a algo; resposta ou retorno ao ponto inicial sobre o resultado de uma concretização.

psicológico. Porém há casos em que nem com este apoio (familiar) a vítima conta, uma vez que os parentes poderão considerar a vítima culpada da situação. Profissionalmente a perda da reputação pode arruinar desde a possibilidade de subir hierarquicamente quanto a possibilidade de conseguir um emprego, podendo noutros casos resultar em despedimento. Social e afetivamente o estremecimento reputacional potenciado por um caso de *cyberbullying* ou de *cyberstalking* pode levar à rejeição ou exclusão, assim como ao deboche mais ou menos intenso da vítima, o que causa perturbações psicológicas consideráveis assim como potencia sentimentos de solidão e depressão (recorde-se os casos de Amanda Todd, Laura Barns e G. Raza).

Porém o abalo na reputação de alguém que seja vítima destes fenómenos pode ser intenso unicamente pelo estado psicológico da vítima. Desde poder encontrar-se mais fragilizada dada a violência sofrida ao facto de ter presente que a sua reputação vai ser alvoraçada (mesmo que o não seja, como acontece nos casos de *cyberbullying* privado e de *cyberstalking*) a vítima poderá entrar em estado de ansiedade e autoindução de uma condição subsequente à afetação reputacional. Afinal, perder ou ver a reputação abalada pode ser socialmente estigmatizante, assim como pode ser pessoalmente autoestigmatizante.

## 9.5 PERORAÇÃO

Constatou-se com o decorrer da investigação da extrema importância que os indivíduos atribuem à reputação. Cientes do peso da percepção que a sociedade tem de cada um, as pessoas podem adotar comportamentos que vão desde o saudável ao doentio, até porque vivem vigiando-se perseverantemente umas às outras (nem que porventura para zelar pela moral e os bons costumes, mas com o intuito de falarem acerca dos demais enquanto se enaltecem a si próprios).

Pôde perceber-se por meio dos dados empíricos recolhidos que manter a reputação criada é quase obsessivo para algumas pessoas que consideraram a incidência de *cyberbullying* como uma quebra nessa composição (ver o exemplo do inquirido nº75 que esclarece que “*a reputação é a forma de viver da pessoa*”, assim como os casos mediáticos de Amanda Todd, Laura Barns e G. Raza, conhecido como *Star Wars Kid*). Especificamente uma vítima veria a sua reputação manchada devido aos contornos do caso, mas igualmente pelo facto de ter sido alvo do fenómeno (*cyberbullying*). Tal como anteriormente salientado certas pessoas entendem que a ocorrência de *cyberbullying* é um estigma social. Porém esta ocorrência pode de igual modo ser psicologicamente autoinduzida, principalmente no que respeita aos casos de *cyberstalking* e de *soft cyberbullying*, o que não só agrava o efeito dos fenómenos na vítima como ajuda a construí-los enquanto tabu social.

Enfrentando processos desintegrativos tanto na norma do estigma (que partem da sociedade para o indivíduo) quanto na linha da autoexclusão motivada por inferências provenientes da eventual perda de reputação, os sujeitos pensam que vão ser marginalizados autoexcluindo-se antes disso acontecer. Recordando as conclusões a que Durkheim chegou no seu livro “*O suicídio*” (2003) as pessoas que não se sentem incluídas enfrentam maiores níveis de pressão psicológica o que aumenta a hipótese de considerarem o suicídio como uma solução, algo que nos casos de *cyberbullying* analisados é recorrentemente referido pelas vítimas (ver capítulo 7).

Porque pesa tanto a reputação neste tempo em que a Internet é o centro da comunicação? Por isso mesmo: nunca foi tão explorada e presente na vida social das pessoas como na atualidade. Ao exacerbar-se o social à escala global perde-se o privado e o direito à intimidade, mas igualmente por “*vivermos da ideia tradicional da prática do bem-estar como actividade racional*” (Baudrillard, 2010: 235). Nesta sociedade de

abundância e excesso em que se pode usar e desperdiçar com a ilusão de que nada faltará ao ser humano “*é que a violência eruptiva (...) nos aparece como manifestação inaudita, incompreensível e contraditória com o progresso social e com a abundância*” (Baudrillard, 2010: 235). Justamente por isso é que nunca fez tanto sentido a erupção da violência: o excesso de tudo potencializou a (falsa) sensação de salvaguarda.

A segurança é uma ilusão, especialmente na Internet, ou com a Internet. Sempre que a reputação é abalada as pessoas sentem-se afetadas pois perdem a ilusão falseada de salvaguarda.

Apesar dos avanços civilizacionais, das tentativas de domesticação e dos avanços tecnológicos o ser humano continuar a ser atravessado pela pulsão da vida e pela pulsão da morte, pela necessidade de lutar por sobreviver ou por competição ou por poder ou por dominação ou por brincadeira (Freud, 1996 [1920], 2010 [1930-1936]; Muchembled, 2014). Essa é a gênese do *cyberbullying* e do *cyberstalking*.



## PERORAÇÃO

*“Ex nihilo nihil fit.”*<sup>203</sup>

(Parmênides)

Artefacto tecnológico desenvolvido com a intenção de servir as necessidades comunicacionais e informacionais do homem a Internet é caracterizada por Schmidt<sup>204</sup> e Cohen<sup>205</sup> (2013: 13) como o *“escondouro omnipresente e infinitamente multifacetado da expressão da energia humana”*. A rapidez na transmissão dos dados, a capacidade de os disponibilizar a um público incalculável e o seu constante desenvolvimento que lhe permite adaptar-se às necessidades do meio e do homem conferiram à Internet um carácter utópico (Lévy, 1997; 2000).

As tecnologias moldam a sociedade. Caracterizam-na, criam modelos culturais específicos e estilos de vida únicos tão-só pelo facto de existirem (Schmidt e Cohen, 2013). Foi da união entre o artefacto tecnológico predominante e a vida das pessoas que a cibercultura emanou (Lévy, 1997; 2000). Imersiva, a cibercultura espicaça e perscruta o íntimo do homem ao lhe facultar alterar a forma, o como e o quando comunica, a informação que procura e a que absorve.

A cibercultura indicia-se como a forma cultural historicamente mais utópica (Lévy, 1997; 2000). Os avanços na medicina, tecnologia, indústria e investigação permitidos pela comunicação e interajuda constantes propiciadas pelo *online* são disso exemplo, tal como a driblagem das limitações físicas (veja-se o caso de Stephen William Hawking, notável cientista britânico especialista em física teórica a quem, aos 21 anos, foi diagnosticada esclerose lateral amiotrófica, ELA), a transcendência das fronteiras geográficas e horárias. No entanto a cibercultura apresenta igualmente um lado distópico, especialmente cognoscível na Internet. É nele que os fenómenos da violência como o *cyberbullying* e o *cyberstalking* encontram condições para a sua proliferação.

A Internet patrocina a desinibição, inspira a criatividade e induz a sensação de segurança mental ao evitar a exposição pública do utilizador que pode optar por manter

---

<sup>203</sup> Expressão que se atribui ao filósofo grego Parmênides cuja sua tradução [da minha responsabilidade] é: “Nada vem do nada”

<sup>204</sup> Presidente executivo da *Google*.

<sup>205</sup> Diretor da *Google Ideas*.

o anonimato (Olievenstein, 1992: 97), condescendendo com a manifestação do ser individual sem os condicionamentos da sociedade de pertença. Dessa forma a rede permite ao homem exteriorizar a sua fantasia, a sua inconsciência e a sua agressividade. Tal-qualmente a sensação de que na Internet se pode fazer tudo; de que na Internet se está seguro; e de que a Internet é um mundo à parte (Serra, 1998). Para fenómenos como o *cyberbullying* e o *cyberstalking* estas convergências constituem um proveito. Não há utopia sem distopia. Enquanto antítese da utopia, a distopia representa o outro lado da realidade, sendo criada através da flexibilidade das estruturas que servem o bem-comum. Os carizes da Internet comungam características análogas pois visam a satisfação dos interesses dos utilizadores.

Oriundos do lado distópico da Internet o *cyberbullying* e o *cyberstalking*, objetos de estudo da presente tese, repercutem-se na vida pessoal e social dos indivíduos. O homem detém uma tendência edificante, mas é tal-qualmente atravessado por uma inclinação passional ao *Thánatos* (deus da morte; Hesíodo, 1995), o impulso para a destruição (Freud, 1996 [1920]; 2010 [1930-1936]). Igualmente a sociedade e as suas regras de conduta favorecem o despoletar da agressividade humana na medida em que coadjuvam enquanto condicionantes da liberdade de expressão, do pensamento e da individualidade (Hobbes, 1909 [1651]; Bobbio, 1997 [1984]; Elias, 1994; Freud, 1996 [1920]; 2010 [1930-1936] Rosseau, 2002; Durkheim, 2004 [1893]).

A Internet patrocinou um escape a esses confinamentos ao estimular a superfluidade comunicacional defendida pelo filósofo Paul Virilio (1977, 2002). Este estado patrocina a aceleração da reação, a ligeireza da ação, a irreflexão, a alienação e o estar em todo o lado sem estar em lado algum, uma sociedade de ilusões, no meio da velocidade das ligações, das partilhas informacionais e comunicacionais que preenchem a Internet (Martins, 2011; Virilio, 1977, 2002; Cordeiro, 1996). Propicia-se a generalização de uma comunicação dromológica (Vattimo, 1991: 12; Virilio, 1977, 2002), fugaz, nímia e supérflua.

Dado o seu contexto de ocorrência (cibercultura, Internet) o *cyberbullying* e o *cyberstalking* requerem escolhas metodológicas que permitam o estudo de realidades não estáticas, favorecendo o entendimento e a perceção que as pessoas têm dos fenómenos, tal-qual as suas origens. Desse modo optou-se metodologicamente pelo recurso a técnicas qualitativas e quantitativas, nomeadamente a etnografia digital e o inquérito *online*. Tal prendeu-se com o facto de que estas técnicas sobrepostas se

complementarem, o que incrementa a sua eficácia na análise de fenómenos emergentes na rede. Seleccionados os métodos coube formular a pergunta de partida: “*Como se comportam os indivíduos perante o cyberbullying e o cyberstalking?*”.

Constituindo-se todo o comportamento como comunicação (Watzlawick, Beavin e Jackson, 1998) e definindo-se os fenómenos do *cyberbullying* e do *cyberstalking* oriundos da sociedade cibercultural enquanto comportamentos, orientou-se nesse rumo a investigação. Dada a provocação contínua de fluxos e influxos criada pela Internet afigurou-se como importante compreender a forma de proceder das pessoas perante os estímulos relativamente a um contexto pois estas formas constituem comportamentos.

De modo a responder à pergunta de partida e explorar pontos-chave que permitissem compreender e dissecar os fenómenos em estudo foram formuladas duas questões diretoras. A primeira questão diretora (QD1) liga-se diretamente com o esclarecimento conceptual, concretamente sobre se os conceitos de *cyberbullying* e *cyberstalking* se referem a realidades distintas, como a diferença de denominação sugere: “*Serão o cyberbullying e o cyberstalking a mesma realidade?*”. Por sua vez, a segunda questão diretora (QD2) focou-se no comportamento dos estudantes universitários visando aferir se os indivíduos com variáveis similares entre si demonstravam comportamentos concordantes com tal: “*Como se comportam os estudantes universitários relativamente ao cyberbullying?*”.

Comportando a etnografia digital a possibilidade de conhecer uma realidade por dentro ao permitir trabalhar com um grande número de pessoas e o inquérito *online* a faculdade de estudar um aspeto específico de uma realidade traçou-se como público-alvo os estudantes universitários uma vez que comungam a característica de frequentarem o ensino superior.

Esclarecendo a questão conceptual o *cyberbullying* e o *cyberstalking* na atualidade tratam da mesma realidade pois a sua prática consiste no recurso às tecnologias de comunicação e informação (especialmente a Internet) com o objetivo de perseguir assim como de perturbar alguém. Respondendo a QD1 conclui-se que o *cyberstalking* emergiu antes do *cyberbullying* enquanto manifestação do fenómeno do *stalking* na Internet. Porém, dadas as condições patrocinadas pelo contexto e a evolução tecnológica o *cyberbullying* encontrou condições para o seu desenvolvimento. Comparativamente com o *cyberstalking*, o *cyberbullying* implicava um leque mais alargado de práticas. Assim, o *cyberstalking* acabou por se integrar no *cyberbullying*.



Foi desta união que nasceu o fenómeno do *cyberbullying* com os contornos que atualmente se conhecem: com os mesmos princípios, mas com uma diversificação de práticas maior.

Os dados recolhidos<sup>206</sup> mostram igualmente que não são fenómenos somente praticados de um para um. Podem sê-lo, mas são também feitos de muitos para um ou de um para muitos. Exemplo disso é o *crowdbullying* que se identificou ao analisar as decorrências do incidente na Maratona de Boston em 2013 nos Estados Unidos da América e do linchamento de Fabiane de Jesus em 2014 no Brasil. O *crowdbullying* consiste na prática de *cyberbullying* em massa também se podendo denominar *cyberbullying* de massas. Esta variação pode ocorrer espontaneamente ou ser provocada através da manipulação em que as pessoas são influenciadas no sentido de praticar *crowdbullying* sem terem noção disso. O problema do *crowdbullying* é a que as massas nem sempre identificam intenções dissimuladas. Trabalhando com suposições ou diretrizes subjetivas se alguém é apontando como suspeito pelas massas esse alguém é condenado publicamente: uma vez divulgado na rede não existe retorno. Como é descrito na obra de Foucault “*Vigiar e Punir*” (1999 [1987]) os culpados eram massacrados em praça pública perante uma multidão que observava, aplaudia e participava do ato. Presentemente assiste-se à adaptação virtual dos linchamentos que no limite poderão não se ficar apenas pela Internet. O caso de Fabiane Maria de Jesus que em 2014 (São Paulo, Brasil) foi linchada pelos vizinhos (que a conheciam desde que nasceu) ao confundirem-na com uma raptora de menores procurada pela polícia serve de exemplo. Juntamente com o caso da Maratona de Boston, estas ocorrências fazem o mundo pensar sobre a força da Internet e do efeito bola de neve que os conteúdos publicados podem gerar, principalmente quando associados a intenções dissimuladas.

Chegado a este ponto centrou-se a análise sobre a segunda questão diretora da tese, “*Como se comportam os estudantes universitários relativamente ao cyberbullying?*”, respondida ao longo da análise dos dados provenientes do inquérito online.

Apesar dos contrastes relativos à diversidade de associações ao conceito, pode-se afirmar que no geral os estudantes universitários possuem uma noção básica do que é o *cyberbullying* (ver os gráficos 8 a 13). Associando ao fenómeno práticas, efeitos e

---

<sup>206</sup> Por meio da etnografia digital.

intenções não existe uma uniformidade no que respeita ao nível de informação sobre o fenómeno. Dessa forma a maioria dos estudantes universitários inquiridos parece recorrer mais à Internet para lazer do que para procurar informação que vise o enriquecimento pessoal ou, por outras palavras, além do necessário para as suas carreiras profissionais. Os dados podem também indicar uma eventual indiferença ou apatia face ao fenómeno. De facto, 78% dos respondentes acreditam não terem sido alvo de *cyberbullying* (podem ter sido vítimas e não saber), face aos restantes 22% que se dividem equitativamente entre o “sim” e o “talvez”.

Procurando perceber como os estudantes universitários se sentiriam em caso de *cyberbullying* estes expressaram-se por meio de locuções que exprimem retraimento, encabulação e incómodo, admitindo que sentiriam vergonha, tanto por serem vítimas como pelo eventual conteúdo exposto (ver gráficos 16 a 22), dados que vão de encontro aos recolhidos por meio da etnografia digital, concretamente os casos de Ghyslain Raza, Amanda Todd e Laura Barns.

Acerca das consequências do fenómeno destacam-se a desconfiança, o isolamento e o abalo da autoestima. Perfazendo uma percentagem de 38% da totalidade das respostas (ver no gráfico 25) estes dados permitem perceber que uma das repercussões do *cyberbullying* consiste em debilitar as vítimas.

Procurando aprofundar o comportamento dos estudantes universitários relativamente ao fenómeno indagou-se acerca das motivações para a prática de *cyberbullying* (ver gráficos 26 a 31) asseverando-se uma tendência para a firmeza de opinião e formulação de juízos críticos, comportamento igualmente observado aquando a aplicação da etnografia digital. De acordo com os dados obtidos, tanto no inquérito *online* quanto na etnografia digital, os agressores aproveitam as oportunidades ou criam-nas para praticar *cyberbullying*, podendo: ter ou não ter distúrbios psicológicos; terem demasiado tempo livre e má formação cívica; rejubilar com o sofrimento dos outros; extravasar a agressividade ou experimentar o *cyberbullying* como uma brincadeira (ver gráficos 26 a 31 e 45).

Sobre as vítimas, tanto os dados recolhidos por meio do inquérito *online* aos estudantes universitários quanto os provenientes da etnografia digital são concordantes quanto ao efeito debilitante que o *cyberbullying* tem nas vítimas (ver gráfico 36 e 44) assim como de que as vítimas, desprevenidas ou inconscientes tendem a desvalorizar o perigo do seu comportamento na Internet não tendo no geral noção dos riscos que

correm quando se expõem (ver gráfico 36 e 44). Os dados recolhidos permitiram perceber que a vontade de adquirir visibilidade além do grupo de amigos chegados é grande, motivando alguns indivíduos à exposição propositada (ver gráfico 36 e 44). No entanto, se porventura as coisas correm mal e o *cyberbullying* acontece, o silêncio e a vergonha de admitir o caso move as vítimas no sentido do bloqueio, castrando e retardando a tomada de medidas pró-ativas no combate ao mesmo. Por vezes arriscam e ignoram, negam ou mantêm o caso em segredo, almejando resolver sozinhas a situação porque para elas (vítimas) o peso da reputação é significativo (ver gráfico 36 e 44).

Da interpretação dos dados recolhidos por meio do inquérito *online* pode igualmente constatar-se que a reputação é muito valorizada entre os estudantes do ensino superior (ver testemunho do inquirido nº75 no capítulo 7 que refere “*a reputação é a forma de viver da pessoa*”). Tal pode ser sustentado pela perda da ilusão de segurança que a Internet oferece aos utilizadores. Quando uma pessoa partilha conteúdos *online* e vê os mesmos serem utilizados para a prática de *cyberbullying* ou de *cyberstalking* a pessoa percebe que a segurança imprimida pela Internet é etérea e a sua reputação está em perigo. Fenómenos como o *cyberbullying* e o *cyberstalking* mancham a reputação das vítimas como no caso de Laura Barns: a jovem suicidou-se porque não conseguiu lidar com a perda de reputação que o caso de *cyberbullying* provocou na medida em que estava consciente que o conteúdo exposto *online* era irrecuperável. Os vídeos “*Think before you post*”<sup>207</sup>, os casos de Ghyslain Raza e de Amanda Todd testemunham esta realidade.

Dando uma impressão de familiaridade e de propriedade privada o ecrã ilude as mentes: supondo que o que publicam na Internet permanecerá privado ou limitado a um público controlado. As pessoas têm uma sensação de exclusividade dentro do glocal que é a Internet. Esta circunstância agrava a ponderação sobre o alcance ou as consequências daquilo que é publicado, como tal encaminha e precipita as pessoas para se exporem a situações de risco. A inconsciência do resultado daquilo que é partilhado na rede promove a exposição excessiva, metamorfoseando a Internet num *reality show* planetário em tempo real.

A esperança das vítimas por vezes recai sobre as testemunhas. No entanto nem sempre as testemunhas são a solução de apoio ou auxílio que a vítima procura como comprovam os dados recolhidos através da etnografia digital (ver gráfico 46), e os casos

---

<sup>207</sup> “*Think before you post*”, Kenvin Lu: <https://www.youtube.com/watch?v=VzPY-H9rVBI>, 27/11/2014.  
“*Think before you post*”, CyberTipline: [https://www.youtube.com/watch?v=ol3nE\\_nQuBU](https://www.youtube.com/watch?v=ol3nE_nQuBU), 27/11/2014.

de Amanda Todd e de G. Raza espelham: os utilizadores viam e ignoravam, ou então humilhavam ainda mais. No que respeita às testemunhas a sua atuação é uma incógnita, porém o seu comportamento influencia decisivamente o caso (ver gráfico 46, casos de G. Raza, Amanda Todd e Laura Barns). Desde ignorar o acontecido a ajudar o agressor (como já mencionado) prolongando o *cyberbullying* ou o *cyberstalking* ao partilhar os conteúdos. Ajudando a humilhar a vítima, tal comportamento para além de engrossar a lista dos agressores podem também converter o *cyberbullying* ou o *cyberstalking* num caso de *crowdbullying*, ou seja, passa a ser praticado por massas. Por outro lado, as testemunhas podem solidarizar-se com a vítima proporcionando-lhe apoio ou tentando combater a situação (ver gráfico 46).

No decorrer da investigação identificou-se um outro tipo de *cyberbullying* que se baseia na incidência de momentos de duplo constrangimento na Internet: o *soft cyberbullying*. Enquadrado sob o que se designou por *cyberbullying illusion effect*, uma manipulação que garante a eficácia de alguns tipos de *cyberbullying*, o *soft cyberbullying* visa a construção de um labirinto comunicacional que force a vítima a responder à provocação do agressor. O sucesso está na resposta comportamental da vítima que neste caso usualmente piora a situação. Neste tipo de *cyberbullying* mesmo uma não-resposta é em si uma resposta, um comportamento, uma comunicação: ampliando a eficácia do estratagema do *soft cyberbullying*. Mascarado e protegido pela emissão de mensagens contraditórias esta variação do fenómeno (*cyberbullying*) recorre ao *double bind*<sup>208</sup> que lhe permite direcionar o foco de atenção do processo comunicacional enquanto um todo para uma parte do todo. Desta forma induz-se a vítima a uma reação que lhe resulta adversa assim como se ilude as testemunhas (que não se apercebem do esquema). A subtilidade do *soft cyberbullying*, conseguida através da estimulação do *cyberbullying illusion effect* (efeito de ilusão do *cyberbullying*), é proporcional à sua eficácia pois permite às vítimas não serem identificadas como tal. Mesmo que lutem por inverter a situação e demonstrem que estão a ser vítimas acabam por prejudicar-se se os outros não se aperceberem disso: que elas são as vítimas e não os agressores, como a situação de *soft cyberbullying* quer fazer parecer. Se as pessoas não considerarem as vítimas como tal a reputação destas é ainda mais abalada o que contribui para o sucesso do *soft cyberbullying*.

---

<sup>208</sup> Conceito desenvolvido por Gregory Bateson juntamente com John Weakland, Donald Jackson e Jay Haley (1956).

A reputação, que já no face-a-face era algo que requeria algum empenho, na Internet constitui-se mais efêmera e rúptil porque é socialmente influenciada. Parte dela (reputação) a imagem que as pessoas têm do indivíduo, principalmente quando não o conhecem pessoalmente. Dada a velocidade a que os conteúdos circulam na rede a reputação assume um outro nível de significado. Na Internet os abalos na reputação pessoal são amplificados: além dos indivíduos estarem expostos a um público incontroado, a velocidade com que a informação se propaga é igualmente uma questão a ter em conta. Psicologicamente fragilizadas devido à incidência do *cyberbullying*, as vítimas veem a sua reputação manchada e podem também vir a ser estigmatizadas: tanto pelo peso do *cyberbullying* em si quanto pela consequência da perda de reputação. No entanto algumas vítimas entrando num estado de ansiedade e autoindução (característicos em casos de trauma): podem elas próprias autoestigmatizarem-se.

A importância dada à necessidade de fazer parte da massa é notória. A maioria faz parte da massa, sendo a opinião e o julgamento da massa considerado pelo indivíduo como sendo importante. Os casos de Amanda Todd e de Laura Barns são exemplo disso. Observa-se uma tendência à diluição do individualismo em função da integração na massa. A massa manda, mexe e cuida ter vida própria, no entanto os seus membros não tendem a questionar os movimentos da própria massa sendo contudo extremamente críticos para com quem dela não faz parte ou deixou de fazer (veja-se o caso de Amanda Todd e Laura Barns). Essa é uma das bases da eficácia do *cyberbullying* e do *cyberstalking*, podendo levar as vítimas a considerarem a possibilidade de suicídio (algumas delas bem-sucedidas nessa intenção, como Amanda Todd e Laura Barns).

É a apologia do espetáculo para as massas que assistem ao desenrolar dos acontecimentos no ecrã, no grande palco, no teatro global que permite a Internet (Debord, 1991 [1967]). E eles vibram, ajudam (o agressor ou a vítima) ou ignoram (ver gráfico 46). As massas, às quais se pode designar por testemunhas nos casos de *cyberbullying* e de *cyberstalking*, funcionam na rede da mesma forma como reagiam na Idade Média quando se fazia justiça em praça pública. Utopicamente esperava-se que, com a informação a que podem aceder na Internet, as massas se comportassem de outra forma: utilizando e transformando os recursos à disposição em energia criativa. Nem sempre é isso que ocorre pois como achega Baudrillard (1985: 8/9), “*elas querem apenas signos (...), idolatram todos os conteúdos desde que eles se transformem numa sequência espetacular*”.

Na Internet também se encontram as ferramentas para outro tipo de atuações. Tal como Heidegger (1988 [1954]) em 1954 defendia, e Moisés de Lemos Martins recorda, *“lá onde está o perigo, também está o que o salva”* (Martins, 2010: 12). O que protege deste perigo é a capacidade de racionalizar na hora de agir, de partilhar, numa perspetiva de utilização consciente do potencial criativo, informativo e comunicativo da Internet. Porém, as massas resistem a esse imperativo de comunicação racional como frisou Baudrillard (1985). Talvez o porquê deste comportamento se prenda com o que Walter Benjamin (1987) defendia: a experiência da vida moderna talvez espelhe um efeito empobrecedor nas pessoas derivado da diminuição da qualidade da comunicação em função da quantidade que a Internet permitiu alcançar. Com tanta informação a circular a tendência é para a dispersão, da mesma forma que a comunicação massiva se reflete na superficialidade de conteúdo.

Lidar com o *cyberbullying* ou com o *cyberstalking* é um exercício de resistência. Devido aos contornos que estes fenómenos podem assumir e às condicionantes particulares que cada uma das vítimas pode enfrentar esta violência terá um impacto maior ou menor. Nem todos têm a capacidade de arrostar um caso sozinhos e superá-lo. Outras tantas mesmo supervisionadas por profissionais do aconselhamento (psicólogos, psiquiatras) poderão não conseguir lidar com a situação, como foi o caso de Amanda Todd. Há pessoas que têm uma maior capacidade de resiliência que outras. Tal permite-lhes resistir e ultrapassar adversidades em ambientes difíceis, transformando o sofrimento em aprendizagem. Exemplo disso é Ghyslain Raza (*Star Wars Kid*): *“You’ll survive. You’ll get through it (...) you’re not alone. You are surrounded by people who love you”* (MacLeans, 2013). Ghyslain Raza é um exemplo de que se pode sobreviver ao *cyberbullying*, mas é igualmente a confirmação que se irá lidar com o caso durante anos a fio, provavelmente durante toda a vida. Afinal, o caso de Ghyslain Raza remonta a 2002 e ainda circula na Internet. Passaram-se mais de dez anos.

No caso concreto de Portugal<sup>209</sup>, que foi num passado recente sujeito a limitações de comunicação impostas por uma ditadura que impedia o direito de opinião, viveu com o fim da incidência do regime ditatorial e o advento da democracia um fenómeno comunicacional inverso: aumentou a necessidade que as pessoas sentiram em comunicarem livremente sem qualquer tipo de limites.

---

<sup>209</sup> E outros países que experimentaram ou ainda experimentam este tipo de regimes (ditadura).

A possibilidade de qualquer pessoa pertencer à PIDE<sup>210</sup> era um fantasma que operava, contrariando esse pressuposto dizia-se que apenas os não integrados no regime recebiam represálias<sup>211</sup>, porém a censura era uma realidade que castrava a liberdade de expressão em todos os patamares da vida social. O fim do regime ditatorial permitiu uma mudança comportamental só que a contenção do que se dizia e era feito no face-a-face estava enraizada entre a massa. Continuava a ser mal visto expor-se publicamente ou adotar certo tipo de comportamentos. Incentivados pela emergência da imprensa sensacionalista, pelos programas televisivos de opinião e posteriormente pelos *reality shows* em que a vida íntima das pessoas era exibida, os portugueses começaram a assimilar esta abertura na comunicação desinibindo-se gradualmente. Com o aparecimento e a massificação da Internet este olhar social vigilante e inibidor diluíu-se aparentemente: o resguardo da vida privada só era mantido se o utilizador quisesse que assim fosse, ou tivesse consciência daquilo que implicava exhibir-se na rede. A não criação de situações capazes de se tornarem escandalosas e a manutenção da reputação sempre foi algo de complicado na vida em sociedade, logo não seria diferente caso as pessoas se expusessem como o fazem na rede. A liberdade comunicacional proporcionada pela Internet mudou tudo isso permitindo a ilusão da existência de um mundo à parte onde tudo é possível. Se no face-a-face as pessoas se intimidavam tendo receio de conviver abertamente umas com as outras com o recurso à Internet estas contingências desvaneceram-se.

A Internet é uma ferramenta nas mãos de quem tiver acesso. Pode ser usada para criar, partilhar, comunicar, agredir, informar. É na esfera da agressão que o *cyberbullying* e o *cyberstalking* têm lugar. Se o *cyberbullying* ou o *cyberstalking* for bem feito através de um esquema bem montado é possível destruir a reputação de alguém, tenha-se como exemplo o *soft cyberbullying*. O agressor é culpado porque praticou *cyberbullying* ou *cyberstalking*. Não aporta algo de novo a capacidade das pessoas configurarem as tecnologias que têm ao seu alcance de modo a que sirvam os seus objetivos: quem se proponha perseguir, difamar, manipular ou massacrar alguém encontra quer no *cyberbullying* quer no *cyberstalking* uma oportunidade. De um modo geral as pessoas mostram-se críticas perante os episódios de *cyberbullying* e *cyberstalking*, sendo-o principalmente em relação às vítimas. Como foi observado através da análise de dados, tanto no inquérito *online* (ver gráfico 36) quanto na

---

<sup>210</sup> Polícia Internacional e de Defesa do Estado.

<sup>211</sup> Objetivamente: eram presos, torturados, exilados e assassinados.

etnografia digital (ver gráfico 46), as testemunhas nem sempre são solidárias ou condescendentes para com as vítimas.

Importa salientar que muitas vezes a vítima é descuidada, inocente e inconsequente, veja-se o caso de Amanda Todd. O utilizador nem sempre mede o possível alcance das suas ações na rede, não calcula ou não consciencializa o grau de exposição pública a que se submete por livre e espontânea vontade. A vítima que espelha este tipo de comportamento é muitas vezes prisioneira do seu próprio descuido ao qual se junta a vontade de alguém: de se aproveitar disso. Esse alguém é o *cyberbullie*, o *cyberstalker*, o agressor. Conteúdos que deveriam permanecer privados (como dados que permitam a sua localização) mas que a vítima partilha *online* (por vezes em excesso) constituem um bónus para o agressor. Alguns casos de *cyberbullying* ou *cyberstalking* podem desenvolver-se ou adensar-se porque o *cyberbullie* ou o *cyberstalker* decidiu manipular ou divulgar esses conteúdos (Amanda Todd despiu-se para uma câmara *Web*: é um exemplo de exposição não ponderada que tem consequências).

Os conteúdos de ordem privada que sejam partilhados *online* tornam os indivíduos mais vulneráveis ao *cyberbullying* e ao *cyberstalking* na medida em que podem ser utilizados como arma pelo potencial agressor. As pessoas têm dificuldade em percebê-lo devido ao facto de viverem num estado ilusório de civilidade e de civilização. Há uma anedota sagaz que explica esta questão: um naufrago chegou a uma ilha e temia a cada momento ser devorado por feras ou canibais, mas quando viu numa clareira um patíbulo e nele um homem recentemente enforcado exclamou: “*Graças a Deus! Estou em terra de homens civilizados!*”.

A violência na Internet é um facto com o qual se deve lidar ao invés de o desvalorizar. Hobbes no século XVII defendia que se fosse permitido ao indivíduo fazer tudo o que quisesse, ou caso ele entendesse que tal era viável de concretizar, se entraria em estado de *bellum omnium contra omnes* (“*guerra de todos contra todos*”<sup>212</sup>), o que provocaria insegurança (Hobbes, 1909 [1651]). Posteriormente Freud (1996 [1920], 2010 [1930-1936]) dissertou sobre a tendência do homem ao *thánatos* em que se observa uma certa propensão compulsiva para a replicação daquilo que não produz prazer aos outros e que se pode observar nas situações de *double bind* descritas por Bateson (1972), nas quais alertava para o problema das incongruências comunicacionais

---

<sup>212</sup> Tradução da minha responsabilidade.



baseadas na emissão de mensagens contraditórias, processo no qual o *soft cyberbullying* se sustenta. Com base nestes autores e nos dados recolhidos pode-se perceber que se o indivíduo encontrar condições para praticar *cyberstalking*, *cyberbullying* ou *soft cyberbullying* sem cometer suicídio social<sup>213</sup>, ele fá-lo-á. Simplesmente porque pode.

É essa a razão da existência do *cyberbullying* e do *cyberstalking*, assim como de todas as suas variações: a revelação da hipocrisia da violência que o indivíduo se preocupa em encobrir no face-a-face, mas que na Internet deixa fluir em assaz facilidade. Aproveita a possibilidade de o poder fazer quase sem comprometer a sua imagem social, porém comprometendo a das vítimas sem que isso o preocupe, condicionando as suas vidas e influenciando a forma como elas comunicam: limitando-as.

No que respeita ao *cyberbullying* e ao *cyberstalking*, como foi sendo provado, é fundamental ser-se pouco inocente em relação ao que se partilha *online*. É preciso saber proteger-se e pensar as consequências antes de postar. É ter consciência que tudo pode ser usado por terceiros com a finalidade que bem entenderem. Saber que imagens, informações e conteúdos podem significar o risco de que outrem se aproveite deles é prioritário e fundamental para diminuir o perigo de ser vítima das intenções de *cyberbullies* e de *cyberstalkers*. Há uma grande diferença entre o homem de há cem anos atrás e o atual: a perda de contacto humano no sentido táctil. O ecrã é um dos responsáveis por isso. Uma pessoa pode comunicar horas na Internet sem ter qualquer contacto físico com alguém, o que altera significativamente a forma de ser, de estar, de socializar condicionando as experiências do próprio ser humano.

Tal como acontece com as outras formas de violência os indivíduos têm de conviver com o *cyberbullying* e o *cyberstalking* aprendendo a lidar com eles de forma a eliminá-los da categoria de tabu social, o que pode ser feito através da comunicação. É crucial falar sobre os fenómenos de modo a consciencializar as pessoas tanto para a sua existência quanto para a importância de se informar acerca dos mesmos. O que não pode ser aniquilado deve ser combatido. A renovação e a inovação são uma constante tecnológica e a rede irá acompanhar as necessidades das pessoas, adaptando-se às exigências emergentes num futuro distante e próximo ao mesmo tempo. Afinal, aquilo que é impossível agora pode ser uma realidade amanhã. O *cyberbullying*, o *cyberstalking* e todas as demais manifestações da violência humana tomarão o mesmo

---

<sup>213</sup> Perda de reputação, adotar um comportamento que vá contra as normas sociais ou o socialmente esperado. Este indivíduo passará a ser visto socialmente como um marginal.

caminho porque acompanham e se adaptam às evoluções e modificações tecnológicas, culturais e sociais. Cabe ao homem o trabalho de pensar sobre o *cyberbullying* e o *cyberstalking* enquanto fenómenos, de agir e de reagir sob o risco de vir a ser equacionada a possibilidade de se deixar de comunicar como sendo essa a solução para este problema. Refletir, investigar, comunicar sobre o *cyberbullying* e o *cyberstalking* constituem a melhor estratégia para combater estes fenómenos.

Antes que o mundo perca a comunhão dos corpos pela conexão à Internet.



## BIBLIOGRAFIA

- AFTAB, P. (2006) *A parent's guide to cyberbullying*. Acessível em: [https://www.wiredsafety.org/toolkitmedia/files/file/Parent\\_s\\_Articles/A\\_Parent\\_s\\_Guide\\_to\\_Cyberbullying\\_-\\_Extended.pdf](https://www.wiredsafety.org/toolkitmedia/files/file/Parent_s_Articles/A_Parent_s_Guide_to_Cyberbullying_-_Extended.pdf) (maio 2013).
- AFTAB, P. (2014) *Cyberbullying/Stalking & Harassment*. Acessível em: <https://www.wiredsafety.org/subjects/cyberbullying.php> (dezembro 2014).
- AGUIAR, S. (2007) “Redes sociais na internet: desafios à pesquisa”, in *XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação*, Brasil. Acessível em: [http://www.sitedaescola.com/downloads/portal\\_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf](http://www.sitedaescola.com/downloads/portal_aluno/Maio/Redes%20sociais%20na%20internet-%20desafios%20%E0%20pesquisa.pdf) (julho 2012).
- ALMEIDA, J.; PINTO, L. (1995). *A investigação nas Ciências Sociais*. Lisboa: Presença.
- ALONSO, J. (2011) “Identidad y reputación digital”, in GILARRANZ, J.C. (Dir.) *5. Identidad digital y reputación online*. Madrid: EVOCA.
- AMARAL, A. (2008) “Autoetnografia e inserção online. O papel do “pesquisadorinsider” nas práticas comunicacionais das subculturas da Web”, in *XVII COMPÓS*. São Paulo: Biblioteca da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação. Acessível em: [http://www.compos.org.br/data/biblioteca\\_315.pdf](http://www.compos.org.br/data/biblioteca_315.pdf) (janeiro 2009).
- AMARAL, A. (2010) “Etnografia e pesquisa em cibercultura: limites e insuficiências metodológicas”, in *Revista USP*, 86, pp. 122-135. Acessível em: [http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci\\_pdf&pid=S0103-99892010000300011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt](http://www.revistasusp.sibi.usp.br/scielo.php?script=sci_pdf&pid=S0103-99892010000300011&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt) (julho 2012).
- ANDREWS, D., NONNECKE, B., PREECE, J. (2003) “Electronic survey methodology: A case study in reaching hard to involve Internet Users”, in *International Journal of Human-Computer Interaction*, 16(2), pp. 185-210. Acessível em: [http://pdf.aminer.org/000/591/864/designing\\_and\\_developing\\_surveys\\_on\\_www\\_sites.pdf](http://pdf.aminer.org/000/591/864/designing_and_developing_surveys_on_www_sites.pdf), (outubro 2014).
- ARISTÓTELES (1985) *Política*. Brasília: Editora Universidade de Brasília.
- ASC (2014) *Macy Conferences Summary*. Acessível em: <http://www.asc-cybernetics.org/foundations/history/MacySummary.htm> (março 2015).
- ASCH, S. (1956) *Studies of Independence and Conformity: I: A Minority of One Against a Unanimous*. United States of America: American Psychological Association.
- BARBOSA, R. M. (2012) *La crítica a Marshall McLuhan*. Acessível em: [http://www.infoamerica.org/icr/n07\\_08/miranda.pdf](http://www.infoamerica.org/icr/n07_08/miranda.pdf) (agosto 2015).
- BARDIN, L. (2004) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- BARROS, L. (2013) “O atentado na maratona de Boston mostrou os perigos da investigação amadora”, in *B9*. Brasil. Acessível em: <http://www.brainstorm9.com.br/36830/social-media/internet-transformou-todo-mundo-em-detetive/> (agosto 2013).
- BATESON, G. (1972) *Steps to an ecology of mind*. New York: Ballantine Books.
- BATESON, G. (1981) “Communication”, in WINKIN, Y. (Org.) *La nouvelle communication*, 136. Paris: Éditions du Seuil.

- BATESON, G. (1989) *Metadiálogos*. Lisboa, Gradiva editora.
- BATESON, G., JACKSON, D. D., HALEY, J. & WEAKLAND, J. (1956) “Towards a Theory of Schizophrenia”, *Behavioral Science*, vol. 1, pp. 251–264. United States of America: Veterans Administration Hospital, Palo Alto, California and Stanford University Press.
- BATESON, G.; RUESCH, J. (1965) *Comunicacion: la matriz social de la psiquiatria*. Buenos Aires: Paidós.
- BAUDRILLARD, J. (1985) *À sombra das maiorias silenciosas*. Brasil: Editora Brasiliense
- BAUDRILLARD, J. (2010) *A sociedade de consumo*. Edições 70: Lisboa.
- BAUMAN, S. (2009) “Cyberbullying in a rural intermediate school: an exploratory study”, in *The Journal of Early Adolescence*. Acessível em: <http://jea.sagepub.com/content/early/2009/12/09/0272431609350927> (novembro 2010).
- BAUMAN, Z.; MAY, T. (2010) *Aprendendo a pensar com a sociologia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores
- BELSEY, B. (2005) *Cyberbullying: An emerging threat to the “always on” generation*. Acessível em: [http://www.cyberbullying.ca/pdf/feature\\_dec2005.pdf](http://www.cyberbullying.ca/pdf/feature_dec2005.pdf) (janeiro 2007).
- BENJAMIN, W. (1987) “Experiência e pobreza”, in *Obras escolhidas, Magia e técnica, arte e política. Ensaaios sobre literatura e história da cultura*, vol. 1, pp. 114-119. São Paulo: Brasiliense. Acessível em: <http://pt.scribd.com/doc/22288378/Walter-Benjamin-Experiencia-e-pobreza> (janeiro 2011).
- BENJAMIN, W. (1992 [1936-1939]) “A Obra de Arte na Era da sua Reprodutibilidade Técnica”, in *Sobre Arte, Técnica, Linguagem e Política*, pp. 71-110. Lisboa: Relógio d’Água.
- BERGSON, H. (1984 [1932]) *Les deux sources de la morale et de la religion*. Paris : PUF.
- BISHOP, A.P.; IGNACIO, E.; STAR, S.L.; NEUMANN, L.; SANDUSKY, R.J.; SCHATZ, B. (1995) “Building a university digital library: Understanding implications for academic institutions and their constituencies”, in *Higher Education and the NII: From vision to reality. Anais da Conferência de Monterey*, 26-29 setembro. Washington, DC: Coalition for Networked Information. Acessível em: [http://dli.grainger.uiuc.edu/dlisoc/socsci\\_site/monterey-final.html](http://dli.grainger.uiuc.edu/dlisoc/socsci_site/monterey-final.html) (janeiro 2009).
- BOBBIO, N. (1997 [1984]) *O futuro da democracia. Um defesa das regras de jogo*. Brasil: Paz & Terra. Acessível em: <http://www.libertarianismo.org/livros/nbofdd.pdf> (julho 2015).
- BOUTINET, J. (1993) *Psychologie de la vie adulte*. Paris: PUF.
- BRISON, I. (2009) *Ciberespaço e Utopia: fronteiras e lugares nenhuns*. Acessível em: [http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/view/274](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/view/274) (maio 2009).
- CAMPBELL, M. (2005) “Cyberbullying: an old problem in a new guise?” in *Australian Journal of Guidance & Counselling*, 1, vol. 15, pp. 68-76. Acessível em: <http://journals.cambridge.org/action/displayAbstract?fromPage=online&aid=8497537&fileId=S1037291100000078> (novembro 2014).
- CANOFRE, F. (2014) *Quem matou Fabiane: como um boato na internet assassinou uma dona de casa no Brasil*. Acessível em: <http://pt.globalvoicesonline.org/2014/05/17/quem-matou-fabiane-como-um-boato-na-internet-assassinou-uma-dona-de-casa-no-brasil/> (abril 2015).

- CARLSON, N. R. (2002) *Fisiologia do comportamento*. São Paulo: Manole Editora.
- CASSIDY, W.; JACKSON, M.; BROWN, K. N. (2009) *Sticks and stones can break my bones, but how can pixels hurt me?*. Acessível em: <http://spi.sagepub.com/content/30/4/383> (novembro 2010).
- CASTELLS, M. (1999) *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e Terra.
- CASTELLS, M.; FERNÁNDEZ-ARDÀVOL, M.; QIU, J.; SET, A. (2009) *Comunicação móvel e sociedade. Uma perspectiva global*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- CONCEITO.DE (2011) Conceito de obsessão. Acessível em: <http://conceito.de/obsessao> (agosto, 2015).
- CORDEIRO, E. (1996) “A dromologia”, in Virilio, P., *Vitesse de Libération*. Lisboa: Edições Relógio d’Água. Acessível em: <http://bocc.ubi.pt/pag/cordeiro-dromologia.html> (novembro 2014).
- COSTA, P. R. (2014) “Da cultura do ecrã na visão - alguns resultados de uma abordagem epistémica desobediente” in *Revista Comunicando - Os desafios da investigação em Ciências da Comunicação: debates e perspectivas de futuro*, 3, CECS, Universidade do Minho. Acessível em: [http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20141219-artigoda\\_cultura\\_do\\_ecr\\_na\\_vis\\_o\\_alguns\\_resultados\\_de\\_uma\\_abordagem\\_epistmica\\_desobediente.rtf.pdf](http://www.revistacomunicando.sopcom.pt/ficheiros/20141219-artigoda_cultura_do_ecr_na_vis_o_alguns_resultados_de_uma_abordagem_epistmica_desobediente.rtf.pdf) (junho 2015).
- COUPER, M.; MILLER, P. (2009) *Web Survey Methods*. Acessível em: <http://poq.oxfordjournals.org/content/72/5/831.full> (outubro 2014).
- CRESWELL, J. (1994) *Research Design: Qualitative and Quantitative Approaches*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.
- CROWDSOURCING.ORG (2012) “An introduction to crowdsourcing”, in *Infographic*. Acessível em: <http://www.crowdsourcing.org/editorial/an-introduction-to-crowdsourcing-infographic/10840> (agosto 2013).
- DARWIN, C. (1859) *On the origin of species*. London: John Murray.
- DEBORD, G. (1991 [1967]) *A Sociedade do Espectáculo*. Lisboa: Mobilis in Mobile.
- DONNAT, O. (1994) *Les français face à la culture. De l'exclusion à l'écletisme*. Paris: LaDécouverte.
- DOOLEY, J. J.; PYZALSKI, J.; CROSS, D. (2009) “Cyberbullying versus face-to-face bullying: A theoretical and conceptual review”, in *Journal of Psychology*, 217, pp. 182-188. Acessível em: [http://icbtt.arizona.edu/sites/default/files/cross\\_set\\_al\\_cyber\\_vs\\_face-to-face.pdf](http://icbtt.arizona.edu/sites/default/files/cross_set_al_cyber_vs_face-to-face.pdf) (maio 2015).
- DURKHEIM, E. (2003) *O suicídio*. São Paulo: Martin Claret.
- DURKHEIM, E. (2004 [1893]) *As regras do método sociológico*. Lisboa: Presença.
- EFIMOVA, L. (2005) “Ethnography: being there with critical perspective” in *Mathemagenic. Ensched (NL)*. Acessível em: <http://blog.mathemagenic.com/2005/02/18.html#a1496> (janeiro 2009).
- ELIAS, N. (1974) *La civilization des moeurs*. Paris: Calmann-Lévy.
- ELIAS, N. (1994) *O processo civilizador: Uma história dos costumes*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed.

- ELLISON, L.; AKDENIZ, Y. (1998) "Cyber-stalking: the regulation of harassment on the internet", in *Criminal Law Review, December Special Edition: Crime, Criminal Justice and the Internet*, pp. 29-48. Acessível em: [http://www.cyber-rights.org/documents/stalking\\_article.pdf](http://www.cyber-rights.org/documents/stalking_article.pdf) (setembro 2014).
- ERDUR-BAKER, O. (2010) "Cyberbullying and its correlation to traditional bullying, gender and frequent and risky usage of internet-mediated communication tools", in *New Media & Society*, February, 1, vol. 12, pp. 109-125. Acessível em: <http://nms.sagepub.com/content/12/1/109> (novembro 2010).
- ESCOBAR, A. (1994) "Welcome to Cyberia. notes on the Anthropology of Cyberculture", in *Current Anthropology*, 3, vol. 35, pp. 211-31. Acessível em: <http://www.unc.edu/~aescobar/text/eng/arturowelc.pdf> (Janeiro 2009).
- ESTALELLA, A.; ARDEVOL, E.; DOMÍNGUEZ, D.; CRUZ, E. (2006) "Etnografía de lo digital", in *III Congreso Online – Observatorio para la Cibersociedad*. Acessível em: [http://www.uned.es/etnovirtual/GT\\_OCS\\_etnografias%20digital\\_comunicaciones.pdf](http://www.uned.es/etnovirtual/GT_OCS_etnografias%20digital_comunicaciones.pdf) (julho 2012).
- FELICE, M. (2009) *Paisagens pós-urbanas: o fim da experiência urbana e as formas comunicativas de habitar*. São Paulo: AnnaBlume Editora
- FELITTI, G. (2013) "Como o conteúdo amador ajuda (e pode atrapalhar) a investigação dos atentados de Boston", in *Época Negócios*. Brasil: Globo Editora. Acessível em: <http://colunas.revistaepocanegocios.globo.com/tecneira/2013/04/18/como-o-conteudo-amador-ajuda-e-pode-atrapalhar-a-investigacao-dos-atentados-de-boston/> (agosto 2013).
- FIDEL, R. (1992) "The case study method: a case study", in GLAZIER, J.; POWELL, R. (eds.) *Qualitative research in information management*, pp. 37-50. Englewood, CO: Libraries Unlimited.
- FILHO, L. C. (2014) *Linchamentos*. Acessível em: [http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/\\_ed798\\_linchamentos](http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/_ed798_linchamentos) (abril 2015).
- FISKE, J. (1985) *Introduction to communication studies*. New York: Methnen.
- FORTIN, M. F. (2003) *O processo de investigação: da concepção à realização*. Loures: Lusociência.
- FOUCAULT, M. (1978 [1972]) *A história da loucura na idade clássica*. São Paulo: Editora Perspectivas.
- FOUCAULT, M. (1999 [1987]) *Vigiar e punir*, Petrópolis: Vozes.
- FOUCAULT, M. (2002) *Vigiar e Punir*. Petrópolis: Vozes.
- FRESNO, M. (2011) "Cómo investigar la reputación online en los medios sociales de la WEB 2.0.", In GILARRANZ, J.C. (Dir.) 5. *Identidad digital y reputación online*. Madrid: EVOCA.
- FREUD, S. (1982 [1915]) *As pulsões e as suas vicissitudes*. Acessível em: <http://areas.fba.ul.pt/jpeneda/Pulsao.pdf> (setembro 2014).
- FREUD, S. (1996 [1905]) "Um caso de histeria. Três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos" in *Obras Completas de Sigmund Freud*, VII. Rio de Janeiro: Imago.
- FREUD, S. (1996 [1920]) "Além do princípio do prazer", in *Obras psicológicas completas*. Rio de Janeiro: Imago.

- FREUD, S. (2010 [1930-1936]) “O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias e outros textos”, in *Obras completas*, vol. 18. São Paulo: Editora Schwarcz.
- FROMM, E. (1992) *A descoberta do inconsciente social*. São Paulo: Ed. Manole.
- FULLER, G. H. (2008) *What does the term ‘ethnography’ mean to you?*. Eagan: Quirk’s Marketing Research Review.
- GERSON, R.; RAPPAPORT, N. (2011) “Cyber cruelty: Understanding and preventing the new bullying”, in *Adolescent Psychiatry, I*, 67-71. Acessível em: <http://www.nancyrappaport.com/downloads/Cyber%20Cruelty%20-%20Gerson.pdf> (maio 2015).
- GIDDENS, A. (2004) *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- GOES, D. (1749) *Chronica do Sereníssimo Senhor Rei D. Manoel*. Lisboa: Oficina de Miguel Manescal da Costa. Acessível em: <http://purl.pt/288/3/#/2> (julho 2015).
- GOFFMAN, E. (1975) *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC.
- GONÇALVES, A. (2004) *Métodos e técnicas de investigação social I*. Universidade do Minho: Instituto de Ciências Sociais. Acessível em: <http://tendimag.files.wordpress.com/2012/09/mc3a9todos-e-tc3a9nicas-de-investigac3a7c3a3o-social-i.pdf> (abril 2014).
- GOOLSBY, R. (s/d) On cybersecurity, crowdsourcing, and social cyber-attack”, in SHANLEY; LOVELL (eds.) *Policy memo series (1)*. Washington: Wilson Center. Acessível em: <http://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/127219170-On-Cybersecurity-Crowdsourcing-Cyber-Attack-Commons-Lab-Policy-Memo-Series-Vol-1.pdf> (agosto 2013).
- GRAHAM, G. (2015 [2000]) "Behaviorism", in Edward N. Zalta (ed.) *The Stanford Encyclopedia of Philosophy*. Acessível em: <http://plato.stanford.edu/entries/behaviorism/#2> (fevereiro 2015).
- GUERRESCHI, C. (2009) *As novas dependências*. Prior Velho: Paulinas editora.
- GUNTER, B. (2000) *Media research methods*. London: Sage Publications.
- GUTIERREZ, S. (2009) “A etnografia virtual na pesquisa de abordagem dialética em redes sociais on-line”, in 32º Reunião anual ANPED *Sociedade, cultura e educação: novas regulações?*, 4-7 outubro. Brasil: Caxambu. Acessível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/32ra/arquivos/trabalhos/GT16-5768--Int.pdf> (julho 2012).
- HABERMAS, J. (2002) *Agir comunicativo e razão destranscentralizada*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro.
- HARAWAY, D.; KUNZRU, H.; TADEU, T. (org.) (2009) *Antropologia do ciborgue. As vertigens do pós-humano*. Belo Horizonte: Autêntica.
- HARVEY, D. (2003) *Cyberstalking and internet harassment: what the law can do*. Acessível em: [http://www.netsafe.org.nz/Doc\\_Library/netsafepapers\\_davidharvey\\_cyberstalking.pdf](http://www.netsafe.org.nz/Doc_Library/netsafepapers_davidharvey_cyberstalking.pdf) (junho 2013).
- HEIDEGGER, M. (1988 [1954]) “La question de la technique”, in *Essais et Conférences*, pp. 9-48. Paris : Gallimard.



- HESÍODO (1995) *Teogonia: a origem dos deuses*. São Paulo: Editora Iluminuras.
- HINE, C. (2000) *Virtual Ethnography*. London: Sage Publications.
- HOBBS, T. (1909 [1651]) *Leviathan*. Oxford: Clarendon Press. Acessível em: <https://archive.org/details/hobbessleviathan00hobbuoft> (julho 2015).
- HOMRICH, L. (2013) *Fisiologia humana*. Fundação Vale, UNESCO: Brasília. Acessível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002249/224985por.pdf> (julho 2015).
- HUXLEY, J. (1957) “Transhumanism”, in *New Bottles for New Wine*, pp. 13-17, London: Chatto & Windus.
- INFOPÉDIA (2013) “Cronómetro”, in *Infopédia*. Porto: Porto Editora. Acessível em: [http://www.infopedia.pt/\\$cronometro](http://www.infopedia.pt/$cronometro) (agosto 2013).
- JANSEN, K.; CORLEY, K.; JANSEN, B. (2007) *E-Survey Methodology*. Acessível em: [http://faculty.ist.psu.edu/jjansen/academic/pubs/esurvey\\_chapter\\_jansen.pdf](http://faculty.ist.psu.edu/jjansen/academic/pubs/esurvey_chapter_jansen.pdf) (outubro 2014).
- JENKINS, H. (2006) *Convergence culture: where old and new media collide*. New York: New York University Press.
- JOLY, M. (2008) *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70.
- JONES, S. (ed.) (1999) *Doing Internet Research. Critical Issues and Methods for Examining the Net*. London: Sage.
- KAPLAN, D. (2004) *Readings in the Philosophy of Technology*. Lanham, MD: Rowman & Littlefield.
- KERNAGHAN, D.; ELWOOD, J. (2013) “All the (cyber) world’s a stage: Framing cyberbullying as a performance”, in *Cyberpsychology: Journal of Psychosocial Research on Cyberspace*, 7(1), article 1. Acessível em: <http://www.cyberpsychology.eu/view.php?cisloclanku=2013011604&article=5> (abril 2015).
- KHAZAN, O. (2013) “The Stupidity of the Crowd”, in *The Atlantic*. Acessível em: <http://www.theatlantic.com/international/archive/2013/07/the-stupidity-of-the-crowd/278188/> (agosto 2013).
- KING, I. (2006) *No hiding from online bullies*. Acessível em: <http://www.news-leader.com/apps/pbcs.dll/article?Date=20060815> (novembro 2006).
- KOWALSKI, R. M.; LIMBER, S. P.; AGATSTON, P. W. (2008) *Cyberbullying: Bullying in the Digital Age*. Oxford: Blackwell Publishing.
- LEMOS, A. (2003) “Cibercultura”, in LEMOS, A.; CUNHA, P. (orgs.) *Olhares sobre a cibercultura*, pp.11-23. Porto Alegre: Sulina.
- LEMOS, A. (2009) “Cibercultura como território recombinate”, in TRIVINHO, E.; CAZELOTO, E. (Orgs.) *A cibercultura e o seu espelho. Campo de conhecimento emergente e nova vivência humana na era da imersão interativa*. Acessível em: <http://www.abciber.org/publicacoes/livro1/> (dezembro 2011).
- LESSARD-HÉBERT, M.; GOYETTE, G.; BOUTIN, G. (2008) *Investigação qualitativa. Fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- LÉVY, P. (1997) *Cyberculture*. Paris: Odile Jacob.
- LÉVY, P. (2000) *Cibercultura*. Lisboa: Instituto Piaget.

- LÉVY, P. (2007) *A inteligência colectiva*. São Paulo: Edições Loyola.
- LI, Q. (2006) "Cyberbullying in schools: a research of gender differences", in *School Psychology International*, 27(2), pp. 157-170. London: Sage. Acessível em: <http://spi.sagepub.com/content/27/2/157.short> (outubro 2013).
- LI, Q.; SMITH P. K.; CROSS, D. (2012) "Research into cyberbullying", in Li, Q.; Cross, D.; Smith P. K. (Eds.) *Cyberbullying in the global playground: Research from international perspectives*, pp. 1-12. United States of America: Blackwell Publishing Ltd.
- LIEBERMAN, H.; DINAKAR, K. & JONES, B. (2013) "Crowdsourcing ethics with personalized story matching", in *Extended Abstracts*. Paris: CHI. Acessível em: <http://affect.media.mit.edu/pdfs/13.Lieberman.Dinakar.Jones.pdf> (agosto 2013).
- LLANEZA, P. (2011) "Reputación vs. Transparencia: consideraciones legales", In GILARRANZ, J.C. (Dir.) 5. *Identidad digital y reputación online*. Madrid: EVOCA.
- MACHADO, A. (s/d) *Áreas encefálicas relacionadas com as emoções. O sistema límbico*. Acessível em: <http://www.psiquiatriageral.com.br/cerebro/emocoes.htm> (maio 2014).
- MACLEANS (2013) *10 years later, 'Star wars kid' speaks out*. Acessível em: <http://www.macleans.ca/news/canada/10-years-later-the-star-wars-kid-speaks-out/> (fevereiro 2014).
- MAFFESOLI, M. (2000). *L'instant éternel. Le Retour du Tragique dans les Sociétés Postmodernes*. Paris: Denoël
- MAFFESOLI, M.; MARTINS, M. L. (2011) "Ciberculturas", in *Revista de Comunicação e Linguagens*, vol. 42, pp. 41-52. Acessível em: <http://hdl.handle.net/1822/23794> (junho 2014).
- MAGAI, C.; MCFADDEN, S. (1995) *The role of emotions in social and personality development*. Plenum Press: New York.
- MAIA, A. M. (2002) *A era Ford: Filosofia, ciência, Técnica*. Salvador: Casa da Qualidade.
- MARTINS, M. L. (2009) "Ce que peuvent les images. Trajet de l'un au multiple", in *Les Cahiers Internationaux de L'Imaginaire*, 1, pp. 158-162. Paris: CNRS.
- MARTINS, M. L. (2010) "Das estrelas para os ecrãs", in PINTO-COELHO, Z.; NEVES, J. P. (eds.) *Ecrã, paisagem e corpo*, pp. 9-13. Coimbra: Grácio.
- MARTINS, M. L. (2011) *Crise no Castelo da Cultura. Das Estrelas para os Ecrãs*. Coimbra: Grácio.
- MARTINS, M. L. (2012) "Média digitais hibridez, interactividade, multimodalidade", in *Revista de Comunicação e Linguagens*, vol. 43/44, pp. 49-60. Acessível em: <http://hdl.handle.net/1822/25606> (junho 2014).
- MCADAMS, D. (2002) *The person*. United States of America: Wiley.
- MCGINNIS, N. F. H. (2008) *Cyberstalking victimization: impact and coping responses in a national university sample*. Acessível em: <http://drum.lib.umd.edu/handle/1903/8206> (outubro 2014).
- MCLUHAN, M. (1969) *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix.
- MCLUHAN, M. (1977) *A Galáxia de Gutenberg: a formação do homem tipográfico*. São Paulo: Editora Nacional.

- MEAD, G. (1974 [1934]) *Mind, self and society*. Chicago: University of Chicago Press.
- MELO, Z. (s/d.) *Os estigmas: a deterioração da identidade social*. Acessível em: <http://proex.pucminas.br/sociedadeinclusiva/anaispdf/estigmas.pdf> (agosto 2014).
- MINSKY, M. (2006) *The emotion machine*. New York: Simon&Schuster. Acessível em: <http://ryanbrosnahan.com/misc/The+Emotion+Machine+-+Common+Sense+Thinking,+Artificial+Intelligence+And+The+Future+Of+Human+Mind%28Marvin+Minsky+2006%29+380P.pdf> (maio 2015).
- MORAIS, T. (2007) *Cyberbullying em crescendo*. Acessível em: <http://www.miudossegurosna.net/artigos/2007-04-04.html> (maio 2008).
- MORIN, E. (1986) “La Méthode”, in *La Connaissance de la Connaissance*, Tome 3. Paris: Seuil & Coll.
- MORROW, R.; BROWN, D. (1994) *Critical theory and methodology*. London: Sage.
- MUCHEMBLED, R. (2014) *Uma história da violência. Do final da idade média aos nossos dias*. Lisboa: Edições 70.
- MYERS, M. D. (1997) *Qualitative Research in Information Systems*, (21) 2, pp. 241-242. MIS Quarterly. Acessível em: <http://www.qual.auckland.ac.nz/> (janeiro 2013).
- NEVES, J. P.; PINHEIRO, L. (2009) “Cyberbullying: uma primeira aproximação”, in *Actas do 6º congresso SOPCOM, 8º LUSOCOM, 4º IBÉRICO e 2º colóquio Portugal-Brasil*, pp. 4962- 4974. Lisboa: Universidade Lusófona. Acessível em: [http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/viewFile/279/254](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/viewFile/279/254) (abril 2010).
- NEVES, J. P.; PINHEIRO, L. (2010) “Cyberbullying: A Sociological Approach”, in *International Journal of Technoethics (IJT)*, pp. 24-34. Acessível em: <http://www.igiglobal.com/Bookstore/Article.aspx?TitleId=46656> (setembro 2011).
- OLIEVENSTEIN, C. (1992) *O homem paranóide*. Lisboa: Instituto Piaget.
- OLWEUS, D. (1991) “Bully/victim problems among schoolchildren: basic facts and effects of school based intervention program”, in Pether, D.; Rubin, K. (eds.) *The development and treatment of childhood aggression*. Hillsdale, N.J.: Erlbaum.
- OLWEUS, D. (1993) *Bullying at School: What we know and what we can do*. Oxford: Blackwell.
- ORTEGA Y GASSET, J. (1930) *La rebellion de las masas*. Madrid: s/e.
- PALUMBO, J. (2011) “Crowdsourcing Traps To Avoid”, in *BigHeads Network*. Acessível em: <http://www.slideshare.net/BigHeads/big-heads-crowdsourcing-traps> (agosto 2013).
- PANKSEPP, J. (1998) *Affective Neuroscience: The Foundations of Human and Animal Emotions*. New York: Oxford University Press.
- PANKSEPP, J. (2010) “Affective neuroscience of the emotional BrainMind: evolutionary perspectives and implications for understanding depression”, in *Dialogues Clin Neurosci*, 12(4), pp. 533-545. Acessível em: <http://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3181986/> (julho 2015).
- PATCHIN, J.; HINDUJA, S. (2006) “Bullies Move Beyond the Schoolyard: A Preliminary Look at Cyberbullying”, in *Youth Violence and Juvenile Justice*, 4(2), pp. 148-169. London: Sage. Acessível em: <http://yvj.sagepub.com/content/4/2/148.refs> (maio 2012).

- PAULLET, K.; ROTA, D.; SWAN, T. (2009) *Cyberstalking: an exploratory study of students at a mid-atlantic university*. Acessível em: [http://iacis.org/iis/2009/P2009\\_1212.pdf](http://iacis.org/iis/2009/P2009_1212.pdf) (setembro 2013).
- PÉREZ, F.; RUFÍ, J.; GALIANO, R. (2009) *De vloggers a estrelas: Nuevos modelos de comunicador en la Web 2.0*. Acessível em: [http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom\\_iberico/sopcom\\_iberico09/paper/view/290](http://conferencias.ulusofona.pt/index.php/sopcom_iberico/sopcom_iberico09/paper/view/290) (maio 2009).
- PFAFF, D. (1982) *The physiological mechanisms of motivation*. Springer-Verlag: New York. Acessível em: <http://link.springer.com/book/10.1007%2F978-1-4612-5692-2> (julho 2015).
- PINHEIRO, L. (2007) *Bullying: o perfil da vítima*. Acessível em: <http://pt.scribd.com/doc/174723223/Bullying-o-perfil-da-vitima-dissertacao> (outubro 2014).
- PINHEIRO, L. (2009) *Cyberbullying em Portugal: uma perspectiva sociológica*. Tese de Mestrado. Braga: Universidade do Minho. Acessível em: <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/9870/1/tese.pdf> (julho 2013).
- PINHEIRO, L.; MARTINS, M. L. (2013) “Cyberbullying e crowdsourcing: o caso da Maratona de Boston”, in Pinto-Coelho, Z.; Fidalgo, J. (eds.) *Comunicação e Cultura: II Jornada de Doutorandos em Ciências da Comunicação e Estudos Culturais*, pp. 26-35. Braga: CECS. Acessível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/1658/1597](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1658/1597) (março 2014).
- PINHEIRO, L.; NEVES, J.; MARTINS, L. M. (2013) “Ter como palco de fundo as redes sociais. Desafios metodológicos: como o observado muda o observador”, in *Comunicação e Cultura, Universidade do Minho: LASICS*. Acessível em: [http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs\\_ebooks/article/view/1342](http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/1342) (maio 2014).
- PRONK, R. E.; ZIMMER-GEMBECK, M. J. (2010) “It's "mean", but what does it mean to adolescents? Relational aggression described by victims, aggressors, and their peers”, in *Journal of Adolescent Research*, 2, vol. 25 pp. 175-204. Acessível em: <http://jar.sagepub.com/content/25/2/175> (novembro 2010).
- QUIVY, R.; CAMPENHOUDT, L. (1998) *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- RENO, J. (1999) *1999 Report on cyberstalking: a new challenge for law enforcement and industry*. Acessível em: <http://www.clintonlibrary.gov/assets/storage/Research%20-%20Digital%20Library/ClintonAdminHistoryProject/11-20/Box%2015/1225098-justice-appendix-b-vol-2-3-4.pdf.pdf> (maio 2012).
- RIEBEL, J.; JAGER, R.; FISCHER, U. (2009) “Cyberbullying in Germany – and exploration of prevalence, overlapping with real life bullying and coping strategies”, in *Psychology Science Quarterly*, vol. 51(3) pp. 298-314. Acessível em: [http://www.psychologie-aktuell.com/fileadmin/download/PsychologyScience/3-2009/05\\_riebel.pdf](http://www.psychologie-aktuell.com/fileadmin/download/PsychologyScience/3-2009/05_riebel.pdf) (maio 2013).
- ROCHA, E.P. Q.; BARROS, C.; PEREIRA, C. (2005) *Perspectivas do método etnográfico em Marketing: consumo, comunicação e netografia*. Acessível em: <http://anpad.org.br/enanpad/2005/dwn/enanpad2005-mkta-2861.pdf> (janeiro 2008).
- ROSSEAU, J. (2002) *Do contrato social*. Brasil: Editora Ridendo Castigat Moraes. Acessível em: <http://www.cfh.ufsc.br/~wfil/contrato.pdf> (maio 2014).

- SANTINELLO, J. (2011) “A identidade do indivíduo e sua construção nas relações sociais: pressupostos teóricos”, in *Revista Estudos da Comunicação*, 28, vol. 12, pp. 153-159. Brasil: Editora Universitária Champagnat.
- SCHMIDT, E. ; COHEN, J. (2013) *A nova era digital. Reformulando o futuro das pessoas, das nações e da economia*. Lisboa: D. Quixote.
- SERRA, J. P. (1998) *A informação como utopia*. Estudos em Comunicação Universidade da Beira Interior: Covilhã. Acessível em: [http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-serra\\_paulo\\_manual\\_teorica\\_comunicacao.pdf](http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/20110824-serra_paulo_manual_teorica_comunicacao.pdf) (maio 2015).
- SILVESTRE, F. (2011) *Mas o que é o Crowdsourcing?*. Brasil: Ceschini. Acessível em: <http://www.ceschini.com.br/2011/10/mas-o-que-e-crowdsourcing/> (agosto 2013).
- SIMMEL, G. (1917) *Grundfragen der Soziologie (Individuum und Gesellschaft)*. Berlin: Gruyter.
- SINCERO, S. M. (2012) *Online Surveys*. Acessível em: <https://explorable.com/online-surveys> (outubro 2014).
- SKINNER, B. F. (1974) *About behaviorism*. United States of America: Vintage Books
- SLONJE, R.; SMITH, P. K. (2008) “Cyberbullying: Another main type of bullying?”, in *Scandinavian Journal of Psychology*, 49, pp. 147-154. Acessível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1467-9450.2007.00611.x/abstract> (maio 2014).
- SOARES, E. R. (2005) *Duplo vínculo. O desvelamento das mensagens*. Rio de Janeiro, Brasil: Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- SORO, E. (2006) *Ensayo de una metodología de estudio de las comunidades virtuales*. Acessível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/saez-soro-emilio-ensayo-comunidades-virtuales.pdf> (março 2009).
- SPITZBERG, B.; HOOBLER, G. (2002) “Cyberstalking and the technologies of interpersonal terrorism”, in *New Media & Society*, vol. 4(1), pp. 67-88. London: Sage.
- STEVENS, D. (2011) “Crowdsourcing: Pros, Cons, and More”, in *BigHeads*. Acessível em: <http://www.hongkiat.com/blog/what-is-crowdsourcing/> (agosto 2013).
- STRYDOM, P. (2001) *Contemporary critical theory and methodology*. London: Routledge.
- TARDE, G. (1890) *Les lois de l'Imitation. Étude Sociologique*. Paris : Alcan.
- TARDE, G. (1901) *L'opinion et la foule*. Paris : Les Presses Universitaires de France
- TAUBER, E. ; PINHEIRO, L. (2012) “Quando as palavras não chegam...”, in *A crise da(s) Socialização(ões)?*, pp. 92-112. Braga: Universidade do Minho.
- TAUBER, E. ; PINHEIRO, L. (2013) “A linguagem nas redes: uma travessia para a torre de Babel?”, in *III Congresso Internacional de Ciberjornalismo, FLUP, Livro de Actas*, pp. 350-373. Acessível em: <http://cobciber3.files.wordpress.com/2013/03/livro-de-atas-iii-cobciber-integral.pdf> (abril 2013).
- TEIXEIRA, F. (coord.) (2004) *Identidade pessoal: caminhos e perspectivas*. Coimbra: Quarteto.
- VALA, J.; MONTEIRO, M. (2013) *Psicologia social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- VANDEBOSCH, H.; CLEEMPUT, K. V. (2009) “Cyberbullying among youngsters: Profile of bullies and victims”, in *New Media & Society*, 8, pp. 1349-1371. London: Sage.

- VATTIMO, G. (1991) *A sociedade transparente*. Lisboa: Edições 70.
- VIRILIO, P. (1977) *Vitesse et Politique, An essay on Dromologie*. Paris : Galilée.
- VIRILIO, P. (1996) *Cybermonde, La Politique du Pire*. Paris: Textwel.
- VIRILIO, P. (2002) “Entretien avec Paul Virilio”, in *Le Monde*. Acessível em : [http://www.lemonde.fr/archives/article/2002/12/07/entretien-avec-paul-virilio-urbaniste-et-philosophe-concepteur-de-l-exposition\\_301231\\_1819218.html?xtmc=entretien\\_avec\\_paul\\_virilio&xtr=11](http://www.lemonde.fr/archives/article/2002/12/07/entretien-avec-paul-virilio-urbaniste-et-philosophe-concepteur-de-l-exposition_301231_1819218.html?xtmc=entretien_avec_paul_virilio&xtr=11) (janeiro 2013).
- WATZLAWICK, P.; BEAVIN, J. H.; JACKSON, D.D. (1998) *Pragmática da comunicação humana. Um estudo de padrões, patologias e paradoxos da interação*. São Paulo, Brasil: Cultrix.
- WEINGART, P. (1989) “Einleitung”, in P. Weingart (ed.) *Technik als sozialer prozess*, Frankfurt am Main: Suhrkamp.
- WILLIARD, N. E. (2007) *Cyberbullying and cyberthreats: Responding to the challenges of online social aggression, threat and distress*. United States of America: Research Press.
- WILLIARD, N. (2004) *An Educator's Guide to Cyberbullying and Cyberthreats*. Acessível em: <http://cyberbully.org/docs/cbcteducator.pdf> (outubro 2009).
- WOLF, M. (1987) *Teorias da Comunicação*. Lisboa: Presença.
- WOMACK, J. P. (1992) *A máquina que mudou o mundo*. Rio de Janeiro: Campus.
- YBARRA, M. L.; MITCHELL, K. J. (2004) “Online aggressor/targets, aggressors and targets: a comparison of associated youth characteristics”, in *The journal of child psychology and psychiatry*, 45 (7), pp. 1308-1316. Acessível em: <http://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/j.1469-7610.2004.00328.x/abstract> (junho 2014).
- YIN, R. (1994) *Case study research: design and methods*. Thousand Oaks, CA: Sage Publications.



## ANEXOS

### ANEXO 1: MATRIZ DO INQUÉRITO *ONLINE*

Inquérito sobre *cyberbullying* – estudantes universitários<sup>214</sup>

1. Sexo?

Masculino

Feminino

2. Idade?

3. Que tenha conhecimento, já foi alvo de *cyberbullying*?

4. Quando pensa em *cyberbullying*, o que lhe vem à cabeça?

5. Como pensa que se sentiria se fosse alvo de *cyberbullying*?

6. Imagine que tinha sido vítima de *cyberbullying*. Acha que isso afetaria o seu comportamento atual?

Sim

Não – passe para a pergunta 8

7. Em que vertentes da sua vida prevê que teria mais impacto e como pensa que isso o afetaria a nível comportamental?

8. Se fosse vítima de *cyberbullying* que impacto prevê que isso teria para si?

9. Na sua opinião, o que leva as pessoas a praticar *cyberbullying*?

10. Conhece algum caso de *cyberbullying*? Se sim, poderia descrevê-lo?

11. O que pensa sobre as pessoas que são vítimas de *cyberbullying*?

12. Sobre as vítimas de *cyberbullying* que alegam que aquilo acabou com a sua vida social, reputação e amigos. O que pensa sobre isso e o que aconselhava fazer num caso desses?

13. Nacionalidade?

14. Grau de ensino que está a frequentar?

Licenciatura

Pós-graduação

Mestrado

Doutoramento

Pós-doutoramento

15. Onde está a frequentar o curso?

16. Estaria disponível para uma breve entrevista sobre o tema? Se sim, poderia indicar-me um *e-mail* para contacto?

---

<sup>214</sup>Matriz simples, omitindo a introdução e formatação.



## **DECLARAÇÃO**

**Nome:** Luzia de Oliveira Pinheiro

**Endereço de correio eletrónico:** luzia.o.pinheiro@gmail.com

**Telemóvel:** (+351) 964869294      **Cartão do Cidadão:** 12998557

**Título da tese:** *Cyberbullying e Cyberstalking*

**Orientador(es):**

**Professor Doutor Moisés de Lemos Martins**

**Professor Doutor José Pinheiro Neves**

**Ano de conclusão:** 2016

**Doutoramento em Ciências da Comunicação**

É AUTORIZADA A REPRODUÇÃO INTEGRAL DESTA TESE/TRABALHO APENAS PARA EFEITOS DE INVESTIGAÇÃO, MEDIANTE DECLARAÇÃO ESCRITA DO INTERESSADO, QUE A TAL SE COMPROMETE.

Universidade do Minho, 10 de maio de 2016

Assinatura:

